

DANIELLE STEEL

Autora de Mergulho no escuro e O anjo da guarda



PORTO SEGURO





OBRAS DA AUTORA PUBLICADAS PELA RECORD

Acidente
Agora e sempre
A águia solitária
Álbum de família
Amar de novo
Um amor conquistado
Amor sem igual
O anel de noivado
O anjo da guarda
Ânsia de viver
O apelo do amor
Asas
O beijo
O brilho da estrela
O brilho de sua luz
Caleidoscópio
Casa forte
A casa na rua Esperança
O casamento
O chalé
Cinco dias em Paris
Desaparecido
Um desconhecido
Desencontros
Doces momentos
Ecos
Entrega especial
O fantasma
Final de verão
Forças irresistíveis
Galope de amor

Imagem no espelho
Impossível
Jogo do namoro
Joias
A jornada
Klone e eu
Maldade
Meio amargo
Mergulho no escuro
Milagre
Momentos de paixão
Um mundo que mudou
Passageiros da ilusão
Pôr do sol em Saint-Tropez
Porto Seguro
Preces atendidas
O preço do amor
O rancho
Recomeços
Relembração
Resgate
O segredo de uma promessa
Segredos de amor
Segredos do passado
Segunda chance
Solteirões convictos
Tudo pela vida
Uma só vez na vida
Vale a pena viver
A ventura de amar
Zoya

Honra silenciosa

DANIELLE STEEL

PORTO SEGURO

Tradução de
VERA WHATELY

3ª EDIÇÃO



EDITORAL RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2011

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

Steel, Danielle, 1948-

S826p Porto seguro / Danielle Steel; tradução Vera Whately. – 3ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2011.

Recurso Digital

Tradução de: Safe harbour

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-0109-843-6 [recurso eletrônico]

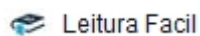
1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Whately, Vera. II. Título.

11-
8482

CDD: 813
CDU: 821.111-3

Título original norte-americano
SAFE HARBOUR

Copyright © 2003 by Danielle Steel



Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa para o Brasil adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-0109-843-6



Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

A meus filhos incríveis e maravilhosos,
Beatrix, Trevor, Todd, Sam, Victoria,
Vanessa, Maxx, Zara e Nick,
que me dão segurança, felicidade e amor,
aqueles a quem tanto amo,
Que sejam sempre um porto seguro um para o outro.

E aos anjos do “Yo! Angel!”:
Randy, Bob, Jill, Cody, Paul, Tony, Younes,
Jane e John.

Com todo o meu amor
d.s.

A Mão de Deus

Sempre com um sentimento
de trepidação,
excitação,
medo,
o dia chega
quando saímos
em busca das almas de Deus,
esquecidas, frias,
destruídas, imundas,
e, ocasionalmente,
mas raramente, limpas,
novas em folha nas ruas,
ainda com cabelos limpos,
trançados,
ou rostos bem barbeados,
porém um mês depois
vemos os estragos de dias,
os mesmos rostos não são
mais os mesmos,
as roupas
estão em trapos
as almas começam
a esfarrapar-se
e sapatos
e olhos....
eu vou à missa
e rezo por eles
antes de sair,
como matadores
entrando na arena,
nunca sabendo se a noite
lhes trará,

aconchego
ou desespero
perigo ou morte para eles
ou para nós,
minhas preces silenciosas
e sentimentos profundos,
e finalmente
partimos
os risos soando
como sinos à nossa volta,
então vemos os rostos,
os corpos
os olhos nos procurando
já nos conhecem agora,
vêm correndo,
e nós aparecemos
muitas e muitas
e muitas vezes de novo,
carregando sacolas
pesadas
para lhes comprar
mais um dia,
mais uma noite na chuva,
mais uma hora... no frio.
eu rezei por vocês...
onde vocês estavam?
eu sabia que viriam!
com camisas coladas
no corpo
na chuva,
sua dor e sua alegria
misturando-se às nossas

nós somos os vagões
cheios de esperança
em um raio de ação
que não podemos medir,
suas mãos tocam as nossas,
seus olhos penetram fundo
nos nossos,
Deus os proteja,
as vozes cantam suavemente
quando eles se vão,
uma perna, um braço,
um olho
um tempo,
uma vida que partilham
conosco por um momento
nas ruas,
quando seguimos
e eles permanecem
gravados na nossa lembrança
para sempre
a menina com feridas
pelo rosto todo
o menino só com uma perna
na chuva açoitante
sua mãe teria gritado
se o visse,
o homem que abaixou
a cabeça e soluçou
fraco demais para pegar a sacola
de nossas mãos,
e os outros
que nos assustam,
que vêm farejando
observando,

tentando decidir se
dão o bote ou
participam
não sabem se
atacam ou agradecem,
seus olhos encontram os nossos,
suas mãos tocam a minha,
suas vidas interligadas
com as nossas,
irrevogavelmente,
imensuravelmente,
e no fim, finalmente,
confiança é nosso único elo,
a única esperança deles,
nosso único escudo
quando os enfrentamos
de novo e de novo.
a noite passa
os rostos intermináveis,
a aparente desesperança,
interrompida pelo mais breve
momento
quando nasce a esperança
e uma sacola cheia de roupas
quentes
e alimentos,
uma lanterna, um saco de dormir,
um baralho,
e alguns band-aids,
um sinal de retorno à dignidade
a humanidade deles
não difere da nossa
e então finalmente
um rosto com olhos
tão devastados e devastadores

que pára nosso coração
 quebra o tempo
em mínimos fragmentos
 até ficarmos tão destruídos
ou tão inteiros,
 sem diferença mais entre nós
somos um só
 quando os olhos procuram os
meus,
ele deixará que eu o veja
 como um de nós,
ou dará um passo à frente
 e me matará
porque a esperança já está longe
 para ser alcançada
por que está fazendo isso por nós?
porque amo vocês, quero dizer,
 mas raramente encontro
as palavras,
quando lhes dou a sacola
 junto com meu coração,
minha própria esperança e minha fé
 espalham-se um pouco
entre muitos,
e sempre o pior rosto de todos
 lá no final
depois de poucos rostos alegres,
 e alguns tão próximos
 da morte
que não podem falar,
 mas esse último,
 sempre meu,
o que levo para casa
 dentro do meu coração,
sua coroa de espinhos
 pousa na minha mão,
eu me mantenho firme,
 lembrando
 que quando Ele vem

seu rosto destruído,
 ele é o mais imundo
 e o mais
amedrontado de todos,
levanta-se e olha para mim,
 mantendo-se firme,
 os olhos
penetrando nos meus,
vazios às vezes,
 ao mesmo tempo
ameaçadores
 e cheios de desespero.
eu o vejo chegar
 ele vem direto para mim
 e eu quero correr,
 mas não posso e não corro,
 e não ousar.
sinto o gosto do medo
 nos encontramos e ficamos
 olho a olho,
sentindo o terror mútuo
como lágrimas
 misturando-se em um rosto
 e então eu sei
 eu me lembro
se essa fosse minha única
 e última chance
 de tocar em Deus,
de estender a mão e
 ser tocado por Ele
 também,
se essa fosse minha única chance
 de provar meu valor
 e meu amor por Ele,
 eu correria?

 e para quem...
somos iguais e sozinhos
 a morte sobrevoando

sob muitas formas,
com muitos rostos,
com maus cheiros,
e talvez até
com olhos raivosos.
eu mostro a sacola,
já sem coragem,
meramente respirando,
lembrando por que
saí nessa noite escura

entre nós,
então ele pega a sacola finalmente
sussurra Deus lhe abençoe
e vai em frente.
e eu sei mais uma vez
quando vamos para casa,
silenciosos e vitoriosos,
que mais uma vez
fomos tocados
pela mão de Deus.

Refúgio

uma vez quebrado,
agora renovado,
pensando
em você
um lugar
onde encontro
refúgio,
suas rugas,
minhas cicatrizes,
o legado
daqueles
que nos amaram,
nossas vitórias
e derrotas
convergindo
lentamente,
nossas histórias
se fundindo
em uma só,
aquecendo-se
no sol
de inverno
os pedaços
do meu eu
não mais
quebrados,
e todo o meu eu
finalmente
inteiro,
uma louça craquelê
de antiga
beleza,
os mistérios
da vida
não mais
parecem
precisar de respostas,
e você,
amigo querido,
minha mão na sua,
quando nós dois
nos refazemos,
e a vida começa
de novo,
uma canção

de amor
e alegria
que nunca
termina.

Capítulo 1

ERA UM DESSES DIAS frios e nublados que se disfarçam no verão no norte da Califórnia, com o vento soprando na longa praia em meia-lua, levantando uma nuvem de areia fina no ar. Uma menininha de short vermelho e moletom branco caminhava lentamente pela praia com a cabeça virada contra o vento, enquanto seu cachorro farejava as algas marinhas na beira da água.

De cabelo vermelho curto e encaracolado, olhos cor de mel e rostinho sardento, a menina devia ter entre 10 e 12 anos. Era graciosa e pequena, com pernas curtas e finas. O cachorro era um labrador chocolate. Os dois vinham andando devagar do condomínio fechado em direção à praia, na outra extremidade. Não havia quase ninguém lá naquele dia, pois estava frio demais. Mas ela não se importava. O cachorro latia quando montes de areia eram levantados pelo vento, e depois voltava para a beira da água. Quando viu um caranguejo, latiu furiosamente e saltou para trás, fazendo a menina rir. Obviamente, a criança e o cão eram bons amigos. Alguma coisa neles sugeria uma vida solitária e dava a impressão de que freqüentemente andavam juntos assim. Os dois caminharam lado a lado durante um longo tempo.

Alguns dias eram quentes e ensolarados, como se esperava no mês de julho, mas outros, não. Quando a névoa aparecia, dava a sensação de um dia frio de inverno. Subia pelas ondas e encaminhava-se para o alto da ponte Golden Gate, que às vezes podia ser vista da ponta da praia. Safe Harbour ficava a 35 minutos de São Francisco, e mais da metade era formada por um condomínio fechado, com casas construídas logo depois das dunas ao longo da praia. Uma guarita com um guarda de plantão mantinha afastados os que não eram bem-vindos. Não havia acesso à praia, a não ser pelas casas da orla. Na outra extremidade tinha uma praia com livre acesso e uma fileira de casas mais simples, quase barracos, que também ficavam de frente para a praia. Nos dias quentes de sol, aquele pedaço ficava apinhado de gente. Mas na maior parte do tempo mesmo lá havia pouca gente, e na área particular era raro ver alguém na praia.

Quando a menina chegou onde se localizavam as casas mais simples, viu um homem sentado em um banquinho retrátil pintando uma aquarela, com a tela apoiada em um cavalete. Parou e observou-o a distância, enquanto o labrador subia pela duna levado por um cheiro que vinha pelo vento. A menina ficou sentada na areia, longe do artista, vendo-o trabalhar. Estava distante o suficiente para não ser notada. Queria observá-lo, pois sentiu alguma coisa sólida e familiar naquele homem quando o vento bateu em seu cabelo preto. Ela gostava de observar as pessoas, e muitas vezes fazia isso com os pescadores, mantendo-se bem distante, mas notando todos os seus movimentos. Ficou ali por muito tempo, vendo o artista trabalhar, e notou que ele pintava uns barcos que não existiam ali. O cachorro demorou bastante para voltar e enfim sentou-se ao lado dela na areia. Ela acariciou-o sem olhá-lo, passando os olhos pelo mar e em alguns momentos fixando-os no artista.

Depois de algum tempo, levantou-se e aproximou-se um pouco mais, porém ainda sem ser vista, apreciando o trabalho que estava sendo feito. Gostou das cores e também do pôr-do-sol pintado ali. O cachorro parecia cansado e ficou parado na areia, esperando uma ordem. Pouco depois, ela aproximou-se de novo, agora perto o suficiente para ser notada. O artista levantou os olhos, assustado, quando o cachorro passou por ele e espalhou areia. E só então viu a menina. Não disse nada, continuou pintando, e ao virar a cabeça para misturar um pouco de água nas tintas ficou surpreso ao perceber que ela não tinha se mexido e ainda o observava.

Nenhum dos dois falou, mas ela continuou a olhá-lo e finalmente sentou-se na areia. Ali estava mais quente, mais protegida do vento. O artista usava um moletom como ela, calça jeans e tênis bem surrado. Seu rosto era marcado pelo vento e pelo sol e bem bronzeado, e ela notou que suas mãos eram bonitas. Devia ter uma idade próxima a do seu pai, por volta dos 40 anos. Quando ele se virou para ver se ela continuava ali, seus olhos se encontraram, mas nenhum dos dois sorriu. Ele não conversava com uma criança há muito tempo.

— Você gosta de desenhar? — Não podia imaginar uma razão para ela manter-se tão quieta, a não ser que tivesse intenção de ser artista. Caso contrário, já estaria entediada. Na verdade, ela gostava da companhia silenciosa de alguém, mesmo sendo um estranho. Tinha prazer nisso.

— Às vezes — respondeu com cautela. Afinal de contas, ela não o conhecia; e ela sabia as regras sobre isso. Sua mãe sempre lhe dizia para não conversar com estranhos.

— O que gosta de desenhar? — perguntou, limpando o pincel e olhando para baixo enquanto falava. Seu rosto era bonito e bem delineado, com uma covinha no queixo, os ombros eram largos e as pernas longas. Ele inspirava uma certa calma e força, e, apesar de estar sentado no banquinho, via-se que era alto.

— Gosto de desenhar meu cachorro. Como você desenha barcos se não existe nenhum por aqui?

Ele sorriu dessa vez quando se virou para ela, e seus olhos encontraram-se de novo.

— Eu imagino os barcos. Quer tentar? — Entregou-lhe um bloco de desenho e um lápis. Era óbvio que ela não ia sair dali. Hesitou, levantou-se, aproximou-se e pegou o bloco e o lápis.

— Posso desenhar meu cachorro? — O rosto delicado estava sério quando fez a pergunta. Sentiu-se honrada de usar aquele bloco.

— É claro. Pode desenhar o que quiser. — Eles não se apresentaram, mas ficaram sentados juntos por algum tempo, trabalhando. Ela se concentrou no desenho. — Qual é o nome dele? — perguntou o artista, quando o labrador passou por eles perseguindo gaivotas.

— Mousse — respondeu, sem levantar os olhos do desenho.

— É um bom nome — disse, fazendo umas correções no seu próprio desenho, franzindo as sobrancelhas.

— Mousse é uma sobremesa francesa, de chocolate.

— Acho que assim está melhor — falou, satisfeito de novo. Estava quase na hora de parar o trabalho. Já passava das 16h e ele tinha ido para lá depois do almoço. — Você fala francês? — perguntou, mais para dizer alguma coisa do que por algum interesse. Ficou surpreso quando ela fez que sim com a cabeça. Fazia anos que ele não conversava com uma criança dessa idade, e não sabia bem o que dizer. Mas aquela menina parecia muito à vontade com sua presença silenciosa. Ao virar-se, notou que, com exceção do cabelo vermelho, ela se parecia com sua filha. Vanessa tinha cabelo louro, liso e comprido naquela idade, mas havia alguma semelhança entre as duas em termos de atitude e postura. Se apertasse bem os olhos, podia quase ver a filha.

— Minha mãe é francesa — disse ela, sentando-se e observando seu próprio trabalho. Tinha encontrado a mesma dificuldade, sempre que desenhava Mousse: as patas de trás não saíam direito.

— Vamos dar uma olhada — ele falou, estendendo a mão para pegar o bloco, percebendo a aflição dela.

— Não consigo fazer a parte de trás — disse, passando-lhe o bloco. Pareciam mestre e aluna, o desenho criando um elo instantâneo entre os dois. E ela parecia estranhamente à vontade com ele.

— Vou mostrar... Posso? — Pediu permissão antes que ela se esforçasse mais com o desenho, e a menina assentiu. Com uns toques cuidadosos do lápis, corrigiu o problema. Era realmente uma reprodução muito fiel do cachorro, mesmo antes de ser melhorado. — Você fez um bom trabalho — observou, entregando-lhe a folha de papel e guardando o bloco e o lápis.

— Obrigada por consertar o desenho. Nunca sei como fazer essa parte.

— Da próxima vez vai saber — disse ele, começando a guardar as tintas. Estava esfriando, mas nenhum dos dois pareceu notar.

— Vai voltar para casa agora? — Ela parecia desapontada, e quando ele olhou para aqueles olhos cor de âmbar, percebeu que ela parecia solitária. Alguma coisa neles o impressionou.

— Está ficando tarde. — A neblina sobre as ondas começou a adensar-se. — Você mora aqui ou está só de passagem? — Eles não sabiam o nome um do outro, mas não importava.

— Estou passando o verão aqui.

Não havia entusiasmo na sua voz, e ela raramente sorria. Ele ficou pensando sobre aquela menina, que surgira ali no meio da tarde e criara um elo estranho e indefinível entre os dois.

— No condomínio fechado? — perguntou, supondo que ela vinha do outro lado da praia. A resposta foi positiva.

— Você mora aqui? — perguntou ela, fazendo um gesto com a cabeça na direção de um dos bangalôs logo atrás. — Você é artista?

— Acho que sim. E você também — disse, sorrindo e olhando o desenho de Mousse seguro em sua mão com firmeza.

Os dois não pareciam querer ir embora, mas sabiam que precisavam. Ela teria de chegar em casa antes da mãe, caso contrário criaria um problema. Tinha fugido da babá, que ficou falando durante horas no telefone com o namorado. Sabia que a adolescente não se importava quando ela ia dar uma volta. A maioria das vezes nem notava, só quando sua mãe chegava e perguntava por ela.

— Meu pai costumava desenhar também.

Ele notou o “costumava”, mas não sabia bem se ela queria dizer que o pai não desenhava mais ou se tinha ido embora de casa. Provavelmente, a segunda suposição era a correta. Ela devia vir de uma família desfeita, ansiosa por atenção masculina. Nada disso era novidade para ele.

— Ele é artista?

— Não, é engenheiro. E inventa umas coisas. — Olhou-o com tristeza e deu um suspiro. — Acho melhor eu ir para casa agora. — E como se tivesse sido chamado, Mousse reapareceu ao seu lado.

— Quem sabe vejo você por aí outra vez. — Era início de julho, faltava ainda muito tempo para o final do verão. Mas como ele nunca a vira antes, achou que ela não vinha para aqueles lados com freqüência. Era uma boa distância até a sua casa.

— Obrigada por me deixar desenhar com você — ela disse de forma gentil, dessa vez com um sorriso melancólico, que o deixou profundamente comovido.

— Gostei de fazer isso — ele respondeu com sinceridade, estendendo-lhe a mão, meio sem jeito. — A propósito, meu nome é Matthew Bowles.

A menina apertou-lhe a mão solenemente e ele ficou impressionado com sua postura e boas maneiras. Era uma menininha notável, estava contente de tê-la conhecido.

— Eu sou Pip Mackenzie.

— Um nome interessante. Pip? É algum tipo de apelido?

— É, eu detesto meu nome — falou com um risinho, mais próprio da sua idade agora. — Phillipa, em homenagem ao meu avô. Não é horrível? — Torceu o rosto num tom de desdém ao ouvir o próprio nome, fazendo-o sorrir. Ela era irresistível, especialmente com aquele cabelo vermelho cacheado e o rostinho sardento. Nem sabia bem se gostava de crianças. Em geral, as evitava. Mas aquela menina era diferente. Havia alguma magia nela.

— Na verdade, gosto do nome Phillipa. Talvez um dia você goste também.

— Acho que não. É um nome idiota. Prefiro Pip.

— Vou me lembrar disso quando vir você de novo — disse, sorrindo.

Os dois pareciam relutar em se separar.

— Eu volto quando minha mãe for à cidade. Talvez na quinta-feira. — Ao ouvir isso, ele teve a nítida impressão de que ela tinha fugido ou saído de casa sem ser notada. Ainda bem que estava acompanhada do cachorro. De repente, sem nenhuma razão plausível, sentiu-se responsável por aquela menina.

Dobrou o banquinho, pegou a caixa velha e gasta e guardou as tintas dentro. Colocou o cavalete dobrado debaixo do braço, e os dois ficaram se olhando por um instante.

— Obrigada de novo, Sr. Bowles.

— Matt. Obrigado pela visita. Até logo, Pip — disse, com uma ponta de tristeza.

— Até logo — disse ela acenando, pulando como uma folha ao vento, acenando de novo e depois correndo pela praia, seguida de Mousse.

Matt ficou observando-a por algum tempo, imaginando se a veria novamente e se isso importava. Afinal, ela era apenas uma criança. Virou a cabeça contra o vento e subiu a duna até sua casinha castigada pelo tempo. A porta nunca era trancada, e quando ele entrou e colocou suas coisas na cozinha, foi tomado por uma tristeza que não sentia há anos, e que não lhe agradava. Era seu problema com crianças, disse a si mesmo, servindo-se de um copo de vinho. Elas entravam na sua alma como uma farpa debaixo da unha, e doía demais quando eram retiradas. Mas talvez valesse a pena. Havia alguma coisa excepcional naquela menina. Ao pensar nela na praia, seus olhos passaram para o retrato que pintara anos antes de uma outra menina, muito parecida. Era sua filha Vanessa, mais ou menos naquela idade. Pensando nisso, foi para a sala, afundou-se no sofá de couro surrado e ficou vendo a neblina descer sobre o mar. E na sua imaginação viu a menininha de cabelo vermelho encaracolado e rostinho sardento, com olhos cor de conhaque impressionantes.

Capítulo 2

O PHÉLIE MACKENZIE completou a última curva da estrada sinuosa e atravessou em sua caminhonete o vilarejo de Safe Harbour, que consistia em dois restaurantes, uma livraria, uma loja de materiais de surfe, um mercado e uma galeria de arte. Tinha sido uma tarde difícil na cidade. Ela detestava reunir-se com o grupo duas vezes por semana, mas tinha de admitir que ele a estava ajudando. Ia lá desde maio e tinha ainda mais dois meses pela frente. Concordara em participar das reuniões no verão, e por isso era obrigada a deixar Pip com a filha da vizinha. Amy tinha 16 anos, gostava de trabalhar como babá, ou pelo menos dizia que sim, e precisava do dinheiro para complementar sua mesada. Ophélie precisava de ajuda, e Pip parecia gostar dela. Era um arranjo confortável para todas, mas Ophélie detestava ir à cidade duas vezes por semana, apesar de levar só trinta a quarenta minutos para chegar lá. Afora o trecho de 15 quilômetros cheio de curvas entre a auto-estrada e a praia, era fácil. E dirigir pelos penhascos na estrada sinuosa, olhando para o mar, deixava-a relaxada. Mas naquela tarde estava cansada. Era exaustivo às vezes ouvir os outros, e seus próprios problemas não melhoravam muito desde outubro. Talvez tivessem até piorado. Mas pelo menos tinha o apoio

do grupo e gente com quem conversar. Quando precisava, abria o jogo com eles e admitia que estava se sentindo péssima. Não gostava de levar seus problemas para Pip. Não parecia justo com uma criança de 11 anos.

Ophélie atravessou a cidade e virou à esquerda, na rua sem saída que dava no condomínio fechado de Safe Harbour. A maioria das pessoas não notava essa entrada. Mas ela já entrava ali sem sequer pensar. Fora uma boa decisão e o lugar ideal para passar o verão. Ela precisava daquela paz e quietude. Da solidão. Do silêncio. Do longo pedaço aparentemente interminável de praia e areia branca onde às vezes parecia inverno e em outras era quente e ensolarado.

Não se importava com a neblina e os dias frios. Muitas vezes esse tempo era mais compatível com seu humor do que o sol brilhante e o céu azul com que os outros moradores da praia sonhavam. Alguns dias nem saía de casa. Ficava na cama ou enroscada em um canto da sala fingindo ler um livro, mas na verdade só pensando, voltando a outro tempo e lugar, quando as coisas eram diferentes. Antes de outubro. Fazia nove meses, mas parecia uma eternidade.

Passou devagar pelo portão, o guarda da guarita cumprimentou-a e ela retribuiu. Deu um suspiro enquanto se dirigia para sua casa com cuidado, passando pelos quebra-molas. Havia crianças de bicicleta na rua, vários cachorros e gente caminhando. Era um desses condomínios onde as pessoas se conheciam, mas se mantinham afastadas. Ela e a filha estavam ali há um mês e não tinham conhecido ninguém, nem queriam conhecer. Ao chegar na entrada de casa, desligou o carro e ficou sentada ali um instante. Estava cansada demais para se mexer, ver Pip ou fazer o jantar, mas sabia que era preciso. Era tudo parte de um esquema, a preguiça interminável que parecia impossibilitá-la de fazer qualquer coisa, além de pentear o cabelo ou dar uns telefonemas.

Para ela, pelo menos no momento, a vida estava terminada. Sentia-se com 100 anos de idade, embora tivesse 42 e parecesse ter 30. Seu cabelo louro era comprido, macio e encaracolado, e os olhos tinham o mesmo tom de ferrugem dos olhos de sua filha. E era pequena e delicada como Pip. Quando era criança queria ser dançarina. Tentou fazer com que Pip se interessasse também por balé desde bem pequena, mas ela detestou. Achava difícil e monótono, detestava os exercícios, a barra, as outras meninas que tentavam atingir a perfeição. Não gostava de dar piruetas, saltos e *pliés*. Ophélie finalmente desistiu de convencê-la e deixou-a fazer o que quisesse. Pip tomou aulas de equitação durante um ano, fazia aulas de cerâmica no colégio e o resto do tempo reservava para desenhar. Era uma menina solitária, ficava feliz quando a deixavam por conta própria para ler, desenhar, sonhar ou brincar com Mousse. Sob certos aspectos, parecia com a mãe, que também fora uma criança solitária. Ophélie não sabia se era saudável Pip manter-se tão fechada dentro de si mesma. Mas Pip parecia feliz dessa forma e conseguia sempre se divertir, mesmo agora, que a mãe não lhe dava muita atenção. Para quem estava de fora, pelo menos, Pip parecia bem, mas sua mãe muitas vezes sentia-se culpada por as duas conversarem tão pouco. Ela mencionara isso no grupo. Mas não se sentia capaz de quebrar o feitiço da sua própria letargia. Nada jamais seria igual.

Ophélie guardou as chaves na bolsa, saiu do carro e bateu a porta sem trancar. Não era preciso. Quando entrou em casa, viu Amy enchendo a lavadora de pratos, parecendo muito ocupada. Sempre parecia ocupada quando Ophélie chegava em casa, o que significava que não tinha feito nada durante a tarde e precisava apressar-se nos últimos minutos. Não havia muito o que fazer, a casa era arejada, alegre, bem cuidada, com móveis modernos em estilo clean, piso de madeira clara e uma janela panorâmica em toda a frente, com vista para o mar. Havia um deque estreito e comprido

do lado de fora, com móveis de jardim. A casa atendia perfeitamente às suas necessidades. Era tranqüila, fácil de manter e agradável.

— Olá, Amy. Onde está Pip? — perguntou, com os olhos cansados. Quase não se percebia sua origem francesa, seu inglês era fluente, e o sotaque quase perfeito. Só quando ficava extremamente cansada, ou muito perturbada, é que uma ou duas palavras a traíam.

— Não sei — respondeu Amy com ar inexpressivo quando Ophélie olhou para ela. As duas já tinham tido esse tipo de conversa. Amy nunca sabia onde Pip estava. Ophélie supôs que ela tivesse ficado conversando com o namorado no celular, como sempre. Era a única coisa da qual se queixava quase toda vez que Amy vinha fazer companhia a Pip. Sua obrigação era não tirar os olhos dela, especialmente porque a casa ficava muito perto do mar. Ophélie tinha pânico de pensar que alguma coisa pudesse lhe acontecer. — Acho que está no quarto lendo. Estava lá quando a vi pela última vez.

Na verdade, Pip não entrou mais no quarto depois que a mãe saiu naquela manhã. Ophélie foi procurá-la, mas é claro que não viu ninguém. Naquele exato momento, Pip voltava para casa correndo pela praia, com Mousse atrás aos saltos.

— Ela foi para a praia? — perguntou Ophélie nervosa quando voltou da cozinha. Seus nervos viviam à flor da pele desde outubro, o que anteriormente não acontecia. Mas agora tudo era diferente.

Amy ligou a lavadora de pratos e preparou-se para sair, sem se preocupar muito com sua obrigação. Tinha a confiança da juventude. Ophélie era mais experiente e aprendera a terrível lição de que a vida não era confiável.

— Acho que não. Se tivesse ido teria me dito. — A adolescente de 16 anos estava relaxada e despreocupada.

Ophélie estava ansiosa e, apesar de o condomínio ser supostamente seguro, como parecia, sentia-se enfurecida e

apavorada por Amy ter deixado Pip sair de casa sem ser notada. Se por acaso se machucasse, tivesse um problema ou fosse atropelada na estrada, ninguém saberia. Já tinha dito a Pip para avisar a Amy sempre que fosse a algum lugar, mas nem a criança nem a adolescente lhe davam ouvidos.

— Até quinta-feira — disse Amy, dirigindo-se rapidamente para a porta, enquanto Ophélie tirava as sandálias, andava pelo deque e olhava a praia lá embaixo com ar preocupado. Finalmente viu Pip chegando correndo, segurando uma coisa que voava ao vento parecendo um pedaço de papel. Ophélie desceu da duna aliviada e foi encontrá-la na praia. A pior imagem possível sempre lhe vinha à cabeça neste momento. Eram quase cinco horas e estava esfriando.

Ophélie acenou para a filha, que parou ao lado dela com um risinho, e Mousse veio correndo atrás das duas em círculos, latindo. Pip percebeu logo que a mãe estava preocupada.

— Onde você estava? — Ophélie perguntou com a cara amarrada, ainda irritada com Amy. Aquela menina não tinha jeito. Mas não havia ninguém para substituí-la. E ela precisava de alguém para olhar Pip enquanto ia à cidade.

— Fui dar uma volta com Mousse. Fomos até lá — disse, apontando na direção da praia —, e levei mais tempo para voltar do que imaginei. Mousse veio perseguindo gaivotas.

Ophélie sorriu e finalmente relaxou. Pip era uma menina muito meiga. Quando olhava para ela, lembrava-se da sua própria juventude em Paris e dos verões na Inglaterra. O clima não era muito diferente do dali. Ela gostava daqueles verões e tinha levado Pip bem pequena lá só para que ela conhecesse o lugar.

— O que é isso? — perguntou, olhando o pedaço de papel e vendo que era um desenho de alguma coisa.

— Fiz um desenho do Mousse. Agora já sei como fazer as patas de trás. — Mas não falou como tinha aprendido. Sabia que a mãe não aprovaria que ela ficasse andando sozinha pela praia e

conversasse com um estranho, mesmo que ele tivesse corrigido seu desenho e ela não tivesse feito nada demais. A mãe não admitia que Pip conversasse com estranhos. Sabia como a filha era bonita, embora Pip não tivesse consciência alguma disso ainda.

— Não posso imaginar Mousse parado para que você fizesse o desenho — disse Ophélie, sorrindo com um ar divertido. Quando sorria, dava para ver o quanto era bonita. Tinha feições exóticas, dentes perfeitos, lindo sorriso e olhos que brilhavam quando ela ria. Mas desde outubro Ophélie ria raramente, quase nunca. E à noite, perdidas em seus mundos particulares, as duas mal conversavam. Apesar de gostar muito da filha, Ophélie não conseguia pensar em nenhum assunto para conversar. O esforço era muito grande, maior do que podia agüentar. Tudo era demais agora, às vezes até mesmo respirar e, principalmente, falar. Ela ia para o quarto, noite após noite, e ficava na cama no escuro. Pip também ia para o quarto e fechava a porta, e quando queria companhia deixava o cachorro entrar. Mousse era seu companheiro constante.

— Trouxe umas conchas para você — disse Pip, tirando duas lindas do bolso do moletom e dando-as para a mãe. — Encontrei também uma estrela-do-mar, mas estava quebrada.

— Elas quase sempre estão quebradas — disse Ophélie, pegando as conchas quando voltavam juntas para casa. Tinha esquecido de dar um beijo em Pip. Mas ela já estava acostumada. Era como se qualquer forma de toque ou contato humano fosse muito doloroso para sua mãe. Ela se fechara por trás das paredes, e a mãe que Pip conhecera durante 11 anos tinha desaparecido. A mulher que tomou seu lugar, embora fosse igual, era frágil e destruída. Alguém tinha levado Ophélie embora na calada da noite e substituído por um robô. A voz, o cheiro e o aspecto eram os mesmos, não havia nada visivelmente diferente nela, mas tudo fora alterado. Todos os mecanismos interiores eram irreparavelmente

diferentes, e ambas sabiam disso. Pip não tinha escolha senão aceitar. E fazia isso de forma muito tranqüila.

Tinha amadurecido muito nos últimos nove meses, mais do que as outras crianças de sua idade. E desenvolvido uma intuição sobre as pessoas, particularmente sua mãe.

— Está com fome? — perguntou Ophélie, preocupada. Preparar o jantar tornara-se uma agonia para ela, um ritual penoso. E comer, mais terrível ainda. Fazia meses que não sentia fome. As duas tinham emagrecido depois de nove meses de jantares que não conseguiam engolir.

— Ainda não. Quer que eu faça uma pizza hoje? — Pip perguntou. Era uma das refeições que as duas gostavam de não comer. Ophélie fingia não notar que Pip só comia uns pedacinhos.

— Talvez — disse Ophélie vagamente. — Posso fazer alguma outra coisa, se você quiser. — Comiam pizza há quatro noites seguidas. Havia pilhas delas no freezer. Mas qualquer outra coisa parecia esforço demais para muito pouco proveito. Já que não iam comer mesmo, pelo menos as pizzas eram fáceis de preparar.

— Não estou realmente com fome — disse Pip.

Mãe e filha tinham essa mesma conversa toda noite. Às vezes, Ophélie assava um frango para fazer salada, mas, como elas também não comiam, era trabalho em vão. Pip sobrevivia à base de manteiga de amendoim e pizza. E Ophélie não comia quase nada, o que era visível.

Foi deitar-se, e Pip foi para seu quarto e encostou o desenho de Mousse na luminária da mesinha-de-cabeceira. O papel do bloco de desenho era duro o suficiente para ficar de pé, e quando Pip olhou para ele pensou em Matthew. Estava ansiosa para vê-lo novamente na quinta-feira. Tinha gostado dele. E o desenho parecia muito melhor com as mudanças feitas nas patas de trás. Mousse parecia um cachorro de verdade agora, não mais meio cachorro e meio

coelho, como nos desenhos anteriores. Matthew era nitidamente um artista talentoso.

Estava escuro lá fora quando Pip finalmente foi até o quarto da mãe. Ia se oferecer para fazer o jantar, mas Ophélie tinha dormido. Estava tão imóvel que por um instante Pip ficou preocupada, mas ao chegar mais perto sentiu sua respiração. Envolveu-a com um cobertor que ficava no pé da cama. A mãe sentia sempre frio, provavelmente devido aos quilos que tinha perdido ou talvez porque se sentisse triste. Ultimamente vivia dormindo.

Pip voltou para a cozinha e abriu a geladeira. Não estava a fim de comer pizza naquela noite, e normalmente comia só um pedaço. Preparou um sanduíche de manteiga de amendoim e comeu na frente da televisão. Ficou assistindo ao programa calmamente por algum tempo, com Mousse dormindo aos seus pés. Estava exausto de tanto correr pela praia, roncava baixinho, e só acordou quando Pip desligou a televisão e as luzes da sala e foi devagarinho para o quarto. Escovou os dentes, vestiu o pijama e um instante depois foi para a cama e apagou a luz. Ficou em silêncio, pensando em Matthew Bowles de novo, tentando não lembrar como sua vida tinha mudado desde outubro. Alguns minutos depois caiu no sono. Ophélie só acordou na manhã seguinte.

Capítulo 3

A QUARTA-FEIRA amanheceu brilhante, quente e ensolarada, um desses dias que acontecem raramente em Safe Harbour e fazem com que todos se exponham ao sol e fiquem se bronzeando felizes durante horas. Já estava quente quando Pip saiu da cama e foi até a cozinha de pijama. Ophélie estava sentada à mesa, tomando uma xícara de chá fumegante, com ar exausto. Mesmo quando dormia muito, nunca acordava descansada. Um instante depois de despertar, a realidade da sua vida destroçada batia-lhe no peito novamente. Havia sempre um momento de felicidade quando a memória falhava, seguido do terrível momento em que se lembrava. E entre esses dois instantes, o corredor sinistro onde ela pressentia que alguma coisa horrível acontecera. Quando se levantou, o efeito chicote do acordar deixou-a vazia e exausta. As manhãs nunca eram fáceis.

— Dormiu bem? — perguntou Pip gentilmente, servindo-se de um copo de suco de laranja e pondo uma fatia de pão na torradeira. Não preparou uma para a mãe porque sabia que ela não comeria. Raramente a via comer, especialmente no café-da-manhã.

Ophélie não se preocupou em responder à pergunta. Ambas sabiam que era inútil.

— Desculpe-me por ter caído no sono ontem à noite. Eu queria me levantar. Você jantou? — Parecia preocupada. Sabia que estava dando pouca atenção à filha, mas não conseguia fazer nada para melhorar a situação. Sentia-se paralisada demais para fazer qualquer coisa pela filha, a não ser sentir-se culpada. Pip fez que sim. Ela não se importava de cozinhar para si mesma. Isso acontecia com frequência, na verdade quase sempre. Comer sozinha diante da televisão, era melhor que se sentar à mesa com a mãe em silêncio. Fazia meses que não tinham mais o que falar uma com a outra. Foi mais fácil durante o inverno, pois, como tinha de fazer o dever de casa, havia uma boa desculpa para sair logo da mesa.

A fatia de pão pulou da torradeira e Pip agarrou-a, passou manteiga e comeu-a, sem se importar em pegar um prato. Não precisava de prato e sabia que as migalhas de pão que caíssem no chão seriam lambidas por Mousse. O aspirador canino. Saiu para o deque e sentou-se ao sol na espreguiçadeira. Um instante depois, Ophélie apareceu.

— Andrea disse que vem para cá hoje com o bebê.

Pip ficou animada com a notícia. Adorava William, o bebê de três meses de Andrea, um símbolo da independência e coragem da mãe. Aos 44 anos, ela decidira que provavelmente não encontraria mais o príncipe encantado. Então fez uma inseminação artificial, utilizando um doador de esperma, e teve o bebê em abril, um menino gordinho e lindo, de cabelo escuro, olhos azuis alegres e um risinho delicioso. Ophélie era a madrinha dele e Andrea era madrinha de Pip.

As duas eram amigas desde que Ophélie fora para a Califórnia com o marido, há 18 anos. Antes haviam morado em Cambridge, Massachusetts, quando Ted ensinava física em Harvard. Nunca ninguém duvidou que ele fosse um gênio. Brilhante, calmo, desajeitado, muito calado às vezes, porém gentil, terno e, vez por

outra, amoroso. Os desafios do tempo e da vida deixaram-no endurecido e até mesmo amargo. Foram anos difíceis de sua vida, quando nada saía como o desejado e eles não tinham praticamente nenhum dinheiro. Nos últimos cinco anos, a sorte lhe sorria. Duas de suas invenções lhe deram uma fortuna, e tudo ficou mais fácil. Mas seu coração e espírito não estavam mais abertos.

Ted amava Ophélie e sua família, eles sabiam disso, ou diziam que sabiam, mas não demonstrava mais. Perdia-se em suas lutas constantes para criar novos designs, invenções e soluções de problemas. Consequira finalmente ganhar milhões de dólares vendendo as patentes de suas invenções na área de energia. Tornara-se não só famoso no mundo inteiro, mas também reverenciado e respeitado. Tinha descoberto o pote de ouro na ponta do arco-íris, mas não se lembrava mais de que havia um arco-íris. Seu mundo centrava-se no trabalho, sua esposa e filhos eram deixados de lado. Ted tinha todas as características de um gênio. Ophélie não tinha dúvida de que o amava. Apesar de todas as suas dificuldades e estranhezas, não havia ninguém como ele, houve sempre uma forte ligação entre os dois. Como Ophélie disse pacientemente para Andrea um dia: “A vida também não deve ter sido nada fácil para a Sra. Beethoven.” Seu gênio irritadiço era sua natureza agressiva e infiltrava-se em seu território. Ela nunca se queixava da sua personalidade solitária, mas muitas vezes sentia falta daqueles primeiros anos em que as coisas ainda eram calorosas entre eles. De certa forma, ambos sabiam que Chad mudara isso. As dificuldades do filho tinham alterado o pai de forma irreversível. E quando se afastou do filho, afastou-se também da mãe, como se, de certa forma, a culpa fosse dela. O filho causou muitos problemas quando era pequeno, e depois de incessantes agonias e de um caminho tortuoso, aos 14 anos foi diagnosticado como portador de transtorno bipolar. Mas àquela altura, para sua própria salvação e paz de espírito, Ted se desligara completamente

dele, e o problema do garoto passara a ser só da mãe. Ted buscou e encontrou refúgio na negação.

— A que horas Andrea vai chegar? — Pip perguntou, quando terminou de comer a torrada.

— Assim que conseguir se organizar com o bebê. Deve chegar de manhã. — Ophélie estava feliz de receber a amiga. O bebê era uma distração gostosa, especialmente para Pip, que o adorava. E apesar da sua idade e inexperiência, Andrea era uma mãe bem tranqüila. Não se importava de Pip passear com ele por todo lado, segurá-lo, beijá-lo ou fazer cócegas nos seus pezinhos enquanto mamava. E o bebê adorava Pip também. Seu bom humor trazia um raio de sol para a vida delas, aquecendo até mesmo Ophélie.

Para surpresa de todos, Andrea tirara um ano de licença do escritório de advocacia para ficar em casa cuidando do bebê. Adorava estar com ele. Dizia que William era a melhor coisa que lhe acontecera na vida, não se arrependia da sua decisão nem por um instante. Todos tinham lhe dito que se tivesse um filho não conseguiria mais encontrar um homem, mas ela não se importava. Estava feliz com William, ficou encantada com ele desde os primeiros dias. Ophélie estava presente quando ele nasceu, e as duas choraram de emoção. O parto foi rápido e fácil, e o primeiro, a não ser o seu próprio, que Ophélie presenciara. O médico lhe passou o bebê para ser entregue a Andrea, minutos depois de ele nascer, e as duas sentiram-se muito unidas depois de compartilharem o nascimento de William. Foi um acontecimento extraordinário, altamente comovente, e uma lembrança afetuosa para ambas. Um momento decisivo na amizade delas.

Mãe e filha ficaram sentadas ali ao sol sem se sentirem obrigadas a conversar. Depois de algum tempo, Ophélie entrou para atender o telefone. Era Andrea. Ela havia acabado de amamentar o bebê e estava vindo para a praia. Ophélie foi tomar um banho, Pip vestiu um biquíni e disse à mãe que ia dar uma volta na praia com

Mousse. Ainda estava lá, brincando na água, quando Andrea chegou, 45 minutos depois. Como sempre, entrou em casa como se fosse um furacão. Minutos depois viam-se pela sala sacolas com fraldas, cobertores, brinquedos e um balanço. Ophélie foi até o alto da duna e fez sinal para Pip entrar, e logo depois ela brincava com o bebê e Mousse latia animadamente. Duas horas mais tarde, Andrea amamentou o bebê de novo, e as coisas finalmente se acalmaram. Pip tinha comido um sanduíche e voltado para a praia, e Andrea, sentada no sofá com toda a tranqüilidade, tomava um suco de laranja e Ophélie sorria.

— Ele é tão lindo... você teve sorte de ter um bebê assim — disse Ophélie com inveja. O bebê passava uma sensação de calma e alegria entre elas. Tinha a ver com inícios e não fins, com esperança e não desapontamento, perda e tristeza. Da noite para o dia, a vida de Andrea se tornara a antítese da sua. A maior parte do tempo agora Ophélie sentia que sua vida acabara.

— E como você vai? Como está se sentindo aqui? — Andrea preocupava-se com ela, já tinham se passado nove meses. Estendeu as pernas compridas para sentir-se mais confortável e recostou-se no sofá com o bebê no seio, sem pensar em se cobrir. Tinha orgulho do seu novo papel na vida. Era uma mulher bonita, de olhos negros penetrantes e cabelo escuro e comprido preso em uma trança. Suas roupas formais usadas no escritório tinham desaparecido. Ela usava top rosa e short branco, estava descalça, e era um palmo mais alta que Ophélie. De salto, passava de 1,80m, era uma mulher impressionante. Apesar da sua altura, tinha uma sensualidade óbvia.

— Aqui está melhor — respondeu Ophélie, sem ser muito sincera, embora de certa forma estivesse mesmo. Pelo menos morava em uma casa sem lembranças tangíveis, a não ser as que trazia dentro da cabeça. — Às vezes acho que o grupo me deprime

e às vezes acho que ajuda. Mas na maior parte do tempo não sei distinguir bem.

— Provavelmente as duas coisas. Como quase tudo na vida, é uma mistura. Pelo menos você está com pessoas que passaram pelo mesmo. Os outros provavelmente não compreenderiam tudo o que você sente. — Era bom Andrea admitir isso. Ophélie detestava ouvir as pessoas dizerem que compreendiam o que ela estava sentindo, quando não era verdade. Como podiam compreender? Pelo menos Andrea sabia.

— Talvez não. Espero que você nunca sinta isso. — Ophélie sorriu com tristeza, e Andrea trocou o bebê de um seio para o outro. Ele ainda estava mamando avidamente, mas uns minutos depois se saciaria e cairia no sono. — Eu me sinto culpada com Pip. Não consigo me ligar a ela. É como se estivesse flutuando em algum ponto no espaço. — E por mais que ela tentasse voltar à Terra, ou quisesse voltar, não conseguia.

— Ela parece estar bem, apesar disso. Você deve estar conseguindo se ligar a ela de vez em quando. Pip é uma menina muito forte, já passou por muita coisa, você duas passaram.

Chad tinha transmitido seu estresse para a família toda nos últimos anos. E Ted definitivamente tinha suas estranhezas. Pip era bem equilibrada apesar de tudo, e até outubro Ophélie também havia sido. Era o que mantinha a família unida, apesar dos inúmeros traumas e quase tragédias. Andrea estava convencida de que ela se recuperaria com o passar do tempo. E faria tudo que pudesse para ajudá-la nesse período.

As duas eram amigas há quase duas décadas. Tinham se conhecido através de amigas em comum e gostado uma da outra no mesmo momento. Talvez tenham se sentido atraídas por serem tão diferentes. Ophélie era quieta e gentil, e Andrea falante e polêmica e, às vezes, quase masculina nos seus pontos de vista. Era decididamente heterossexual, quase promíscua, e não permitia que

homem algum lhe dissesse o que tinha de fazer. Ophélie era infinitamente feminina, ainda muito européia em seus valores e opiniões. Fora submissa ao marido durante todo o casamento, e nunca se sentira diminuída por isso. Andrea sempre a encorajara a ser mais independente e mais americana em suas atitudes. As duas eram loucas por arte, música e bom teatro, e duas vezes tinham ido a Nova York juntas para a estréia de uma peça. Andrea tinha ido à França com ela no ano anterior, e ela e Ted se deram muito bem. Uma dessas raras ocasiões em que três pessoas juntas se gostaram igualmente. Ela tinha feito mestrado em física no MIT antes de cursar a faculdade de direito em Stanford, e acabara ficando na Califórnia para sempre. Não conseguia aceitar a idéia de voltar para a neve do inverno em Boston, onde tinha nascido e estudado. Foi para a Califórnia três anos antes de Ophélie e Ted, e ficou determinada a criar raízes lá. Ted gostava da sua formação de física e conversava durante horas com ela sobre seus últimos projetos. Ela compreendia bem mais do que Ophélie o que ele estava fazendo, e esta ficava contente por a amiga ser tão culta. Mesmo Ted, difícil como era, tinha de admitir que se impressionava com a extensa compreensão de Andrea em seu campo.

Ela representava grandes empresas em processos legais contra o governo federal, mas só atuava como parte autora, como convinha à sua personalidade um tanto polêmica. Era também esse seu lado que permitia que ela discutisse com Ted às vezes, e ele a admirava por isso. De alguma forma, lidava muito melhor com ele do que sua esposa. Mas podia fazer isso, pois não tinha nada a perder. Ophélie não ousaria dizer metade das coisas que Andrea dizia para ele. Mas a amiga não tinha de viver com ele. Ted comportava-se como um gênio e era muito respeitado por todos, menos por Chad, é claro, que desde os 10 anos dizia que odiava o pai. Detestava sua atitude autoritária e seu senso de superioridade por ser tão inteligente. Chad era tão inteligente quanto o pai, mas seu circuito parecia ter se

rompido e nenhuma das conexões funcionavam, ou pelo menos não as mais importantes.

Ted nunca foi capaz de aceitar que seu filho não era perfeito, e, apesar de todos os esforços de Ophélie para amenizar a situação, tinha vergonha dele. E Chad percebia isso, o que causou várias cenas horríveis entre eles. Andrea percebia também. Só Pip conseguira de certa forma afastar-se e sair sem se ferir das brigas que quase destruíram sua família ao longo dos anos. Mesmo quando era bem pequena, Pip se tornara a fadinha que voava sobre eles, tocando-os com delicadeza e tentando fazer com que fizessem as pazes. Andrea gostava desse seu lado. Pip era uma criança mágica, e parecia abençoar tudo que tocava, como fazia agora com Ophélie. Por isso era tão tolerante e compreensiva quando sua mãe não conseguia fazer nada para ela, nem mesmo suas refeições. Perdoava-a por tudo, muito mais que Ted ou Chad teriam perdoado. Nenhum dos dois teria conseguido tolerar as enfermidades de Ophélie, mesmo tendo sido causadas por eles. Ainda a teriam culpado. Ou pelo menos Ted teria. Não que Ophélie visse as coisas assim, ela nunca via. Adorava o marido, não importava o que fizesse, e o desculpava. Reconhecesse ele ou não, ela era a esposa perfeita. Dedicada, apaixonada, paciente, compreensiva, sofredora. Tinha se mantido ao seu lado inabalavelmente, mesmo durante os anos difíceis e cheios de angústia por falta de dinheiro.

— E o que você faz para se distrair aqui? — Andrea perguntou quando o bebê dormiu.

— Não muita coisa. Leio. Durmo. Caminho na praia.

— Em outras palavras, foge — disse Andrea, firme como sempre. Era impossível enganá-la.

— E é tão terrível assim? Talvez seja disso que eu esteja precisando no momento.

— Talvez. Mas faz quase um ano, e você vai ter de voltar para o mundo em algum momento, Ophélie. Não pode se esconder para

sempre. — Até mesmo o nome do condomínio onde ficava a casa que ela alugara para o verão era um símbolo do que queria. Safe Harbour, um porto seguro contra as tempestades que a atormentavam desde outubro passado, e muito antes disso.

— Por que não? — Ophélie parecia desesperançada quando disse isso, e Andrea sentiu pena dela, como sentia sempre. A vida de Ophélie tinha sido dura.

— Não é bom se esconder assim, não é bom nem para você nem para Pip. Ela vai precisar de você para tudo, mais cedo ou mais tarde. Você não pode agir como morta indefinidamente. Não está certo. Tem de recomeçar a viver. Precisa sair, ver gente, arranjar um namorado em algum momento. Não pode ficar sozinha para sempre. — Andrea achava que ela devia arranjar um emprego, mas não ousou dizer ainda. E Ophélie ainda não estava em condição de começar a trabalhar. Nem de começar a viver.

— Não posso nem pensar nisso — disse Ophélie horrorizada. Não conseguia se ver com outra pessoa que não Ted. Na sua cabeça ainda estava casada com ele, e estaria sempre. Não podia nem pensar em dividir a vida com qualquer outra pessoa. A seus olhos, ninguém se igualaria a Ted, por mais difícil que tivesse sido viver com ele.

— Há outras coisas que você poderia fazer logo para se recuperar. Pentear o cabelo seria bom, pelo menos de vez em quando. — Quase sempre que Andrea a via, ela parecia despenteada, e às vezes não se arrumava direito durante dias. Tomava banho, mas vestia um jeans e um suéter velho e passava a mão no cabelo em vez de pentear-se, a não ser quando ia ao grupo. Fora isso, raramente saía. Não tinha razão para sair. A não ser para levar Pip à escola. E não penteava o cabelo para isso. Andrea achava que já tinha passado muito tempo, era tempo de Ophélie reagir. Foi idéia dela as duas irem para Safe Harbour, e até a casa foi alugada através de uma corretora amiga sua. Estava contente de

ter insistido nisso, só de olhar para a carinha de Pip e até mesmo de Ophélie sentia que fora uma boa decisão. Ophélie parecia mais saudável do que há nove meses. E pela primeira vez estava penteada, ou semipenteada pelo menos. Apesar de tudo, estava bronzeada e bonita.

— O que vai fazer quando voltar para a cidade? Não pode se trancar em casa de novo o inverno inteiro.

— Posso, sim — disse Ophélie rindo, sem constrangimento. — Posso fazer qualquer coisa que quiser agora.

E ambas sabiam que era verdade. Ted lhe deixara uma imensa fortuna, apesar disso não ser importante para ela. Era um contraste irônico com as dificuldades medonhas que tinham passado nos primeiros anos. No início da vida tinham morado em um apartamento de um quarto em um bairro lúgubre. As crianças dormiam juntas e Ted e Ophélie dormiam em um sofá-cama na sala. Ted transformara a garagem em laboratório. Estranho que pareça, apesar das dificuldades e preocupação com dinheiro, aqueles tinham sido seus melhores anos juntos. As coisas se tornaram muito mais complicadas depois que Ted chegou no topo da carreira. O sucesso foi muito estressante para ele.

— Vou encher seu saco se você voltar àquela merda de vida de reclusão quando for para casa — Andrea ameaçou. — Vou levar você para passear no parque comigo e com William. Quem sabe poderíamos ir a uma estréia no Metropolitan de Nova York. — As duas gostavam muito de ópera e tinham ido lá várias vezes antes. — Vou arrastá-la pelos cabelos se for preciso — disse, brincando, e nesse momento o bebê se mexeu, mas sossegou de novo, fazendo aquele barulhinho suave que os bebês fazem. As duas sorriram ao olhar para ele, e a mãe colocou-o para dormir no seu seio, onde ele se sentia mais feliz e ela também.

— Sei que você é capaz de fazer isso mesmo — disse Ophélie, em resposta à ameaça.

Um instante depois, Pip chegou com Mousse, trazendo uma coleção de pedras e conchas e colocando-as com cuidado em cima da mesa de centro, espalhando um monte de areia. Mas Ophélie não disse nada quando Pip apontou orgulhosamente para elas.

— São para você, Andrea. Pode levar para casa se quiser.

— Eu adoraria. Posso levar a areia também? — brincou. — O que você andou fazendo? Conheceu umas crianças lá na praia? — Andrea se preocupava com Pip também.

Pip deu de ombros, indiferente. Não tinha realmente conhecido ninguém. Raramente via outras pessoas na praia, sua mãe vivia sempre reclusa e não tinha conhecido nenhuma família ainda.

— Vou ter de voltar aqui mais vezes para agitar as coisas. Deve haver umas crianças por aqui. Precisamos encontrá-las para você.

— Eu estou bem — disse Pip, como sempre. Ela nunca reclamava. Não adiantava. Sabia que nada mudaria com reclamações. Sua mãe não era capaz de fazer mais do que estava fazendo no momento. As coisas tinham de ser assim por enquanto. Talvez melhorassem um dia, mas obviamente não agora. E Pip aceitava isso. Era muito madura para sua idade. E os últimos nove meses tinham-na forçado a amadurecer.

Andrea ficou até o fim da tarde, e saiu antes da hora do jantar. Queria chegar em casa antes da névoa baixar. Mas até sair todas riram e conversaram bastante, e Pip brincou com o bebê e fez cócegas nele. Ficaram sentadas no deque, aproveitando o sol, e tiveram uma tarde gostosa e alegre. Mas assim que Andrea e o bebê saíram, a casa tornou-se imediatamente triste e vazia de novo. Ela era uma presença forte, e sua ausência realmente tornava as coisas piores do que estavam antes. Pip gostava da sua força de vida. Era sempre empolgante estar perto dela. Ophélie sentia a mesma coisa. Não conseguia mais ter sua própria força, mas Andrea tinha por todas elas.

— Quer que eu alugue um filme? — Ophélie sugeriu. Não pensava nessas coisas há meses, mas a visita de Andrea energizou-a também.

— Não precisa, mamãe. Fico vendo televisão mesmo — disse Pip com calma.

— Tem certeza?

Ela fez que sim, e as duas entraram na mesma dúvida de sempre para escolher o que iam comer. Mas naquela noite Ophélie ofereceu-se para fazer hambúrguer e uma salada. Os hambúrguers estavam cozidos demais para o gosto de Pip, mas ela não disse nada. Não queria desencorajar a mãe, e era melhor que a pizza congelada que nenhuma das duas comia. Pip comeu todo o hambúrguer enquanto a mãe olhava para o prato, mas depois ela acabou comendo toda a salada e pelo menos metade do hambúrguer. As coisas tinham definitivamente melhorado com a influência de Andrea.

Quando Pip foi para a cama naquela noite teve vontade de chamar a mãe para cobri-la. Era pedir demais na atual situação, mas pelo menos era bom pensar nisso. Lembrou que seu pai costumava levá-la para a cama quando ela era menor, mas nunca mais tinha feito isso. Ninguém mais fazia. Ele raramente estava em casa e a mãe vivia ocupada com Chad. Havia sempre algo acontecendo. E agora não havia mais nada, mas Ophélie parecia ter desaparecido. Pip foi para o quarto sozinha. Ninguém iria lhe dar boa-noite, rezar com ela, cantar uma canção de ninar ou cobri-la. Já estava habituada. Mas teria sido bom, de qualquer forma, numa vida diferente, num mundo diferente do que ela vivia. Sua mãe foi direto para a cama depois do jantar, e Pip ficou vendo televisão. Mousse lambeu seu rosto quando ela foi para a cama, depois bocejou, deitou-se no chão ao seu lado e ela esticou a mão para acariciar-lhe a orelha.

Pip sorriu quando o sono foi chegando. Sabia que sua mãe iria à cidade no dia seguinte, o que significava que ela poderia caminhar pela praia e encontrar-se com Matthew Bowles de novo. Sorriu ao pensar nisso e dormiu imediatamente, sonhando com Andrea e o bebê.

Capítulo 4

A QUINTA-FEIRA AMANHECEU nublada de novo, e Pip ainda estava meio adormecida quando sua mãe foi para a cidade. Naquele dia, Ophélie tinha de falar com um advogado antes de reunir-se com o grupo, e precisava estar na cidade antes das nove horas. Amy preparou o café-da-manhã para Pip, depois foi para o telefone, como sempre, enquanto Pip assistia aos desenhos animados na televisão. Era quase hora do almoço quando decidiu passear na praia. Queria sair logo que acordou, mas teve medo de chegar lá cedo demais e não encontrar Matthew. Provavelmente iria para a praia na parte da tarde.

— Onde você vai? — Amy perguntou ao ver Pip descer do deque para a areia, sentindo-se responsável por ela pelo menos uma vez. Pip virou-se com o ar mais inocente do mundo.

— Vou só dar uma volta na praia com Mousse.

— Quer que eu vá com você?

— Não precisa, obrigada — disse, e Amy voltou para o telefone, sentindo que tinha feito sua obrigação. Um instante depois, a menina e o cachorro caminhavam na praia.

Pip correu durante um bom tempo até que finalmente o viu. Ele estava no mesmo lugar, sentado no banquinho retrátil, trabalhando

junto do cavalete. Ouviu Mousse latir a distância e virou-se para olhar para Pip. Para sua surpresa, não a tinha encontrado no dia anterior e ficou aliviado ao ver aquele rostinho bronzeado sorrindo para ele.

— Olá — disse ela, como se estivesse falando com um velho amigo.

— Oi. Como você e o Mousse vão indo?

— Muito bem. Eu queria vir mais cedo, mas achei que você ainda não estaria aqui.

— Estou aqui desde as dez horas. — Como Pip, ele também teve medo de não vê-la mais. Estava tão ansioso para esse encontro quanto ela, embora nenhum dos dois tivesse prometido voltar. Eles só queriam estar ali, isso era o bastante.

— Você pintou mais um barco — disse Pip, examinando a pintura com cuidado. — Gostei. Está bonito. — O barquinho de pesca vermelho a distância, ao pôr-do-sol, tinha valorizado muito o quadro. Ela gostou instintivamente e Matt ficou contente. — Como consegue imaginar tudo isso tão bem? — perguntou admirada, enquanto Mousse desaparecia na vegetação da duna.

— Eu já vi muitos barcos — disse, sorrindo calorosamente. Pip gostava dele. Gostava muito, na verdade, não tinha dúvida de que ele era um amigo. — Tenho um pequeno veleiro ancorado na lagoa. Um dia mostro para você. — Era um veleiro pequeno e velho, mas tratado com muito carinho. Um velho barco de madeira em que ele velejava sozinho sempre que podia. Adorava velejar desde que tinha a idade de Pip. — O que você fez ontem? — Ele queria saber mais sobre ela, olhar para aquele rostinho. Queria também fazer o desenho, mas gostava de conversar com ela também, coisa rara nele.

— Minha madrinha veio nos visitar com o bebê. Ele tem três meses, se chama William e é uma gracinha. Pus o bebê no colo e

ele deu muitos risinhos. William não tem pai — disse, com toda a naturalidade.

— Isso não é bom — Matthew falou com cuidado, interrompendo um instante o trabalho para admirá-la. — O que houve?

— Ela não é casada. Teve o bebê em uma espécie de banco. Não sei bem. É uma coisa complicada. Minha mãe diz que não é importante. Ele não tem pai, só isso.

Matthew entendeu melhor que ela e ficou intrigado. Era uma coisa muito moderna para ele. Ainda acreditava nos casamentos tradicionais, com mães e pais, embora soubesse bem que a vida nem sempre funcionava assim. Mas era geralmente uma boa forma de começar. Ficou imaginando de novo o que teria acontecido com o pai de Pip, tinha a impressão que ela não morava com ele, mas estava com medo de perguntar. Não queria incomodá-la sem necessidade, nem fazer fofoca. A amizade dos dois baseava-se em discrição e delicadeza, hábitos que faziam parte da natureza de ambos.

— Quer desenhar hoje? — perguntou ele, observando-a.

Ela parecia um pequeno elfo pulando pela praia, tão leve e flexível que seus pés mal pisavam na areia.

— Sim, por favor — respondeu muito educadamente, e ele lhe deu o bloco de desenho e o lápis.

— O que vai desenhar hoje? Mousse de novo? Agora que sabe fazer as patas de trás deve ser mais fácil — disse, com um senso prático, e ela ficou olhando pensativa para o trabalho dele.

— Será que consigo fazer um barco? — Parecia-lhe um grande esforço.

— Não vejo por que não. Quer tentar copiar o meu? Ou prefere um barco à vela? Posso fazer um esboço para você, se quiser.

— Posso copiar os barcos que você está pintando, se não se importar. — Não queria que ele tivesse muito trabalho, coisa bem típica dela. Estava habituada a ser cautelosa, a não criar muitos

problemas. Foi sempre cautelosa com o pai, e se deu bem. Ele não se zangava tanto com ela quanto com Chad. Mas como moravam em uma casa grande na maior parte do tempo não lhe prestava muita atenção. Naquela época, ele trabalhava em um escritório, chegava em casa tarde e viajava muito. Aprendeu a pilotar seu próprio avião, levou-a para voar várias vezes logo que o avião foi comprado e até deixou-a levar o cachorro, com a permissão de Chad. E Mousse se comportou muito bem.

— Dá para ver de onde você está? — Matthew perguntou, e ela fez que sim. Desembrulhou o sanduíche que tinha levado para comer na praia, caso ela chegasse na hora do almoço. Não queria deixar de vê-la. Ofereceu-lhe o sanduíche, empoleirado em seu banquinho. — Está com fome?

— Não, obrigada, Sr. Bowles. E sim, posso ver muito bem daqui.

— Matt é melhor — disse ele sorrindo para a menina tão gentil e formal. — Você já almoçou?

— Não, mas não estou com fome, obrigada. — Um instante depois, enquanto desenhava, deu uma informação que o surpreendeu. Era mais fácil conversar com ele sem olhá-lo, e estava concentrada no desenho do barco. — Minha mãe nunca come. Quer dizer, não come com muita frequência. Está ficando muito magra. — Era óbvio que Pip se preocupava com ela, e Matt ficou intrigado.

— Por quê? Ela está doente?

— Não, só triste.

Continuaram a desenhar por algum tempo, e ele resolveu não fazer mais perguntas. Imaginou que ela diria o que quisesse quando estivesse pronta. Não tinha intenção de pressioná-la. Aquela amizade parecia flutuar no espaço, independente de tempo. Matt teve a sensação de que a conhecia há muito tempo.

Finalmente, pensou numa pergunta óbvia.

— Você também anda triste?

Ela balançou a cabeça em silêncio, sem levantar os olhos do desenho. Dessa vez ele achou melhor não perguntar por quê. Dava para sentir que ela tinha lembranças tristes, e teve de se conter para não tocar seu cabelo nem sua mão. Não queria assustá-la, nem parecer impróprio com essa familiaridade.

— E como está agora? — Era uma pergunta mais segura, e dessa vez ela olhou para ele.

— Estou melhor. É gostoso aqui na praia. Acho que minha mãe está melhor também.

— Que bom ouvir isso. Talvez ela volte a comer daqui a pouco.

— Foi o que a minha madrinha disse. Ela se preocupa muito com a minha mãe também.

— Você tem irmãos e irmãs, Pip? — Matt perguntou. Parecia outra pergunta segura, e ele estava totalmente despreparado para enfrentar o olhar que ela deu quando levantou os olhos. Um olhar de tristeza que lhe cortou o coração e quase o derrubou do banquinho.

— Eu... tenho... — Hesitou, sem conseguir falar por um instante, depois continuou, ainda olhando-o com aqueles olhos tristes cor de âmbar que pareciam atraí-lo para o seu mundo. — Não... quer dizer, mais ou menos... é difícil explicar. O nome do meu irmão era Chad. Ele tinha 15 anos... sofreu... teve um acidente em outubro...

Ah, Deus, como ele se detestava por ter perguntado, agora compreendia por que a mãe dela estava tão desolada e não conseguia comer. Não podia nem imaginar uma coisa assim, não havia nada pior que a perda de um filho.

— Sinto muito, Pip... — Não sabia mais o que dizer.

— Tudo bem. Ele era muito inteligente, como meu pai. — E o que disse em seguida deixou-o sem ação e explicou tudo. — O avião do meu pai explodiu, e os dois estavam... os dois morreram. O avião explodiu — disse, com um nó na garganta, mas contente de ter contado. Queria que ele soubesse.

Matt olhou para ela durante um instante interminável, sem dizer coisa alguma.

— Deve ter sido terrível para vocês duas. Sinto muito, Pip. Que sorte sua mãe ter você.

— Acho que sim — disse Pip pensativa, sem parecer convencida. — Mas ela anda muito triste. Fica no quarto todo o tempo. — Às vezes pensava se a mãe teria ficado triste assim se ela morresse em vez de Chad. Era impossível saber, mas a pergunta vinha inevitavelmente à sua cabeça. Ela era muito ligada a Chad e ficou desesperada quando ele morreu.

— Eu também ficaria. — Suas próprias perdas quase o tinham destruído, mas não eram nada comparado a isso. Sua perda era mais comum, uma coisa com a qual se tem de conviver e aceitar. Perder o marido e o filho eram desafios muito maiores que todos que ele enfrentara, podia imaginar o golpe que tinha sido para Pip também, especialmente se a mãe vivia deprimida e não saía de casa, como Pip contou.

— Ela frequenta um grupo na cidade para conversar sobre problemas. Não sei se ajuda muito. Diz que todos lá são realmente tristes.

Pareceu-lhe uma coisa mórbida, mas ele sabia que era comum se frequentar grupos para trocar idéias sobre suas infelicidades. Mesmo assim, um grupo de pessoas enlutadas falando de suas perdas parecia-lhe sinistro e pouco animador.

— Meu pai era um inventor, mais ou menos isso. Trabalhava na área de energia. Não sei o que fazia, mas era muito bom no seu trabalho. No começo éramos muito pobres, mas quando eu tinha 6 anos fomos para uma casa grande e ele comprou um avião. — Contou tudo resumidamente, e embora não ficasse muito claro qual era sua profissão, deu-se por satisfeito com as informações. — Chad era inteligente como ele. Eu sou mais como minha mãe.

— Como assim? — Matt não aceitou aquela explicação. Ela era uma menina excepcionalmente brilhante e bem articulada. — Você também é inteligente, Pip. Muito inteligente. Seus pais também devem ser. Você certamente é. — Ela parecia ter sido deixada em segundo plano em relação ao irmão mais velho, que talvez se interessasse mais pelo campo do pai, qualquer que fosse. Uma atitude muito machista, e ele revoltou-se com a sensação óbvia de Pip de vir em segundo lugar ou, pior ainda, ser de segunda categoria.

— Meu pai e meu irmão brigavam muito — disse sem que ele perguntasse nada. Ela precisava falar com alguém, pois como a mãe vivia deprimida, provavelmente ela não tinha ninguém com quem confidenciar, a não ser sua madrinha. — Chad disse que odiava o papai, mas não era verdade. Ele só falava isso quando ficava com raiva dele.

— Meninos de 15 anos são assim mesmo — disse Matt com um sorriso suave, embora não tivesse essa experiência. Não via os filhos há seis anos, e a última vez em que estivera com eles, Robert tinha 12 anos e Vanessa, 10.

— Você tem filhos? — Pip perguntou, como se tivesse lido seu pensamento. Era a vez dele de contar sua vida.

— Tenho. — Mas não disse que não os via há seis anos. Teria sido difícil explicar o porquê. — Vanessa e Robert. Ela tem 16 e ele tem 18 e moram na Nova Zelândia. — Estavam lá há mais de nove anos. Ele tinha levado exatamente três anos para desistir de vê-los. O silêncio deles o convenceu.

— Onde fica? — Pip ficou intrigada. Tinha ouvido falar em Nova Zelândia apenas uma vez, mas não conseguia se lembrar onde era. Talvez fosse na África, ou algum outro lugar parecido, mas não queria que Matt pensasse que ela era ignorante.

— Fica muito longe daqui. São vinte horas de avião. Eles moram num lugar chamado Auckland. Acho que se sentem muito felizes lá.

— Mais felizes do que ele podia aceitar, ou sequer admitir para ela.

— Deve ser triste que eles vivam tão longe. Você deve sentir saudade. Eu sinto saudade do meu pai e de Chad — disse, enxugando uma lágrima, uma cena muito triste. Os dois tinham partilhado muita coisa nesse segundo encontro, e não desenhavam nada há uma hora. Ela não pensou em perguntar com que frequência ele via os filhos, mas supôs que os visse. Mesmo assim teve pena dele por estarem tão longe.

— Também sinto saudades. — Levantou-se do banquinho e sentou-se ao lado dela. Seus pezinhos descalços estavam enfiados na areia, e ela olhou-o com um sorriso triste.

— Como eles são? — Estava curiosa, como ele a respeito dela. Era uma pergunta razoável.

— Robert tem cabelo escuro e olhos castanhos como os meus. E Vanessa é loira com grandes olhos azuis. É igual à mãe. Alguém mais da sua família tem cabelo vermelho como o seu?

Pip balançou a cabeça com um sorriso envergonhado ao ouvir a pergunta.

— Meu pai tinha cabelo escuro como o seu e olhos azuis, e Chad também. Minha mãe é loira. Meu irmão me chamava de cenourinha por causa das minhas pernas finas e do cabelo vermelho.

— Era brincadeira dele — disse Matt, passando a mão no cabelo cacheado dela. — Eu não acho você parecida com uma cenoura.

— Pareço, sim — disse ela, com orgulho. Gostava do apelido, pois isso a lembrava do irmão. Sentia falta até mesmo dos insultos e do mau humor, agora que ele não existia mais. Da mesma forma que Ophélie sentia falta dos dias difíceis com Ted. Era estranho o que se sentia sobre pessoas que tinham desaparecido.

— Vamos desenhar hoje? — perguntou ele, decidindo que tinham feito muitas confidências e que mereciam agora uma interrupção.

Pip ficou aliviada ao ouvir isso. Quis contar tudo aquilo para ele, mas quando falava demais sobre o assunto ficava muito triste de novo.

— Vamos, sim — respondeu, pegando o bloco quando ele voltou a sentar-se no banquinho. E nas duas horas seguintes a pouca conversa girou em torno de amenidades que não os comprometiam. Perto um do outro, sentiam-se bem, especialmente agora que conheciam mais suas respectivas histórias. Algumas eram importantes.

Quando Pip se sentou e começou a desenhar, e Matt a pintar, as nuvens sumiram, o sol apareceu e o vento parou. A tarde ficou muito bonita. Tão bonita que só às cinco horas perceberam que já era tarde. O tempo que tinham passado juntos voou. E Pip ficou aflita quando Matt disse que já passava das cinco.

— Já está na hora de sua mãe voltar? — perguntou, parecendo preocupado. Não queria que ela tivesse problemas por causa de uma tarde inocente e produtiva. Estava contente de terem conversado. Esperava que tivesse ajudado de alguma forma.

— Provavelmente. É melhor eu voltar. Ela deve estar zangada.

— Ou preocupada — disse, imaginando se devia voltar com Pip para acalmar a mãe ou se seria pior se ela aparecesse em casa com um homem desconhecido. Olhou para o desenho dela e ficou impressionado. — Está ótimo, Pip. Você trabalhou bem. Agora vá para casa. A gente se vê outro dia.

— Talvez eu volte amanhã, se a mamãe cochilar um pouco. Você vai estar aqui, Matt? — Falou com ele com intimidade, como se fossem realmente velhos amigos. Ambos se sentiam assim depois de terem trocado tantas confidências. Tudo o que tinham partilhado deixara-os mais próximos, como era de se esperar.

— Venho aqui todas as tardes. Não vá arranjar encrenca agora, menininha.

— Não vou, não. — Parou um instante e sorriu para ele, como um beija-flor pousado no ar, depois deu um adeus, com o desenho na mão, e foi correndo para casa, seguida de Mousse. Dentro de instantes estava bem longe dali. Virou-se uma vez para dar tchau e ele ficou bastante tempo observando-a, até ela tornar-se uma figura distante e ele só conseguir distinguir o cachorro pulando de um lado para o outro.

Pip estava sem ar quando chegou em casa. Tinha corrido toda a extensão da praia. Sua mãe estava sentada no deque, lendo, e Amy não se encontrava por perto. Ophélie olhou para ela de cara amarrada.

— Amy disse que você tinha ido para a praia, mas não a vi em lugar nenhum, Pip. Onde você estava? Fez alguma amiga? — Não estava zangada, mas parecia preocupada, fazendo força para ficar calma. Não queria que a filha fosse para a casa de estranhos, e Pip sabia disso e se conformava. Mas também sabia que sua mãe se preocupava mais agora do que antes.

— Eu estava lá longe — disse, mostrando vagamente o lugar de onde tinha vindo. — Estava desenhando um barco e não sabia que horas eram. Desculpe, mamãe.

— Não faça mais isso, Pip. Não quero que você vá assim tão longe. E não quero você perto da praia. Nunca se sabe quem são aquelas pessoas. — Ela teve vontade de dizer à mãe que algumas pessoas eram boas, pelo menos Matt era. Mas teve medo de falar sobre seu novo amigo. Sentiu instintivamente que a mãe não compreenderia. E estava certa. — Fique por aqui da próxima vez. — Ophélie sabia que a filha queria novidades. Estava provavelmente cansada de ficar pela casa o dia todo ou sozinha na praia com o cachorro. Mas mesmo assim ficou preocupada. Não pediu para ver o desenho quando Pip entrou no quarto e colocou-o na mesa-de-cabeceira, ao lado do desenho do cachorro. Lembranças das tardes que lhe eram preciosas e a faziam lembrar de Matt. Não o *adorava*,

mas não havia como negar que os dois tinham criado uma ligação especial.

— Como foi seu dia? — perguntou à mãe quando ela voltou do deque. Mas dava para ver como tinha sido. Ophélie parecia cansada. Quase sempre ficava assim quando voltava do grupo.

— Foi bom. — Tinha ido ao advogado para tratar do inventário de Ted. Alguns impostos precisavam ser pagos e a última parcela do seguro tinha entrado. O inventário ainda levaria algum tempo para terminar. Talvez bastante tempo. Ted deixara tudo em ordem, e ela tinha mais dinheiro do que precisava. Provavelmente grande parte seria de Pip um dia. Ophélie nunca tinha sido extravagante. Na verdade, de certa forma sentia que eles tinham sido mais felizes quando eram pobres. O sucesso dele lhe trouxe dores de cabeça e muito estresse, coisa que desconhecia antes. Para não falar no avião no qual tinha morrido com Chad.

Ophélie passava horas lutando contra essas lembranças, especialmente do último dia. Aquele telefonema terrível que alterara sua vida para sempre. E o fato de ter forçado Ted a levar Chad. Ele tinha reuniões em Los Angeles e queria ir sozinho, mas ela achou que seria bom os dois passarem um tempo juntos. Chad estava em uma fase melhor, e ela achou que os dois se dariam bem. Mas nenhum dos dois estava entusiasmado com a viagem. Ela se culpava por ter sido egoísta também. O menino exigia muita atenção, ela havia vivido uma situação difícil durante meses, e precisava de um tempo livre para ter uma tarde calma com Pip. Com a atenção concentrada em Chad constantemente, nunca passava tempo suficiente com a filha. Era a primeira oportunidade que teriam depois de um longo tempo. E agora só tinham uma à outra. A vida, a família e a felicidade delas foram destruídas. A fortuna que Ted deixara não significava nada para Ophélie. Ela teria dado tudo aquilo para passar o resto da vida com o marido e ver Chad vivo.

Houve momentos difíceis entre ela e Ted, mas seu amor por ele nunca diminuiu. Porém era claro que mais de uma vez a razão das suas brigas tinha sido Chad. Tudo isso terminara. O filho problemático estava em paz finalmente. E Ted, com todo o seu brilho, estranheza e charme, desaparecera da sua vida. À noite, ela ficava horas vendo o filme de sua vida passar em sua cabeça, tentando lembrar como as coisas tinham realmente sido, saboreando os bons tempos e tentando esquecer os maus. Ia editando o filme com cuidado. O que restava no final era a lembrança de um homem que ela amara profundamente, apesar dos seus defeitos. Ela sempre o havia amado apesar de tudo, mas isso não importava mais.

As duas solucionaram o dilema do jantar com sanduíches, embora Pip mal tivesse comido o dia todo e o silêncio da casa fosse ensurdecedor. Elas nunca ouviam música, e mal se falavam. Enquanto Pip comia o sanduíche de peru que sua mãe preparara, ficou pensando em Matt. Imaginou de novo onde seria a Nova Zelândia, e teve pena de ele viver tão longe dos filhos. Devia ser bem difícil. E ficou contente de ter lhe contado sobre seu pai e Chad, só não explicou que Chad era muito doente. Parecia uma deslealdade contar isso. Sabia que a doença de Chad era um segredo entre eles. Não adiantava falar sobre isso agora. Chad não estava mais ali.

Sua doença deixara uma marca profunda nela e em todos eles. Conviver com ele era traumático e difícil, e sabia que seu pai se ressentia dele e da doença mental cujo nome se recusava a dizer, e o próprio Chad sabia também. Mencionou isso para seu pai uma vez, quando Chad estava no hospital, e ele começou a gritar e a dizer que ela não sabia do que estava falando, mas não era verdade. Compreendia muito bem, talvez melhor que ele, que Chad era doente. Ophélie compreendia também. Só Ted se negava a aceitar. Era essencial para ele, uma questão de orgulho, não podia

admitir que o filho fosse doente. Por mais que falassem, ou os médicos explicassem, Ted insistia que se Ophélie tratasse Chad de forma diferente e criasse regras rígidas, não haveria problema algum. Sempre culpava Ophélie e forçava-se a acreditar que Chad não era doente. Por maior que fosse a evidência, seus olhos permaneciam fechados.

O fim de semana foi calmo. Andrea prometera voltar, mas acabou não indo. Telefonou dizendo que o bebê tinha pegado um resfriado. No domingo à tarde, Pip ficou louca para ver Matt. Sua mãe estava dormindo no deque, e depois de observá-la durante uma hora desceu para a praia com Mousse. Não pretendia ir até a praia, mas encaminhou-se para lá e começou a correr, esperando vê-lo. Matt estava no mesmo lugar de sempre, pintando calmamente, dessa vez uma aquarela. Outro pôr-do-sol, com uma criança muito pequena de cabelo vermelho, short branco e camisa rosa. E a distância via-se um cachorro marrom-escuro.

— Sou eu com o Mousse? — ela perguntou, assustando-o.

Ele não tinha visto Pip aproximar-se, e quando se virou para ela, sorriu. Não a esperava antes do começo da semana, quando sua mãe iria à cidade de novo. Mas ficou claramente contente ao vê-la.

— Pode ser, minha amiga. Que ótima surpresa. — E sorriu.

— Minha mãe está dormindo e eu não tinha nada para fazer, então resolvi visitar você.

— Que bom que você veio. Ela não vai se preocupar quando acordar?

Pip balançou a cabeça. Ele já sabia o suficiente agora para compreender.

— Ela dorme o dia inteiro às vezes. Acho que prefere viver assim.

Não havia dúvida de que a mãe de Pip estava deprimida, mas ele não se surpreendeu mais. Quem não estaria depois de perder o marido e o filho? O único problema agora, problema ainda maior,

era que a depressão dela deixava Pip sozinha e solitária, sem ninguém com quem conversar a não ser seu cachorro.

Pip sentou na areia ao lado dele e ficou vendo-o pintar. Depois foi para a beira da água procurar conchas. Mousse seguiu-a e Matt parou de pintar e ficou observando. Gostava de ver aquela menina muito doce, que parecia fora do mundo às vezes, como um duende da mata dançando na praia. Havia alguma coisa misteriosa nela. E estava tão concentrado em observá-la que levou um susto quando percebeu uma mulher a poucos metros dele, com uma expressão séria. Não tinha idéia de quem fosse.

— Por que está olhando para minha filha? E por que ela está no seu desenho? — Ophélie fez uma ligação imediata entre o artista e os desenhos que Pip levava para casa. Foi até a praia procurar Pip e ver o que ela fazia nos seus passeios demorados. Não podia explicar como nem por que, mas sabia que aquele homem fazia parte disso, e não teve dúvida alguma depois que viu a menina e o cachorro no quadro dele.

— Sua filha é uma graça, Sra. Mackenzie. Deve sentir-se muito orgulhosa dela — falou com calma. Com mais calma do que realmente sentia. O olhar intenso dela lhe deu um certo mal-estar. Podia quase imaginar o que ela estava pensando e queria tranquilizá-la, mas receava que pudesse levantar suspeitas ainda piores.

— Já percebeu que ela tem só 11 anos de idade? — Teria sido difícil achar que ela fosse mais velha. Podia parecer mais nova. Ophélie não conseguia imaginar o que aquele homem queria com ela, e suspeitou imediatamente de más intenções. Sua pintura aparentemente inocente podia ser simplesmente, pelo menos na sua cabeça, uma dissimulação para alguma coisa muito mais sinistra. Talvez ele fosse um seqüestrador, ou pior ainda, e Pip era inocente demais para suspeitar disso.

— Já, ela me disse — respondeu com tranquilidade.

— Por que anda conversando com ela?... e desenhando com ela? — Matt teve vontade de dizer que sua filha era desesperadamente solitária, mas calou a boca.

Naquele instante, Pip viu a mãe conversando ali com ele e aproximou-se depressa, com a mão repleta de conchas. Buscou os olhos da mãe para ver se estava em perigo e percebeu logo que não estava, mas Matt sim. Sua mãe parecia assustada e zangada, e Pip quis proteger Matt imediatamente.

— Mamãe, este é o Matt — disse, como que tentando criar formalidade e respeitabilidade à situação com uma apresentação.

— Matthew Bowles — disse ele, estendendo a mão para Ophélie, mas ela olhou diretamente para a filha, com os olhos cor de âmbar faiscando. Pip sabia o que aquilo significava. Era raro sua mãe ficar zangada com ela, e mais raro ainda ultimamente. Mas agora estava.

— Eu já disse para você nunca falar com estranhos. Nunca! Está me entendendo? — E virou-se para Matt com um olhar furioso. — Há nomes para esse tipo de coisa, e nenhum deles é bonito. Você não tem o direito de aproximar-se de uma menina na praia e fazer amizade com ela, usando sua suposta arte como uma isca para atraí-la. Se chegar perto da minha filha de novo, vou chamar a polícia. Estou falando sério!

Matt ficou profundamente magoado, e Pip sentiu-se ofendida e defendeu-o rapidamente.

— Ele é meu amigo! Nós só desenhamos juntos. Ele não tentou me levar a nenhum lugar. Eu venho para a praia me encontrar com ele.

Mas Ophélie sabia como eram essas coisas, ou pelo menos achava que sabia. Sabia que um homem como ele deixaria Pip à vontade na sua companhia e depois só Deus sabe o que faria com ela, ou aonde a levaria.

— Você não pode vir aqui de novo, está me ouvindo? *Tu entends? Je t'interdis!* — Eu proíbo você. Na fúria, sua língua materna traiu-a. Parecia muito francesa ao jogar a raiva em cima dos dois. Mas essa raiva era causada por medo, e Matt compreendeu.

— Sua mãe tem razão, Pip. Você não deve falar com estranhos.
— Então virou-se para a mãe. — Quero me desculpar. Não tive intenção de perturbar ninguém. Pode estar certa de que tivemos um contato absolutamente respeitável. Compreendo sua preocupação, tenho filhos também, só que um pouco mais velhos do que ela.

— E onde eles estão? — Ophélie perguntou, ainda desconfiada. Não acreditava nele.

— Na Nova Zelândia — disse Pip por ele, o que não ajudou a situação. Matt podia ver que ela não acreditava neles.

— Não sei quem você é nem por que andou conversando com minha filha, mas espero que compreenda que estou falando sério. Vou dar queixa às autoridades se você encorajar Pip a vê-lo novamente.

— Você já deixou isso bem claro — ele falou, ficando irritado.

Em outras circunstâncias, teria dito alguma coisa mais dura. Ela o estava insultando, mas ele não queria magoar Pip sendo rude com sua mãe. E a mãe merecia um pouco de paciência por tudo que já tinha passado, embora suas últimas palavras fossem fortes demais. Ninguém jamais o acusara de motivos tão vis. Ela era uma mulher muito nervosa.

Ophélie apontou a praia para Pip quando a menina olhou entristecida por cima dos ombros. As lágrimas escorriam-lhe pelo rosto, e Matt teve vontade de abraçá-la, mas não podia.

— Está tudo bem, Pip. Eu compreendo — disse, num tom meigo.

— Desculpe — ela falou, quase soluçando, quando sua mãe continuou a apontar a praia. Até Mousse parecia dominado, como se percebesse que alguma coisa estranha tinha acontecido. Então

Ophélie pegou a mão de Pip e foi levando-a firmemente pela praia, observada por Matt. Seu coração seguiu aquela criança a quem se ligara tão depressa, e por um instante teve vontade de sacudir a mãe dela. Podia compreender seus receios, mas eram receios infundados, e parecia óbvio que Pip precisava de alguém para conversar. Sua mãe podia não ter comido muito nos últimos meses, mas era Pip quem estava faminta.

Guardou as tintas e a pintura, dobrou o banquinho e o cavalete e, de cabeça baixa e expressão soturna, voltou para casa para deixar suas coisas. Cinco minutos depois estava a caminho da lagoa para sair de barco. Sabia que precisava ter contato com a água para clarear as idéias. Velejar sempre ajudava nessas horas.

Ao voltar para o canto da praia onde ficava o condomínio fechado, Ophélie interrogou sua filha.

— É isso que você anda fazendo quando desaparece? Como conheceu esse homem?

— Eu vi Matt desenhando — disse, ainda chorando. — Ele é uma boa pessoa. Eu sei que é.

— Você não sabe nada sobre ele. Ele é um estranho. Não sabe se o que contou para você é verdade. Você não sabe nada. Ele algum dia convidou você para ir à casa dele? — a mãe perguntou, com ar de pânico. Nem ousava pensar nessa possibilidade.

— É claro que não. Ele não ia me matar. Só me ensinou a desenhar as patas de trás de Mousse. Só isso. E a desenhar um barco.

Ophélie não pensava que ele poderia ter matado sua filha. Ela era uma menina inocente e poderia ser facilmente violentada, seqüestrada ou torturada. Depois de conquistar sua confiança, poderia fazer qualquer coisa que quisesse. Esse pensamento deixou-a aterrorizada. E não tomou conhecimento dos protestos de Pip. Ela era uma menina de 11 anos e não compreendia os perigos

potenciais de fazer amizade com um homem desconhecido, sobre quem não sabia nada.

— Quero você longe dele — disse Ophélie de novo. — Você está proibida de sair de casa sozinha. E se não compreender isso, a gente volta para a cidade.

— Você foi grossa com meu amigo — disse Pip, zangada de repente, além de triste. Já tinha perdido muita gente de quem gostava, e agora tinha de perder esse amigo também. Era o único amigo que ela fizera naquele verão, e há muito tempo não tinha amizade com ninguém.

— Ele não é seu amigo. É um estranho. Não se esqueça disso. E não discuta comigo.

Elas seguiram em silêncio o resto do caminho, e quando entraram em casa Ophélie mandou-a para o quarto e telefonou para Andrea. Falava agitada enquanto a amiga ouvia. Andrea ouviu toda a história, depois começou a fazer perguntas como se fosse uma advogada.

— Você vai chamar a polícia?

— Não sei. Será que devia? Ele parecia bem respeitável. Estava vestido de forma decente, mas isso não quer dizer nada. Pode ser um criminoso. Posso conseguir uma ordem de prisão contra ele?

— Você não tem motivo para isso. Ele não ameaçou nem molestou sua filha, nem tentou levá-la a algum lugar, não é?

— Ela disse que não. Mas talvez ele tenha tentado primeiro criar um clima para fazer alguma coisa horrível depois. — Ophélie tinha dificuldade de acreditar que as intenções dele eram boas. Apesar de tudo que Pip disse, ou talvez até mesmo por isso, pressentia um perigo. Por que ele faria amizade com uma criança?

— Espero que não — disse Andrea num tom pensativo. — O que faz você pensar que não foi um encontro inocente? Ele parecia esquisito?

— Como é um homem esquisito? Não... ele parecia relativamente normal. E disse que tem filhos. Mas podia estar mentindo. — Ophélie estava convencida de que ele era um pedófilo.

— Talvez o homem seja apenas gentil.

— Ele não tem o direito de fazer amizade com uma criança dessa idade, especialmente uma menininha. Ela está na idade exata que os homens preferem, é totalmente inocente, é assim que eles gostam.

— Isso é verdade, é claro. Mas talvez ele não seja pedófilo. Ele era bonito? — Andrea perguntou rindo do outro lado da linha, e Ophélie ficou ofendida.

— Não acho graça nenhuma.

— Uma coisa muito importante: ele usava aliança? Talvez seja solteiro.

— Não quero ouvir isso. O homem estava fazendo amizade com a minha filha. É quatro vezes mais velho que ela, não tem direito de fazer isso. Se fosse decente, devia saber disso, especialmente se tem seus próprios filhos. Como se sentiria se um homem estivesse conversando com sua filha?

— Não sei. Por que não vai lá e pergunta? Na verdade, ele está começando a ficar interessante. Talvez Pip tenha feito um favor a você.

— Ela não fez nada disso. Correu um grande risco e eu não vou mais deixar que saia de casa sozinha. Estou falando sério.

— Basta dizer para ela não voltar lá. Ela vai obedecer.

— Já disse. E falei que chamo a polícia se ele se aproximar de Pip.

— Se ele não for um estuprador, se for um sujeito decente, talvez tenha gostado dessa situação. Talvez você precise diminuir um pouco esse seu veneno. Não tenho certeza se está pronta para voltar a viver. — Matt estava começando a lhe parecer legal. Não sabia por que, mas seu instinto dizia que ele podia ser um sujeito

decente. Se fosse, o que Ophélie tinha feito não seria apreciado nem bem-vindo.

— Não estou interessada em “volta”. Não estou planejando uma volta. Estou planejando ficar aqui. Mas não quero que aconteça nada ruim a Pip. Eu não agüentaria. — Sua voz estava trêmula, e nos seus olhos havia lágrimas de terror.

— Eu compreendo — disse Andrea gentilmente. — Fique de olho nela. Talvez ela esteja se sentindo solitária. — Depois de dizer isso fez-se silêncio, como se Ophélie tivesse se sentado e começado a chorar.

— Eu sei que está. Mas não posso fazer nada. Chad morreu, o pai dela morreu e eu estou uma pilha de nervos. Mal consigo existir. Nós nem conversamos mais. — Ela sabia disso, só que não conseguia sair do seu buraco negro e mudar a situação.

— Então talvez você saiba por que ela anda procurando estranhos — disse Andrea delicadamente.

— Aparentemente eles desenham juntos — disse Ophélie, com um tom desesperado. Aquele episódio a deixara perturbada.

— Há coisas piores. Talvez fosse uma boa idéia convidar o sujeito para tomar um drinque na sua casa para poder examiná-lo. Quem sabe é um sujeito decente. Você pode até gostar dele. — Quando Ophélie ouviu isso, sacudiu a cabeça.

— Acho que ele não falaria comigo depois das coisas que eu disse. — Mas não se arrependia. Elas ainda não tinham idéia de quem ele era.

— Você pode voltar lá amanhã e se desculpar. Dizer que está passando por um período difícil e anda muito nervosa.

— Não seja boba. Não posso fazer isso. Além do mais, e se eu estiver certa? Talvez ele seja mesmo pedófilo.

— Então, não vá se desculpar. Mas tenho para mim que ele é só um sujeito que pinta na praia e gosta de crianças. Parece que Pip é que foi atrás dele.

— É exatamente por isso que mandei que ela fosse para o quarto.

— Pobrezinha. Ela não teve má intenção, com certeza estava apenas se divertindo.

— A partir de agora vai ter de ficar perto de casa e se divertir por aqui mesmo.

Mas depois que desligou percebeu que dava poucas alegrias à filha. Pip não tinha crianças com quem se enturmar, não fazia nenhuma atividade e elas nunca mais tinham se divertido juntas. A última vez em que foram a algum lugar foi no dia em que Ted e Chad morreram. Ophélie nunca mais a levava para passear.

Depois de falar com Andrea foi bater na porta do quarto de Pip. A porta estava fechada, e quando tentou abri-la descobriu que estava trancada por dentro.

— Pip? — Não houve nenhuma resposta, e ela bateu de novo. — Pip? Posso entrar? — Depois de um longo silêncio, finalmente ouviu uma vozinha chorosa.

— Você foi má com meu amigo. Foi horrível. Eu detesto você. Pode ir embora.

Ophélie ficou parada do outro lado da porta, sentindo-se impotente mas não culpada. Tinha obrigação de proteger a filha, mesmo que ela não concordasse ou compreendesse.

— Desculpe, mas você não sabe quem ele é — disse com firmeza.

— Sei, sim. É uma pessoa boa. E tem filhos na Nova Zelândia.

— Talvez ele esteja mentindo — Ophélie insistiu, começando, no entanto, a achar uma bobagem tentar convencer a filha do outro lado da porta. Era óbvio que Pip não tinha intenção de deixá-la entrar. Nem de sair. — Venha conversar comigo.

— Não quero conversar. Eu odeio você.

— Vamos jantar e conversar sobre isso. Podemos jantar fora, se você preferir. — Havia dois restaurantes na cidade onde elas nunca

tinham ido.

— Não quero ir com você a lugar nenhum. Nunca mais.

Ophélie não disse nada, mas ficou tentada a mostrar a Pip que era a única pessoa que ela tinha no mundo. Assim como Pip era a única pessoa que ela tinha agora. As duas não podiam se dar ao luxo de serem inimigas nem de brigar. Elas precisavam muito uma da outra.

— Por que não destranca a porta? Não entro se você não quiser. Não precisa deixar a porta trancada.

— Preciso, sim — disse Pip, teimosa. Estava segurando o desenho de Mousse que tinha feito com Matt, ainda chorando. Já sentia falta dele. E não ia deixar sua mãe afastá-la dele. Teria de vê-lo nos dias em que ficasse com Amy. Tinha detestado as coisas que a mãe lhe dissera. Estava muito triste por ele.

Ophélie tentou convencê-la por mais algum tempo, mas finalmente desistiu, e voltou para seu próprio quarto. Nenhuma das duas jantou naquela noite, mas a fome finalmente fez com que Pip saísse do quarto na manhã seguinte. Pegou uma fatia de torrada e uma tigela de cereal e voltou para o quarto. Não deu uma só palavra à mãe enquanto ajeitava o café-da-manhã, nem quando saiu.

Em casa, Matt pensou a noite toda em Pip, preocupado com ela. Nem sabia onde elas moravam, portanto não podia se desculpar formalmente na esperança de abrandar a posição da sua mãe. Detestava ver Pip afastar-se dele. Mal a conhecia, mas já sentiu muito sua falta.

A guerra entre Pip e a mãe continuou até o início da tarde. Depois elas tiveram mais um daqueles jantares silenciosos. Foi a carinha triste de Pip que finalmente derrubou Ophélie.

— Pelo amor de Deus, Pip, o que ele tem de tão especial? Você nem o conhece direito.

— Conheço, sim. E gosto de desenhar com ele. Ele me deixa ficar sentada ali. Às vezes nós falamos e às vezes não. Gosto de

ficar perto dele.

— É isso que me preocupa, Pip. Ele tem idade para ser seu pai. Por que ia querer fazer amizade com você? Não é uma coisa saudável.

— Talvez ele sinta falta dos filhos. Não sei. Talvez goste de mim. Acho que ele é meio solitário. — Como ela era, só que não disse. Manteve sua teimosia, pronta para defender a causa dos dois.

— Eu poderia ir lá com você um dia, se realmente quiser desenhar com ele. Mas acho que ele não ficaria muito feliz de me ver.

Depois de tudo que falou, seria um milagre se ele não jogasse o cavalete na sua cabeça. E teria razão para isso. Estava começando a imaginar se não tinha tomado uma posição um pouco extremada, ou se expressado de forma exagerada. Tinha-o acusado de ser pedófilo. Mas levou um susto quando viu os dois juntos, e ficou com medo de acontecer alguma coisa com sua filha. Era uma reação normal, embora tivesse se expressado de forma um pouco grosseira.

— Eu posso ver Matt de novo, mamãe? — Pip pareceu animada e esperançosa. — Prometo que nunca irei à casa dele, aliás ele nunca me convidou. — E sentia, com razão, que nunca convidaria. Ele nunca a teria posto nessa posição.

— Vamos ver. Preciso de um tempo para pensar. Talvez ele não queira que você vá lá agora — disse Ophélie realisticamente —, depois de tudo que eu disse. Tenho certeza de que não achou graça nenhuma.

— E eu de que você está arrependida — disse Pip, sorrindo para ela.

— Talvez fosse bom levar Amy junto. Não, acho melhor eu ir até lá com você para me desculpar. Acho que ele merece isso.

— Obrigada, mamãe — disse Pip, com os olhos iluminados de novo. Conquistara uma grande vitória, o direito de ver seu único

amigo.

As duas foram andando pela praia no final da tarde e Pip mal podia se conter, correndo pela beira da água com Mousse. Ophélie ficou bem para trás, tentando pensar no que iria dizer. Estava fazendo isso por Pip.

Mas ao chegarem no lugar onde Pip sempre o encontrava, não viram ninguém. Nem sinal de Matt, do cavalete ou do banquinho retrátil. Ele tinha ficado tão magoado com o acontecimento do dia anterior que não saiu de casa, e, apesar do céu azul, ficou lendo calmamente um livro. Não teve sequer vontade de velejar, o que raramente ocorria. Ophélie e Pip ficaram sentadas juntas na areia por um longo tempo, falando sobre ele, e finalmente voltaram caminhando pela praia de mãos dadas. Pela primeira vez em longo tempo Pip sentiu-se perto da sua mãe de novo. E ela ficou contente de ter pelo menos tentado desculpar-se com Matt.

Da sala de estar, Matt ficou olhando pela janela durante longo tempo. Viu os pássaros, um barco de pesca e uns pedaços de madeira na praia. Mas não viu Pip e a mãe sentadas ali, nem caminhando de mãos dadas. Elas já tinham desaparecido quando olhou para a praia vazia e deserta, como sua vida.

Capítulo 5

NO DIA SEGUINTE, antes da uma da tarde, Pip disse a Amy que ia até a praia ver um amigo. Dessa vez levou uns sanduíches e uma maçã para tentar corrigir o comportamento da mãe. Amy perguntou se sua mãe não se importaria, e Pip lhe garantiu que não. Levou seu presente para ele em uma sacola de papel pardo, esperando que estivesse no lugar de sempre depois da sua ausência do dia anterior. Ficou imaginando o que teria acontecido, pois ele tinha dito que ia lá todo dia, e ela esperava que sua ausência não fosse por culpa da sua mãe. Mas assim que o viu e olhou dentro dos seus olhos, antes que ele desse uma só palavra, percebeu que era. Mesmo dois dias depois ele parecia distante e magoado. Ela foi direto ao assunto.

— Sinto muito, Matt. Minha mãe veio se desculpar ontem, mas você não estava aqui.

— Foi muita gentileza dela — falou, num tom indiferente, imaginando o que a teria levado a fazer isso. Obviamente, Pip. Ela moveria montanhas por ele, e moveu. E isso o comoveu. — Foi uma pena ela ter se perturbado tanto por nossa causa. Ficou muito zangada com você depois que foram embora?

— Durante algum tempo — disse Pip com sinceridade, aliviada de ver Matt relaxado de novo. — Mas disse depois que eu podia vir ver você hoje e sempre que quisesse. Só não posso ir à sua casa.

— Faz sentido. Como você fez para ela concordar com isso? — perguntou interessado, sentando-se confortavelmente no banquinho retrátil, contente de vê-la de novo. Tinha se sentido deprimido na noite anterior com a perspectiva de não poder mais desenhar com ela. Sabia que sentiria falta das suas conversas e confidências. Ela tinha adquirido muita importância para ele, em um tempo incrivelmente curto. Tinha aterrissado como um passarinho brilhante dentro do seu coração. E as profundas lacunas emocionais dos dois foram mutuamente preenchidas. Ela perdera o pai e o irmão, ele perdera os filhos. Matt e Pip precisavam um do outro.

— Fiquei trancada no quarto e me recusei a sair — contou com um risinho. — Acho que ela se sentiu mal depois disso. Minha mãe foi muito grosseira com você. Desculpe... ela não era assim antes. Está sempre preocupada com tudo. Fica zangada às vezes por umas bobagens, outras vezes não liga para nada. Acho que está meio confusa.

— Ou passando por um estresse pós-traumático — disse, em tom compreensivo. Não tinha gostado muito dela naquele dia por razões óbvias. Mas podia compreender seu ponto de vista. Seu tom de voz tinha sido ligeiramente histérico.

— O que quer dizer isso? — Pip perguntou, abrindo a sacola de sanduíches e oferecendo um para ele. Era bom estar ali com Matt de novo. Gostava de conversar com ele e vê-lo pintar. — Aquilo que você acabou de dizer... o que é?

— Obrigado — ele disse, desenrolando o sanduíche e dando uma dentada. — Estresse pós-traumático. É o que acontece depois que ocorre uma coisa muito terrível com alguém. Como se a pessoa estivesse em estado de choque. Sua mãe provavelmente está

assim. Sofreu um imenso golpe quando seu irmão e seu pai morreram.

— E essas pessoas um dia melhoram? Podem ficar curadas? — Preocupava-se com isso há nove meses e não tinha ninguém com quem falar. Não se sentia tão bem conversando com Andrea como se sentia conversando com Matt. Ele era seu amigo, Andrea era amiga da sua mãe.

— Creio que sim. Mas leva tempo. Ela está um pouco melhor agora do que na época do acidente?

— Um pouco — disse Pip, pensando, mas não muito convencida. — Dorme muito mais agora, e não fala tanto quanto costumava. Quase nunca sorri. Mas não chora mais o tempo todo. No início chorava. E eu também... — disse, com um ar envergonhado.

— Eu também choraria se estivesse no seu lugar. Seria estranho se você não chorasse, Pip. Metade de sua família desapareceu. — E a metade que sobrou não parecia uma família, ela pensou, mas por lealdade à mãe não disse nada.

— A mamãe ficou realmente arrependida das coisas que disse no outro dia. — Pip ainda se sentia sem jeito com o comportamento dela.

— Não faz mal — ele disse calmamente —, ela estava certa sob certos aspectos. Eu realmente sou um estranho, e você não sabe muita coisa sobre mim. Podia estar tentando enganar você ou fazer alguma coisa má, como ela disse. Ela tem o direito de desconfiar de mim, e você deveria ter desconfiado também.

— Por quê? Você foi bom comigo e me ajudou a desenhar as patas de trás do Mousse. Foi uma coisa boa que fez para mim. Ainda guardo o desenho no meu quarto.

— Como ficou o desenho? — ele brincou.

— Muito bom. — Ela deu um risinho, e quando ele terminou o sanduíche, ofereceu-lhe a maçã. Matt cortou-a ao meio e passou

uma metade para ela. — Sempre soube que você era uma boa pessoa, desde a primeira vez que vi você.

— Como podia saber? — ele perguntou, divertido.

— Sabendo. Você tem olhos bonitos. — Pip não disse que ficara comovida quando ele contou com tristeza que os filhos moravam muito longe dali. Gostou disso nele. Teria sido pior se não se importasse.

— Você também tem olhos bonitos. Eu gostaria de desenhar seus olhos um dia. Ou talvez pintar você. O que acha da idéia? — Matt pensava nisso desde que se conheceram.

— Acho que a mamãe gostaria muito. Talvez eu pudesse dar o quadro de presente no aniversário dela.

— E quando vai ser? — Ele ainda não era grande fã da mãe dela, mas faria isso por Pip. Além do mais, queria pintar seu retrato. Pip era uma menininha especial, e, agora, sua amiga.

— No dia 10 de dezembro — ela disse solenemente.

— E quando é o seu? — perguntou, interessado. Queria saber mais sobre ela. Pip lembrava muito sua filha Vanessa. Além disso, ele a admirava, ela era uma garotinha corajosa. Mais ainda do que imaginou no início, pois conseguira convencer a mãe a deixá-la voltar a encontrar-se com ele na praia e a arrastara até lá para pedir desculpas. Era um feito e tanto. A mulher que ele vira no domingo parecia que nunca pediria desculpas, a não ser ameaçada com uma arma. Nesse caso, Pip é quem havia segurado a arma.

— Meu aniversário é em outubro. — Pouco depois do dia em que o pai e o irmão dela morreram.

— Como foi seu último aniversário? — ele perguntou.

— Minha mãe e eu saímos para jantar fora. — Mas não contou que tinha sido um drama. Sua mãe quase se esqueceu, não houve festa nem bolo. Foi seu primeiro aniversário depois que seu pai e Chad morreram, um horror. Ficou louca para acabar logo.

— Você e sua mãe saem muito?

— Agora não. Antes saíamos. Meu pai gostava de nos levar a restaurantes. Mas é muito demorado. Um tédio — ela admitiu facilmente.

— É difícil acreditar. Você não parece sentir tédio.

— Não fico entediada quando estamos juntos — disse graciosamente. — Gosto de desenhar com você.

— Também gosto de desenhar com você. — E, com isso, passou-lhe o bloco e o lápis, e ela decidiu desenhar um pássaro, uma das gaivotas atrevidas que vojavam perto deles sempre que possível mas fugiam assim que Mousse começava a caçá-las. Então percebeu que era difícil fazer uma gaivota. Depois de um tempo, voltou de novo para os barcos. Mas depois das poucas vezes em que estivera com ele seu desenho progredira. Ela estava ficando boa, desde que gostasse do que estava desenhando, e com ele acontecia isso também.

Os dois ficaram sentados horas sob o sol, num daqueles dias dourados de Safe Harbour. Pip não tinha pressa de voltar para casa. Estava contente de não ter de mentir mais. Podia dizer a verdade, dizer que estava desenhando com ele na praia. Eram quatro e meia quando finalmente levantou-se. Mousse estava deitado quieto ao seu lado e levantou-se também.

— Vocês já vão voltar? — Matt perguntou com um sorriso caloroso, e ela percebeu que ele se parecia com seu pai quando sorria, só que seu pai não sorria com frequência. Era um homem sério, provavelmente por ser tão inteligente. Todos diziam que ele era um gênio, e Pip achava que tinham razão. Por isso aceitavam a forma como se comportava, e isso lhe agradava. Era como se seu pai pudesse dizer e fazer qualquer coisa que quisesse.

— Minha mãe chega em casa por volta dessa hora. Em geral se cansa muito com a reunião do grupo. Às vezes cai na cama e dorme assim que chega.

— Deve ser bem difícil.

— Não sei. Ela não fala sobre isso. Acho que as pessoas choram muito. — Era uma idéia deprimente. — Volto amanhã ou na quinta-feira, se você puder. — Ela nunca tinha lhe pedido antes, mas eles agora tinham mais intimidade um com o outro.

— Posso sim, Pip. Quando você quiser. Dê lembranças a sua mãe por mim.

Ela fez que sim com a cabeça, agradeceu, acenou e saiu como se fosse uma borboleta voando. Matt ficou vendo os dois desaparecerem na praia, como sempre fazia. Ela era um presente raro que recebera em sua vida. Um passarinho que ia e vinha, batendo as asas, com os imensos olhos carregados de mistério. Suas conversas o comoviam e o faziam sorrir. Ele não pôde deixar de imaginar, ao pensar nela, como sua mãe seria realmente. O pai tinha sido um gênio. Parecia um homem difícil, pelo que ela disse, e um tanto sombrio. E o menino parecia diferente também. Não eram uma família típica. E ela não era de forma alguma uma criança comum. Nem os filhos dele. Eram crianças incríveis. Pelo menos até a última vez em que os tinha visto. Fazia muito tempo. Mas logo parou de pensar nisso.

Ocorreu-lhe, enquanto subia a duna para chegar em casa, que gostaria de levá-la para passear em seu veleiro e ensiná-la a velejar, como fizera com seus filhos. Vanessa tinha adorado, mas Robert, não. Mas em consideração à mãe de Pip sabia que não poderia fazer isso. Ela não o conhecia o suficiente para deixar a filha sair com ele no mar, havia sempre a remota possibilidade de alguma coisa dar errado. Ele não se arriscaria.

Quando Pip chegou em casa ouviu a mãe entrando. Como sempre, parecia esgotada, e perguntou onde Pip tinha estado.

— Fui ver o Matt. Ele mandou lembranças. Desenhei barcos hoje. Não consegui fazer os pássaros, é muito difícil. — Jogou várias páginas sobre a mesa da cozinha, e quando Ophélie examinou-as, viu que os desenhos eram bons. Ficou surpresa de

ver como Pip tinha melhorado. Chad era um pouco artista também, mas tentou não pensar nisso. — Vou preparar o jantar, se você quiser — se ofereceu Pip, e pela primeira vez Ophélie sorriu.

— Vamos jantar fora.

— Não precisa. — Pip sabia que ela estava cansada, mas parecia um pouco melhor naquela noite.

— Pode ser divertido. Que tal? Por que não vamos agora? — Era um grande passo para Ophélie, e Pip reconheceu isso.

— Tudo bem — disse Pip, contente e surpresa. Meia hora depois estavam sentadas em uma mesa para dois no Mermaid Café, um dos dois únicos restaurantes da cidade. Ambas pediram hambúrguer e conversaram animadamente. Era a primeira noite que saíam. Quando voltaram para casa, ambas estavam felizes, alimentadas e cansadas.

Pip foi para a cama cedo naquela noite, e voltou para ver Matt no dia seguinte. Sua mãe não fez objeção quando ela saiu, e parecia relaxada quando Pip voltou. Como sempre, ela jogou os desenhos em cima da mesa. No fim da semana seguinte, havia uma coleção deles, a maioria muito boa. Ela estava aprendendo bastante com Matt.

Na sexta-feira de manhã, ela levou um almoço de novo, passeou com Mousse por uns minutos para procurar conchas, como muitas vezes fazia, e saiu da água com um pulo. Ele sorriu, achando que ela tinha visto um caranguejo ou uma água-viva, e esperou ouvir o latido de Mousse. Mas Mousse começou a ganir, e ele notou que Pip estava sentada na areia segurando o pé.

— Você está bem? — perguntou, sem saber se ela ouvira, pois estava meio distante.

Ela balançou a cabeça, ele pôs de lado o pincel e ficou observando-a um instante. Ela não se mexeu nem se levantou. Ficou sentada ali, segurando o pé. Matt não conseguia ver seu rosto, só a cabeça pendendo para o lado enquanto ela examinava o

pé, e o cachorro ganindo. Foi até lá ver o que tinha acontecido, esperando que ela não tivesse pisado em um prego. Havia muitos pregos enferrujados e soltos na areia ou presos em pedaços de madeira que iam dar na praia.

Mas assim que se aproximou viu que não era um prego, ela havia pisado num caco de vidro, que tinha feito um corte feio na sola do pé.

— Como isso aconteceu? — perguntou, sentando-se ao seu lado e vendo uma porção considerável de sangue na areia e o pé sangrando em profusão.

— O caco de vidro estava debaixo de uma alga em que pisei — ela respondeu bravamente, mas ele percebeu logo sua palidez.

— Está doendo muito? — perguntou solícito, segurando o pezinho dela com cuidado.

— Não muito — ela mentiu.

— Aposto que está. Deixe eu dar uma olhada nisso. — Queria ter certeza de que não tinha sobrado nenhuma ponta de vidro lá dentro. Parecia uma lasca limpa, mas o corte era fundo.

Pip olhou para ele com ar preocupado.

— Está tudo bem?

— Vai ficar bem, depois que eu tirar seu pé fora. Você nem vai sentir falta dele. — Apesar da dor, ela riu, mas parecendo assustada. — Você pode desenhar com um pé só — ele disse, levantando-a. Pip era leve como uma pluma e ainda menor do que parecia. Ele não queria que entrasse areia no machucado, mas achava que já tinha entrado. No mesmo instante, lembrou-se das advertências da mãe dela de não ir à sua casa. Mas não podia deixá-la ir andando até em casa com aquele corte no pé, e estava quase certo de que precisaria levar pontos, embora não lhe dissesse isso. — Sua mãe vai ficar com raiva da gente, mas vou ter de levar você para minha casa para limpar seu pé um pouco.

— Vai doer? — Ela parecia ansiosa e ele sorriu com ar sereno, e foi carregando-a pela praia, com Mousse atrás. Deixou seu equipamento de pintura para trás, sem pensar.

— Não vai doer mais que os gritos da sua mãe conosco — disse, para distraí-la. Mas os dois notaram que estavam deixando um rastro de sangue enquanto subiam a duna. Em poucos passos chegaram na porta, e entraram diretamente na cozinha. Deixaram um rastro de sangue no chão também. Ele sentou-a na mesa da cozinha e levantou o pé dela com cuidado para colocá-lo na pia. Poucos segundos depois havia sangue por todo lado, e nele também.

— Vou ter de ir para o hospital? — ela perguntou nervosa. Seus olhos pareciam enormes no rosto pálido. — Chad cortou a cabeça uma vez e sangrou por todo lado e teve de levar pontos. — Ela não queria dizer que ele teve um ataque e ficou batendo com a cabeça na parede. Tinha uns 10 anos na época, e ela 6, mas lembrava-se perfeitamente. Seu pai tinha gritado com sua mãe e com Chad também. E a mãe dela ficou chorando. Foi uma cena muito feia.

— Vamos dar uma olhada. — O corte não lhe pareceu nada melhor do que na praia. Levantou-a e sentou-a na borda da pia para a água escorrer no pé, mas a água descia vermelha no ralo. — Bom, minha amiguinha, vamos enrolar uma toalha nisso. — Pegou uma toalha limpa de uma prateleira e ela notou que sua cozinha era quente e aconchegante, embora tudo parecesse velho e gasto. Mas era calorosa assim mesmo. — Depois de enrolar o pé na toalha, acho que vou entregar você para sua mãe. Ela está em casa hoje?

— Está, sim.

— Ótimo. Vou levar você de carro até em casa para você não ter de andar. Que tal?

— Muito bom. Depois a gente vai ter de ir para o hospital?

— Vamos ver o que sua mãe diz. A não ser que você queira cortar a perna aqui. Leva só um minuto, se Mousse não atrapalhar.

— Mousse estava sentado obedientemente no canto, observando-os com toda a tranqüilidade. Pip riu quando ele disse isso, mas continuava pálida, e ele achou que o pé estava doendo muito. Tinha razão, mas ela não admitiu. Tentava ser corajosa.

Matt enrolou o pé na toalha, como disse, e carregou-a de novo, pegando as chaves do carro no meio do caminho. Mousse seguiu-os por trás da casa e entrou no banco traseiro da caminhonete assim que Matt abriu a porta. Quando Pip foi sentada no banco do carona, havia uma grande mancha de sangue vivo na toalha empapada.

— Está feio mesmo, Matt? — ela perguntou quando iam para casa, e ele tentou não parecer preocupado.

— Não, mas também não está lindo. As pessoas não deviam jogar vidro na praia. — O vidro tinha cortado como se fosse uma faca.

Cinco minutos depois chegaram na casa de Pip e Matt carregou-a para dentro, seguido de Mousse. A mãe estava na sala e ficou assustada quando levantou os olhos e viu os dois ali, Pip nos braços de Matt.

— O que aconteceu? Pip, você está bem? — Ophélie ficou aflita no mesmo instante e aproximou-se.

— Eu estou bem, mamãe. Só cortei o pé. — Os olhos de Matt encontraram os de Ophélie. Era a primeira vez que ele a via desde o dia em que sugeriu que ele podia ser pedófilo, quando o encontrou na praia com Pip.

— Ela está bem? — perguntou para ele notando o cuidado com que Matt a punha na cadeira e desenrolava seu pé.

— Acho que sim. Mas é melhor você dar uma olhada. — Não queria falar na frente de Pip que talvez ela tivesse de levar uns pontos, mas assim que Ophélie a examinou chegou à mesma conclusão.

— É melhor irmos a um médico. Acho que vai precisar de uns pontos, Pip — disse a mãe com calma, e os olhos de Pip encheram-se de lágrimas e Matt deu umas palmadinhas em seu ombro.

— Só um ou dois — disse, afagando a cabeça da menina com carinho e sentindo os cachos sedosos.

De repente ela deixou de lado a valentia e começou a chorar, depois de controlar-se durante todo o tempo para que ele não a considerasse uma boboca.

— Eles vão anestesiá-lo o pé primeiro, isso me aconteceu no ano passado. Não vai doer nada.

— Vai, sim! — ela gritou para os dois, parecendo pela primeira vez ter 11 anos de idade. Tinha direito. O corte era feio e estava sangrando muito. — Não quero levar pontos! — disse, afundando o rosto no colo da mãe.

— Depois a gente vai fazer alguma coisa divertida, eu prometo — disse Matt, olhando para Ophélie, sem saber se devia ir embora. Não queria bancar o intruso. Mas ela parecia grata por ele estar ali, e Pip também. Ele era uma influência calmante para as duas. Era uma pessoa paciente e bem-humorada, e às vezes demonstrava isso.

— Há algum médico por aqui? — perguntou Ophélie, preocupada.

— Há uma clínica atrás do mercadinho. E uma enfermeira. Ela me costurou no ano passado. O que você acha? Ou posso levar vocês à cidade. Não me importo, se preferir.

— Por que não vamos até a clínica para ver o que a enfermeira diz?

Pip foi choramingando, e Matt contando histórias engraçadas para distrair as duas, o que causou um certo alívio. Assim que a enfermeira viu o corte, concordou com Matt e Ophélie. E fez exatamente o que Matt disse que ela faria. Deu uma injeção para anestesiá-lo o pé, depois costurou-o. Foram necessários sete pontos

e um curativo grande para cobrir o corte, e Pip teve de ficar com o pé fora do chão durante vários dias, e voltar uma semana depois para tirar os pontos. Matt carregou-a para o carro, ela parecia exausta depois daquela brincadeira.

— Posso levar vocês para almoçar? — perguntou, quando foram passando pela cidadezinha, mas Pip disse com uma vozinha fraca que estava meio enjoada e preferia voltar logo para casa. Ao chegarem, ele deitou-a com cuidado no sofá. Sua mãe ligou a televisão e cinco minutos depois ela pegou no sono.

— Obrigada por ter sido tão gentil conosco — disse Ophélie, grata.

Matt achou difícil acreditar que ela fosse a mesma mulher que criara um caso com ele na praia. Aquela mulher era gentil, com os olhos mais tristes que ele já vira, muito mais tristes que os de Pip. Tinha o mesmo ar desprotegido da filha, o que lhe deu vontade de passar os braços em volta dela também. Tudo que tinha sofrido estampava-se nos seus olhos e no seu rosto. Mas notou que apesar disso ela era uma mulher bonita, parecendo surpreendentemente moça para sua idade.

— Tenho de confessar — disse ele com um ar preocupado, mas achando que seria melhor dizer logo, mesmo que ela ficasse com raiva — que a levei para casa para limpar o pé. Ficamos lá só cinco minutos, depois viemos direto para cá. Não teria feito isso, mas ela estava sangrando demais e eu precisei buscar uma toalha para enrolar seu pé.

— Foi uma sorte você estar lá. Eu compreendo. Obrigada por me contar.

— Pensei em trazer Pip direto para cá, sabendo que você não queria que ela fosse na minha casa, mas quis examinar bem o corte. Estava mais feio do que eu pensava.

— Estava mesmo. — Ela tinha se sentido enjoada quando viu a enfermeira dar os pontos. Sentira a mesma coisa no dia em que

Chad abriu a cabeça. Foi um dia horrível. Dessa vez foi tudo mais simples, graças a Matt, eles foram depressa para a clínica e ficaram distraído Pip ao longo do caminho. Ela compreendia agora o que Pip tinha visto nele. Matt era um homem especialmente gentil. — Obrigada por ser tão bom conosco. Você facilitou muito as coisas para ela. E para mim.

— Sinto muito o que aconteceu. É perigoso deixar vidro na praia. Eu sempre pego os cacos quando encontro algum. Podem acontecer coisas como essa. — Olhou para Pip e sorriu, vendo-a dormir.

— Posso lhe oferecer alguma coisa para comer? — disse ela com gentileza, mas ele hesitou. Já tinham acontecido coisas demais naquela manhã.

— Você deve estar cansada. É sempre difícil ver os filhos se machucarem. — Estava se sentindo um pouco cansado também. A manhã tinha sido desgastante em termos emocionais.

— Estou bem. Posso fazer uns sanduíches. Não dá muito trabalho.

— Tem certeza?

— Absoluta. Quer um copo de vinho?

Ele recusou e preferiu uma Coca, e um instante depois ela apareceu com um prato de sanduíches. Apesar da sua constante letargia naqueles dias, parecia calma e eficiente. E os dois ficaram se olhando na mesa da cozinha.

— Pip disse que você é francesa, mas não dá para notar. Fala inglês incrivelmente bem.

— Aprendi inglês na escola quando era criança, e já passei aqui mais de metade da minha vida. Vim fazer faculdade e me casei com um dos professores.

— O que veio estudar?

— Estava me preparando para estudar medicina. Mas não cheguei a entrar na faculdade. Terminei o curso preparatório e me

casei. — Não mencionou que tinha ido para Radcliffe, pois podia parecer muito pretensioso da sua parte.

— Tem pena de não ter ido para a faculdade de medicina? — ele perguntou, interessado. Assim como a filha, ela era uma mulher intrigante.

— Nunca. Acho que não teria sido uma boa médica. Fiquei enjoada quando vi a enfermeira costurar o pé de Pip.

— É diferente quando se trata de um filho. Eu senti a mesma coisa quando fiquei olhando, e ela nem é minha filha.

Isso lhe fez lembrar o que Pip contara sobre ele.

— Pip me disse que seus filhos estão na Nova Zelândia. — Mas assim que falou viu pelos olhos dele que era um assunto difícil. — Que idade eles têm?

— Têm 16 e 18 anos.

— Meu filho faria 16 em abril — ela falou com tristeza, e então os dois acharam melhor mudar de assunto.

— Eu estudei no Instituto de Belas Artes em Paris durante um ano quando estava na faculdade — ele falou. — Que cidade espetacular! Não vou lá há muitos anos, mas costumava ir sempre que tinha oportunidade. O Louvre é o melhor lugar do mundo para mim.

— Levei Pip lá no ano passado e ela odiou. É um pouco sério demais para ela. Mas gostou do café internacional do subsolo. Achou quase melhor que o McDonald's. — Os dois riram dos preconceitos culturais e culinários das crianças.

— Você vai lá sempre? — Ele estava curioso sobre ela. E ela sobre ele agora.

— Em geral, todo verão. Mas não quis ir este ano. Safe Harbour me pareceu mais fácil e mais repousante. Eu costumava ir à Inglaterra quando era criança, e aqui me lembra um pouco aqueles tempos.

Matt surpreendeu-se ao admitir para si mesmo que tinha gostado dela. Parecia uma mulher simples, calorosa e honesta, não a esposa de um homem que tinha feito uma imensa fortuna e comprado seu próprio avião. Parecia prática e despretensiosa. Embora não pudesse deixar de notar que por baixo das mechas do seu cabelo longo e louro ela usava brincos de brilhante, e um lindo suéter de cashmere preto. Mas aquele luxo parecia inconseqüente e era suplantado por seu modo gentil e por sua beleza. Era uma mulher muito bonita. E ele notou que ainda usava a aliança lisa de ouro, o que o comoveu. Sally jogou a dela fora no dia em que o deixou. Naquela época, quando soube disso, ele quase morreu. Gostou de ver que Ophélie ainda usava a dela. Um gesto de amor e respeito por seu falecido marido. E ele admirou-a por isso.

Os dois ficaram conversando até terminar o almoço, e se surpreenderam ao ver quanto tempo tinha passado quando finalmente Pip se mexeu. Mas estava só resmungando, e virou-se de lado no sofá quando Mousse deitou no chão perto dela.

— Esse cachorro adora Pip, não é? — Matt comentou, e Ophélie assentiu.

— Era do meu filho, na verdade, mas adotou Pip agora. Ela adora o Mousse.

Pouco depois Matt levantou-se para ir embora, agradeceu o almoço e sugeriu que ela fosse até a praia com Pip um dia. Falou do seu barco à vela também, e ofereceu-se para levar as duas para um passeio quando Ophélie disse que adorava o mar.

— Acho que ela não vai poder andar durante uma boa semana — disse ele, com uma ponta de tristeza. Ia sentir falta dela.

— Você pode vir aqui visitá-la, se quiser. Sei que ela adoraria ver você.

Era difícil acreditar, quando olhou para ela, que aquela mulher fosse a mesma que duas semanas antes o proibira de ver sua filha. Mas as coisas tinham mudado nesse meio-tempo. Por causa da

firme lealdade de Pip, Ophélie passou a confiar nele. E depois daquela manhã sentiu-se grata e até mesmo gostou dele. Podia ver por que Pip tinha feito aquela amizade. Tudo nele sugeria que ele era uma boa pessoa. E ela notou, como Pip, que ele se parecia ligeiramente com seu marido. Mais em tamanho, forma, gestos e colorido do que em feições, porém tinha alguma coisa que fazia Ophélie sentir-se bem ao seu lado.

— Obrigado pelo almoço — ele disse educadamente.

Ophélie deu seu número de telefone e ele prometeu ligar antes de vir. Disse que daria uns dias para Pip se recuperar antes de telefonar.

Pip ficou altamente desapontada quando acordou e descobriu que Matt tinha ido embora. Tinha dormido quase quatro horas, e depois disso o efeito da anestesia passou. O pé começou a doer muito, como a enfermeira avisou que poderia acontecer por uns dois dias. Ophélie lhe deu uma aspirina e cobriu-a com um cobertor, na frente da televisão, e Pip voltou a dormir até a hora do jantar.

Ainda dormia quando Andrea telefonou, e Ophélie contou o que acontecera. E comentou sobre a participação de Matt.

— Ele não me parece um molestador de crianças. Você é que podia molestá-lo um pouco — disse Andrea com uma risadinha. — Se não, pode deixar comigo. — Ela não namorava desde o bebê, e estava ficando indócil. Gostava de companhia masculina, e estava de olho em um pai do playground. Tinha sempre namorado homens do escritório, muitos deles casados. — Por que não o convida para jantar?

— Vamos ver — disse Ophélie vagamente. Tinha gostado de almoçar com Matt, mas não pensava em ficar atrás dele, nem atrás de ninguém. Sentia como se ainda estivesse casada. Falava sobre isso no seu grupo com frequência, e não podia imaginar se sentindo de outra forma. A idéia de ser solteira de novo dava-lhe arrepios. Esteve apaixonada por Ted durante vinte anos, e nem mesmo a

morte mudaria isso. Apesar de tudo o que tinha acontecido, seu amor por ele nunca havia diminuído.

— Vou ver você esta semana — prometeu Andrea. — Por que não o convida para jantar quando eu for? Quero conhecer esse homem.

— Você não tem jeito — riu Ophélie para sua velha amiga.

Elas conversaram por mais algum tempo e depois desligaram. Ophélie carregou Pip para o quarto e a pôs para dormir, e só então percebeu que não fazia isso há anos. Era como se estivesse acordando lentamente de um sono profundo. Ted e Chad tinham morrido há dez meses. Era difícil acreditar. Fazia quase um ano que sua vida fora totalmente despedaçada. Ela não juntara os pedaços ainda, mas aos poucos estava encontrando-os aqui e ali, e um dia talvez tivesse sua vida de volta. Mas ainda não era chegado o tempo. Sabia que ainda tinha um longo caminho a percorrer. Foi bom ter um convidado naquela tarde, mas ainda se sentia como uma mulher casada recebendo um hóspede. A idéia de namorar era inconcebível, embora não fosse para Andrea.

Mas foi isso que impressionou Matt quando ele se sentou à mesa com ela. Gostou da sua dignidade, gentileza e graça. Não havia nada direto nem forçado. Havia tido a mesma sensação que Ophélie no início, quando pensava em namorar. Levou anos e anos para esquecer Sally. E agora percebia que seus sentimentos tinham se acalmado. Não a amava e não a odiava mais. Não sentia nada por ela. E onde seu coração tinha existido, havia um espaço vazio. O máximo que tinha conseguido, pelo menos em sua cabeça, era fazer amizade com uma menina de 11 anos de idade.

Capítulo 6

A SEMANA DE RECUPERAÇÃO de Pip foi frustrante. Ela ficava sentada no sofá da sala vendo televisão e lendo, e quando Ophélie tinha vontade jogavam cartas. Mas, na maior parte do tempo, Ophélie continuava ausente demais para jogar com ela. Pip ficava desenhando em uns pedaços de papel soltos pela casa, mas o que mais a aborrecia era não poder descer para a praia e encontrar-se com Matt, pois não podia deixar entrar areia no ferimento. Desde o dia em que cortou o pé, o tempo estava lindo, o que tornava seu encarceramento ainda pior.

Já estava em casa há três dias, em prisão domiciliar, quando Ophélie decidiu dar uma volta e andou sem perceber em direção à praia. Caminhou e, depois de algum tempo, para sua surpresa, viu Matt junto do cavalete. Estava trabalhando com afinco, muito concentrado no que fazia. Ela hesitou, como Pip fez de início, e manteve-se a distância. Depois de algum tempo, Matt sentiu sua presença, virou-se e viu-a de pé ali, relutante, muito parecida com a filha. Quando sorriu, ela finalmente se aproximou.

— Olá, como vai? Não queria interromper — disse, com um sorriso encabulado.

— Sem problema — ele falou, com sinceridade. — Gosto de interrupções. — Usava camiseta e jeans, e ela pôde ver que ele estava em boa forma. Tinha braços fortes e ombros largos, e um aspecto agradável. — Como vai Pip?

— Entediada. Ter de ficar com o pé fora do chão está deixando a pobrezinha maluca. Ela sente falta da praia e de você.

— Vou visitá-la, se você deixar — disse com cuidado. Não queria ser intruso para a menina nem para a mãe.

— Ela adoraria.

— Acho que vou dar uns deveres para ela fazer.

Ophélie notou que ele estava pintando um mar de ondas altas e volumosas em um dia de tempestade, e um barquinho à vela sendo castigado por elas. A pintura era forte e de certa forma tocante. Dava a sensação de solidão e isolamento, e da impiedade do mar.

— Gostei do seu trabalho — disse com sinceridade. A pintura era linda, e muito bem-feita.

— Obrigado.

— Você sempre trabalha com aquarela?

— Não, prefiro óleo. Gosto de fazer quadros grandes. — Lembrou então que tinha prometido fazer o retrato de Pip para o aniversário da sua mãe. Queria começar antes que ela fosse embora de Safe Harbour, mas por causa do acidente não teve tempo de fazer o esboço preliminar. Tinha uma imagem clara na cabeça de como iria pintá-la.

— Você mora aqui o ano todo? — ela perguntou, interessada.

— Moro. Estou aqui há quatro anos.

— Deve ser solitário no inverno — disse com calma, sem saber se devia sentar na areia ou continuar de pé ao lado dele. Achou que seria melhor esperar um convite, como se esta parte da praia fosse seu território privado. Como um escritório.

— É calmo aqui. Gosto dessa paz. Isso me convém.

Quase todos os moradores do condomínio vinham para a praia só no verão. Algumas pessoas moravam o ano inteiro na faixa entre a praia e o condomínio fechado, mas não muitas. A praia e o vilarejo ficavam desertos no inverno. Ele parecia um homem solitário, ou pelo menos isolado, mas não infeliz. Parecia tranqüilo e muito à vontade em sua própria pele, como diriam os franceses.

— Você vai muito à cidade? — ela perguntou curiosa. Era fácil ver por que Pip gostava dele. Matt não falava demais, e tinha um jeito de fazer as pessoas se sentirem confortáveis ao seu lado.

— Quase nunca. Não tenho mais razão para ir lá. Vendi minha empresa há dez anos quando me mudei para cá. Estava só dando uma parada para voltar à ativa de novo, mas com o desenrolar dos acontecimentos acabei ficando aqui.

A venda da agência de publicidade na alta do mercado lhe permitira fazer isso, mesmo depois de dar a parte de Sally. E uma pequena herança que recebera dos pais depois disso lhe permitira ficar. Tudo o que queria no início era um ano afastado para depois recomeçar, mas Sally foi para a Nova Zelândia e ele ia lá a toda hora para ver os filhos. Quando deixou de ir, quatro anos depois, perdeu o interesse em abrir outro negócio. Resolveu ficar apenas com a pintura. Tinha feito várias exposições individuais ao longo dos anos, mas não queria fazer mais. Não precisava exhibir sua arte, queria apenas trabalhar.

— Eu adoro isso aqui — disse Ophélie, afundando na areia a uns três metros de distância. Perto o suficiente para vê-lo trabalhar e conversar com ele, mas não perto demais para que um dos dois se sentisse invadido. Tinham cuidado com o espaço um do outro e, como Pip fazia às vezes, Ophélie ficou observando-o em silêncio, até que ele finalmente falou.

— Aqui é um lugar bom para as crianças — disse, olhando de perto para o trabalho e depois a distância. — É bem seguro, e elas podem correr pela praia. Muito mais simples que a vida da cidade.

— Eu gosto da proximidade da cidade. Posso ir e voltar facilmente, deixando Pip aqui. Não temos de ir a lugar algum, só ficar aqui.

— Gosto disso também. — Sorriu para ela, e decidiu fazer-lhe mais perguntas. Estava curioso, embora já soubesse de algumas coisas. Ela era obviamente inteligente, mas ao mesmo tempo nervosa e quieta. — Você trabalha? — Achava que não. Ela não mencionara isso no almoço, e Pip nunca dissera nada também.

— Não. Eu trabalhei, muito tempo atrás, quando morávamos em Cambridge, antes de mudarmos para cá e as crianças nascerem. Depois não trabalhei mais, pois qualquer coisa que fizesse não seria o suficiente para pagar uma babá, então não fazia muito sentido. Eu trabalhava no laboratório de bioquímica de Harvard. — Ted tinha lhe arranjado o emprego, que se encaixava com seus planos de estudar medicina, até ela desistir dos seus sonhos completamente. Ted era o único sonho que ela queria ou precisava. Ele e os filhos eram todo o seu mundo.

— Uma atitude muito lógica. Você pensa em voltar algum dia? A estudar medicina?

Ophélie riu quando respondeu:

— Estou muito velha. Entre a escola de medicina, a residência e o estudo para defesa da tese eu teria 50 anos quando me formasse. — Tinha 42 agora, e seus sonhos de ser médica haviam se esvaído há muito tempo.

— Há gente que faz isso. Pode ser divertido.

— Teria sido, eu acho. Mas eu estava feliz do lado do meu marido. — De várias formas, ela era ainda muito francesa, se satisfazia com um papel secundário junto dele. Mas não via as coisas dessa maneira, via-se como um sistema de apoio, uma torcida que o encorajava nas horas difíceis. Essa foi a principal razão do casamento ter durado. Ted precisava dela como um elo com o mundo real. Ela era a pessoa que não o deixava enlouquecer

quando as coisas estavam piores. E agora não havia ninguém para fazer o mesmo por ela, a não ser sua filha. — Andei pensando ultimamente em arranjar um emprego. Para ser sincera, outras pessoas têm pensado nisso por mim. Basicamente, meu grupo e minha melhor amiga. Acham que eu preciso me ocupar com alguma coisa. Pip fica na escola o dia inteiro e eu não tenho muita coisa para fazer. — Depois da morte de Ted e Chad, seu trabalho tinha quase terminado. Chad a mantinha mais que ocupada, com suas várias dificuldades e muitos problemas. E Ted também exigia atenção. Mas Pip não, ela estudava durante o dia e saía com as amigas nos fins de semana. Vivia surpreendentemente ocupada e era auto-suficiente. E Ophélie se sentia como se tivesse perdido não só metade da sua família mas seu trabalho também. — Mas não sei o que eu poderia fazer. Não tenho nenhuma experiência formal.

— O que gostaria de fazer? — ele perguntou, interessado, olhando-a de vez em quando. A maior parte do tempo, conversava sem parar de pintar, e Ophélie gostou disso. Podiam conversar sem que seus sentimentos fossem muito focalizados ou examinados. Era quase como uma terapia quando ela se abria com ele, como Pip tinha feito.

— É constrangedor dizer isso, mas não tenho certeza. Há muito tempo não faço nada para mim mesma, nem tenho vontade de fazer. Vivi sempre ocupada com meus filhos e com meu marido. Mas Pip parece precisar muito menos de mim que Ted e Chad precisavam.

— Não tenha tanta certeza disso — Matt falou com calma. Queria lhe dizer que a menina era obviamente solitária, mas não disse. — Que tal fazer algum trabalho voluntário? — Era claro, pela casa que ela alugava e pelo fato de o seu marido ter tido seu próprio avião, que não precisava de dinheiro.

— Andei pensando nisso — Ophélie falou, pensativa.

— Eu dava aula de desenho em um hospital de doenças mentais. Era maravilhoso. Uma das melhores coisas que fiz na vida. Eles me ensinaram mais do que eu a eles sobre vida, paciência e coragem. Eram pessoas fantásticas. Parei com as aulas quando me mudei para cá. — Mas não era bem isso, ele parou quando se aprofundou na depressão, quando deixou de ver os filhos. E quando superou, ou pelo menos melhorou, começou a sentir-se feliz sozinho ali e raramente ia à cidade.

— Os doentes mentais podem ser pessoas extraordinárias — disse ela, e a forma como falou fez com que ele se virasse para olhá-la. Viu imediatamente em seus olhos que ela conhecia bastante bem o assunto. Seus olhos se encontraram e ele virou-se para sua pintura. Teve medo de repente de perguntar por que ela dissesse aquilo, mas ela pressentiu a pergunta.

— Meu filho era maníaco-depressivo... bipolar... sua doença foi uma luta, mas ele era muito corajoso. Tentou cometer suicídio duas vezes um ano antes de morrer. — Foi um enorme gesto de confiança ter lhe contado isso, mas pelo seu carinho com Pip ela sabia que ele era compassivo e compreensivo.

— Pip sabe disso? — Ele pareceu abalado.

— Sabe. Foi muito difícil para ela. Na primeira vez, fui eu que o encontrei, na segunda foi ela. Foi muito traumático.

— Pobre menina... e pobre menino... como foi isso? — Entregou-se de todo coração a ouvi-la e observá-la.

— Na primeira vez, ele cortou os pulsos e fez um curativo depois, graças a Deus. Na segunda, tentou se enforcar. Pip entrou no quarto para perguntar alguma coisa e o encontrou lá. Ele já estava azul e quase morreu. Ela me chamou, nós o tiramos de lá, mas o coração tinha parado. Eu fiz massagem cardíaca nele até os paramédicos chegarem, e eles o salvaram. Tiveram de fazer desfibrilação, ele esteve à beira da morte. Foi um horror. — Ela mal respirava quando disse isso, ainda perseguida pela lembrança de

tudo. Mesmo agora, às vezes sonhava com essa cena. — Ele estava bem melhor quando morreu, por isso o mandei para Los Angeles com o pai naquele dia. Ted tinha umas reuniões e eu achei que seria divertido para Chad ir com ele. Os dois não passavam muito tempo juntos. Ted era muito ocupado. — E negava praticamente todos os problemas de Chad, mas não disse isso. Mesmo depois das tentativas de suicídio, Ted insistia firmemente que ele tinha feito aquilo para chamar a atenção, não por um motivo mais grave.

Mas Matt conhecia os homens, e as crianças.

— Como ele se relacionava com o filho? Tinha dificuldade de aceitar sua doença?

Ela hesitou, depois assentiu.

— Muito. Ted sempre pensou que ele superaria isso. Recusava-se a aceitar que Chad estivesse muito doente, por mais que os médicos dissessem. Toda vez que as coisas melhoravam, achava que a guerra tinha terminado. E eu achava também, no começo. Ted nunca pensou que houvesse uma guerra, vivia dizendo que eram problemas, que eu o mimava, que ele precisava de uma namorada. Acho que é difícil os pais admitirem que têm um filho doente, que será sempre doente e não poderá melhorar. Melhora durante algum tempo, com uma boa medicação, muito trabalho e esforço, mas a doença não vai embora. Fica ali para sempre.

Ela parecia ter uma boa idéia da coisa, mas tinha aprendido as lições a um alto preço, e nunca negou nada. Achava, desde que Chad era pequeno, que ele tinha problemas sérios, por mais brilhante e charmoso que fosse. Ele era brilhante, como o pai, mas era também profundamente doente. Foi Ophélie quem detectou o problema, até ter um diagnóstico. Mesmo assim, Ted recusou-se a acreditar. Dizia que os psiquiatras eram charlatões e que os exames não eram conclusivos. Não havia nada de pouco conclusivo nas tentativas de suicídio de Chad, nas suas crises maníacas, nas

noites sem dormir ou nas depressões desesperadas. A medicação e a terapia tinham abrandado as crises, mas não solucionado o problema de forma adequada. Na época em que Chad morreu, Ophélie tinha aceitado que ele seria eternamente doente. Mas Ted nunca aceitou. Não conseguiu enfrentar isso até o final. Ter um filho com transtorno mental era inaceitável para ele.

E sua maior tristeza, seu maior pecado, a seu ver, foi mandar Chad para Los Angeles com o pai. Precisava de um descanso, de passar um tempo em paz com Pip, sem se preocupar com o filho nem ser perturbada por ele. Chad precisava de muita atenção. Só ela sabia que tinha mandado o garoto viajar por dois dias para ter um pouco de sossego, não tanto para melhorar seu relacionamento com o pai. Sabia que, por mais que vivesse e por mais grupos que freqüentasse, nunca se perdoaria por isso. Mas não disse nada a Matt. Tinha de viver com aquilo, por mais que lhe custasse.

— Você passou por muita coisa, não apenas a tragédia do acidente. Deve ter sido particularmente difícil saber que salvou seu filho duas vezes e depois perdeu-o em um acidente como esse.

— Destino — ela disse calmamente. — Nós estamos nas mãos do destino, não podemos fazer nada para controlar isso. Graças a Deus não mandei Pip também — disse, embora isso nunca tivesse estado em questão.

Ted nem queria levar Chad, o menino sempre o irritava e o deixava nervoso, e Chad tampouco estava entusiasmado com a viagem. Os dois concordaram finalmente, por insistência dela. Mas Ted nunca teria levado Pip. Ela era muito pequena para viajar com ele, a seu ver, e ele não lhe dava muita atenção. Tinha cuidado dela nos seus dias de pobreza, mas depois ficou muito ocupado. A única solução melhor, fora o acidente não ter acontecido, teria sido todos morrerem juntos no avião. Muitas e muitas vezes Ophélie tinha desejado isso. Teria sido muito mais simples.

— Você gostaria de fazer trabalho voluntário com crianças com problemas mentais? — Matt perguntou com cuidado, tentando sair do assunto do filho que ela tinha perdido e do seu falecido marido. Inevitavelmente, viu nos olhos dela seu sofrimento desesperador.

— Não sei — Ophélie respondeu, olhando para o mar e pensando naquilo, enquanto esticava as pernas na areia. — Eu vivi muitos anos com o problema de Chad, de forma tão intensa às vezes que gostaria de usar o que aprendi para ajudar os outros, mas talvez fosse melhor fazer outra coisa. Não quero lutar essa guerra para sempre. Pelo menos para mim, a guerra acabou. Talvez o ideal fosse fazer uma coisa diferente. Posso estar sendo egoísta, mas estou sendo sincera.

Parecia ser sincera, acima de tudo, e sensata, carinhosa e sofrida. Quem não seria depois de tudo isso? Matt sentiu grande compaixão e respeito por aquela mulher, e mais por Pip agora. Ela também tinha passado por muita coisa para uma menina da sua idade.

— Talvez você esteja certa. Talvez deva afastar-se disso tudo, fazer alguma coisa mais alegre. Que tal algum tipo de trabalho com crianças? Com meninos que fogem de casa, crianças ou famílias sem-teto? Há muita coisa boa a ser feita.

— Parece interessante. É incrível o número de gente perdida que vemos nas ruas hoje em dia, mesmo na França, não só aqui. É um problema no mundo todo.

Falaram sobre os sem-teto durante algum tempo, e sobre os problemas políticos e econômicos que consideravam responsáveis por isso. Pelo menos naquele momento, o problema parecia insolúvel, mas foi uma conversa interessante entre os dois, e obviamente muito mais adulta do que as coisas que ele discutia com Pip enquanto lhe ensinava a desenhar. Ele gostava das duas, e sentia-se feliz por seus caminhos terem se cruzado, por tê-las conhecido.

Ophélie levantou-se pouco depois e disse que tinha de voltar, e quando ele mandou lembranças para Pip, teve uma idéia.

— Por que você não faz isso pessoalmente? — disse sorrindo.

Tinha se divertido no tempo que passou conversando com ele, e não se arrependeu de ter falado sobre Chad. Compreendeu por que Pip gostava tanto dele e pareceu-lhe importante contar como sua filha tinha sido corajosa, contar todas as coisas pelas quais tinha passado e o que tinha perdido. Uma bagagem pesada para uma criança e para ela também, e ele tinha a sua também, muito maior do que ela imaginava. Em certa idade, não importava qual fosse, todo mundo tinha bagagens de sofrimentos e cicatrizes, mágoas e muitas vezes até mesmo vidas destroçadas. Ninguém passava incólume, às vezes nem crianças da idade de Pip. Ophélie gostava de pensar que isso deixaria Pip mais forte no futuro, e talvez mais cuidadosa, mas não tinha certeza do que aconteceria consigo mesma. Os tipos de cicatrizes na alma de cada pessoa determinavam quem ela se tornaria. Podiam enriquecer o espírito ou abatê-lo. O segredo da vida era sobreviver aos danos e aceitar as cicatrizes. Mas na verdade nenhum coração saía incólume. A própria vida era real demais. E para amar alguém, namorado ou amigo, a única escolha era ser realista.

— Vou telefonar para Pip — disse Matt, em resposta ao que ela disse. Sentiu-se mal de não ter telefonado ainda. Mas não queria ser um intruso para Ophélie.

— Por que não vai jantar conosco hoje? A comida é horrível, mas sei que ela vai gostar de ver você, e eu também. — Foi o convite mais simpático que ele recebeu em anos, o que lhe fez sorrir.

— Seria ótimo. Tem certeza de que não vou incomodar?

— Ao contrário. Será ótimo. Na verdade, acho que vou fazer uma surpresa para Pip se você resolver que vai. Sete horas está

bom? — O convite foi inteiramente inocente e ingênuo. Ophélie gostava de conversar com ele, e Pip também.

— Perfeito. Posso levar alguma coisa? Lápis? Vinho? Uma borracha?

Ela riu, e ele teve uma idéia.

— Basta sua presença. Pip vai ficar encantada. — Ele não acrescentou “Eu também”, mas teve vontade, e sentiu-se como uma criança. Eram boas pessoas, duas ótimas pessoas, que tinham sobrevivido a muita tristeza, tragédia e sofrimento. Quanto mais sabia dos seus problemas, mais respeito sentia por elas, especialmente depois daquele dia. O que ela contara sobre seu filho lhe pareceu uma verdadeira agonia.

— Até mais tarde — falou com um sorriso, quando ela deu adeus e foi andando pela praia. Ficou observando-a, pensando de novo em como ela se parecia com Pip.

Capítulo 7

PIP ESTAVA DEITADA no sofá com um ar entediado, com o pé em cima de um travesseiro, quando a campainha tocou. Ophélie foi atender, sabendo quem era. Matt chegou na hora certa. Usava uma camisa cinza de gola rulê e jeans, e trazia uma garrafa de vinho. Ophélie pôs o dedo nos lábios e apontou para o sofá. Com um largo sorriso, ele entrou. Quando Pip o viu, gritou de alegria e pulou do sofá em um pé só.

— Matt! — gritou, olhando para ele e para a mãe, imensamente feliz, sem imaginar como podiam ter preparado aquela surpresa. — Como... o que... — Estava encantada e confusa.

— Encontrei sua mãe na praia hoje e ela teve a gentileza de me convidar para jantar. Como está o pé?

— Muito bobo. É um pé idiota, estou cansada dele. Sinto falta de desenhar com você. — Tinha feito vários esboços por conta própria, mas estava cansada disso também, e achava que sua habilidade recém-descoberta regredira. Encontrara dificuldade de desenhar a parte de trás de Mousse naquela tarde. — Esqueci como a gente faz as patas traseiras.

— Eu mostro de novo. — E ao dizer isso, entregou-lhe um bloco de desenho novo em folha e uma caixa de lápis de cor que

descobrira em uma gaveta. Era exatamente o que o médico tinha mandado que ela fizesse, e ela pegou os lápis com alegria.

Enquanto conversavam, Ophélie arrumou a mesa para três e abriu a garrafa do ótimo vinho francês. Embora bebesse raramente, era um vinho que gostava e que a fazia lembrar a França.

Tinha colocado um frango no forno, e em um curto período de tempo cozinhou alguns aspargos e arroz selvagem e fez um molho *hollandaise*. Foi o jantar mais elaborado que preparou naquele ano. E gostou de fazer isso.

Matt ficou impressionado quando se sentou para jantar, e Pip também. Ela riu para a mãe.

— Não vamos comer pizza congelada hoje?

— Pip, por favor! Não conte todos os meus segredos — disse Ophélie sorrindo para a filha.

— É a base da minha alimentação também. Pizza e sopa instantânea — disse Matt com um risinho. Estava bonito e bem arrumado, usava uma água-de-colônia suave e, melhor que tudo, tinha um ar saudável e real. Ophélie penteara o cabelo para ele e estava usando um suéter de cashmere preto e jeans. Não usava maquiagem nem roupa colorida há um ano, e não usou naquela noite tampouco. Estava de luto formal por Ted e Chad. Mas, pela primeira vez, pensou em pôr pelo menos um pouquinho de batom. Mas não tinha trazido pintura alguma para a praia, deixara tudo em alguma gaveta da sua casa. Nos últimos dez meses, achava que nunca mais usaria maquiagem. Parecia irrelevante agora. Ou pelo menos até aquela noite. Não que estivesse paquerando Matt, mas pelo menos sentia-se mulher de novo. O robô no qual ela se transformara no último ano estava aos poucos voltando à vida.

Os três conversaram animadamente durante todo o jantar. Falaram de Paris, de arte e de escola. Pip disse que não estava animada para voltar. Fazia 12 anos no outono e ia entrar na sétima série. Disse a Matt que tinha muitas amigas, mas que se sentia

estranha com elas agora. Muitos pais de suas colegas eram divorciados, mas nenhum tinha morrido. Não queria que sentissem pena dela, e sabia que algumas sentiam. Disse que não queria que fossem “boazinhas demais”, porque ficava triste. Não queria ser diferente. Mas ela sabia que inevitavelmente seria.

— Não posso nem ir ao jantar do Dia dos Pais — disse, chorosa.
— Quem eu levaria?

Ophélie pensara nisso também, e não teve solução para o problema. Pip levou Chad uma vez quando seu pai não pôde ir. Mas agora não poderia mais fazer isso.

— Pode me levar se quiser — disse Matt com sinceridade, olhando para Ophélie. — Se sua mãe não fizer objeção. Não há razão para não poder levar um amigo, a não ser que possa levar sua mãe. É possível fazer isso também, não precisa seguir as regras. A mãe pode substituir o pai.

— Eles não vão me deixar fazer isso, alguém tentou fazer isso no ano passado.

Matt achou a atitude deles muito limitada, mas ela ficou encantada com a perspectiva de levá-lo e sua mãe fez um ar aprovador.

— Seria muito gentil da sua parte — ela disse ao trazer a sobremesa. Tudo o que tinham no freezer era sorvete, e ela derreteu um pouco de chocolate e despejou por cima do sorvete de baunilha que Pip adorava. Era o favorito de Ted também. Ela e Chad eram viciados em Rocky Road e sua mistura de chocolate, nozes e marshmallow. Estranho que até os sabores de sorvete fossem às vezes ditados pelos genes. Ela não notara isso antes.

— Quando vai ser o jantar do Dia dos Pais? — Matt perguntou.

— Perto do Dia de Ação de Graças — falou Pip entusiasmada.

— Diga quando e eu estarei lá. Vou até usar um terno. — Ele não usava terno há anos. Vivia de jeans e suéteres velhos, e um paletó de tweed gasto que sobrara dos velhos tempos. Não

precisava mais de terno. Não ia a lugar algum e não tinha nem queria ter vida social. De vez em quando um amigo antigo vinha da cidade jantar com ele, mas cada vez menos. Matt estava fora de circulação há muito tempo e gostava disso. Gostava de ser um recluso. Ninguém mais discutia com ele sobre isso. Todos achavam que ele era assim, ou se tornara assim.

Pip ficou conversando até bem tarde, e finalmente começou a bocejar. Disse que mal podia esperar para tirar os pontos no final da semana, mas que estava aborrecida porque teria de usar sapato na praia durante mais uma semana.

— Talvez você possa ir montada no Mousse — Matt brincou, quando ela voltou de pijama um instante depois para dar boa-noite.

Os dois estavam sentados no sofá, e Matt acendeu a lareira. Era uma cena calorosa e aconchegante, e Pip foi feliz para a cama, feliz como não era há muito tempo. E Ophélie também se sentia assim. Era muito confortável ter um homem por perto. Aquela presença masculina parecia preencher a casa toda. Até mesmo Mousse olhava para cima de quando em vez e abanava o rabo, deitado ao lado da lareira.

— Você é abençoada — disse ele calmamente para Ophélie, quando ela fechou a porta de Pip para ela poder dormir. A casa tinha uma sala grande, integrada com a cozinha e a sala de jantar, e dois quartos. Tudo parecia se comunicar, ninguém precisava de privacidade ou luxo na praia. Mas a decoração era muito bonita. Os proprietários tinham coisas lindas, e umas pinturas modernas boas, que Matt apreciou muito. — Ela é uma menina fantástica. — Estava louco por Pip, pois ela sempre lhe fazia lembrar seus filhos. Mas não tinha certeza se seus filhos seriam tão abertos, espertos e maduros. Não tinha idéia de como estavam. Pertenciam a Hamish agora, não mais a ele. Sally tinha arranjado logo uma companhia.

— É mesmo. Tenho sorte de ter Pip comigo. — Agradecia a Deus por Pip não ter entrado naquele avião também. — Ela é tudo

que eu tenho. Meus pais morreram muitos anos atrás, e os de Ted também. Nós dois fomos filhos únicos. Agora só tenho uns primos de segundo grau na França e uma tia de quem nunca gostei muito e que não vejo há anos. Gosto de levar Pip lá para manter contato com suas raízes francesas, mas não tenho ninguém muito chegado. Somos só nós duas.

— Talvez isso baste — falou. Ele não tinha nem isso. Também era filho único e se tornara solitário ao longo dos anos. Não tinha mais amigos íntimos. Nos difíceis anos depois do divórcio, foi complicado manter as amizades antigas e, como Pip, não queria que sentissem pena dele. O que tinha sofrido com Sally foi duro demais. — Você tem muitos amigos, Ophélie? Em São Francisco, quero dizer.

— Alguns. Ted não era muito sociável. Era um homem solitário e completamente mergulhado em seu trabalho. Esperava que eu estivesse sempre ali ao seu lado. E eu queria estar. Mas isso tornava difícil manter as amizades. Ele não gostava de ver gente, só de trabalhar. Tenho uma amiga muito chegada a mim, mas perdi contato com muita gente ao longo dos anos por causa de Ted. E Chad consumia todo o meu tempo ultimamente. Eu nunca sabia o que ia acontecer, se ele entraria numa grande agitação ou se estaria muito deprimido, então não podia deixá-lo sozinho. No final, tornou-se um trabalho em tempo integral para mim. — Ela não tinha mãos suficientes para cuidar de Chad, Ted e Pip. Agora suas mãos estavam mais vazias depois de anos, a não ser por Pip, que não precisava muito dela. E o mínimo de que precisava, Ophélie não foi capaz de lhe dar. Sentia-se melhor agora, depois do verão na praia, e esperava melhorar ainda mais nos meses seguintes. Tinha se sentido muito desconectada nos últimos dez meses, mas as ligações estavam se formando aos poucos. O robô estava quase humano de novo, mas não totalmente. Porém havia claras

indicações de volta à vida, até mesmo o fato de ter convidado Matt para jantar e propor-se a fazer amizade com ele era um bom sinal.

— E você? — ela perguntou com curiosidade. — Tem muitos amigos na cidade?

— Nenhum — ele falou com um sorriso. — Tenho me saído mal nessa área, há quase dez anos. Minha mulher e eu tínhamos uma agência de publicidade e nos divorcíamos com muita briga. Vendemos a empresa e eu decidi vir para cá. Na época, morava na cidade e alugava um bangalô aqui para pintar nos fins de semana. E quando achei que as coisas não podiam piorar ainda mais, pioraram. Ela foi morar na Nova Zelândia, e eu ia lá sempre para ver meus filhos, o que foi bem difícil, porque eu não tinha um lugar certo para ficar. Eu me hospedava num hotel e cheguei a alugar um apartamento, mas senti que estava sobrando. Ela se casou há uns nove anos com um sujeito ótimo, amigo meu, que gostava muito dos meus filhos e eles eram loucos por ele. Tinha muito dinheiro e enchia as crianças de brinquedos. Já tinha quatro filhos e teve mais dois com Sally. Os meus adaptaram-se completamente a essa família combinada e adoraram. Não posso culpá-los, é algo bem fascinante.

“Depois de algum tempo, sempre que ia a Auckland, eles não encontravam tempo para me ver, queriam ficar com os amigos. Como dizem, eu me senti um peixe fora d’água.

Ela sorriu ao ouvir aquela expressão e entendeu o sentimento. Às vezes sentia-se como um fio de cabelo na sopa na vida ocupada e científica de Ted. Deslocada. Supérflua, a não ser como uma posse sua, mas desnecessária. Inútil.

— Deve ter sido difícil para você — falou em tom consolador, comovida com a tristeza em seus olhos. Ele conhecera o sofrimento e sobrevivera. Tinha se adaptado à situação, mas, como todo mundo, havia pago um preço. Muito alto.

— Foi difícil, sim — disse com sinceridade. — Muito. Fiquei indo e vindo da Nova Zelândia durante quatro anos. As últimas vezes em que estive lá mal os vi, e Sally disse que eu estava atrapalhando a vida deles. Sugeri que eu só deveria ir quando eles quisessem me ver, o que naturalmente era quase nunca. Eu telefonava muito e eles estavam sempre ocupados. Passei a escrever, mas não respondiam. Os dois tinham 7 e 9 anos quando ela se casou de novo, e Sally teve mais dois filhos nos dois primeiros anos do casamento. Meus filhos foram tragados pela nova família. Senti, de certa forma, que estava tornando as coisas mais difíceis para eles. Analisei a fundo a situação e fiz uma coisa provavelmente idiota — escrevi perguntando o que eles pretendiam fazer. Nunca recebi resposta. Não tive notícias dos dois durante um ano, mas continuei escrevendo. Imaginei que se quisessem me ver pediriam para que eu fosse. E devo confessar que bebi muito naquele ano. Escrevi para eles durante três anos, sem resposta alguma. Sally me disse em termos claros que eles não queriam mais me ver mas tinham medo de dizer. Isso ocorreu há três anos, e desde então nunca mais escrevi. Finalmente desisti. Não tenho notícias há seis anos. Meu único contato com eles é a pensão que ainda mando para Sally. E o cartão de Natal que ela me manda todo ano. Nunca quis confrontá-los a esse respeito. Eles sabem onde eu estou se quiserem entrar em contato. Mas às vezes penso que devia ter ido lá e discutido o problema com eles. Não queria pôr os meninos numa situação difícil. Sally foi muito enfática quanto aos sentimentos dos dois. Eles tinham apenas 10 e 12 anos quando os vi pela última vez, mais ou menos a idade de Pip agora, e é uma época difícil para juntar coragem e dizer ao pai para ele desaparecer. O silêncio deles disse isso. Foi o suficiente. Eu compreendo. Então caí fora.

“Escrevi umas cartas muito patéticas para eles durante anos, antes de desistir. Nenhum dos dois respondeu. Ainda escrevo de vez em quando, mas nunca envio as cartas. Não acho justo

pressioná-los. Mas sinto uma falta louca deles. Creio que nem existo mais para meus filhos. Conversei com Sally e ela disse que é melhor assim. Falou que estão felizes e não me querem em sua vida. Eu nunca fiz nada errado, a meu ver, mas eles não precisam mais de mim. O padrasto é um grande sujeito. Eu mesmo gosto dele, ou gostava. Fomos ótimos amigos durante anos, antes de Sally e ele se juntarem. Essa é a história dos meus filhos e dos meus últimos dez anos. Dos últimos seis anos sem eles. Ela me manda fotos com o cartão de Natal para que eu veja como os dois estão. Não tenho certeza se isso é melhor ou pior. Às vezes é melhor, às vezes, pior. Sinto-me como uma dessas pobres mulheres que têm um bebê e por alguma razão tem de abrir mão dele. Tudo que me resta são fotos uma vez por ano. Sally manda os cartões de Natal com as oito crianças, as dele, as minhas e as deles. Em geral, eu choro quando olho a foto. — Disse isso sem muito constrangimento. Eles já sabiam muita coisa um do outro agora. — Mas não procurei mais os dois. Acho que é disso que eles precisam, ou querem, ou o que ela me diz que precisam.

“Robert já tem 18 anos. Daqui a pouco vai entrar na faculdade, provavelmente lá. Eles têm uma vida muito boa em Auckland. Hamish é dono da maior agência de publicidade daquela parte do mundo. Sally trabalha com ele, como fazia comigo. Ela é uma mulher muito competente. Coração duro, mas muito criativa. E uma boa mãe, creio. Sabe do que as crianças precisam. Provavelmente melhor do que eu. Nem os conheço mais. Não tenho certeza se os reconheceria na rua, o que é difícil admitir. Isso é o pior de tudo. Tento não pensar sobre o assunto. Deixo as coisas como estão, para o bem deles. Sally me escreveu uns anos atrás perguntando como eu me sentiria se Hamish adotasse meus filhos. Quase morri de desespero. Não me importo se não me querem na sua vida, mas ainda são meus filhos. E sempre serão. Não concordei. Tive poucas notícias dela a partir daí, a não ser no Natal. Antes nos falávamos

de vez em quando. Acho que eles gostariam que eu fosse embora para algum lugar e desaparecesse, e eu de certa forma fiz isso. Estou fora da vida deles e da vida de qualquer outra pessoa. Vivo tranqüilamente aqui, mas levei muito tempo para superar tudo que houve de errado entre mim e Sally e a perda dos meus filhos para Hamish.

Era uma história agonizante mas muito elucidativa, e explicava muita coisa sobre ele. Como ela, Matt tinha perdido quase tudo que lhe importava: a empresa, a mulher e os filhos. E passara a viver como um ermitão. Ela pelo menos tinha Pip, e dava graças a Deus por isso. Não podia imaginar a vida sem a filha.

— Por que seu casamento acabou? — Ophélie sabia que estava sendo indiscreta, mas aquela peça estava faltando para completar o quadro todo, e sabia que se ele não quisesse não responderia. Depois de tudo que tinham contado um para o outro, eram amigos agora.

Matt suspirou um instante antes de responder.

— É uma história clássica. Hamish e eu fomos para a faculdade juntos, depois ele voltou para Auckland e eu fiquei em Nova York. Nós dois abrimos agências de publicidade e formamos uma espécie de aliança indefinida um com o outro. Dividíamos alguns clientes com interesses internacionais, indicávamos clientes um para o outro, tínhamos algumas contas grandes juntos. Ele ia a Nova York várias vezes por ano, e nós íamos lá. Sally era a diretora de criação da nossa agência, era o cérebro do negócio, e também cuidava da administração e conseguia a maior parte dos clientes. Eu era o diretor de arte. Fazíamos uma combinação quase imbatível, e tínhamos alguns dos maiores clientes no ramo. Hamish e eu ficamos amigos, e ele, a mulher, Sally e eu passamos várias férias juntos. Basicamente na Europa. Fizemos um safári em Botsuana uma vez. E alugamos um castelo na França num verão fatídico. Eu tive de voltar mais cedo e a mãe da mulher de Hamish morreu

inesperadamente e ela voltou para Auckland. Ele ficou na França com Sally e com nossos filhos. Para resumir a história, Hamish e Sally se apaixonaram. Quatro semanas depois ela voltou para casa e disse que ia me deixar. Estava apaixonada por Hamish, e tinham decidido ver no que dava. Precisava se afastar de mim para pesar as coisas. Precisava de espaço e de tempo. Essas coisas acontecem, creio eu. Com algumas pessoas. Ela disse que nunca tinha sido realmente apaixonada por mim, que éramos apenas uma grande equipe profissional e que teve filhos porque era isso que se esperava dela. Algo horrível para falar sobre nossos filhos e sobre mim, mas acho que ela foi realmente sincera. Sally não é conhecida por sua sensibilidade quanto aos sentimentos dos outros, provavelmente por isso tem tanto sucesso.

“Hamish foi para casa e contou a mesma história para a mulher, Margaret, e o resto simplesmente aconteceu. Sally saiu do apartamento de Nova York com as crianças e foi para um hotel. Ofereceu-se para vender sua parte da agência para mim, mas eu não tinha vontade de continuar a trabalhar sem ela, nem de encontrar um novo sócio. Não tive coragem. Ela me destruiu e levei algum tempo para me levantar. Vendemos a agência toda para um grande conglomerado. Foi um ótimo negócio para nós dois, e tudo que me restou depois de um casamento de 15 anos foi um monte de dinheiro, sem mulher, sem trabalho e sem filhos, que se mudaram para aquele fim de mundo. Ela me deixou no Dia do Trabalho, e eles se mudaram para Auckland um dia depois do Natal. Casaram-se assim que saiu o nosso divórcio. Eu acreditava que se a deixasse livre, sem ser pressionada, ela voltaria para mim. Uma loucura pensar assim. Mas somos todos loucos e idiotas às vezes.

“Quando Sally foi embora, minha cabeça ainda estava girando. Creio, minha amiga, que isso responde às suas perguntas sobre meu casamento. O pior de tudo é que ainda acho Hamish Green um grande sujeito. Não um grande amigo, veja bem, mas é um homem

brilhante, divertido, agradável. Ao que imagino, os dois são muito felizes. E a agência deles está prosperando.

De fora, Ophélie podia ver que Matt tinha sido passado para trás pela mulher, pelo melhor amigo e talvez até mesmo pelos filhos. Tinha ouvido histórias assim ao longo dos anos, mas nenhuma tão terrível quanto essa. Ele perdeu tudo, a não ser seu dinheiro, o que parecia não importar muito para ele. Agora só queria uma vida tranqüila em um bangalô na praia de Safe Harbour. Além disso, e do seu talento, não lhe restava absolutamente nada. Era horrível o que tinham feito com ele. Só de pensar, ficava sem fala, morta de pena.

— É uma história horrível — disse ela, franzindo a sobancelha. — Absolutamente espantosa. Odeio os dois, só de ouvir você contar. Mas não as crianças. Eles são vítimas disso tudo, como você foi. Foram obviamente manipuladas para se afastar e esquecer de você. Era obrigação de sua mulher ajudá-los a manter um relacionamento entre pai e filhos — disse sensibilizada, e ele não discordou.

Surpreendentemente, nunca tinha culpado os filhos por sua deserção. Eles eram muito pequenos para saber o que estavam fazendo, e Sally sabia ser muito convincente. Podia manipular qualquer pessoa e deixá-la confusa para sempre.

— Sally não é assim. Ela queria se afastar de mim e se afastou. Sempre conseguiu o que queria, mesmo com Hamish. Não tenho certeza de quem foi a idéia de ter mais filhos, mas conhecendo Sally como conheço, creio que ela achou que seria uma forma de prendê-lo. Hamish é um pouco ingênuo em certos sentidos, era uma das coisas que gostava nele. Sally, não. É uma mulher fria e calculista, e sempre faz o que é melhor para ela.

— Ela parece ser uma mulher má — disse Ophélie de forma leal, o que o comoveu.

Contar sua vida para ela tinha sido difícil, e depois de ele atizar o fogo de novo, os dois ficaram em silêncio por um tempo.

— E depois disso? Não houve mais ninguém importante para você? — Teria sido o único consolo possível, mas não havia evidência de uma mulher em sua vida. Sua existência parecia muito solitária, ou pelo menos era a impressão que ele dava. Podia ter havido alguém, é claro, mas achava que não.

— Não, realmente. Eu não estava em condição de me envolver com ninguém depois que Sally me largou. Era uma pilha de nervos. Além do mais, volta e meia ia para Auckland ver meus filhos, e não estava disposto a me ligar a ninguém. Não confiava em ninguém, nem queria confiar. Jurei que nunca mais confiaria. Gostei muito de uma mulher há uns três anos, mas ela era muito mais moça que eu, queria se casar e ter filhos. Eu não conseguia me ver passando por tudo isso de novo, ou confiando em alguém o suficiente para me pôr nessa situação. Não queria me casar e ter filhos, e correr o risco de me divorciar de novo e perdê-los. Não via vantagem nisso. Ela estava com 32 anos e eu com 44 naquela época, e recebi um ultimato. Não posso culpá-la. Mas também não quis me comprometer. Saí discretamente, e ela casou-se seis meses depois com um sujeito muito legal. Tiveram seu terceiro filho neste verão. Mas eu não consegui ir vê-la. Espero entrar em contato com meus filhos de novo um dia, quando estiverem mais velhos. Mas não tenho desejo de constituir outra família, nem me expor a esse tipo de decepção. Passar por isso uma vez na vida foi o suficiente.

Ophélie teve de admitir que poucas pessoas teriam sobrevivido a tudo isso. Mas, de certa forma, ele não sobreviveu. Por mais gentil e carinhoso que fosse, era emocionalmente fechado, sem pretender se abrir de novo, mas com razão. Isso também explicava por que ele se abrisse tanto com Pip e fizera amizade com ela. Pip tinha quase a mesma idade dos seus filhos quando os viu pela última vez. E ele estava obviamente ávido por algum tipo de contato humano, mesmo que fosse com uma menininha de 11 anos. Pip era uma ligação segura para ele. Não precisava investir nela, a não ser em

termos de amizade. Não havia nada de errado nisso, e Pip também preencheu suas necessidades. Porém era uma sobrevivência emocional insuficiente para um homem de 47 anos. Ele merecia muito mais que isso, pelo menos aos olhos de Ophélie. Mas não tinha coragem no momento a não ser fazer amizade com uma menina na praia, a quem podia ensinar a desenhar algumas vezes por semana. Para um homem do seu calibre e da sua capacidade, parecia uma existência medíocre. Mas era claramente o que ele queria.

— E você, Ophélie? Que tipo de casamento teve? Tenho a impressão que seu marido não era uma pessoa muito fácil. Os gênios em geral não são, ou pelo menos é o que dizem.

Ophélie olhou-o com um ar meigo e resignado. Pelo que ela contara sobre o relacionamento do marido com o filho doente, seu falecido marido certamente lhe dera muito trabalho. Não estava longe da verdade, embora ela quase nunca admitisse isso para ninguém, nem admitira durante anos a si própria.

— Ele era um homem brilhante. Com uma visão incrível. Sempre sabia o que queria fazer, desde o início. Só pensava em seu objetivo, e não deixava que nada o detivesse. Absolutamente nada. Nem mesmo eu ou as crianças, embora não quiséssemos atrapalhar seu trabalho. Fazíamos tudo que podíamos para apoiá-lo, ou pelo menos eu fazia. E ele finalmente conseguiu o que queria, teve tudo com que sempre tinha sonhado. Teve um enorme sucesso nos seus últimos cinco anos de vida. Foi maravilhoso para ele. — Mas não necessariamente para ela e para os meninos, a não ser em termos materiais.

— E como ele era com você no meio de tudo isso? — Matt insistiu. Era óbvio que ele tinha sido um sucesso, mesmo para Matt que sabia tão pouco sobre isso. Tinha sido grande na sua área. Mas a verdadeira pergunta na sua cabeça era como ele era como ser humano e marido. Ophélie parecia esquivar-se dessa pergunta.

— Eu sempre o amei. Desde a primeira vez em que o vi. Eu era tão apaixonada por ele quanto uma estudante. Sempre o admirei, sua mente brilhante, sua visão única. Ele era o homem que nunca desistia de seus sonhos. Você tem que admirar alguém assim. — Se ele havia sido ou não um homem difícil, nunca foi um obstáculo para ela. Ela aceitou tudo a respeito dele. Ela achava que ele tinha o direito de ser assim.

— E quais eram seus sonhos?

— Casar com ele — disse com um sorriso triste. — Era tudo o que eu queria. Quando ele se casou comigo, achei que tinha morrido e ido parar no céu. Mas foi difícil em alguns momentos. Houve muito tempo em que não tínhamos dinheiro algum. Lutamos durante 15 anos, depois ele ganhou tanto dinheiro que não sabíamos como usá-lo. Mas isso nunca importou muito para nós, ou pelo menos para mim. Eu amava Ted também quando éramos pobres. Seu dinheiro nunca me impressionou. A ele, sim. — Ted tinha sido o sol e a lua para ela, juntamente com seus filhos.

— Seu marido passava muito tempo com você e com as crianças? — Matt perguntou com toda a calma.

— Às vezes. Quando podia. Vivia muito ocupado, fazendo coisas muito mais importantes. — Era óbvio que ela o idolatrava. Provavelmente muito mais do que ele merecia.

— O que pode ser mais importante do que a mulher e os filhos? — disse ele com simplicidade, pois era diferente de Ted em vários sentidos.

E ela anos-luz diferente de Sally. Ophélie era tudo que Sally não era. Meiga, boa, decente, honesta, compassiva. Estava entregue à sua própria infelicidade no momento, mas mesmo assim dava para ver que não era uma pessoa egoísta. Estava perdida e sofredora, o que era diferente. Ele sabia bem disso. Tinha estado assim também. O sofrimento podia tomar conta da pessoa completamente, o que

explicava por que ela dava tão pouca atenção a Pip. Mas tinha consciência disso e se repreendia por sua atitude.

— Os cientistas são pessoas muito difíceis — Ophélie explicou, tolerante. — Têm necessidades diferentes, percepções diferentes, capacidade emocional diferente dos outros. Ted não era um homem comum.

Mas, apesar de suas desculpas, Matt não gostou do que ouviu. Achava o falecido Dr. Mackenzie narcisista e egocêntrico, e possivelmente um péssimo pai. E tinha suas dúvidas se fora um marido decente. Se não foi, Ophélie não estava preparada para ver ou admitir isso. Morte era diferente de divórcio, Matt também sabia, o marido que falecia passava a ser um santo. Tornava-se difícil lembrar os defeitos e as falhas de alguém que morrera. No divórcio, a única lembrança eram os erros cometidos. E ao longo do tempo os defeitos pareciam maiores e piores. Quando um cônjuge morria, o outro lembrava-se da melhor parte, e exaltava suas qualidades tornando a ausência ainda mais cruel. Matt sentiu pena dela.

Os dois conversaram muito naquela noite, sobre infância, casamento e filhos. O coração dela doía cada vez que pensava na separação de Matt dos filhos, e quando ele tocava no assunto dava para ver, pelo seu olhar, o quanto isso lhe custara. Quase sua sanidade mental, a certa altura, e com o tempo sua fé na humanidade e desejo de conviver com as pessoas, especialmente uma mulher. Era um alto preço a pagar por dois filhos e um casamento que ele perdera dez anos atrás. Ophélie suspeitava que sua ex-mulher roubara as crianças dele, havia sido mais isso do que algum tipo de manipulação. Era difícil acreditar que, sem um estímulo ou empurrão dela, crianças daquela idade decidissem que não queriam mais ver o pai. Tinha havido um jogo sujo em algum momento, mas Matt não falou muito mais sobre isso e parecia não querer entrar em guerra com ela. A seu ver, ele tinha perdido a batalha e pelo menos por enquanto tudo estava terminado. Só

esperava ver os filhos de novo algum dia. Uma esperança distante na qual pensava às vezes, mas não vivia mais em função disso. Vivia o dia-a-dia, e estava contente com sua existência simples na praia. Safe Harbour era seu refúgio.

Matt estava quase saindo quando lhe ocorreu fazer uma pergunta a Ophélie, que estava na sua cabeça a noite toda.

— Você gosta de velejar, Ophélie? — perguntou com cuidado, esperançoso. Além da arte, velejar fora sempre uma de suas paixões. E se encaixava bem em sua natureza solitária.

— Não velejo há anos, mas quando era criança íamos para a Inglaterra no verão e eu adorava sair de barco. E velejei também em Cape Cod quando estava na faculdade.

— Eu tenho um barquinho à vela na lagoa que uso de vez em quando. Teria muito prazer em levar você para um passeio, se você quiser. É um barco velho, de madeira, muito simples, que eu mesmo restaurei quando me mudei para cá.

— Eu adoraria ver o barco, e seria divertido sair com você um dia desses — Ophélie falou muito entusiasmada.

— Vou telefonar na próxima vez em que for velejar — ele disse, contente de saber que ela gostava de barcos. Mais uma coisa que tinham em comum, e ele podia imaginar que seria divertido estar na sua companhia. Ela era viva e brilhante, do tipo cheio de energia, e seus olhos se iluminaram quando ele mencionou o barco. Ophélie e Ted tinham saído na baía umas duas vezes com amigos, mas ele não gostou. Reclamou amargamente do frio e da umidade, e enjoou a bordo. Ela, não, e embora não tivesse dito isso a Matt, era uma excelente marinheira.

Já havia passado da meia-noite quando ele saiu, depois de uma noite muito boa para ambos. Um contato humano e caloroso tão necessário para eles, embora não tivessem consciência disso. No mínimo, precisavam fazer amizade, e tinham feito. Era a única coisa

em que ainda confiavam. Amizade. Pip fizera um grande favor juntando-os.

Ophélie desligou a luz depois que Matt saiu, foi devagarinho ao quarto de Pip e sorriu ao vê-la dormindo ali. Mousse dormia ao pé da cama e nem se mexeu quando Ophélie se aproximou. Ajeitou os cachos vermelhos e macios de Pip e abaixou-se para beijá-la. Outra peça do robô desmantelara-se naquela noite, emergindo aos poucos a mulher que ela tinha sido um dia.

Capítulo 8

QUANDO OPHÉLIE voltou para o grupo naquela semana, mencionou que tinha visto Matt e que eles haviam tido uma ótima noite, o que trouxe à tona o assunto de namoro entre alguns deles. O grupo era constituído de 12 pessoas, de 26 a 83 anos. O elo comum entre todos era a perda de uma pessoa querida. O elemento mais jovem do grupo perdera o irmão em um acidente de carro. O mais velho perdera a esposa de 61 anos. Eram maridos, esposas, irmãos e filhos. Em termos de idade, Ophélie encontrava-se mais ou menos no meio, e algumas histórias eram realmente de cortar o coração. Uma jovem perdera o marido, de enfarte, aos 32 anos, oito meses depois de terem se casado, e estava grávida. Tinha acabado de ter o bebê e passava a maior parte do tempo no grupo, chorando. Uma mãe vira o filho morrer engasgado com um sanduíche de manteiga de amendoim, sem conseguir fazer nada. O pão com manteiga de amendoim era macio demais e não respondeu à manobra de Heimlich para forçar o menino a cuspi-lo. Além da tristeza, ela lutava contra a culpa de não ter sido capaz de salvar o filho. Todas as histórias eram profundamente tocantes. A de Ophélie também. Ela não era a única a ter sofrido uma perda dupla. Uma mulher de aproximadamente 60 anos perdera seus dois únicos

filhos para o câncer, com três semanas de intervalo. Outra perdera o neto de 5 anos, afogado na piscina dos pais. Estava cuidando dele e encontrou-o morto ali. Culpava-se também pelo que acontecera, e sua filha e seu genro não falavam com ela desde o dia do enterro. Tragédias em abundância. A matéria com a qual a vida real é feita e destruída. Nada daquilo era fácil para nenhum deles. O grupo se ligava pelo sofrimento, pela perda e pela compaixão mútua.

Ophélie falou sobre a perda de Ted e Chad durante um mês, mas deu poucos detalhes sobre seu casamento, a não ser que a seu ver tinha sido perfeito. Falou sobre o transtorno de Chad e o conseqüente estresse de todos, particularmente de Ted, que não aceitava a doença do filho. Ela mal percebia a tensão que essa negação havia lhe causado, tentando melhorar a distância entre pai e filho e mantendo Pip feliz.

O assunto de namoro não lhe interessou quando foi discutido. Ela dizia há um mês que não tinha intenção de se casar de novo, nem de namorar.

O homem de 83 anos comentou que ela era moça demais para abrir mão de uma vida romântica, e apesar do seu grande sofrimento pela perda da esposa disse que esperava sair com outras mulheres até encontrar uma que lhe agradasse. Não teve vergonha de admitir que estava procurando.

— E se eu viver até os 95 ou 98 anos? — disse em tom otimista. — Não quero ficar sozinho até lá. Quero me casar. — Todos os sentimentos eram expostos com clareza ali. Nada era chocante nem tabu. Todos no grupo tentavam ser sinceros. Pelo menos, sinceros como eram consigo mesmos. Alguns admitiam que tinham sentido raiva dos seus entes queridos por terem morrido, o que era uma fase normal do processo de luto. Cada um tinha de trabalhar o aspecto do sofrimento contra o qual lutava no momento. Até então, Ophélie vivia afundada na depressão. Mas naquela semana todos notaram que ela parecia melhor, o que foi confirmado, e ela disse

também que tinha medo de voltar ao estado anterior. Falou que queria arranjar um emprego depois do verão, pois acreditava que o trabalho pudesse ajudá-la.

Quando mencionou isso, Blake, o líder do grupo, perguntou que tipo de emprego ela queria, mas Ophélie admitiu que não sabia. Tinha sido indicada para esse grupo pelo seu médico quando disse que não conseguia dormir à noite depois da morte de Ted e Chad. De início, ficou relutante em participar e levou oito meses para se decidir. Passou então a dormir muito e a comer pouco. Ela própria sabia que estava seriamente deprimida, e que seria difícil sair dessa se não tomasse alguma providência. Foi difícil reconhecer que não conseguia resolver seus próprios problemas sozinha. Mas ninguém do grupo conseguia. Os mais inteligentes pelo menos tentavam melhorar, e, apesar do seu ceticismo inicial, Ophélie teve de admitir que o grupo tinha feito diferença na sua vida, logo depois de um mês. Pelo menos havia outras pessoas com os mesmos problemas para conversar. Tornava o processo um pouco menos solitário, e ela sentia-se menos anormal quando considerava seus sentimentos e pensamentos. Podia contar a eles, sem vergonha, que se sentia desligada de Pip, e que entrava a toda hora no quarto de Chad para se deitar na sua cama e cheirar seu travesseiro. Os outros faziam coisas semelhantes, e passavam por vários graus dos mesmos problemas, com cônjuges, filhos ou até mesmo pais. Uma mulher teve de admitir que não conseguia fazer sexo com o marido há um ano, desde que o filho morrera. Ophélie ficava impressionada com as coisas que eles se dispunham a dizer uns aos outros, sem vergonha. Sentia-se segura no meio deles.

A meta do grupo era curar as mágoas, emendar o coração partido e lidar com assuntos práticos da vida diária. As primeiras perguntas que Blake fazia a cada um deles toda semana eram “Você está comendo? Está dormindo?”. No caso de Ophélie, muitas vezes perguntava se ela tinha tirado a camisola ao acordar e vestido

uma roupa depois do último encontro deles. Às vezes o progresso era medido por coisas tão pequenas que ninguém de fora do grupo teria notado. Mas cada um sabia como era difícil dar os primeiros passos e que fazia diferença quando finalmente conseguiam. Eles comemoravam as vitórias e solidarizavam-se com as angústias mútuas. E dava para saber logo que aqueles que teriam sucesso eram os que se dispunham a passar pela agonia de seguir adiante. O processo não era nada fácil, e o próprio compromisso de freqüentar o grupo significava alguma coisa. Os sofrimentos examinados estavam às vezes em carne viva, e depois de uma reunião a dor piorava em vez de melhorar. Mas lidar com esses sofrimentos fazia parte do processo de cura. Muitas vezes dizer alguma coisa em voz alta era engraçado, outras vezes era exaustivo. Ophélie percebera os dois lados da moeda no último mês, e na maior parte do tempo ficava exausta, mas também grata. Quando pensava nisso sabia que tinha sido muito ajudada, bem mais do que esperava.

Seu médico recomendara esse grupo específico porque Ophélie resistia à idéia de tomar antidepressivos e porque esse grupo era menos formal que outros. Além disso, ele tinha um profundo respeito pelo seu coordenador, Blake Thompson. Blake tinha uns 50 anos, trabalhava com traumas emocionais havia quase vinte e tinha doutorado em psicologia clínica. Era um homem caloroso e prático, pronto para tentar qualquer coisa que funcionasse, e dizia ao grupo com freqüência que não havia uma forma certa de enfrentar o processo da dor. Desde que fizessem tudo que funcionasse para eles, teria prazer em apoiá-los. E quando não funcionava, ele era incansável na ajuda, no encorajamento e nas sugestões criativas. Sentia que algumas pessoas que deixavam o grupo ampliavam mais seus horizontes do que antes de sofrerem suas perdas. Para tanto, sugerira lições de canto para uma mulher que perdera o marido, lições de mergulho para um homem que perdera a mulher em um

acidente de carro e um retiro religioso para uma mulher que nunca acreditara em Deus e estava tendo sentimentos religiosos profundos pela primeira vez, desde a morte do filho único. Tudo o que ele queria para aquelas pessoas era que suas vidas ficassem melhor do que antes de terem aderido ao grupo. E durante vinte anos seus resultados foram impressionantes. O grupo era um desafio doloroso às vezes, mas para surpresa de todos não era uma experiência deprimente. Blake só pedia que os elementos do grupo tivessem espírito aberto, fossem bons consigo mesmos e respeitosos uns com os outros. O que era discutido ali devia ser mantido em sigilo. Além disso, exigia um compromisso de quatro meses, era inflexível a esse respeito.

Embora alguns tivessem mais tarde se casado com elementos do grupo, Blake desencorajava o namoro enquanto participavam dele. Não queria que ninguém se exibisse ou escondesse fatos para impressionar o parceiro. Essa exigência e a privacidade do grupo tinham sido copiadas do modelo de 12 passos, que ele achava proveitoso, mas mesmo assim algumas pessoas acabavam namorando antes de o grupo terminar. Mesmo diante disso, ele lembrava que não havia um “modelo correto” para novos relacionamentos ou casamento.

Alguns esperavam anos para encontrar um novo parceiro, outros nunca encontravam, nem queriam encontrar. Alguns sentiam que precisavam de um ano para namorar ou casar de novo, outros casavam-se semanas depois da morte do cônjuge. Para Blake, isso não significava que a pessoa não tivesse amado o marido ou a mulher, significava que se sentia pronta para continuar a viver e assumir outro compromisso. E ninguém tinha o direito de julgar se aquilo era certo ou errado. “Nós não somos a polícia da dor aqui”, lembrava ao grupo de tempos em tempos. “Estamos aqui para nos ajudar e apoiar, não para fazer julgamentos.” E sempre contava para os grupos que tinha escolhido esse campo específico de trabalho

depois que perdeu a mulher e um casal de filhos em um acidente de carro numa noite chuvosa de inverno, e que pensara na época que sua vida estava terminada. Teve vontade de morrer. Cinco anos depois, casou-se com uma mulher maravilhosa e eles tiveram três filhos. “Eu teria me casado mais cedo se a tivesse encontrado antes, mas valeu a pena esperar”, Blake dizia, com um sorriso que sempre comovia aqueles que ouviam sua história. Um novo casamento não era o foco do grupo, mas o assunto vinha à tona e se tornava central para alguns, e sem interesse para outros, muitos dos quais tinham perdido irmãos, pais ou filhos e eram casados. Mas todos concordavam que a perda de um ser querido, especialmente um filho, criava uma enorme tensão em um casamento. Havia casais no grupo, mas em geral um se dispunha a melhorar mais cedo que o outro, era realmente raro saírem do buraco juntos. Mas Blake desejava que isso ocorresse com frequência.

Por alguma razão, o assunto de namoro tinha sido muito abordado naquele dia, e Blake não teve tempo de falar sobre a vontade de Ophélie de arranjar um emprego. Era a segunda vez que ela mencionava o assunto, e ele parou para conversar com ela depois do grupo. Queria dar-lhe uma sugestão. Não sabia por que, mas tinha a sensação de que sua idéia seria perfeita para ela. Ophélie ia bem no grupo até agora, por mais que não acreditasse nisso. Vivia consumida de culpa por não ter conseguido aproximar-se mais da filha, e tinha medo de não conseguir tão cedo. Blake não queria que ela se culpasse por isso. O fato de estar desligando-se de todos os seus entes queridos era mais que normal, dizia ele. Se estivesse sintonizada com eles, no seu caso com a filha, seus sentimentos estariam abertos e toda a dor que sentia com a sua perda viria à tona e a afogaria. A única forma de a sua psique manter a agonia sob controle era desligar-se por algum tempo, até não sentir mais nada por ninguém. O único problema é que a filha sobrevivente era deixada de lado nesse meio-tempo. Um problema

típico, e ainda pior quando acontecia entre marido e mulher. O índice de divórcio era alto entre casais que perdiam filhos. Em geral, quando se recuperavam, viam que tinham perdido um ao outro e que o casamento estava acabado.

Quando Blake falou com Ophélie depois do grupo, perguntou se ela gostaria de trabalhar como voluntária com os sem-teto. Matt lhe sugerira uma coisa semelhante, e ela achou que talvez fosse interessante e menos pesado trabalhar com os sem-teto do que com doentes mentais. Ela sempre teve grande interesse pelo bem-estar dos desabrigados, mas nunca lhe sobrava tempo para fazer alguma coisa quando Ted e Chad eram vivos. Agora, só com uma filha em casa, tinha mais tempo disponível.

Reagiu com considerável entusiasmo, e Blake prometeu lhe arranjar umas recomendações de serviço de voluntariado para lidar com desabrigados. Ele era especialmente bom nisso. Ophélie foi pensando no assunto enquanto voltava para Safe Harbour. Tinha de levar Pip para tirar os pontos naquela tarde. Assim que tudo terminou, Pip pulou de alegria e quando chegou em casa calçou um tênis.

— Como está se sentindo? — perguntou Ophélie, observando-a. Começava a se divertir com a filha de novo, e elas conversavam mais do que nos últimos tempos. Não tanto quanto antes, mas as coisas tinham definitivamente melhorado um pouco. Ficou pensando se suas conversas com Matt tinham-na ajudado. Ele era um homem muito bom e suave. E muito cuidadoso. Passara por tanta coisa na vida que sentia empatia pelos outros, sem ser piegas. E não havia dúvida de que o grupo a ajudava também, e ela gostava das pessoas de lá.

— Muito bem. Só dói um pouco.

— Bem, então não exagere.

Ela sabia que Pip estava morrendo de vontade de se encontrar com Matt na praia. Tinha um monte de desenhos para lhe mostrar.

— Por que não espera até amanhã? Provavelmente já está muito tarde hoje — disse Ophélie com bom senso. Às vezes podia ler os pensamentos de Pip, mas durante meses não tinha tentado fazer isso. Estava começando a se ligar de novo a ela, e a filha gostou disso.

No dia seguinte, Pip saiu com o bloco e os lápis que ele lhe dera e dois sanduíches em uma sacola de papel pardo. Ophélie ficou tentada a ir junto, mas não quis se intrometer. A amizade deles tinha vindo primeiro, a dela foi uma consequência e veio depois. Deu adeus a Pip quando ela desceu para a praia, de tênis para proteger o pé machucado. Mas não foi correndo, como fazia geralmente. Estava um pouco mais cuidadosa, com medo de sentir dor, e levou mais tempo para chegar ao ponto de encontro deles. Quando chegou, Matt parou de pintar e deu um largo sorriso.

— Estava esperando que você viesse hoje. Se não aparecesse, eu ia telefonar à noite. Como vai o pé?

— Melhor. — Estava um pouco dolorido depois da longa caminhada pela praia, mas ela teria andado em cima de pregos e vidro moído para ver Matt. Sentia-se felicíssima de estar ali. E ele parecia igualmente contente em vê-la.

— Senti muito a sua falta — disse, muito feliz.

— Eu também. Detestei ficar em casa a semana toda. Mousse também não gostou.

— Pobrezinho, ele provavelmente precisava de exercício. Eu me diverti muito com você e sua mãe naquela noite. O jantar estava delicioso.

— Bem melhor que pizza! — disse, rindo.

Matt ajudara muito sua mãe naquela noite, e mesmo depois. Pip viu a mãe remexendo na bolsa no dia anterior para pegar um batom velho, que usou quando foi à cidade. Só então notou que fazia muito tempo que ela não se pintava, e gostou de ver sua melhora. Estavam passando um bom verão em Safe Harbour.

— Gostei da sua pintura — comentou com Matt.

Ele tinha feito o esboço de uma mulher na praia, com uma expressão aflita. Ela olhava para o mar, como se tivesse perdido alguma coisa. Havia um tom de ansiedade e desconforto no quadro, quase trágico.

— A mulher parece muito triste, mas é bonita. É a minha mãe?

— Pode ser. Talvez ela tenha me inspirado, mas é só uma mulher. É mais um processo de pensamento e sentimento que uma pessoa. Um pouco influenciado por um pintor chamado Wyeth.

Pip meneou a cabeça solenemente, ouvindo bem o que ele dizia. Gostava daquelas conversas, em especial sobre suas pinturas. Um instante depois sentou-se com seu bloco e lápis perto dele. Gostava de estar ao seu lado.

As horas voaram como sempre, e eles tiveram pena de se separar no final da tarde. Por Matt, ele ficaria sentado ali com ela para sempre.

— O que você e sua mãe vão fazer hoje à noite? — perguntou casualmente. — Pensei em ligar para saber se vocês querem comer um hambúrguer na cidade. Eu mesmo faria os hambúrguers, mas sou um péssimo cozinheiro e minhas pizzas congeladas acabaram.

Pip riu dos menus iguais dos dois.

— Pergunto a mamãe quando chegar em casa e peço para ela ligar para você.

— Vou dar um tempo para você chegar lá, depois telefono.

Mas quando Pip começou a andar pela praia, ele notou que ela estava mancando e chamou-a. Ela virou-se e ele lhe disse para voltar. Era uma grande caminhada para quem tinha acabado de tirar pontos, e o tênis incomodava no lugar da cicatriz. Ela aproximou-se devagar quando ele chamou.

— Vou lhe dar uma carona para casa. Seu pé não está parecendo muito bom — ele disse.

— Eu estou bem — ela falou com ar corajoso, mas Matt não estava mais preocupado se sua mãe ia aprovar ou não.

— Se forçar muito o pé, não vai poder voltar amanhã.

Era uma boa explicação, e ela seguiu-o de boa vontade pela duna e entrou no carro estacionado atrás do bangalô. Cinco minutos depois chegava em casa com ele. Matt não saiu do carro, mas Ophélie o viu da janela da cozinha e saiu para cumprimentá-lo.

— Ela estava mancando — explicou. — Imaginei que você não se importaria que eu a trouxesse — disse sorrindo.

— É claro que não. Foi muita gentileza sua. Obrigada, Matt. Como vai você?

— Muito bem. Ia mesmo telefonar. Será que posso aliciar vocês duas para jantar na cidade hoje à noite? Hambúrgueres e intoxicação. Ou talvez não, se tivermos sorte.

— Uma boa idéia. — Ela não tinha pensado ainda no que ia fazer para o jantar. E embora seu humor tivesse melhorado um pouco, o desinteresse culinário continuava o mesmo. Tinha se esforçado ao máximo na noite em que ele foi jantar lá. — Tem certeza de que não vai ser muito trabalho?

A vida era fácil e informal na praia, as refeições não eram um problema, não eram importantes demais. A maioria das pessoas fazia churrasco, mas Ophélie não era boa nisso.

— Eu adoraria — disse Matt. — Que tal às sete?

— Perfeito. Obrigada.

Ele se despediu e foi embora, e voltou pontualmente duas horas depois. Pip tinha lavado o cabelo para tirar a areia, a pedido da mãe, e o cabelo de Ophélie também estava muito bonito. Caía em longas ondas e cachos graciosos até os ombros. E como símbolo do seu espírito lentamente reavivado, usou batom. Pip adorou.

Jantaram em um dos restaurantes locais, o Lobster Pot, e os três pediram ensopado de marisco e lagosta. Decidiram fazer uma bela refeição e esquecer os hambúrgueres, e ao saírem disseram que

tinham comido demais. Mas foi uma noite divertida. Nenhum assunto sério veio à tona, contaram histórias engraçadas e piadas ruins, e riram muito. Ophélie perguntou a Matt se ele queria entrar quando chegaram, mas Matt ficou apenas alguns minutos. Disse que queria trabalhar um pouco. Depois que saiu, Ophélie comentou com Pip de novo como ele era gentil, e ela virou-se para a mãe com um risinho malicioso.

— Você gosta dele, mamãe? Você sabe... como pessoa, quero dizer.

Ophélie pareceu assustada com a pergunta, sorriu e balançou a cabeça.

— Seu pai foi o único homem para mim. Não posso imaginar viver com mais ninguém. — Tinha dito o mesmo para o grupo e brincaram com ela, mas Pip não teve coragem. Ficou desapontada ao ouvir isso. Ela gostava de Matt. E não queria que sua mãe se zangasse, mas seu pai nem sempre era legal com ela. Gritava e era mau às vezes, especialmente quando discutiam por causa de Chad, ou de outras coisas. Ela amava seu pai, e sempre amaria, mas achava Matt muito mais amável e mais fácil de lidar.

— Mas Matt é muito legal, não acha? — perguntou esperançosa.

— Acho, sim. — Ophélie sorriu de novo, divertindo-se com a idéia de Pip tentar arranjar um namorado para ela, mas era óbvio que Pip tinha uma quedinha por ele, ou um caso sério de idolatria a um herói. — Ele vai ser um bom amigo nosso, espero. Seria ótimo que fosse nos ver quando estivermos de volta à cidade.

— Ele disse que vai nos visitar. E vai me levar para o jantar do Dia dos Pais na escola. Lembra?

— Lembro. — Esperava que ele fosse mesmo. Ted nunca foi bom nessas coisas. Detestava ir aos eventos esportivos dos filhos, ou a festividades da escola. Não era do seu feitio, mas ia quando não tinha outro jeito. — Mas ele é provavelmente muito ocupado, Pip. — Eram as mesmas desculpas que sempre dera para Ted, e

que a filha detestava ouvir. Havia sempre uma desculpa por ele não poder estar presente em algum lugar.

— Matt disse que iria com certeza — Pip falou com firmeza, olhando para a mãe com os grandes olhos confiantes, e Ophélie desejou que ela não se desapontasse. Era impossível saber àquela altura se a amizade deles iria durar, mas ela esperava que sim.

Capítulo 9

ANDREA APARECEU de novo duas semanas antes de Ophélie ir embora da praia. O bebê estava choramingando e resfriado, e ela disse que seus dentes estavam começando a nascer. Não quis saber de Pip quando ela tentou segurá-lo no colo. Queria a mãe e mais ninguém. Depois de algum tempo, Pip desceu para a praia. Ia posar para Matt naquele dia. Ele queria fazer vários esboços do retrato que prometera pintar para ela dar de presente à mãe.

— Alguma novidade? — Andrea perguntou quando o bebê finalmente dormiu.

— Nada demais — disse Ophélie relaxada, quando foram sentar-se ao sol.

Os últimos dias dourados do verão tinham chegado, e as duas aproveitavam a temporada final na praia. Andrea achou o aspecto de Ophélie bem melhor que nos últimos meses. A temporada em Safe Harbour lhe tinha feito muito bem. Uma pena a amiga ter de voltar para a cidade e para as lembranças tristes da sua casa.

— Como vai o pedófilo? — Andrea perguntou com naturalidade. Sabia que tinham finalmente feito amizade e estava curiosa para saber mais sobre ele. Não o conhecia ainda. Pela descrição de Pip, parecia ser bonitão. Ophélie tinha dito muito pouco e Andrea ficou

intrigada. Mas não viu nenhum segredo nos olhos da amiga. Nenhuma máfia. Nenhum plano cuidadosamente escondido. Nenhuma culpa. Ela parecia apenas relaxada.

— Matt é muito bom para Pip. Jantamos com ele na outra noite.

— É estranho para um homem sem filhos — Andrea comentou.

— Mas ele tem dois filhos.

— Então faz sentido. Você já os conheceu?

— Eles moram na Nova Zelândia com a ex-mulher.

— Hum... Como foi isso? E ele odeia a ex-mulher? O estrago foi muito grande? — Ela era especialista na área, e àquela altura tinha visto de tudo. Homens enganados, extorquidos, abandonados, tapeados, sacaneados, largados e que detestavam todas as mulheres a partir de então. Para não falar daqueles que eram sexualmente confusos, mas continuavam casados, daqueles que tinham perdido esposas absolutamente perfeitas, homens de meia-idade que nunca tinham se casado e homens que se esqueciam de contar que ainda eram casados. Mais velhos, mais moços, da mesma idade. Andrea tinha namorado todos. E dispunha-se a ultrapassar muitos limites quando encontrava um homem de quem gostava. Mesmo problemáticos, os homens eram divertidos, por algum tempo. Mas queria sempre saber qual era o defeito.

— Eu diria que o estrago foi bem grande — disse Ophélie com sinceridade —, e tenho pena dele. Mas isso não me diz respeito. Ele foi muito sacaneado pela ex-mulher. Ela saiu de casa com seu melhor amigo e casou-se com ele. Forçou Matt a vender sua empresa e parece que afastou os filhos dele.

— Oh, meu Deus, o que mais ela fez? Furou os pneus dele e pôs fogo no carro? O que ficou faltando?

— Não muito, pelo visto. Ele vendeu a agência de publicidade por muito dinheiro, acho eu, mas creio que não dá valor a isso.

— Pelo menos explica por que ele é tão amigo de Pip. Deve sentir falta dos filhos.

— Sente, sim — disse Ophélie, pensando nas coisas que ele contara na noite em que veio jantar. Ela ficou morta de pena.

— Há quanto tempo se divorciou? — Andrea tinha um olhar clínico, e Ophélie riu.

— Há mais ou menos dez anos. Por volta disso. Não vê os filhos nem tem notícias deles há seis. Eles o excluíram.

— Então talvez ele seja pedófilo. Ou sua ex-mulher seja uma víbora. É mais provável. Ele teve algum relacionamento sério depois disso?

— Um. Mas ela queria se casar e ter filhos. E ele não. Acho que ficou muito magoado para tentar de novo, e não tiro a razão dele. O que ele contou foi um verdadeiro horror.

— Melhor esquecer o sujeito — falou Andrea num tom natural, sacudindo a cabeça. — Pode crer. Ele tem excesso de bagagem. Deve ser um poço de neurose.

— Ele é um bom amigo — disse Ophélie com calma. Ela não queria outra coisa de Matt senão amizade. Não queria um relacionamento. Tinha Ted na cabeça e no coração. Não queria mais ninguém.

— Você não precisa de amigos — Andrea falou, com seu senso prático. — Você tem a mim. Você precisa de um homem na sua vida. E esse está muito danificado. Já vi sujeitos assim. Eles nunca mais se recuperam. Quantos anos ele tem?

— Tem 47.

— Que pena. Mas estou dizendo. Você está desperdiçando seu tempo.

— Não estou desperdiçando nada — falou Ophélie com determinação. — Não quero um homem na minha vida. Nem agora nem nunca. Já tive Ted. Não quero mais ninguém.

— Você tinha problemas com ele, Ophélie, e sabe disso. Não quero mexer em lembranças ruins, mas houve um pequeno

incidente há mais ou menos dez anos, se você se lembra... — Os olhos das duas se encontraram e Ophélie desviou o olhar.

— Foi só uma vez. Foi um acidente. Um erro. Ele nunca mais fez isso.

— Você não sabe. Talvez tenha feito. E se fez ou não é irrelevante. Ele não era um santo, era um homem. Um homem muito, muito difícil, que criava problemas para você às vezes, como com Chad. Tudo se referia a ele. Você é a única mulher que conheço que o teria agüentado o tempo que agüentou. Ele era um gênio, reconheço, mas por mais que gostasse dele, e você o amasse, sabia ser um filho-da-puta às vezes. A única pessoa de quem realmente gostava era dele mesmo. Ted não era exatamente perfeito.

— Para mim era — disse Ophélie obstinada, aborrecida com o que Andrea tinha dito, fosse verdade ou não. Ele era difícil, mas homens geniais como ele tinham direito de ser, ou pelo menos essa era sua opinião. Andrea não concordava.

— Eu amei Ted durante vinte anos. E isso não vai mudar da noite para o dia, ou talvez não mude nunca.

— Talvez não. Eu sei que ele amava você também, da maneira dele. — Andrea disse isso com gentileza, com medo de ter ido longe demais. Mas não diminuiu as críticas para a amiga, nunca fazia isso. Achava que Ophélie precisara se libertar de Ted e de suas ilusões sobre ele para poder viver. Ophélie e Ted tiveram suas diferenças ao longo dos anos, e o incidente ao qual ela se referiu, que Ophélie chamou de “erro”, um caso que ele tivera num verão, quando Ophélie e as crianças estavam na França. Foi uma total confusão. Ele quase deixou Ophélie, e ela ficou arrasada. Andrea nunca soube bem se as coisas entre eles tinham sido as mesmas depois. Era difícil dizer. Depois disso, Chad ficou doente e as coisas pioraram entre eles. O caso que ele teve não ajudou em nada. Apesar de

Ophélie ter se disposto a perdoá-lo. Foi uma liberdade que ele não só tomou como se permitiu. Ted achava que podia fazer tudo.

— O verdadeiro problema não é se ele era bom ou ruim, é que ele se foi. E nunca mais vai voltar. Você está aqui, ele, não. Pode levar o tempo que precisar para se recuperar, mas não pode ficar sozinha para sempre.

— E por que não? — Ophélie perguntou com um ar triste. Ela não queria outro homem em sua vida. Estava habituada com Ted. Familiaridade era parte disso. Não conseguia imaginar-se com outro homem. Vivera com ele desde os 22 anos e se casara aos 24. Aos 42 não conseguia se ver começando tudo de novo. Não queria. Era mais fácil ficar sozinha. Matt chegara à mesma conclusão. Ambos eram mágoas ambulantes, outra coisa que tinham em comum.

— Você é muito moça para ficar sozinha — disse Andrea com calma. Ela era a voz da razão, e do futuro. Ophélie prendia-se inabalavelmente ao passado. E, de certa forma, um passado que nunca existira, a não ser em seu coração e em sua imaginação. — Precisa se soltar com o tempo. Talvez ainda não. Porém, mais cedo ou mais tarde. Você está no meio da sua vida. Não pode nem começar a pensar em ficar sozinha para sempre. É ridículo, e um desperdício.

— Não é desperdício algum se for o que eu quero — disse Ophélie, teimosa.

— Você não quer isso. Ninguém quer. Só não quer sofrer explorando a vida. E dou razão a você. É podre lá fora. Eu vivi lá toda a minha vida adulta. É um horror. Mas alguém vai aparecer com o tempo. Uma pessoa boa. Talvez ainda melhor que Ted. — Não havia ninguém melhor na opinião de Ophélie, mas ela não discutiu com Andrea. — Mas não acho que seu pedófilo seja a resposta. Ele parece ter sido muito magoado. De qualquer forma, acho que só vai servir como amigo. Nesse ponto você está certa. Mas com o tempo vai encontrar outra pessoa.

— Eu aviso quando estiver pronta, para você deixar meu nome nas paredes dos banheiros ou distribuir panfletos. Por falar nisso, há um homem no meu grupo que está desesperado para voltar a casar. Talvez ele sirva.

— Coisas muito estranhas acontecem. Viúvas conhecem sujeitos em cruzeiros, em aulas de arte, em grupos de sofrimento. Pelo menos vocês teriam muito em comum. Quem é ele?

— O Sr. Feigenbaum. É um açougueiro aposentado, adora ópera e teatro, é um ótimo cozinheiro, tem quatro filhos adultos e 83 anos de idade.

— Perfeito. — Andrea riu. — Eu fico com ele. Já vi que você não está levando meus conselhos a sério.

— Não, mas agradeço sua preocupação.

— Você ainda não viu nada. Vou ficar no seu pé.

— Nisso eu acredito — disse Ophélie levantando a sobrancelha, com um ar muito francês.

Nesse momento, o bebê acordou chorando.

Enquanto as duas conversavam no deque, lá longe na praia Matt fazia esboços de Pip e tirava dois rolos de filme em preto-e-branco. Estava animado com o retrato e prometera a Pip que estaria pronto no aniversário da sua mãe, provavelmente muito antes.

— Vou sentir sua falta quando for embora — disse Pip, triste depois que ele a fotografou. Adorava sentar-se ali para conversar e desenhar durante horas. Matt se tornara seu melhor amigo.

— Também vou sentir sua falta — disse com sinceridade. — Vou visitar você e sua mãe na cidade. Mas você vai estar muito ocupada com as amigas quando voltar para a escola. — Matt sabia que a vida dela seria mais movimentada que a sua. E ficou surpreso ao constatar como se tornara dependente daquele contato quase diário. Pip tinha feito companhia a ele durante quase todo o verão.

— Não é a mesma coisa — disse Pip zangada. A amizade deles era especial, e ela confiava nele. Matt se tornara seu confidente e

seu melhor amigo, de certa forma o substituto de seu pai. Um pai que Ted nunca tinha sido. Sob muitos aspectos, considerava-o melhor do que ele. Ted não lhe fazia tanta companhia quanto Matt, nem era tão bom para ela. Nem para sua mãe. Estava sempre nervoso e se irritava facilmente, em especial com sua mãe ou com Chad, não tanto com ela. Pip aprendeu a lidar com ele com cuidado. Seu pai a assustava um pouco. Era mais gentil com Pip quando ela era menor, tinha boas lembranças dessa fase, mas depois nem tanto. — Vou sentir muito a sua falta — disse, quase em lágrimas só de pensar nisso. Ia detestar separar-se dele. E Matt ia detestar ver Pip partir.

— Prometo que vou vê-la sempre que você quiser. Podemos ir ao cinema, ou almoçar, o que você quiser, desde que sua mãe deixe.

— Ela gosta de você também — disse Pip à vontade, sem contar qualquer segredo. Ophélie dissera isso abertamente, e concordara que ele era um homem muito legal.

Por um instante, Matt se sentiu tentado a perguntar como seu pai era na realidade. Apesar de tudo que Ophélie dissera, não fazia uma idéia clara de Ted. A única idéia que conseguia fazer era de um tirano difícil e provavelmente egoísta, que por mais genial que tivesse sido não era muito bom para a esposa. Ophélie o venerava claramente e fazia dele um santo. Mas as peças do quebra-cabeça não pareciam encaixar. Particularmente em relação ao seu filho. Matt também achava que ele não passava muito tempo com Pip, ela quase dissera isso nos incidentes e nas histórias que contava. E não passava muito tempo com a esposa tampouco. Era difícil fazer uma idéia clara. Agora que estava morto, a tendência normal era esquecer os aspectos desagradáveis e exaltar o resto. Mas ele não queria constranger Pip.

— Quando você volta para a escola? — perguntou finalmente.

— Daqui a duas semanas. No dia seguinte ao que chegarmos.

— Vai estar ocupada — ele disse para confortá-la, mas ela continuou triste.

— Posso telefonar de vez em quando? — perguntou, e Matt sorriu.

— Seria ótimo.

Pip foi um presente para ele, abrandava seu coração magoado há muito tempo. Fazia alguma magia para preencher o buraco que ele sentia deixado pelos próprios filhos. E ele fazia o mesmo por ela. Era de certa forma o pai que Pip nunca teve e gostaria de ter tido. Ted era um homem inteiramente diferente.

Pip foi caminhando pela praia depois que arrumou suas coisas. Quando chegou em casa, Andrea já estava saindo.

— Como vai o Matt? — perguntou sua mãe quando Pip estava se despedindo de Andrea e do bebê.

— Bem. Mandou lembranças para você.

— Lembre-se do que eu disse — falou Andrea, e Ophélie riu.

— Eu já falei. O Sr. Feigenbaum é que serve.

— Não conte com isso. Sujeitos assim casam-se com as irmãs ou as maiores amigas das falecidas esposas em seis meses. Você ainda estará tentando decidir o que fazer muito depois de ele ter se casado. É uma pena ele ser tão velho.

— Você não tem jeito — disse Ophélie, abraçando a amiga e beijando o bebê.

— Quem é o Sr. Feigenbaum? — perguntou Pip curiosa. Ela nunca ouvira esse nome antes.

— Um homem do meu grupo. Tem 83 anos e está procurando uma nova mulher.

Pip arregalou os olhos.

— Ele quer se casar com você?

— Não. Nem eu quero me casar com ele. Não se preocupe.

Pip teve vontade de perguntar se ela um dia se casaria com Matt. Gostaria que isso acontecesse, mas depois do que a mãe

tinha dito recentemente, sabia que não havia muita chance. Provavelmente nenhuma. Mas pelo menos ele tinha dito que iria visitá-las na cidade, e esperava que fosse mesmo.

Pip e a mãe tiveram um jantar tranquilo naquela noite, e Pip mencionou que Matt dissera que telefonaria para ela às vezes.

— Ele queria saber se não tem problema para você.

— Problema? — disse Ophélie. Matt parecia confiável e provaria ser um amigo. Ela não tinha mais medo agora, e embora Andrea ainda se referisse a ele como “pedófilo”, não se preocupava mais com isso. — Acho que seria bom. Talvez ele queira jantar lá conosco um dia.

— Ele disse que nos levará para jantar ou para o cinema quando for à cidade.

— Uma boa idéia — disse Ophélie, sem pensar muito no assunto enquanto colocava os pratos sujos na máquina de lavar e Pip ligava a televisão. Uma amizade com Matt não era o que Andrea queria para ela, mas servia. O verão em Safe Harbour fora um sucesso, e ela e Pip tinham feito um novo amigo.

Capítulo 10

NO INÍCIO DA ÚLTIMA semana, em um dia de sol deslumbrante, Matt telefonou para Ophélie convidando-a para velejar com ele em um dia de sol maravilhoso. Os dois últimos dias tinham sido nublados, e todos estavam felizes de sentir a última explosão do verão. Foi o dia mais quente do ano. Tão quente que Pip e Ophélie sentiram muito calor e decidiram entrar para almoçar. Estavam terminando os sanduíches que Ophélie tinha preparado quando Matt telefonou. Pip estava sonolenta por causa do calor. Tinha pensado em ir ver Matt, mas estava quente demais para caminhar, e o sol queimava. Seria o primeiro dia depois de muito tempo em que não se encontraria com ele. Mas achou que ele também não estaria pintando na praia. O dia estava bom para nadar ou velejar, como disse Matt quando telefonou para Ophélie.

— Faz semanas que venho pensando em convidar você — disse, desculpando-se. Não podia explicar que andava ocupado demais com o quadro de Pip. — Está tão quente que pensei em sair de barco à tarde. Você gostaria de ir?

Ophélie achou uma boa idéia. Estava quente demais para ficar no deque ou na praia, e pelo menos no mar haveria uma brisa. O vento começara a soprar, por isso ele pensou em sair de barco.

Tinha ficado em casa o dia inteiro pintando o quadro de Pip, baseado em lembranças, fotos e esboços que fizera dela na praia.

— Acho ótimo — disse Ophélie entusiasmada. Ainda não tinha visto o barco, mas sabia que Matt o adorava e tinha prometido que dariam uma volta antes que ela fosse embora. — Onde você deixa o barco?

— Está ancorado em um cais particular em uma casa junto da lagoa, perto de você. Os proprietários nunca estão e não se importam que eu deixe o barco lá. Dizem que dá mais charme ao lugar quando estão aqui. Mudaram-se para Washington no ano passado. Foi uma boa oportunidade para mim. — Informou o número da casa e disse para ela encontrá-lo lá em dez minutos. Ophélie disse para Pip que ia velejar e ficou surpresa com sua reação.

— Você vai ficar bem, mamãe? — Pip perguntou preocupada. — O barco é seguro? É grande?

Ao ver seu olhar, Ophélie ficou comovida. Era exatamente como se sentia com relação a ela. Tudo lhe parecia perigoso agora, por isso ficou tão aflita no início do verão quando Pip desapareceu na praia. As duas só tinham uma à outra. O perigo não era mais um conceito abstrato para ela, era real. E a tragédia era uma possibilidade que sabiam que existia, pois mudara a vida das duas para sempre.

— Não quero que você vá — disse Pip com uma voz assustada, enquanto Ophélie tentava decidir o que fazer.

Elas não podiam viver eternamente com medo. Talvez fosse uma boa idéia mostrar que poderiam viver uma vida normal, que nada de terrível aconteceria. Não via perigo algum em sair de barco com Matt. Estava certa de que ele era um marinheiro extremamente competente. Tinham conversado muito sobre a arte de velejar, e ele praticava esse esporte desde que era garoto. Há muito mais tempo que ela. Ophélie não velejava há pelo menos 12 anos. Mas tinha

alguma experiência também, em águas muito mais traiçoeiras que essas.

— Querida, acho que não há perigo algum. Você pode nos ver daqui do deque. — Pip não pareceu sossegada, dava a impressão de que ia chorar. — Você não quer mesmo que eu vá? — Não tinha pensado nisso quando disse a Matt que iria. Podia pedir a Amy para fazer companhia a Pip. Ela tinha acabado de entrar na casa. Ou então Pip poderia ficar na casa dela algumas horas, se Amy tivesse muita coisa para fazer.

— E se você se afogar? — Pip perguntou com a voz embargada. Ophélie sentou e puxou-a carinhosamente para o seu colo.

— Não vou me afogar. Sou uma boa nadadora. E Matt também é. Vou pedir para ele levar um colete salva-vida se você fizer questão.

Pip considerou a idéia por um instante e balançou a cabeça, mais consolada.

— Tudo bem. — Pareceu um pouco aliviada, mas entrou em pânico em seguida. — E se um tubarão atacar o barco?

Ophélie não podia negar que havia tubarões naquelas águas de vez em quando, mas não tinha aparecido nenhum no verão inteiro.

— Você anda vendo muita televisão. Prometo que nada vai acontecer. Pode ficar nos observando daqui. Só quero dar uma volta com ele. Quer vir conosco? — Na verdade, Ophélie não queria que ela fosse pelas mesmas razões, que lhe pareciam bobas agora. Mas Pip não gostava muito de ir para o mar. Barco à vela era uma distração para ela, não para a filha. Pip negou com a cabeça assim que a mãe perguntou. — Vou fazer uma coisa. Vou pedir a Matt para voltarmos daqui a uma hora. O dia está bonito e voltaremos antes que você se dê conta. Que tal?

— Acho que está bem — disse, com ar infeliz, e Ophélie sentiu-se culpada. Mas queria muito velejar com Matt e conhecer o barco, mesmo que fosse por uns minutos. Estava dividida, mas parecia

importante provar a Pip que podia sair e voltar sem que nada de mal lhe acontecesse. Fazia parte do seu processo de cura.

Vestiu um short e uma roupa de banho e chamou Amy para cuidar de Pip. Amy prometeu vir em poucos minutos, e assim que Ophélie acabou de se aprontar ela chegou. Na hora de sair, Pip jogou-se nos seus braços e apertou-a com força, e nesse momento Ophélie percebeu como as mortes do pai e do irmão tinham sido duras para a filha. Ela nunca tinha se comportado assim antes. Por outro lado, Ophélie nunca tinha ido a lugar algum. Passara a maior parte dos últimos dez meses na cama, debulhada em lágrimas.

— Volto logo, prometo. Se não estiver muito quente, fique nos olhando do deque. Tudo bem? — Beijou Pip e saiu o mais rápido possível. Mousse ficou balançando o rabo e ela foi andando pensativa pela rua até a casa onde Matt guardava o barco. O carro dele já estava lá, e ela o viu um instante depois colocando umas coisas no barco. Era um lindo veleiro, em perfeitas condições. Dava para sentir como ele gostava do barco pela forma como cuidava dele. Tudo a bordo tinha sido envernizado, os metais brilhavam e o casco fora pintado de branco na primavera. O barco tinha só um mastro, de mais de 12 metros de altura, uma vela grande e uma genoa, e bastante pano para seu tamanho. Tinha também um pau de jiba curto, dando a impressão de que era maior que seus trinta pés, o motor era pequeno e a cabine mínima, com teto tão baixo que não dava para Matt ficar de pé. Chamava-se *Nessie II*, em homenagem à filha que ele não via há seis anos. O veleiro pequeno e elegante era uma preciosidade, e Ophélie sorriu, admirando-o do cais.

— Que barco lindo, Matt! — disse com toda a sinceridade, louca para dar uma volta com ele.

— Não é? — Matt parecia contente. — Eu queria muito que você visse meu barquinho antes de ir embora. — E velejar com ela era melhor ainda. Estava ansioso para sair. Ophélie tirou a sandália e

ele ajudou-a a subir a bordo. Ligou o motor e ela ajudou-o a soltar os cabos. Um instante depois partiam em boa velocidade pela lagoa na direção do mar. O dia estava perfeito para velejar.

— Que veleiro lindo! — disse Ophélie de novo, admirando todos os pequenos detalhes tão bem cuidados por ele nas suas horas de folga. Aquele barco era um dos encantos da sua vida, e ele estava feliz de compartilhá-lo com Ophélie. — Quando foi construído? — ela perguntou com interesse quando chegaram na barra da lagoa e ele dirigiu-se para o mar, desligando o motor ao sentir a brisa forte. Por um instante, Ophélie saboreou o delicioso silêncio do veleiro, sentindo o oceano abaixo deles e o vento acima quando subiram as velas. Matt podia manobrar o barco sozinho, mas Ophélie começou a ajudá-lo sem dizer nada.

— Foi construído em 1936 — respondeu com orgulho. — Comprei-o há oito anos de um homem que o comprou logo depois da guerra. Estava em bom estado, mas eu restaurei muita coisa.

— É uma jóia — disse Ophélie, e então lembrou-se do que prometera a Pip. Enfiou a cabeça na cabine e pegou um colete salva-vida que estava pendurado em um gancho. Matt ficou surpreso quando viu Ophélie vesti-lo. Ela tinha dito que era uma ótima nadadora e que adorava velejar. — Eu prometi a Pip — disse, respondendo à pergunta em seus olhos. Matt meneou a cabeça, e nesse momento o vento bateu nas velas e eles ganharam velocidade. Era uma sensação única, o veleiro singrando as águas com uma graça deliciosa. Os dois deram o largo sorriso típico de marinheiros saboreando o prazer de velejar em um dia perfeito.

— Você se importa se nos afastarmos um pouco? — ele perguntou, enquanto Ophélie sacudia a cabeça denotando extrema felicidade. Ela não se importava, e eles se afastaram da praia, deixando para trás a fileira de casas. Esperava que Pip estivesse vendo-os do deque. Quando se sentou junto dele perto do leme, falou sobre a reação de Pip antes de ela sair.

— Eu não tinha percebido como ela ficou nervosa depois... — Não terminou a frase e ele compreendeu. Ophélie sentou-se com o rosto virado para o sol e fechou os olhos. Matt não sabia bem qual era a visão mais linda, o veleiro que ele amava ou aquela mulher ao seu lado.

Velejaram durante algum tempo em silêncio até a praia desaparecer por completo. Ophélie prometera a Pip que não ficaria fora muito tempo, mas era muito tentador aproveitar o mar e deixar o mundo para trás. Não se lembrava mais de como era maravilhoso velejar em um lindo barco. Uma sensação completa de paz. Não se importou quando começou a ventar mais forte. Matt alegrou-se ao ver que ela era realmente uma marinheira, e que estava se divertindo tanto quanto imaginou que se divertiria. Por um instante Ophélie desejou ficar navegando eternamente. Estava com uma sensação extraordinária de liberdade e de paz. Não se sentia tão feliz ou contente assim há anos, e era ótimo compartilhar isso com Matt.

Passaram por inúmeros barcos de pesca e acenaram, e viram ao longe um navio de carga. Seguiam na direção das Farallones quando Matt debruçou-se na borda e fixou o olhar em alguma coisa a distância. Ophélie olhou na mesma direção mas não viu nada. Talvez ele tivesse visto uma foca ou um peixe grande, esperava que não fosse um tubarão. Matt passou o leme para ela e desceu para a cabine, pegou uns binóculos e voltou. Olhou e de novo e franziu a sobrancelha.

— O que é? — Ela não estava preocupada, só curiosa, com vontade de se livrar do colete, mas tinha prometido a Pip e queria manter sua palavra, por princípio não por necessidade.

— Pensei ter visto uma coisa um instante atrás — ele disse. — Mas acho que estava enganado.

As ondas tinham subido um pouco, o que não a preocupou, mas ficou mais difícil ver. Ela nunca tinha enjoado na vida, adorava o

balanço do barco, por mais forte que fosse.

— O que pensou que fosse? — perguntou com interesse, sentada ao seu lado.

Matt estava pensando em voltar, tinham ido parar muito longe, e já velejavam há mais de uma hora, quase duas, com vento pelas costas.

— Não tenho certeza... parecia uma prancha de surfe, mas está muito longe para isso, a não ser que tenha caído de um barco.

Ophélie assentiu e ele acertou as velas, e quando viraram ela viu a prancha e apontou para ele. Pegou os binóculos e viu um homem agarrado na prancha. Acenou freneticamente para Matt, e ele tirou depressa os binóculos da mão dela. Os dois desceram as velas, ele ligou o motor e partiu na direção do que tinham visto o mais rápido possível. Baixar as velas no vento forte era mais difícil que parecia.

Levaram vários minutos para chegar até a prancha, e então viram que o homem agarrado nela era quase um menino, estava semi-inconsciente, com o rosto cinzento e os lábios azulados. Era impossível saber de onde tinha vindo ou há quanto tempo estava ali, a quilômetros da costa. Ophélie ajudou Matt a parar o barco no vento quando ele desceu na cabine para buscar uma corda grossa. O mar estava ficando mais crespo, e Ophélie sentiu a garganta apertada ao perceber que seria quase impossível trazer o menino para bordo. Puxá-lo para fora da água seria uma tremenda façanha, mas colocar a corda em volta dele seria ainda mais difícil. Quando se aproximaram, viram, que o menino tremia violentamente e olhava para os dois em desespero.

— Agüente firme — gritou Matt, percebendo que se o garoto se mantivesse agarrado à prancha não conseguiriam passar a corda em volta dele, e se soltasse, poderia se afogar. Estava usando uma roupa curta de mergulho, o que provavelmente salvara sua vida até agora. Ao olhar para o garoto, Ophélie calculou, com um nó na garganta, que ele devia ter uns 16 anos, a mesma idade de Chad. E

começou a pensar que em algum lugar uma mulher estaria prestes a perder um filho e a sofrer uma dor inominável. Mas não via como poderiam salvá-lo. Matt tinha um pequeno rádio a bordo, mas, além do cargueiro, a milhas de distância, não havia nenhuma embarcação à vista, e a Guarda Costeira levaria muito tempo para chegar. Para que o menino vivesse, eles mesmos teriam de salvá-lo. Mas não havia como saber qual era seu estado e há quanto tempo estava na água. Era óbvio que não tinham muito tempo a perder. Matt pegou na cabine um colete salva-vida e fez uma pergunta a Ophélie antes de mergulhar.

— Você consegue levar o barco de volta se for preciso?

Ela fez que sim sem hesitação. Tinha velejado sozinha na Inglaterra durante anos, quando era garota, sempre em mar encapelado e condições muito mais adversas que aquelas. Mas ele precisava saber antes de deixá-la sozinha a bordo.

Matt deu um laço na corda e mergulhou com ela, e instintivamente o garoto agarrou-se nele e quase o afogou enquanto Matt tentava enlaçá-lo. Conseguiu ficar por trás do menino, que se debatia, já muito fraco, e Ophélie ficou assistindo à cena terrível. Pareceu uma eternidade pôr a corda debaixo dos braços dele e arrastá-lo até o barco. Ophélie viu como Matt era forte e que fazia um esforço sobre-humano. Quando ele se aproximou do barco com o menino gritou para ela, e ela compreendeu. Matt jogou a ponta da corda e ela milagrosamente conseguiu segurá-la e prendê-la na catraca. Sabia o que tinha de fazer. A única pergunta era se seria capaz de fazer o que era necessário para salvar os dois. Tentou cinco vezes, e já estava entrando em pânico quando finalmente conseguiu içar o menino pela corda lentamente. Ele mal tinha força de se segurar na borda, mas não importava, a corda estava firme por baixo dos seus braços e ela puxou-o para dentro do barco, quase sem vida. Estava semiconsciente e tremia violentamente, e

ela, enquanto olhava para Matt, tirou a corda do menino e atirou-a para ele.

Apesar da movimentação da água, ele segurou-a sem esforço e foi içado pela catraca. Parecia um milagre terem conseguido tirar o menino da água e trazê-lo até o barco. Quando Matt avaliou a situação, decidiu que seria mais rápido velejar. O vento tinha virado e soprava com força, e ele achou que poderia chegar mais depressa na costa com a vela. Içou as duas enquanto Ophélie pegava um cobertor na cabine e cobria o menino, que a encarava com olhos vazios. Ela conhecia aquele olhar, tinha visto duas vezes em Chad quando ele tentou suicídio. E com todas as forças do seu ser prometeu a si mesma que salvaria aquele menino. Ele obviamente saíra na prancha de surfe e fora levado para longe, provavelmente pela maré vazante, e não teve possibilidade de voltar. Um milagre os levara exatamente àquele lugar, naquela hora. Matt estava otimista quando se dirigiu para a costa, e depois de um instante gritou para Ophélie pegar uma garrafa de conhaque na cabine e fazer o garoto tomar um gole. Ophélie sacudiu a cabeça em tom negativo, e ele não compreendeu. Falou de novo, achando que ela não tinha entendido. Sem saber o que mais fazer, ela enfiou-se debaixo do cobertor com o menino, que tremia muito, e aconchegou-se a ele para que seu próprio corpo o aquecesse e o mantivesse vivo até chegarem à costa. Matt apontou para o leme e entrou na cabine para falar no rádio. Contatou a Guarda Costeira em menos tempo que esperava, e disse que tinha uma emergência médica a bordo e estava se dirigindo para terra. Achou que chegaria na costa antes que eles o alcançassem, e pediu que paramédicos o esperassem lá ou tentassem vir de lancha encontrá-los, se fosse possível.

Estavam no meio do caminho quando o vento começou a amainar, e Matt abaixou as velas de novo e ligou o motor. Era uma reta até a praia agora, a terra já estava à vista, e Matt ficou olhando

para Ophélie abraçada ao menino. Ele estava inconsciente havia vinte minutos e parecia quase morto. O rosto de Ophélie estava pálido.

— Você está bem? — ele gritou, e ela fez que sim, lembrando-se de Chad. Só pensava agora em salvar aquele menino, para que sua mãe não tivesse de passar por tudo que ela passara. — Como ele está?

— Continua vivo — disse, apertando-o contra o peito, encharcada debaixo do cobertor, mas sem se incomodar com isso. O sol batia neles, e o prazer que tinham sentido transformara-se em uma corrida contra a morte.

— Por que não lhe deu o conhaque? — Matt perguntou, tentando aumentar a velocidade para chegarem mais rápido. Nunca tinha forçado o barco tanto assim, mas o motor estava resistindo.

— Ele teria morrido — ela disse, muito aflita, sentindo aquele corpo largado e frio nos seus braços, mas percebendo que o pulso ainda batia. Ele não estava morto ainda. — Teria levado toda a sua circulação para as extremidades, e ele precisa que o sangue vá para o coração. — Apesar de as pernas dele parecerem feitas de gelo, o coração é que precisava ser irrigado agora.

— Graças a Deus você sabia disso — falou Matt, rezando em silêncio para chegar na costa a tempo.

Estavam quase na barra da lagoa, dentro de uns minutos teriam ajuda. Quando entraram na lagoa ouviram sirenes e viram luzes na ponta da praia mais próxima deles. Sem hesitar, Matt levou o barco para o cais de um desconhecido. Um bando de gente ficou olhando quando seis paramédicos subiram a bordo e Ophélie rolou no chão e ficou de pé no barco. Estava soluçando quando os viu examinar o menino e carregá-lo numa maca. Um deles olhou para trás e levantou o polegar com ar vitorioso e um sorriso. O menino estava vivo. Ophélie tremia violentamente, e Matt deu uns passos no barco

e abraçou-a com força. Ainda soluçava quando dois homens saíram de um carro do corpo de bombeiros e subiram a bordo.

— Vocês salvaram a vida daquele menino — disse o bombeiro mais velho com admiração. — Alguém sabe o nome dele?

Ophélie balançou a cabeça, Matt explicou o que tinha acontecido e eles fizeram umas anotações e lhes deram os parabéns de novo. Meia hora depois o carro de bombeiros foi embora, então Matt ligou o motor de novo e dirigiu-se lentamente para o cais. Ophélie estava comovida demais para falar, ficou sentada ao seu lado tremendo, e ele passou o braço com firmeza em volta dos seus ombros.

— Desculpe, Ophélie. — Ele soube sem qualquer esforço em que ela estava pensando, e o que tudo aquilo lhe causara. — Eu só queria fazer um lindo passeio de barco com você.

— E fizemos. Salvamos a vida dele e o coração da sua mãe.

Se ele vivesse. Ninguém podia ter certeza ainda, mas pelo menos o garoto teve uma chance. Não teria nenhuma se eles não o tivessem encontrado agarrado na prancha, que tinha sido deixada lá. Matt não quis perder tempo tentando levá-la para bordo.

Os dois estavam exaustos quando amarraram a *Nessie II*, guardaram tudo, trancaram a cabine e saíram. Matt ainda tinha de lavar o deque para tirar toda a água salgada, mas voltaria mais tarde. Quando tudo terminou, viram que estavam fora há cinco horas. Ophélie mal tinha força para andar quando saíram do cais, e Matt levou-a de carro para casa. Mas nenhum dos dois estava preparado para o que encontrou. Pip soluçava na cama e Amy tentava confortá-la, com ar desesperado. Vira o barco desaparecer no horizonte, e como eles não voltaram depois de duas horas convenceu-se de que o pior tinha acontecido, o barco afundara e sua mãe morrera afogada. Estava inconsolável quando Ophélie entrou no quarto e Matt ficou olhando apavorado junto da porta.

— Está tudo bem, Pip... tudo bem... eu já voltei... — Ophélie dizia num tom carinhoso, horrorizada de encontrar a filha naquele

estado, sentindo-se de repente culpada por tê-la deixado ali. Tudo saiu diferente do que ela esperava, mas uma vida tinha sido salva. Parecia a mão do destino eles terem saído naquele dia no barco de Matt.

— Você disse que ia voltar em uma hora! — Pip gritou para a mãe, virando-se com os olhos cheios de acusação e horror. Assim como Ophélie se desesperara ao ver aquele menino morrendo e se lembrara de Chad, Pip tinha se convencido de que perdera sua mãe.

— Sinto muito... eu não sabia... aconteceu uma coisa.

— O barco virou? — Pip pareceu ainda mais assustada quando Matt entrou no quarto e Amy saiu discretamente. Não sabia mais o que dizer para consolar Pip, e sentiu um alívio enorme quando sua mãe apareceu.

— Não, o barco não virou — disse Ophélie com cuidado, puxando Pip para perto dela. Era tudo que Pip precisava. Não eram mais necessárias palavras. — E eu usei o colete salva-vidas conforme prometi.

— Eu também — disse Matt, sem saber se era bem-vindo ou um intruso naquela cena entre a mãe e a filha angustiada.

— Nós encontramos um menino na água muito longe da costa, agarrado em uma prancha de surfe, e Matt salvou-o.

Pip arregalou os olhos ao ouvir aquilo.

— Nós dois o salvamos — Matt corrigiu. — Sua mãe foi fantástica. — Estava agora ainda mais impressionado com a calma e eficiência de Ophélie do que na hora em que tudo aconteceu. Ele não teria salvo o menino sem sua ajuda.

Os dois contaram toda a história para Pip, e Ophélie conseguiu juntar forças para tranquilizá-la. Pouco depois, enquanto os três tomavam um chá quente, Matt telefonou para o hospital e disseram que o estado do menino era sério mas estável. Ele não saía ainda da fase crítica mas talvez conseguisse escapar, e a família estava

com ele no Marin General Hospital. Matt ficou com lágrimas nos olhos ao ouvir isso, e Ophélie fechou os olhos por um instante. Só conseguia pensar na tragédia que fora evitada e sentia-se profundamente grata por isso. Uma mulher que não conhecia tinha sido poupada da tragédia e do desespero. Sentiu-se agradecida por terem conseguido salvar o menino.

Quando Matt saiu, uma hora depois, Pip já estava mais calma, mas disse que não queria que sua mãe saísse para velejar nunca mais, nunca mais. Era óbvio que a tarde tinha sido traumatizante para ela, que não sabia o que tinha acontecido. Disse que ouviu os carros com sirenes passarem pela casa, e convenceu-se de que sua mãe e Matt estavam mortos. Tinha sido um dia terrível, e Matt desculpou-se de novo com as duas por isto ter acontecido. Não tinha sido fácil para ele, Ophélie sabia muito bem que Matt poderia ter se afogado enquanto tentava tirar o menino da água. Os dois poderiam ter morrido, e ela não poderia fazer nada para ajudar. A tragédia não ocorreu por um triz, para alívio de todos. Assim que Matt chegou em casa, telefonou para ela.

— Como Pip está? — perguntou, parecendo preocupado e exausto. Tinha voltado para tirar a água do barco, com muita dificuldade para erguer os braços, depois foi para casa e se enfiou em uma banheira de água quente durante uma hora. Não tinha percebido até então como estava nervoso e com frio.

— Está ótima agora — disse Ophélie calmamente. Tinha tomado um banho quente também e se sentia melhor, embora estivesse tão cansada quanto ele. — Creio que não sou a única por aqui que se preocupa mais do que é preciso.

Para Pip, o medo de perder a mãe se tornara seu pior pesadelo, e ela sabia melhor do que ninguém como era fácil acontecer isso. Nunca mais se sentiria inteiramente segura. De certa forma, a inocência da sua infância terminara meses atrás.

— Você foi incrível — disse Matt gentilmente.

— E você também — falou, ainda maravilhada com o que ele fizera, e com sua determinação. Não hesitara nem um instante em arriscar a própria vida por um menino desconhecido.

— Se eu algum dia planejar cair do barco, vou levar você junto — Matt falou com admiração. — E graças a Deus você sabia sobre o conhaque, senão o menino estaria morto. Eu teria despejado a bebida direto na garganta dele.

— Foram muitas aulas de primeiros socorros e um curso preparatório de medicina, senão eu também não saberia. E acabou tudo bem, isso é que importa. — Foi o trabalho de equipe que o salvou, afinal.

Matt telefonou de novo naquela noite para saber do menino. Depois ligou para Ophélie e disse que ele estava indo bem e que na manhã seguinte estaria fora de perigo. Os pais telefonaram para Matt e Ophélie para agradecer-lhes efusivamente por sua ação heróica. Estavam horrorizados com o que tinha acontecido, e a mãe soluçava enquanto agradecia a Ophélie. Não tinha idéia de que Ophélie conhecia muito bem a tragédia que fora evitada. Seria melhor nem saber.

Os jornais contaram tudo a respeito do incidente, e Pip leu as notícias para a mãe no café-da-manhã. Depois olhou-a com os olhos arregalados, que penetraram nela como se fossem facas.

— Prometa nunca mais fazer uma coisa assim... eu não posso... não poderia.. se você... — Não terminou a frase, e os olhos de Ophélie encheram-se de lágrima quando olhou para a filha.

— Prometo. Eu também não poderia viver sem você — disse com suavidade. Dobrou o jornal e deu um abraço em Pip, e um instante depois a menina saiu para o deque e ficou sentada ali com Mousse, perdida em seus pensamentos, olhando para o mar em silêncio. O dia anterior tinha sido terrível demais para pensar nele. Ophélie ficou na sala chorando baixinho enquanto a observava, e

fez uma oração silenciosa de agradecimento por tudo ter terminado bem.

Capítulo 11

MATT LEVOU PIP e Ophélie para jantar na última noite que passaram em Safe Harbour. Tinham se recuperado do susto àquela altura e os três pareciam relaxados. O menino tinha saído do hospital no dia anterior e telefonado para Ophélie e Matt para agradecer. Ophélie estava certa quando calculou o que tinha acontecido. Ele foi carregado milhas de distância pela maré.

Foram jantar de novo no Lobster Pot e divertiram-se muito. Mas durante toda a noite Pip pareceu triste. Não queria se despedir do amigo. Ela e a mãe tinham feito as malas à tarde, e na manhã seguinte iriam para casa. Pip tinha ainda algumas coisas a fazer antes de começar as aulas.

— Vai ficar muito monótono aqui sem vocês duas — disse Matt quando terminaram a sobremesa.

A maioria dos moradores estava indo embora naquele fim de semana. Na segunda-feira era Dia do Trabalho. E Pip começava as aulas na terça-feira.

— Vamos alugar uma casa aqui de novo no ano que vem — disse Pip com firmeza. Já tinha quase conseguido que a mãe promettesse isso, mas Ophélie achava que no próximo verão elas iriam à França, pelo menos por umas semanas. Mas também tinha

vontade de alugar de novo uma casa em Safe Harbour, se possível a mesma. Aquela servia para elas, mas era pequena demais para outras famílias.

— Posso checar os preços se você quiser, quando chegar o verão. Estarei aqui mesmo. Talvez queiram uma casa maior no ano que vem.

— Acho que essa serve — Ophélie disse, sorrindo. — Se quiserem alugar para a gente de novo. Não tenho certeza se eles aprovam a presença de Mousse aqui.

Mas Mousse não tinha estragado nada, felizmente. Era muito bem comportado. Só fazia pipi pela casa. E um serviço de limpeza viria no dia seguinte para limpar o chão. Ophélie e Pip eram bastante cuidadosas.

— Espero ver muitos desenhos quando for visitar você na cidade. E não se esqueça do jantar do Dia dos Pais — Matt disse para Pip, com um sorriso.

Ela adorou ver que ele não se esquecera, e achou mesmo que ele iria. Seu próprio pai nunca fora. Tinha de trabalhar. Ela levou o irmão uma vez, e na outra um amigo de Andrea. Ted detestava as festas da escola, e ele e Ophélie discutiam muito por causa disso. Discutiam por muitas outras coisas, embora sua mãe não gostasse de se lembrar disso. Mas era verdade, por mais que não quisesse admitir. Pip estava convencida de que Matt manteria sua palavra e que seria uma noite divertida.

— Você vai ter de usar gravata — disse Pip com cuidado, esperando que ele não mudasse de idéia. Mas ele sorriu.

— Acho que ainda devo ter uma por aí. Está provavelmente prendendo minha cortina. — Na verdade tinha muitas, só não tinha ocasiões para usá-las, mas se quisesse teria. Ia à cidade apenas quando tinha consulta no dentista ou no advogado, ou quando precisava ir ao banco. Mas agora tinha intenção de visitar Ophélie e Pip. Elas eram importantes para ele. E depois do que compartilhara

com Ophélie no início da semana sentia-se mais próximo dela do que nunca.

Levou-as para casa. Ophélie convidou-o para entrar e ele aceitou com prazer. Ela lhe ofereceu uma taça de vinho tinto quando Pip foi vestir o pijama. Matt gostou daquela cena doméstica e perguntou se poderia acender a lareira. As noites eram frias, como sempre, e, apesar do calor dos dias de setembro, as noites já pareciam com o outono.

— É uma boa idéia. — Pip veio dar um beijo de boa-noite e prometeu que lhe telefonaria em breve.

Matt já dera seu número para ela e também para Ophélie, caso Pip o perdesse. Abraçou-a com carinho e foi acender a lareira. Ao perceber que estava sendo observado por Mousse viu que sentiria falta dele também. Tinha esquecido como era ter uma família e detestava admitir para si mesmo como gostava disso.

O fogo já estava aceso quando Ophélie voltou do quarto de Pip. Levar a filha para a cama era uma tradição que havia voltado nas últimas semanas. Enquanto olhava o fogo, percebeu como tinha mudado nos três meses que passara ali. Sentia-se quase humana, embora ainda tivesse saudade do marido e do filho. Mas a dor da ausência deles era um pouco mais suportável que antes. O tempo fazia diferença, por menor que fosse.

— Você está muito séria — disse Matt, sentando-se ao seu lado e bebendo um pouco do vinho. Era a última garrafa que Ophélie tinha em casa. Ela não bebia muito, embora fosse francesa.

— Estava pensando em como me sinto melhor do que quando cheguei aqui. Este lugar nos fez muito bem. Pip parece mais feliz também. Em grande parte graças a você. Você foi o verão dela — disse, sorrindo com gratidão.

— E ela foi o meu verão. Você também. Todo mundo precisa de amigos. Às vezes eu me esqueço disso.

— Você tem uma vida muito solitária aqui, Matt.

Ele assentiu. Nos últimos dez anos aquele lugar era tudo o que queria. Mas agora, pela primeira vez, parecia solitário.

— É bom para o meu trabalho, pelo menos é o que digo a mim mesmo. E fica perto da cidade. Posso ir sempre lá, se você quiser. — E agora iria mesmo, para ver as duas, mas levou um susto quando percebeu que apesar da proximidade fazia mais de um ano que não ia a São Francisco. O tempo voava às vezes, sem que fosse possível perceber, e os anos também.

— Espero que vá nos visitar com frequência. Apesar de a minha comida ser péssima — disse Ophélie rindo.

— Posso levar vocês para jantar fora — respondeu ele, brincando, mas com essa intenção. Estava feliz com a nova perspectiva. Tinha uma coisa boa para esperar e suavizar a tristeza da partida delas, que sabia que o atingiria em cheio na manhã seguinte. — Com que você vai se ocupar depois que Pip voltar para a escola? — perguntou, preocupado com Ophélie. Sabia que ela ficaria muito sozinha. Não estava habituada a ter tanto tempo de sobra como agora, só com uma filha para cuidar. Estava acostumada a cuidar de dois filhos e um marido.

— Talvez eu siga seu conselho de trabalhar como voluntária em um abrigo para os sem-teto. — Tinha gostado do material que Blake Thompson, o líder do grupo, tinha dado para ela. Pareceu-lhe bem interessante.

— Seria uma boa coisa. E você pode sempre vir aqui almoçar comigo, se não tiver mais nada para fazer. A praia fica bonita no inverno.

Ophélie gostou disso também. Adorava a praia em todas as estações do ano, e ela achou o convite encantador. Gostava da idéia de manter aquela amizade. Não importava o que Andrea pensasse, serem amigos era o que os dois queriam.

— Eu gostaria muito de vir — disse sorrindo.

— Está feliz de voltar?

Ophélie ficou olhando para o fogo com um ar pensativo.

— Não. Detesto pensar em voltar para aquela casa, embora gostasse muito dela antes. Mas agora está muito vazia. É grande demais para nós duas. Não quis tomar nenhuma decisão precipitada no ano passado para não me arrepender depois. — Não disse a ele que os armários de Ted continuavam com suas roupas, e que as coisas de Chad continuavam no seu quarto. Não tinha tocado em nada, e saber que estava tudo lá a deprimia. Por outro lado, não conseguia separar-se dessas coisas. Andrea já tinha falado que isso não era saudável, mas pelo menos por enquanto era o que ela queria. Não estava pronta para fazer mudanças, não ainda. Pensou se teria uma sensação diferente depois daquele verão. Ainda não sabia.

— Acho que você agiu bem não fazendo nada precipitado. Pode um dia vender a casa, se quiser. Talvez seja bom para Pip não trocar de ambiente por enquanto. Seria uma grande mudança na vida dela, se vocês moram lá há muito tempo.

— Desde que tinha 6 anos, e ela adora a casa. Mais do que eu.

Os dois ficaram sentados ali por algum tempo, aproveitando a companhia um do outro em silêncio. Quando o vinho terminou, os dois se levantaram. A essa altura o fogo estava apagando lentamente.

— Vou ligar na semana que vem. — Matt era uma presença masculina sólida e confiável na vida dela, como um irmão. — Telefone se precisar de alguma coisa, ou se eu puder ajudar você ou Pip de alguma forma. — Sabia que ficaria preocupado com elas.

— Obrigada, Matt — disse, gentilmente. — Por tudo. Você foi um amigo maravilhoso para nós duas.

— Pretendo continuar a ser — disse, pondo o braço em volta dela enquanto iam até o carro.

— Nós também. Não fique muito sozinho aqui, não é bom para você. Vá nos visitar na cidade, você vai se distrair. — Agora que ela

sabia mais sobre a vida de Matt, podia imaginar que ele devia se sentir às vezes como ela própria se sentia. Muita gente que os dois amavam tinha desaparecido das suas vidas, por morte ou divórcio, em circunstâncias tristes. As mudanças da vida afastavam as pessoas, os lugares e os momentos queridos depressa demais, como o mar afastara o menino que eles tinham salvado uns dias antes.

— Boa noite — disse ele, sem saber mais o que falar. Acenou quando saiu com o carro e viu-a entrar em casa, depois voltou para seu bangalô na praia, desejando ser mais corajoso e que a vida fosse diferente do que era.

Capítulo 12

— **A** TÉ LOGO, CASA — disse Pip muito séria quando saíram.
Ophélie trancou a porta e quando passou pela casa do corretor deixou as chaves na caixa do correio. O verão tinha acabado. No momento em que viraram na rua estreita e sinuosa onde Matt morava, Pip ficou em silêncio e só falou ao chegarem na ponte.

— Por que você não gosta dele? — perguntou, quase zangada, em tom acusador. Ophélie não tinha idéia de quem ela estava falando.

— Não gosto de quem?

— De Matt. Acho que ele gosta de você. — Pip olhava para a mãe, deixando-a totalmente confusa.

— Eu também gosto dele. De que você está falando?

— Gostar como homem... você sabe... como namorado.

Elas estavam quase no pedágio, e Ophélie começou a procurar o dinheiro na bolsa.

— Não quero um namorado. Sou uma mulher casada — disse com firmeza, quando encontrou o dinheiro.

— Não é, não. Você é viúva.

— É a mesma coisa. Quase. Por que pensou nisso? Acho que ele não gosta de mim como namorada. E se gostasse não faria diferença. Matt é nosso amigo, Pip. Não vamos estragar isso.

— Por que estragaria? — falou Pip com teimosia. Tinha pensado nisso a manhã toda. Já sentia falta de Matt.

— Estragaria, sim. Confie em mim. Eu sou adulta, sei das coisas. Se a gente se envolvesse, um poderia sair magoado e tudo estaria acabado.

— Alguém sempre sai magoado? — Pip parecia desapontada. Não era uma informação animadora.

— Quase sempre. Quando os dois não se gostam mais, deixam de ser amigos. E ele não veria mais você. Pense em como seria triste. — Ophélie estava muito determinada com relação a esse assunto.

— E se você se casasse? Nada disso aconteceria então.

— Não quero me casar de novo. Nem ele. Matt sofreu muito quando sua mulher o deixou.

— Ele disse isso? Disse que não queria se casar de novo? — Pip estava desconfiada. Não parecia fazer sentido.

— Mais ou menos. Nós conversamos sobre casamento e divórcio. Foi muito traumático.

— Ele pediu você em casamento? — Ela pareceu esperançosa de repente.

— É claro que não. Não seja boba. — Era uma conversa ridícula, da perspectiva de Ophélie.

— Então, como sabe que ele se sente assim?

— Eu sei. Além disso, não quero me casar mais. Ainda me sinto casada com seu pai.

Parecia nobre da parte dela, mas Pip ficou com raiva, o que surpreendeu a mãe.

— Ele morreu e não vai voltar. Acho que você devia casar-se com Matt para cuidarmos dele.

— Talvez ele não queira ser “cuidado”, não importa quais sejam meus sentimentos. Por que não se casa com ele? Acho que Matt serviria para você — disse em tom de implicância, para terminar aquela conversa ridícula. Não gostava que dissessem que Ted estava morto e nunca voltaria. Era tudo em que pensava nos últimos 11 meses. Era difícil acreditar que tinha se passado quase um ano. Sob certos aspectos parecia uma eternidade, sob outros parecia apenas alguns minutos.

— Também acho que ele serviria para mim — disse Pip, sensibilizada —, por isso é que você tem de se casar com ele.

— Quem sabe ele gostaria de Andrea — disse Ophélie para distraí-la, porém coisas mais loucas acontecem às vezes. De repente, pensou se devia apresentá-los, mas Pip foi imediatamente contra. Não queria perdê-lo. Queria Matt para elas duas.

— Não gostaria, não — disse com firmeza. — Odiaria. Ela é forte demais para ele. Gosta de dar ordens aos outros, inclusive aos homens. Por isso é que eles sempre caem fora.

Era uma avaliação interessante, e Ophélie sabia que a filha não estava inteiramente errada. Pip tinha ouvido muitas conversas entre os pais sobre Andrea ao longo dos anos, e tirara suas conclusões. Andrea tinha uma forma de diminuir os homens, era independente demais, por isso acabou apelando para o banco de esperma quando quis ter um filho. Nenhum homem até agora tinha querido ligar-se intimamente a ela. Mas aquela percepção era espantosa para uma menina da idade de Pip, e Ophélie não discordou dela, embora não dissesse nada. Estava impressionada com a sabedoria da filha.

— Ele ficaria muito mais feliz com você e comigo — disse Pip com modéstia, dando um risinho. — A gente pode perguntar na próxima vez em que estiver com ele.

— Tenho certeza que ele adoraria isso. Por que não pedimos para ele se casar conosco? Seria uma boa — disse Ophélie sorrindo também.

— É. Gostei dessa — disse Pip rindo e apertando os olhos para evitar o sol, pensativa. Parecia encantada.

— Você é um monstrinho — disse a mãe dela brincando. Uns minutos depois estavam em casa, e Ophélie destrancou a porta. Não entrava lá há três meses. Evitava sempre que vinha à cidade, por isso pediu que sua correspondência fosse enviada para Safe Harbour durante o verão. Era a primeira vez que voltava ali. E quando entrou a realidade da sua situação atingiu-a como um trem expresso. De certa forma acreditava, no fundo da alma, que quando voltasse Ted e Chad estariam ali esperando por elas. Como se tivessem apenas viajado e a agonia do ano anterior fosse uma brincadeira de mau gosto. Chad desceria as escadas rindo e Ted estaria na porta do quarto esperando por ela, com aquele olhar que lhe dava um frio no estômago e deixava suas pernas trêmulas. A química entre eles foi poderosa durante todo o casamento. Mas a casa estava vazia. Não havia como escapar à verdade. Ela e Pip estavam sozinhas para sempre.

As duas ficaram paradas na porta, pensando a mesma coisa no mesmo momento, e seus olhos encheram-se de lágrimas quando se entreolharam.

— Odeio este lugar — disse Pip com suavidade, quando as duas se abraçaram.

— Eu também — falou a mãe baixinho.

Nenhuma delas teve vontade de subir ou de entrar nos respectivos quartos. A realidade era terrível demais. Por um instante Matt foi esquecido. Ele tinha sua vida própria, seu mundo próprio. E elas tinham o delas. Não havia como esconder isso.

Ophélie foi até o carro tirar as malas, e Pip ajudou-a a levá-las para cima. Até isso foi difícil. Ambas eram pequenas, as malas eram pesadas e não havia ninguém para ajudar. Ophélie estava ofegante quando colocou as malas de Pip no quarto.

— Vou arrumar suas coisas daqui a um instante — disse Ophélie, tentando manter suas intenções do verão, mas sentindo um vazio no momento em que entrou na casa onde tinha morado com o filho e o marido. Era como se os meses de cura em Safe Harbour nunca tivessem ocorrido.

— Eu posso fazer isso, mamãe — disse Pip num tom triste. Sentia o mesmo que a mãe. De certa forma, era pior agora. Ophélie estava mais viva e tinha sentimentos. O ano do robô tinha sido melhor.

Ophélie arrastou as próprias malas para cima, e ficou muito triste quando abriu o armário. Estava tudo ali ainda. Todos os casacos, os ternos, as camisas, as gravatas e os sapatos que Ted tinha usado, até mesmo o mocassim surrado que calçava nos fins de semana e que tinha desde a época de Harvard. Era como se estivesse revivendo um pesadelo. Não teve coragem de entrar no quarto de Chad, sabia que seria a morte para ela. Ali já era ruim o suficiente. Quando começou a tirar as roupas da mala, sentiu-se andando para trás. Era assustador.

Na hora do jantar as duas continuavam em silêncio, pálidas e exaustas, e deram um pulo quando o telefone tocou. Tinham decidido não comer ainda, embora Ophélie soubesse que a filha teria de comer mais cedo ou mais tarde, com ou sem fome. Quanto a ela, deixar de lado uma refeição não era problema.

Ophélie não se mexeu, não tinha vontade de falar com ninguém. Foi Pip quem atendeu, e seu rosto tornou-se mais brilhante quando ouviu aquela voz.

— Oi, Matt. Tudo bem — disse, em resposta à sua pergunta, mas ele percebeu em sua voz que não era verdade, e depois, quando sua mãe olhou, ela começou a chorar. — Não, não está, está um horror. É horrível aqui. Odiamos a casa. — Incluiu a mãe nessa declaração, e Ophélie pensou em mandá-la calar a boca, mas

não disse nada. Se ele era um amigo, seria bom saber que as coisas estavam péssimas.

Pip ficou ouvindo Matt falar durante muito tempo, balançando a cabeça, mas pelo menos parou de chorar. Sentou-se na cadeira da cozinha enquanto ele falava.

— Sim. Vou tentar. Vou dizer a mamãe... Não posso... Tenho de ir para a escola amanhã. Quando você vem aqui? — Ophélie não sabia o que ele tinha dito do outro lado da linha, mas viu que ela ficou contente com a resposta. — Já.... Vou perguntar para ela... — Virou-se para Ophélie, tapando discretamente o fone com a mão. — Quer falar com ele? — Mas Ophélie negou com a cabeça.

— Diga que estou ocupada. — Não queria falar com ninguém. Sentia-se infeliz demais. E sabia que não podia fingir que estava alegre. Pip podia chorar no ombro dele, mas ela, não. Não parecia apropriado, e ela não quis fazer isso.

— O.K. — disse Pip para Matt de novo —, eu digo a ela. Telefono para você amanhã. — Ophélie começou a pôr em dúvida a vantagem do contato diário com Matt, mas talvez não houvesse mal nisso. Confortara a filha. Assim que Pip desligou, contou toda sua conversa com ele. — Matt disse que é normal nos sentirmos assim porque vivemos aqui com meu irmão e meu pai, e que daqui a pouco estaremos melhor. Disse para fazermos alguma coisa divertida hoje à noite, como pedir por telefone uma comida chinesa ou uma pizza, ou sair para comer fora. E ouvir um pouco de música. Música alegre. Bem alto. Se estivermos muito tristes, devemos dormir juntas. Disse que devíamos sair para fazer umas compras amanhã, comprar uma coisa bem boba, mas eu disse que não podia porque tinha de voltar para a escola. Mas suas idéias pareceram muito boas. Quer pedir uma comida chinesa, mamãe? — Durante todo o verão não comeram comida chinesa nenhuma vez, e gostavam muito. Era uma coisa diferente pelo menos, e esse era o plano de Matt.

— Não, mas foi gentil ele sugerir isso. — Pip gostou especialmente da idéia de ouvir música. Então Ophélie começou a considerar aquelas sugestões. Por que não, afinal de contas? Talvez ajudasse um pouco. — Você quer comida chinesa, Pip? — Parecia bobagem, pois nenhuma das duas estava com fome.

— É claro, por que a gente não pede rolinho primavera e carne de porco agri-doce frita?

— Eu prefiro bolinhos com carne e frutos do mar — disse Ophélie pensativa, procurando no balcão o número de telefone que usava para pedir comida chinesa.

— Quero arroz com camarão frito também — disse Pip, quando sua mãe fez o pedido.

Meia hora depois a campainha tocou e o mensageiro trouxe a comida, e elas se sentaram na cozinha. Àquela altura Pip tinha posto uma música horrível, o mais alto que dava para tolerar. Mas tiveram de admitir que estavam se sentindo melhor que uma hora atrás.

— Foi uma idéia meio boba — disse a mãe sorrindo para ela com acanhamento —, mas foi gentil ele sugerir isso. — E tinha funcionado, mais do que queria admitir. Era estranho que aquela comida chinesa e um CD de Pip pudessem ter aliviado o terrível sofrimento com que tinham de conviver. Mesmo a distância, Matt alegrara as duas.

— Posso dormir com você hoje? — Pip perguntou hesitante quando subiram as escadas, depois de terem limpado a cozinha e guardado os restos na geladeira. Alice, a faxineira, tinha deixado o suficiente para o café do dia seguinte, e Ophélie sairia para comprar mais alguma coisa de manhã. Ficou espantada com o pedido de Pip. Durante todo o ano anterior ela não pedira nenhuma vez para dormir com a mãe. Tinha medo de ser invasiva, e Ophélie em meio à sua intensa dor nunca pensou nisso.

— Acho que sim. Tem certeza que quer? — Tinha sido idéia de Matt, e Pip achou que era outra idéia boa.

— Eu gostaria.

Cada uma foi para sua banheira tomar banho, depois Pip foi de roupa de dormir para o quarto. De repente teve a impressão de que estava em uma festa do pijama, e riu quando entrou na cama da mãe. De certa forma, mesmo de longe, Matt mudara toda a noite delas. Pip sentiu-se feliz enroscada na cama grande ao lado da mãe, e caiu no sono em poucos minutos. Ophélie surpreendeu-se de ver quanto conforto lhe dava abraçar aquele corpinho ao seu lado. Não sabia por que não pensara nisso antes. Podiam dormir juntas toda noite, mas era certamente uma opção especial para noites como aquela. Dentro de poucos minutos ela dormia tranqüilamente, como a filha.

Ambas levaram um susto quando ouviram o despertador de manhã. Haviam se esquecido onde estavam, e por que estavam dormindo na mesma cama, depois se lembraram. Não tinham tempo de sentir-se deprimidas de novo, precisavam aprontar-se depressa. Pip foi escovar os dentes e Ophélie desceu às pressas para fazer o café-da-manhã. Viu a comida chinesa na geladeira, e com um sorriso abriu um biscoito da sorte e comeu-o.

“Felicidade e muita sorte para você o ano todo”, dizia o biscoito da sorte, e Ophélie riu consigo própria. “Obrigada, eu preciso disso.” Colocou leite com cereal para Pip, suco de laranja para as duas e enfiou uma fatia de pão na torradeira. Pip desceu cinco minutos depois, de uniforme de colégio, e Ophélie foi buscar o jornal na porta. Quase não tinha lido jornais nos meses de verão, e sentia pouca falta deles. Não havia nada animador acontecendo mas assim mesmo deu uma olhada, depois subiu as escadas correndo para mudar de roupa e levar Pip para a escola. As manhãs eram sempre um pouco agitadas, mas ela gostava disso, não tinha tempo para pensar.

Vinte minutos depois estava no carro com Mousse, levando Pip para o colégio. Pip sorriu, olhou pela janela e depois para a mãe.

— O que Matt sugeriu realmente funcionou na noite passada. Gostei de dormir com você.

— Eu também — admitiu Ophélie. Tinha gostado mais do que imaginava. Muito menos solitário que dormir sozinha naquela cama grande, chorando a morte do marido.

— Será que podemos repetir a dose outro dia? — perguntou Pip esperançosa.

— Seria ótimo. — Ophélie sorriu para a filha quando se aproximaram da escola.

— Vou ligar para Matt e agradecer — disse Pip quando o carro ia parando. Ophélie beijou-a rapidamente, desejou-lhe um bom dia na escola. Pip acenou e foi encontrar os amigos e os professores, começar o seu dia. Ophélie continuou sorrindo para si própria quando voltava para a casa enorme de Clay Street. Tinha sido muito feliz lá, mas agora sentia-se profundamente infeliz. Porém tinha de admitir que a noite passada fora melhor do que esperava. Graças à sugestão de Matt e às suas idéias criativas.

Subiu devagar as escadas da entrada com Mousse, e suspirou quando destrancou a porta da frente. Ainda tinha de tirar umas coisas da mala e fazer as compras do mercado, e de tarde pretendia ir ao abrigo dos sem-teto. Isso bastaria para mantê-la ocupada até a hora de buscar Pip, às três e meia. Mas quando passou pelo quarto de Chad, não agüentou. Abriu a porta e olhou dentro. As cortinas estavam abaixadas, o quarto estava escuro, e tão vazio e frio que a deixou arrasada. Seus pôsteres continuavam ali, e todos os seus tesouros. Fotografias dele com os amigos, troféus dos esportes que praticava quando era menor. Mas o quarto tinha alguma diferença da última vez em que entrou lá. Parecia seco, como uma folha caída morrendo aos poucos, e cheirava a mofo. Como sempre fazia, foi para sua cama e pôs a cabeça no travesseiro. Ainda conseguia

sentir seu cheiro, porém mais fraco. Então, como ocorria quando entrava naquele quarto, foi tomada de soluços. Nenhuma comida chinesa ou música alta poderiam mudar aquilo. Só adiavam a agonia inevitável, pois percebia de novo que Chad nunca mais voltaria.

Finalmente conseguiu sair dali e ir para seu quarto, vazia e exausta. Ver as roupas de Ted penduradas no armário foi demais para ela. Levantou uma manga até o rosto e sentiu o tecido áspero incrivelmente familiar. Ainda sentia o cheiro da sua água-de-colônia e quase conseguia ouvi-lo. Era insuportável. Mas forçou-se a reagir. Sabia agora que não podia tornar-se um robô de novo, parar de sentir e deixar a tristeza destruí-la. Tinha de aprender a conviver com a dor, a continuar, apesar de tudo. No mínimo por causa de Pip. Estava grata por ter de ir ao grupo naquela tarde para conversar. O grupo terminaria em breve, e ela não imaginava como iria se virar sem eles, sem aquele apoio.

Quando chegou no grupo, contou sobre a noite anterior, sobre a comida chinesa e a música alta, e Pip dormindo com ela na cama. Eles não viam nada de errado nisso. Não viam nada de errado em coisa alguma, nem mesmo no fato de Ophélie namorar, embora ela insistisse em dizer que não estava pronta para isso, que não queria um namorado. Estavam todos em diferentes estágios de luto. Mas pelo menos era confortante partilhar a vida com eles.

— Então, arranjou uma namorada, Sr. Feigenbaum? — ela brincou, quando saíram do prédio juntos. Ophélie gostava dele. Era um homem honesto, aberto e bom, disposto a fazer um enorme esforço para recuperar-se, mais do que os outros.

— Ainda não, mas estou procurando. E você? — Era um velho gordinho, de bochechas rosadas e cabelo branco. Parecia um dos auxiliares do Papai Noel.

— Não quero um namorado. O senhor está parecendo minha filha — disse rindo.

— Ela sabe das coisas. Se eu tivesse quarenta anos menos, mocinha, você não me escapava. — Ophélie riu de novo e eles se despediram.

Quando saiu do grupo, Ophélie parou no abrigo. Ficava em uma rua estreita em South Market, um bairro meio perigoso, mas disse a si mesma que não esperaria que o abrigo ficasse em um bairro chique. As pessoas que viu na recepção e nos corredores eram amistosas. Disse que queria marcar uma hora para se inscrever como voluntária, e pediram que ela voltasse na manhã seguinte. Podia ter telefonado para marcar a hora, mas queria ver como era o lugar. Quando saiu, viu dois velhos do lado de fora com todos os seus pertences dentro de carrinhos de compras, e uma voluntária lhes servindo café quente em copos de plástico. Imaginou-se fazendo isso. Não parecia muito complicado, e talvez fosse bom sentir-se útil. Melhor que ficar em casa chorando e cheirando os casacos de Ted e o travesseiro de Chad. Não podia mais fazer isso, sabia agora. Não podia passar mais um ano assim. O ano anterior, em que não parara de chorar pelos dois, foi um pesadelo que quase a matou. De alguma forma precisava ter um ano melhor. O aniversário da morte dos dois seria em quatro semanas, e embora ela estivesse com medo sabia que no segundo ano de luto teria de sentir-se melhor. Não só por si própria mas também por Pip. Devia isso a ela. Talvez trabalhar no abrigo a ajudasse. Esperava que sim.

Quando estava indo buscar Pip no colégio parou num sinal e ficou olhando a vitrine de uma loja de sapatos. No início não prestou atenção, depois sorriu quando viu as pantufas fofas gigantescas para adultos, com os personagens da *Vila Sésamo*. Pantufas gigantescas azuis e outras vermelhas. Eram perfeitas. Sem sequer pensar, parou o carro, estacionou em fila dupla e entrou rápido na sapataria. As azuis eram do Arquibaldo e as vermelhas, do Elmo. Comprou as azuis para ela e as vermelhas para Pip, e voltou para o carro com a sacola de compras. Quando chegou à escola, viu Pip

saindo do prédio e indo para a esquina onde sempre ficava esperando. Pip viu a mãe imediatamente. Parecia cansada e um pouco despenteada, mas contente.

Entrou no carro com um grande sorriso nos lábios, feliz de ver Ophélie.

— Meus professores são ótimos. Gostei de todos menos de um, a Srta. Giuliani, que é uma chata. Mas as outras são legais, mamãe.

— Não parecia ter um minuto a mais que 11 anos quando disse isso, e Ophélie riu para ela, contente.

— Que bom que elas são legais, mademoiselle Pip — disse, falando um pouco em francês e apontando para a sacola no banco de trás. — Comprei um presente para nós.

— O que é? — Pip puxou a sacola para o banco da frente, muito satisfeita, e ao olhar dentro deu um gritinho espantado para a mãe.

— Você fez! Você fez!

— Fiz o quê? — disse Ophélie confusa por um instante.

— Comprou uma coisa boba! Lembra? Foi o que Matt falou na noite passada. Disse para a gente sair hoje e comprar alguma coisa boba. E eu falei que não podia porque tinha de ir à escola. Mas você comprou! Eu amo você, mamãe! — Calçou a pantufa por cima do sapato do colégio, em verdadeiro êxtase. Ophélie ficou espantada, não sabia se fora uma mensagem subliminar ou idéia sua, não pensou no que ele disse, nem nele, quando comprou as pantufas. Simplesmente comprou. Mas elas eram bobas. E Pip adorou o presente. — Você vai ter de calçar a sua quando chegar em casa. Promete?

— Prometo — disse Ophélie solenemente, sorrindo. Pensando bem, o dia tinha sido bom. E ela estava animada para ir ao abrigo na manhã seguinte. Falou sobre isso com Pip, que ficou impressionada e contente de ver a mãe melhor. Foi horrível chegar em casa no dia anterior, mas as coisas pareciam estar melhorando. Os vazios não pareciam mais tão escuros, nem tão profundos, e

Ophélie estava conseguindo sair deles mais depressa. Era o que o grupo lhe dizia que aconteceria mas que ela não acreditara. As coisas estavam melhorando aos poucos, enfim.

Pip fez Ophélie calçar a pantufa de Arquibaldo quando chegou em casa, e depois de tomar um copo de leite e comer uma maçã e um biscoito telefonou para Matt, antes de fazer o dever de casa. Ele devia estar voltando da praia e a mãe devia estar lá em cima, provavelmente no quarto, pensou Pip, sentando-se num banquinho da cozinha esperando que ele atendesse. Matt estava chegando, meio esbaforido, como se tivesse corrido para atender o telefone.

— Telefonei para dizer como você é inteligente — ela anunciou, e ele sorriu no instante em que ouviu aquela vozinha.

— É você, Srta. Pip?

— Sou eu. Você é um gênio. Ontem pedimos comida chinesa e ouvimos meu melhor CD, muito alto mesmo. E dormi com ela na mesma cama, nós adoramos... e hoje ela comprou para nós duas pantufas da *Vila Sésamo*. Ficou com o Arquibaldo e eu com o Elmo. Gostei muito das minhas professoras, menos de uma, que é horrível.

Ele podia perceber por seu tom de voz que as coisas estavam muito melhores que na noite anterior e teve a sensação de que tinha ganhado um prêmio. Ela o deixava feliz.

— Quero ver as pantufas. Estou com inveja. Quero uma para mim também.

— Seu pé é muito grande. Senão eu pediria para mamãe comprar.

— Que pena! Eu sempre gostei do Elmo. E do Caco.

— Eu também. Mas prefiro o Elmo. — Continuou a falar do colégio, das amigas e das professoras e, enfim, disse que tinha de fazer o dever de casa.

— Vá fazer seus deveres. E dê lembranças a sua mãe. Eu telefono amanhã — prometeu, sentindo-se como quando telefonava

para seus filhos. Feliz e triste, animado e esperançoso, como se tivesse uma razão de viver. Mas tinha de lembrar que Pip não era sua filha.

Ambos estavam sorrindo quando desligaram o telefone. Pip enfiou a cabeça no quarto da mãe antes de seguir para o seu.

— Falei com Matt e contei das pantufas. Ele mandou lembranças para você — disse num tom malicioso, e Ophélie sorriu.

— Foi muita gentileza dele. — Ophélie não parecia animada, só feliz e tranqüila.

— Posso dormir de novo com você hoje? — perguntou, meio encabulada. Usava a pantufa do Elmo, já sem o sapato. E Ophélie usava a do Arquibaldo, como prometera.

— Foi idéia do Matt? — perguntou com curiosidade.

— Não, foi minha. — Pip estava sendo honesta. Ele não tinha sugerido nada dessa vez. Não precisava. Já as ajudara na noite anterior e elas estavam se saindo bem agora, por enquanto.

— Por mim tudo bem — disse Ophélie, enquanto Pip saía pulando para o quarto para fazer o dever de casa.

Foi outra noite agradável para as duas. Ophélie não sabia bem quanto tempo esse novo esquema iria durar, mas ambas estavam gostando. Não conseguia imaginar por que não pensara nisso antes. Tinha solucionado um milhão de problemas e confortado as duas. Não pôde deixar de pensar nas mudanças positivas que Matt introduzira na vida delas.

Capítulo 13

O COMPROMISSO DE Ophélie no Centro Wexler era às 9h15. Deixou Pip na escola primeiro e dirigiu-se para South of Market imediatamente depois. Estava de calça jeans e com uma jaqueta de couro velha e surrada, e Pip comentou no caminho para o colégio que ela estava bonita.

— Você vai a algum lugar, mamãe? — perguntou. Vestia uma blusa branca de marinheira e saia plissada azul-marinho, o uniforme do colégio, que lhe dava um ar doce e infantil. Detestava ter de usar uniforme, mas Ophélie achava que resolvia o problema da escolha de roupa àquela hora da manhã. Nos dias de festa usava também uma gravata azul-marinho, e seus cachos vermelhos davam um toque perfeito ao conjunto.

— Vou — disse Ophélie, com um sorriso tranquilo. Estava gostando de dormir com a filha. Suavizava a dor da solidão e abrandava a agonia das manhãs. Não sabia por que não pensara nisso antes, talvez porque não quisesse ser um peso para Pip, mas estava sendo uma bênção para as duas. Estava grata a Matt pela sugestão. Tinha dormido realmente bem ao lado de Pip pela primeira vez em meses, e acordado com a filha abraçada a ela e olhando em seus olhos, a coisa mais feliz que lhe acontecera desde

a morte do marido. Ted não era tão aconchegante e carinhoso de manhã, não ficava na cama fazendo-lhe carinho ou dizendo que a amava quando acordava, não era do seu feitio.

Ophélie então falou do Centro Wexler, o que eles faziam, e disse que pretendia se voluntariar para trabalhar lá.

— Se me quiserem. — Não tinha idéia do que poderia fazer, ou se poderia realmente ser útil. Talvez pudesse pelo menos atender o telefone.

— Eu conto tudo quando for buscar você à tarde — prometeu quando deixou Pip na esquina e ficou vendo-a entrar no colégio com as amigas. Pip estava muito entretida com elas e nem se virou para dar tchau.

Ophélie estacionou em uma vaga na Folsom Street e entrou na viela onde ficava o Centro Wexler, percebendo que havia um bando de bêbados encostados na parede. Não precisavam andar muito para chegar ao Centro, mas pareciam ter uma dificuldade enorme até para se mexer. Ophélie olhou para eles, mas os homens não a notaram, pareciam perdidos no seu próprio mundo, um verdadeiro inferno particular. Passou de cabeça baixa, sentindo pena daqueles homens.

Entrou no mesmo hall em que tinha estado no dia anterior. Era um salão aberto coberto de pôsteres, com a pintura descascando. Na recepção havia uma mesa comprida e a recepcionista não era a mesma, era uma mulher negra de meia-idade que recebia as pessoas e atendia os telefones. Parecia competente e agradável, com cabelo grisalho todo trançado, e olhou esperançosa para Ophélie. Apesar das roupas simples, via-se que Ophélie era uma mulher bem cuidada e arrumada, deslocada naquele ambiente acanhado. Os móveis eram velhos e nenhum combinava com o outro, dava para ver que tinham sido doados por alguma instituição de caridade. No canto havia uma cafeteira com copos de papel.

— Deseja alguma coisa? — perguntou a recepcionista num tom amável.

— Tenho hora marcada com Louise Anderson — disse Ophélie.
— Acho que ela dirige o serviço de voluntariado.

Ao ouvir isso a mulher deu um sorriso.

— E também de publicidade, doações, compras de supermercado, suprimentos, relações públicas e está sempre em busca de novos talentos. Nós todas desempenhamos muito papéis aqui.

Ophélie achou o lugar interessante e ficou olhando os pôsteres e panfletos enquanto esperava. Dois minutos depois uma moça apareceu no hall. Tinha um cabelo vermelho e brilhante como o de Pip, com duas tranças longas caídas nas costas, uma em cima da outra. Uma cabeleira considerável. Usava botas de soldado, calça jeans e casaco xadrez, mas mesmo assim era bonita e extremamente feminina. Tinha a suavidade e a graça de uma dançarina, e era pequena como Ophélie e Pip. Mas transmitia energia, bondade, entusiasmo e força. Parecia dona da situação, com um ar que sugeria confiança e desenvoltura.

— Sra. Mackenzie? — perguntou com um sorriso caloroso quando Ophélie se levantou para cumprimentá-la. — Quer me acompanhar? — Foi andando depressa para um escritório nos fundos, que tinha um quadro de avisos que ocupava a parede inteira. Presos no quadro, papéis de rascunho, boletins, participações, mensagens de agências governamentais, fotografias e inúmeras listas de projetos e nomes. Era incrível ver que tudo aquilo provavelmente era dirigido por ela. Do outro lado da parede havia fotos do pessoal do centro, e a mesinha com duas cadeiras para visitas tomavam quase toda a sala ensolarada. Era uma sala pequena, alegre, cheia de informações, dando impressão de alta eficiência.

— Por que você veio aqui? — perguntou Louise Anderson, com um sorriso simpático.

Ophélie não tinha o perfil normal de suas voluntárias, em geral estudantes universitárias que faziam serviço voluntário para obter seus diplomas, ou pessoas de alguma forma ligadas à área.

— Eu gostaria de trabalhar como voluntária — disse Ophélie, muito tímida.

— Temos sempre lugar para quem deseja ajudar. O que você sabe fazer?

A pergunta deixou Ophélie confusa por um instante. Não tinha idéia do que precisavam ali. Sentiu-se totalmente deslocada.

— Talvez fosse melhor perguntar o que você gostaria de fazer.

— Não sei ao certo. Eu tenho dois filhos. — Estremeceu ao dizer isso, mas achou que explicar seria patético. — Sou casada há 18 anos... ou era casada... — Teve coragem de dizer pelo menos isso. — Sei dirigir, fazer compras, fazer faxina, lavar roupa e me dou bastante bem com crianças e cachorros. — Aquela exposição era ridícula até mesmo para seus ouvidos, mas não pensava há anos em quais eram suas aptidões. Tudo aquilo lhe pareceu muito bobo e limitado. — Fiz mestrado em biologia na faculdade. E conheço bem a área de energia, que era a área do meu marido. — Outro conhecimento inútil para eles. — E tenho alguma experiência com doentes mentais e com seus familiares. — Pensou em Chad. Foi tudo que pôde se lembrar quando olhou para os olhos de Louise Anderson.

— Está passando por um processo de divórcio? — Louise perguntou, ao ouvir Ophélie dizer que era casada.

Ophélie balançou a cabeça, tentando parecer normal, mas ficou assustada. Era intimidador estar ali, sentia-se inútil e inexperiente. Mas a mulher por trás da mesa olhava-a com franqueza e respeito. Só precisava saber mais.

— Meu marido morreu há um ano — ela falou de forma quase inaudível —, e meu filho também. Tenho uma filha de 11 anos, e muito tempo sobrando.

— Sinto muito sobre seu filho e seu marido — Louise falou com sinceridade. — Sua experiência com doença mental pode ser bem útil aqui. Muitas pessoas que vêm ao centro são mentalmente perturbadas, quase sempre por não terem um lar. Quando são muito doentes, tentamos encaminhá-las para programas e clínicas apropriadas. Mas quando não têm muitas dificuldades são recebidas aqui. A maioria dos abrigos tem critérios para eliminar pessoas com comportamentos estranhos, o que torna grande parte dos sem-teto inaceitável nos abrigos. Nós somos um pouco mais maleáveis, por isso recebemos muita gente doente.

— O que acontece com eles? — Ophélie perguntou, com um ar preocupado. Tinha gostado daquela mulher, esperava poder conhecê-la melhor. Passava uma energia tranqüila porém poderosa, que parecia encher a sala. E a paixão pelo que fazia era contagiosa. Ophélie ficou animada com a possibilidade de trabalhar com eles, mesmo como voluntária.

— Quase todos voltam para as ruas depois de uma ou duas noites. As famílias ficam, mas a maioria vai para abrigos permanentes. Nós não somos permanentes. Temos um esquema temporário. Somos apenas uma pequena ajuda para os sem-teto. Deixamos que eles fiquem o tempo que quiserem, e tentamos encaminhá-los para instituições, abrigos de longo prazo ou orfanatos para crianças. Tentamos preencher suas necessidades de toda forma que podemos, com roupas, moradias, assistência médica quando necessária, benefícios do governo quando é o caso. Somos uma espécie de departamento de emergência. Damos a eles muito carinho, amor e cuidado, além de informações, cama, comida e uma mão para segurar. Gostamos desse esquema porque ajuda um número maior de pessoas, mas há muitos problemas que não

podemos resolver. Às vezes é muito difícil, mas não podemos fazer tudo. Fazemos o máximo possível, depois eles seguem em frente.

— Parece que você faz muita coisa — disse Ophélie com ar de admiração.

— Não o bastante. Esse trabalho é bem triste. É como esvaziar o oceano com uma colher de chá, e toda vez que a gente pensa que fez uma diferença o oceano enche novamente, mais depressa do que se imagina. O mais triste são as crianças. Estão no mesmo barco que os outros, com mais possibilidade de se afogar, e a culpa não é delas. São as vítimas disso tudo, assim como muitos adultos.

— As crianças não podem ficar com os pais? — Ophélie perguntou, morta de pena. Não podia imaginar Pip nas ruas com aquela idade, e muitas eram menores ainda ou tinham até nascido lá. Uma verdadeira tragédia, mas Ophélie sentiu-se contente de estar ali ouvindo aquilo tudo. Era a escolha certa para ela, e sentia-se grata por Blake ter lhe sugerido isso. Estava animada para trabalhar no Centro Wexler.

— As crianças só podem ficar com os pais, ou o pai ou a mãe, como for o caso, se forem aceitas em um abrigo de longo prazo para famílias ou algum outro tipo de programa, como os que existem para mães e crianças que sofreram abuso sexual. Não podem ficar nas ruas. Então, assim que são vistas pelos guardas, são levadas para serviços de proteção à criança para serem encaminhadas a uma família que cuide delas. A vida nas ruas não é para crianças. Um quarto da nossa população morre nas ruas todo ano de frio, doença, acidente, trauma, violência. As crianças não sobreviveriam nem metade do tempo que os adultos sobrevivem. É melhor para elas serem cuidadas por uma família estranha. — Ophélie era da mesma opinião. — Você tem idéia de quantas horas poderá trabalhar aqui? De dia? De noite? Provavelmente de dia, se é mãe solteira com uma filha na escola. A expressão “mãe solteira” atingiu-

a como um soco no estômago. Nunca tinha pensado em si mesma dessa forma, mas era verdade, por pior que fosse.

— Estou disponível de nove às três todos os dias. Não sei... talvez duas ou três vezes por semana. — Parecia bastante, até mesmo para ela, mas na verdade não tinha muito que fazer, seu tempo era vago. Não podia passar mais tempo do que passava com Mousse no parque. Trabalhar ali e fazer o bem aos outros talvez desse algum sentido à sua vida. Gostou da idéia.

— O que costume fazer com as voluntárias — disse Louise sinceramente, jogando uma das tranças para trás do ombro — é mostrar primeiro como somos com toda a honestidade. Sem frescura. A coisa real. Você pode passar uns dias conosco e ver como se sente. Saber se é o que está procurando e se é o que gosta de fazer. Depois disso, se acharmos que vai se adaptar, treinaremos você durante uma semana, duas no máximo, dependendo da área que escolher, e o trabalho começa. É um trabalho muito duro — avisou. — Ninguém está de brincadeira. A equipe de horário integral trabalha 12 horas por dia quase sempre, e mais ainda quando temos alguns tipos de crise, e com muita frequência temos. Até as voluntárias trabalham um bocado. O que acha? — perguntou, com um sorriso.

— Ótimo, realmente. — Ophélie sorriu para ela, esperançosa. — Creio que é exatamente disso que preciso. Espero ser o que vocês precisam.

— Vamos ver. — Louise levantou-se e deu um largo sorriso. — Não estou tentando assustar você, Ophélie. Só quero ser honesta. Não quero dar a impressão de que o trabalho é mais fácil do que é. Nós nos divertimos muito, mas algumas coisas que temos de fazer são horríveis, sujas, deprimentes, cansativas e perigosas. Você volta para casa se sentindo ótimas às vezes, outras vezes chora na hora de dormir. Vemos de tudo que tem para ser visto nas ruas. E

não sei se você estaria interessada, mas temos um programa de trabalho externo também.

— Como é isso? — perguntou Ophélie intrigada.

— Saímos em duas vans que foram doadas para nós, procurando gente nas ruas, pessoas tão doentes de corpo e espírito que não podem vir até aqui. Então nós vamos a elas. Levamos comida, roupas, suprimentos médicos, e quando estão muito doentes tentamos encaminhá-las para um hospital, um programa ou um abrigo. Há muita gente nas ruas desorientada demais para chegar até aqui. Por mais acessíveis que tentemos ser, há gente lá fora muito amedrontada, enfraquecida ou debilitada para nos procurar. Temos pelo menos uma van nas ruas toda noite à procura deles. Duas vans se tivermos quem possa ajudar. São recolhidos aqueles que mais precisam de nós. Aqueles que podem vir até aqui pelo menos pensam com um pouco mais de clareza e conseguem andar. Alguns moradores de rua se saem bem, mas precisam ser ajudados, e talvez estejam assustados demais para tentar buscar ajuda. Não confiam na gente, embora talvez tenham ouvido falar dos abrigos. Às vezes a única coisa que fazemos na rua à noite é sentar e conversar com eles. Eu pessoalmente sempre tento tirá-los das ruas. Mas muita coisa da qual estão fugindo é pior do que vivem lá fora. Muita coisa feia acontece neste mundo. Nós vemos a maioria delas, ou seus resultados, todo dia, especialmente à noite. Os dias são um pouco mais serenos. Por isso é que saímos à noite, pois é a hora em que precisam mais de nós.

— Parece um trabalho bastante perigoso — disse Ophélie. Achava que não podia se arriscar por causa de Pip. Além do mais, queria ficar em casa à noite com ela.

— É perigoso. Nós saímos por volta de sete ou oito horas da noite e ficamos fora até tarde, fazendo o que tiver de ser feito. Já houve momentos arriscados. Mas até agora nenhum de nós se feriu. Todos sabem bem o que acontece nas ruas.

— Eles vão armados? — Ophélie perguntou, impressionada. Essa gente era corajosa e fazia um trabalho milagroso.

Louise riu e balançou a cabeça.

— Armados só com as cabeças e os corações. É preciso querer ir para as ruas. Não me pergunte por que nem como, mas no fundo do coração tem de valer o risco. Mas não precisa se preocupar com isso. Há muita coisa que você pode fazer para nós aqui. — Ophélie concordou, o trabalho de rua lhe parecia perigoso. Coisa demais para uma mãe solteira, como Louise dissera, e única responsável por uma filha. — Quando pretende começar?

Ophélie pensou um instante. Não tinha nada para fazer, só pegar Pip às três da tarde.

— Quando você quiser. Meu tempo está livre.

— Pode ser agora? Você pode dar uma ajuda para Miriam na recepção. Ela pode apresentar você às pessoas que forem entrando e saindo, e explicar muitas coisas que acontecem aqui. Que tal?

— Ótimo. — Ophélie seguiu Louise muito animada até a mesa da recepção, e Louise explicou a Miriam o que tinha em mente. A mulher de cabelo grisalho ficou encantada.

— Vou precisar muito de você hoje — disse com um sorriso. — Temos um monte de coisas para arquivar, tudo que nossas assistentes sociais jogaram na minha mesa na noite passada. Elas fazem isso assim que vou para casa!

Eram arquivos, folhetos e brochuras sobre programas e outros abrigos, para serem guardados em fichários de consulta. Uma montanha de coisas. Mais do que o suficiente para manter Ophélie ocupada até as três horas, e durante dias depois disso.

Ela mal parou o dia todo, parecia que a cada cinco minutos alguém entrava ou saía, passando pela recepção. Precisavam de material de consulta, informações sobre casos, números de referência, documentos, formulários de inscrição, e às vezes paravam só para dizer olá. Miriam apresentava Ophélie aos

membros da equipe sempre que tinha uma chance. Era uma gente de aspecto interessante, quase todos jovens, embora alguns fossem da idade de Ophélie ou até mais velhos. Logo antes de ela sair entraram dois rapazes, diferentes de todos os outros, e com eles uma moça hispânica. Miriam sorriu assim que os viu. Um dos homens era negro e o outro asiático. Ambos bonitos, jovens e altos.

— Lá vêm os nossos *Indomáveis*, como eu os chamo — disse, e virou-se para eles com um largo sorriso. Era óbvio que gostava deles. Ophélie ficou impressionada com a beleza da mocinha, parecia uma modelo. Mas quando ela virou a cabeça, viu uma enorme cicatriz de ponta a ponta do seu rosto. — O que estão fazendo aqui tão cedo?

— Viemos checar uma das vans que deu problema na noite passada. E precisamos carregar umas coisas para hoje à noite.

Miriam apresentou-os a Ophélie, dizendo que ela ia ajudar ali.

— Passe a voluntária para nós — disse o asiático com um sorriso. — Estamos com falta de um homem depois que Aggie saiu.

Aggie não pareceu a Ophélie nome de homem, mas os três foram muito simpáticos com ela. O nome do asiático era Bob, do homem negro era Jefferson e da moça hispânica, Milagra, mas os dois a chamavam de Millie. Saíram um instante depois e foram para a garagem do prédio onde ficavam as vans.

— O que eles fazem? — Ophélie perguntou interessada quando voltou a trabalhar nos fichários atrás da mesa de Miriam.

— É nossa equipe de rua. São uns heróis por aqui. Um pouco malucos, e muito corajosos. Saem toda noite, cinco vezes por semana. Temos uma equipe de fim de semana que assume quando eles não estão aqui. Mas esses sujeitos são incríveis. Saí uma vez com eles e fiquei muito triste... e morta de medo. — Seus olhos encheram-se de lágrimas de afeição e respeito.

— Não é perigoso para uma mulher sair com eles? — Ophélie estava impressionada. Pareciam uns heróis para ela também.

— Millie conhece seu trabalho. Ela é ex-policia. Está de licença por invalidez porque levou um tiro no peito e perdeu um pulmão, mas é dura como os caras. É especialista em artes marciais. Sabe se cuidar e cuidar dos homens.

— Foi assim que arranhou aquela cicatriz, trabalhando na polícia? — perguntou Ophélie, com um respeito cada vez maior por eles. Eram as pessoas mais corajosas que tinha conhecido, e as mais dedicadas. E a mocinha hispânica era incrivelmente bonita, apesar da cicatriz. Queria saber mais sobre ela.

— Não, Millie tem essa cicatriz desde criança. Abuso sexual. Seu pai a cortou enquanto ela lutava para não ser estuprada. Acho que tinha 11 anos. — Muitos deles tinham histórias como aquela, mas Ophélie ficou chocada ao ouvir que Milagra tinha a mesma idade de Pip quando esse horror aconteceu. — Talvez por isso tenha ido trabalhar na polícia.

Foi um dia diferente para Ophélie. Gente de vários tamanhos, idades e sexos entravam para usar o chuveiro, fazer uma refeição, dormir ou só para sair das ruas e passear pelo hall durante algum tempo. Alguns pareciam muito coerentes e responsáveis, e até mesmo limpos, e outros pareciam confusos, com olhos esgazeados. Alguns estavam obviamente bêbados, e um ou dois drogados. O Centro Wexler era extremamente generoso nos seus critérios de admissão. Ninguém podia usar álcool ou drogas dentro do prédio, mas se estivessem em condições não muito boas quando chegavam lá tinham permissão de ficar.

A cabeça de Ophélie estava girando quando ela foi embora, prometendo voltar no dia seguinte. Mal conseguia esperar para voltar, e contou tudo para Pip quando foi buscá-la no colégio. Pip ficou impressionada, não só pelo que ouviu sobre o Centro mas pelo fato de a mãe ter resolvido se voluntariar.

Contou tudo para Matt quando lhe telefonou naquela tarde. Ophélie tinha subido para tomar um banho, sentia-se imunda depois

de trabalhar no Centro o dia todo, e estava morrendo de fome quando desceu com o cabelo enrolado na toalha. Não tinha parado nem para almoçar. Pip continuava conversando com Matt no telefone.

— Matt mandou lembranças — disse, e continuou a falar com ele enquanto Ophélie preparava um sanduíche. Nas últimas semanas seu apetite tinha melhorado.

— Lembranças para ele também — falou Ophélie, dando uma dentada no sanduíche.

— Ele achou muito legal o seu trabalho — disse Pip, interrompendo a conversa. Depois falou com ele sobre o projeto de escultura que estava fazendo na aula de arte. E disse que tinha se voluntariado para ajudar na apresentação do livro do ano. Pip adorava essas conversas, embora não tanto quanto sentar-se com ele na praia. Mas o principal era não perder o contato, e ele pensava da mesma forma. Finalmente passou o fone para sua mãe.

— Parece que você está fazendo uma coisa bem interessante — disse Matt com admiração. — Como é lá?

— É assustador, entusiasmante, sujo, comovente, triste. Eu adorei. As pessoas que trabalham lá são incríveis, e as que vêm pedir ajuda no abrigo são realmente legais.

— Você é uma mulher admirável. Estou impressionado. — Estava sendo sincero. Ela o impressionara desde o início.

— Não se impressione. Eu só arqueei papéis e me senti perdida. Não tenho idéia do que estou fazendo, nem se vão me querer até o final da semana. — Tinha prometido trabalhar três dias com eles, os dois restantes seriam para ela. Mas até agora estava adorando.

— Vão querer, sim. Mas não vá fazer nada perigoso, nem se arriscar. Você tem de pensar em Pip.

— Eu sei, pode deixar. — O fato de Louise Anderson ter se referido a ela como mãe solteira lhe mostrou a importância disso, de uma forma desconfortável. — Como vai a praia?

— Absolutamente vazia sem vocês duas — disse com tristeza, embora o tempo estivesse lindo depois da partida dela. Estava quente e ensolarado, com céu azul todos os dias. Setembro era um dos meses mais quentes na praia, e Ophélie, como Pip, teve vontade de estar lá. — Andei pensando em ver vocês nesse fim de semana, se for conveniente, a não ser que vocês prefiram vir aqui.

— Creio que Pip tem treino de futebol no sábado de manhã... talvez a gente possa ir no domingo...

— Por que não vou aí? Se você achar uma boa idéia, não quero incomodar.

— Você não vai incomodar. Pip vai ficar encantada. Eu também gostaria muito de ver você — ela disse, num tom entusiasmado. Estava de bom humor, apesar do dia longo. Trabalhar no Centro a revigorou.

— Vou levar vocês duas para jantar, pergunte a Pip aonde ela gostaria de ir. Quero saber tudo sobre seu trabalho.

— Acho que não vou fazer nada importante. Vou ser treinada durante uma semana, depois creio que vão me pôr para fazer o que for necessário. Quase sempre informações e telefonemas. Mas já é alguma coisa. — Era melhor que ficar sentada no quarto de Chad, chorando em casa. E Matt sabia disso também.

— Vou chegar por volta das cinco horas no sábado. Até lá.

— Obrigada de novo, Matt — ela disse, passando o telefone para Pip despedir-se dele. Depois subiu para ler o material que tinham lhe dado no Centro. Artigos, estudos, dados sobre os sem-teto e sobre o Centro. Era fascinante e muito triste.

Deitada ali na cama, com um robe de cashmere cor-de-rosa e lençóis limpos, não pôde deixar de pensar em como elas tinham sorte. A casa era grande, confortável e bonita, repleta de antigüidades que Ted insistira em comprar. Os quartos eram ensolarados, com cores brilhantes. Seu quarto era decorado com chintz estampado em amarelo brilhante e o de Pip com seda cor-de-

rosa clara, um verdadeiro sonho. O de Chad era um típico quarto de adolescente, em xadrez azul-escuro. Fora do seu quarto ficava o escritório de Ted em couro marrom, no qual ela nunca mais entrara, e uma saleta em seda azul-clara e amarelo desmaiado. O andar de baixo era composto de uma sala grande e acolhedora cheia de antigüidades inglesas, uma lareira grande, uma sala de jantar formal e uma saleta. A cozinha era muito sofisticada desde que remodelaram a casa, cinco anos antes. No porão havia uma sala grande com uma mesa de bilhar e uma de pingue-pongue, videogames e um quarto de empregada que nunca fora usado. Havia um lindo jardimzinho nos fundos da casa, e a fachada da frente era de pedra, com árvores plantadas em enormes vasos de cada lado da porta, e uma sebe aparada. Era a casa dos sonhos de Ted, não a dela. Mas era sem sombra de dúvida bonita, e muito distante da agonia das pessoas que iam ao Centro Wexler, ou trabalhavam lá. Ophélie sentou-se, olhando para o lugar, e Pip apareceu na porta e olhou para ela.

— Você está bem, mamãe? — Seu olhar estava parado como no ano anterior, e Pip ficou preocupada.

— Estou. Só estava pensando na sorte que temos de morar aqui. Há pessoas lá fora nas ruas que nunca dormem em uma cama, não têm banheiro, não podem tomar banho, sentem fome e não são amadas por ninguém nem têm para onde ir. É difícil imaginar, Pip. Estão a poucos quilômetros daqui, e também em vários lugares do Terceiro Mundo.

— É muito triste, mamãe. — Pip olhou com seus grandes olhos azuis, mas ficou aliviada ao ver que sua mãe estava bem. Tinha sempre medo de que voltasse para as profundezas escuras do desespero, não queria que isso acontecesse de novo.

— É triste mesmo, querida.

Ophélie fez jantar para elas naquela noite. Cada uma comeu uma das costeletas de carneiro, que ficaram um pouco queimadas.

As duas não eram de comer muito, mas ela achou que devia fazer um esforço para pelo menos melhorar o cardápio. Preparou uma salada e esquentou cenouras de lata, que Pip disse que estavam péssimas e que preferia milho.

— Vou me lembrar disso — disse Ophélie sorrindo.

Naquela noite, sem perguntar, Pip foi dormir na cama da mãe. Quando o despertador tocou de manhã as duas tomaram um banho, vestiram-se e tomaram o café-da-manhã às pressas. Ophélie estava animada quando deixou Pip no colégio e foi para o Centro Wexler. Era exatamente o que queria, e o que precisava. Pela primeira vez em anos tinha um objetivo na vida.

Capítulo 14

O RESTO DA SEMANA voou para as duas, Pip integrando-se no colégio e Ophélie fazendo treinamento no Centro Wexler. Na sexta-feira à tarde não tinha mais dúvida alguma. Estava pronta para trabalhar como voluntária três dias por semana, e eles a queriam lá.

la trabalhar nas segundas, quartas e sextas, e na semana seguinte começaria o treinamento durante várias horas com diversos membros da equipe. Teve de apresentar um atestado médico mostrando que estava bem de saúde, e outro, de bons antecedentes, providenciado por eles. Tiraram suas impressões digitais na sexta-feira antes de ela sair e pediram duas referências pessoais. Andrea daria uma e seu advogado outra. Tudo estava pronto. Ela ainda não sabia exatamente o que iria fazer, provavelmente um pouco de tudo, ajudando quem precisasse nos seus dias de trabalho. la também ser treinada para fazer admissões. Ainda se sentia relativamente inadequada, mas estava disposta a aprender. Recebeu uma brilhante recomendação de Miriam no final da semana, que ela agradeceu bastante quando foi para casa.

— Passei no teste — disse Ophélie orgulhosa, quando foi buscar Pip no colégio à tarde. — Fui aceita como voluntária no Wexler. —

Estava realmente contente, sentia-se realizada e necessária, achando que poderia dar uma pequena colaboração ao mundo.

— Que legal, mamãe! Vou contar para Matt amanhã! — Ele tinha dito que iria vê-la jogar futebol, mas ela preferiu que ele fosse num outro dia. Sábado seria apenas um treino, e o primeiro. Pip era pequena e delicada, mas era rápida e jogava bem. Tinha jogado durante dois anos no colégio, como parte do currículo. E gostava muito mais do que de balé.

Terminou o dever na sexta-feira e trouxe uma amiga para passar a noite. Andrea foi jantar com elas, e quando Pip disse que Matt ia levá-las para jantar no dia seguinte, ela levantou as sobrancelhas para Ophélie.

— Você está escondendo coisas de mim, amiga. O pedófilo vem aqui? — disse com ar divertido.

— Ele queria ver Pip — disse Ophélie com calma, convencida de que isso era verdade, mas contente de ver o amigo. — Acho melhor pararmos de chamar Matt assim.

— Talvez o termo mais adequado seja “namorado” — disse Andrea, e Ophélie balançou a cabeça no mesmo instante, negando.

— Nada disso. Não tenho interesse em ter um namorado. Ele é só um amigo. — E sabia, pelo que tinham conversado, que Matt sentia o mesmo. Decidira que romance não era mais para ela, nem queria que fosse. Nunca mais.

— É nisso que está interessada? E ele? Um homem não vem à cidade jantar com uma mulher só para ver sua filhinha. Vá por mim. Eu conheço os homens. — Conhecia mesmo, e ambas sabiam disso.

— Talvez alguns venham — disse Ophélie com firmeza.

— Ele está apenas esperando o momento — Andrea falou confiante. — Assim que achar que você se sente à vontade, vai atacar.

— Espero que não — Ophélie falou com convicção, mudando de assunto e falando sobre seu trabalho no Centro Wexler. Andrea ficou impressionada e contente de a amiga ter encontrado uma coisa para fazer.

Na tarde seguinte, quando a campainha tocou e Ophélie foi atender, a avaliação de Andrea sobre sua amizade com Matt passou-lhe pela cabeça. E esperou ardentemente que a amiga estivesse errada.

Ele vestia um casaco de couro e calça cinza, camisa cinza de gola rulê e sapato esporte bem engraxado. O tipo de roupa que Ted teria usado, só que melhor. Ted nunca se lembrava de engraxar os sapatos, nem ligava para isso. Preocupava-se com coisas mais importantes. Ophélie é que os engraxava.

Matt sorriu assim que a viu, e quando Pip apareceu na escada, Ophélie constatou que sua amiga estava errada, por mais que achasse que conhecia os homens. Estava errada sobre ele, não tinha dúvida, e ficou imensamente aliviada. Matt demonstrava um carinho paternal por Pip e fraternal por ela. Quando Pip finalmente se acalmou, depois de levá-lo ao seu quarto para mostrar seus tesouros e últimos desenhos, Ophélie falou um pouco sobre o Centro e ele ficou impressionado e intrigado. Comentou até sobre a equipe de rua.

— Espero que não esteja planejando fazer parte disso — falou com calma, parecendo preocupado. — É um aspecto importante do trabalho, sem dúvida, e uma ótima ajuda, mas me parece perigoso.

— É perigoso mesmo. Eles são muito bem preparados. A mulher da equipe é ex-policial, um dos homens é ex-policial também e perito em artes marciais, como ela, e o terceiro foi da força especial da Marinha. Não precisam da minha ajuda! — Deu um sorriso e Pip apareceu de novo. Estava encantada com a visita de Matt, e quando sua mãe saiu da sala para pegar uma taça de vinho perguntou baixinho sobre o retrato dela que ele estava pintando.

— Como está indo? Trabalhou nele essa semana? — Sabia que seria o melhor presente que a mãe receberia e mal podia esperar para ver sua reação quando ganhasse.

— Estou começando — respondeu, sorrindo para a amiguinha. Esperava que ela não se desapontasse com o resultado final, mas estava gostando do que tinha feito até agora. Seus sentimentos por Pip ajudaram-no a captar seu espírito e sua alma assim como o cabelo vermelho brilhante e os meigos olhos castanhos com ligeiro tom de âmbar. Gostaria de pintar Ophélie também, embora não pintasse um adulto há muito tempo. Mas gostaria de tentar.

Perto das sete horas, quando estavam saindo para jantar, Matt parou de repente.

— Você esqueceu uma coisa — disse para Pip, e ela pareceu surpresa.

— Não podemos levar Mousse para o restaurante — ela disse num tom sério. Usava uma sainha preta e suéter vermelho, que a fazia parecer bem mais velha. Tinha se arrumado cuidadosamente para ele, e sua mãe prendera seu cabelo com uma presilha nova. — Só podemos levar o Mousse para restaurantes na praia — explicou.

— Eu não estava pensando nele. Podemos trazer as sobras do nosso jantar para ele. Você não mostrou as pantufas do Elmo e do Arquibaldo — disse, em tom de repreensão, e Pip riu.

— Quer ver agora? — Ficou contente, ele se lembrava de tudo que tinha lhe contado. Sempre se lembrava.

— Só vamos sair depois que você me mostrar — disse com firmeza. Deu um passo atrás e cruzou os braços em sinal de espera, e Ophélie sorriu para os dois. Matt olhou para ela também.

— Estou falando sério. Quero ver o Elmo e o Arquibaldo. Acho que vocês vão ter de calçá-las. — Fingiu estar falando sério, e Pip subiu as escadas correndo para buscá-las, em verdadeiro êxtase. Voltou um instante depois com os dois pares e passou o Arquibaldo para a mãe.

Meio sem graça, Ophélie calçou aquelas pantufas enormes e Pip calçou as dela, esperando a aprovação de Matt.

— São fantásticas. Adorei. Estou com inveja mesmo. Também quero um par. Será que não encontram do meu tamanho?

— Creio que não — disse Pip em tom de desculpa. — Mamãe disse que mal conseguiu um par para ela, e o pé dela é bem pequeno.

— Estou arrasado — disse ele, quando as duas calçaram os sapatos de novo e desceram os degraus para chegar ao carro dele.

O jantar foi ótimo, e os três conversaram sobre vários assuntos. Ocorreu a Ophélie de novo, observando Matt com Pip, como devia ter sido difícil para ele perder o contato com os filhos. Nitidamente, adorava crianças e tinha muito jeito para lidar com elas. Empenhava-se muito, era aberto e carinhoso, e interessava-se por tudo que Pip dizia. Era de uma cordialidade irresistível, e ao mesmo tempo mantinha uma reserva respeitosa. Ophélie nunca se sentiu invadida por ele. Matt aproximava-se o suficiente mas não era invasivo. Era realmente um homem bom, e um amigo maravilhoso para as duas.

Quando voltaram para casa, às nove e meia, todos estavam felizes. Matt lembrou-se de pedir as sobras do jantar para Mousse, que Pip despejou na sua tigela na cozinha.

— Você é muito bom para nós, Matt — disse Ophélie quando se sentaram na sala e ele acendeu a lareira, como tinha feito na praia. Pip voltou um instante depois e foi vestir o pijama sob protesto, por ordem da mãe. Mas bocejando enquanto reclamava, e Matt e Ophélie riram.

— Você merece que as pessoas a tratem bem — disse Matt, voltando a sentar-se no sofá ao seu lado, sem aceitar o vinho que ela ofereceu. Andava bebendo muito pouco nesses dias. Estava se divertindo com o retrato de Pip e gostou de vir à cidade visitar as duas. Só bebia mais quando se sentia sozinho ou deprimido, e não

sentia nada disso ultimamente, graças a elas. — Nós todos merecemos que nos tratem bem — disse a ela, com a exclusiva intenção de afirmar sua amizade. — Sua casa é linda — comentou, com sinceridade, admirando a sala e as belas antigüidades de decoração. Um pouco formal para seu gosto, mais ou menos como o apartamento de Sally em Nova York. Na época, tinham comprado um duplex na Park Avenue e contratado um dos melhores decoradores da cidade. Matt ficou imaginando se a casa de Ophélie tinha sido decorada também ou se era obra dela mesma, e lhe perguntou depois de mais uma olhada em volta.

— Estou lisonjeada com sua pergunta — Ophélie disse, com um sorriso de gratidão. — Comprei tudo isso sozinha nos últimos cinco anos. Gosto de fazer isso. Adoro antigüidades e decoração. É divertido, embora esta casa tenha ficado um pouco grande demais para mim e Pip. Mas não tenho coragem de vendê-la. Nós adoramos morar aqui, embora seja um pouco triste só com nós duas. Mais tarde vou ter de pensar em alguma coisa.

— Não tem pressa. Sempre achei que Sally e eu vendemos o apartamento de Nova York rápido demais. Mas não fazia sentido mantê-lo depois que ela e as crianças foram embora. Tínhamos um monte de coisas bonitas — disse num tom nostálgico.

— Você vendeu tudo?

— Não. Dei para Sally e ela levou para Auckland. Só Deus sabe o que fez com aquelas coisas depois que se mudou para a casa de Hamish. Não percebi na época que era esse seu plano, ou que ela se mudaria tão depressa. Achei que ia ter sua própria casa primeiro. Mas ela não perdeu tempo. Sally é assim. Quando resolve uma coisa, faz logo. — Por isso foi uma grande sócia, mas uma péssima esposa no final. Ele teria preferido o oposto. — Mas isso não importa — disse, encolhendo os ombros, parecendo bem relaxado. — Pode-se sempre substituir as coisas, as pessoas, não. E eu não

preciso de uma casa com antigüidades na praia. Levo uma vida muito simples, e é tudo o que quero.

Ophélie sabia que era verdade, depois de ter visto sua casa rapidamente, mas mesmo assim lhe pareceu uma pena. Ele tinha perdido muita coisa. Mas apesar de tudo parecia estar em paz, e contente. Sua vida lhe agradava, sua casa era confortável. Gostava do seu trabalho. A única coisa que parecia estar faltando era gente, e ele também não sentia falta disso. Era um ser muito solitário. E agora tinha Pip e Ophélie, sempre que quisesse visitá-las.

Ficou lá até as 11h, depois achou que devia ir embora. A estrada para a praia ficava enevoadada à noite, e ele levaria um certo tempo para chegar lá. Disse que tinha se divertido muito com elas, como sempre. Enfiou a cabeça no quarto de Pip para se despedir de novo, mas ela estava dormindo a sono solto, com Mousse no pé da cama e a pantufa do Elmo no chão.

— Você é uma mulher de sorte — falou, com um sorriso caloroso, quando foi descendo as escadas. — Pip é uma menina incrível. Tive muita sorte de ela ter me encontrado na praia, foi ótimo. — Não podia imaginar o que faria na vida sem as duas agora. Pip era uma dádiva de Deus, e Ophélie, um presente extra que vinha junto.

— Nós temos sorte também, Matt. Obrigada por uma linda noite. — Deu-lhe dois beijos no rosto e ele sorriu, lembrando-se dos anos que passou na França quando era estudante, 25 anos atrás.

— Avise quando for o jogo de futebol de Pip. Eu volto. Aliás, posso voltar a qualquer hora. É só telefonar.

— Eu aviso — disse ela, rindo.

Pip iria lhe telefonar no dia seguinte, mas Ophélie não via mal algum nisso. Precisava de uma figura masculina na sua vida, e Ophélie não tinha outra para oferecer. O relacionamento deles era proveitoso para os três.

Ophélie viu-o sair na caminhonete velha, fechou a porta e desligou as luzes. Pip tinha ido dormir no seu próprio quarto, algo raro naqueles dias, e Ophélie ficou acordada no escuro em sua cama grande demais, pensando na noite que tiveram e no homem que se tornara amigo de Pip e dela. Sabia que tinham sorte de ter Matt, mas quando pensava nele seus pensamentos acabavam em Ted. As lembranças que tinha do marido com frequência pareciam perfeitas sob certos aspectos, e difíceis sob outros. Havia uma diferença profunda e silenciosa e agonias antigas voltavam à sua cabeça, mas apesar de tudo sentia uma falta insuportável dele. Sua vida como mulher parecia terminada, e até mesmo seu papel de mãe duraria pouco. Chad não existia mais e Pip teria sua própria vida dentro de poucos anos. Não podia nem imaginar como seria sua vida, e detestava pensar nisso. Ficaria sozinha, inevitavelmente. Apesar de amigos como Andrea e agora Matt, quando Pip fosse para a faculdade e seguisse seu próprio rumo sua vida não teria qualquer objetivo ou utilidade. Esse pensamento encheu-a de pânico, e sentiu saudade de Ted de novo. A única direção em que podia olhar em noites como essa era para trás, para uma vida terminada, olhar para a frente deixava-a aterrorizada. Era em momentos assim, de profunda busca, que compreendia muito bem como Chad tinha se sentido. Só sua responsabilidade com Pip é que a fazia seguir adiante, não cometer uma loucura. Mas às vezes, no escuro da noite, sentia-se tentada a isso, inegavelmente. Por mais errado que fosse, considerando a responsabilidade com Pip, a morte teria sido um grande alívio.

Capítulo 15

TRÊS DIAS DEPOIS do agradável jantar com Matt, Ophélie teve de enfrentar um desafio que vinha receando há algum tempo. Depois de quatro meses de apoio e frequência regular, seu grupo ia terminar. Era a chamada “formatura” e “retorno” ao mundo com os próprios passos, quando tentavam dar ao último encontro um ar de celebração. Mas a realidade de não se verem mais e perderem o apoio e a intimidade que tinham compartilhado deixou Ophélie e vários outros em lágrimas no último dia.

Todos se abraçaram e prometeram manter contato, trocaram números de telefone e falaram sobre seus planos futuros. O Sr. Feigenbaum estava saindo com uma mulher de 78 anos que tinha conhecido quando tomava aulas de bridge, e mostrava-se bem entusiasmado. Alguns tinham começado a namorar, outros tinham planos de viajar, uma das mulheres decidira vender a casa depois de grande agonia, outra concordara em morar com a irmã e um homem de quem Ophélie não gostava muito finalmente fizera as pazes com a filha depois da morte da esposa e de uma briga de quase trinta anos. Mas a maioria ainda tinha um longo caminho pela frente, e muitos acertos a fazer.

A principal realização de Ophélie, pelo menos visivelmente, foi voluntariar-se para trabalhar no Centro Wexler. Sua atitude estava melhor, o vazio que ainda sentia às vezes, do qual todos falavam e receavam, já não era tão profundo, e os períodos sombrios não duravam muito. Mas ela sabia, como todos sabiam com relação às suas próprias vidas, que a luta para ajustar-se às suas perdas não terminara, de forma alguma. Sentia-se apenas melhor que antes, e adquirira ferramentas mais eficazes para enfrentar essas perdas. Era o máximo que podia esperar, e sob certos aspectos parecia o suficiente.

Mas foi tomada de tristeza, com a sensação de mais uma perda, quando se despediu de Blake, e parecia profundamente infeliz quando foi buscar Pip na escola.

— O que aconteceu, mamãe? — Pip perguntou preocupada. Tinha visto a mãe assim muitas vezes antes, e ficava sempre com medo de o robô voltar e tomar o lugar dela, como fizera durante quase um ano. Não queria o robô de volta. Sentiu-se abandonada durante dez meses, depois que seu pai e seu irmão morreram.

— Nada — disse Ophélie, sem querer admitir seus sentimentos para a filha. — É uma bobagem, eu acho. Meu grupo terminou hoje. Vou sentir falta deles. Algumas pessoas de lá eram ótimas, e apesar de eu estar sempre reclamando por ter de ir às reuniões, o grupo me ajudou muito.

— Não dá para voltar? — Pip continuava preocupada. Não estava gostando do ar da mãe. Já conhecia bem isso. E lembrou-se quando Chad ficava assim também. Aquele ar sombrio e vago de infelicidade máxima que parecia não ter fundo, que deixava sua vítima parada, com indiferença e dor. Queria fazer alguma coisa para aquilo parar antes que fosse tarde demais, mas não sabia o quê. Nunca sabia.

— Posso ir para outro grupo, se precisar. Mas aquele acabou. — Ela parecia desesperançada, e Pip entrou em pânico.

— Talvez fosse bom você ir.

— Eu vou ficar bem, Pip. Prometo. — Abraçou a filha e continuaram o percurso em silêncio. Assim que chegaram em casa Pip foi para a saleta do andar de cima que ninguém mais usava, e telefonou para Matt. Estava chovendo naquele dia, e ele estava trabalhando no retrato dela em casa e não na praia. À medida que o inverno chegava, ele ia cada vez menos à praia, mas o tempo continuava bom, a não ser naquele dia.

— Ela está péssima — disse Pip baixinho, rezando para a mãe não pegar o telefone em outro lugar da casa. O telefone tinha um botão para a conversa não ser ouvida, mas ela não sabia se funcionava. — Estou com medo, Matt — disse com sinceridade, e Matt ficou contente de Pip ter telefonado. — No ano passado eu pensei... ela... ela não saía da cama às vezes, nem penteava o cabelo... nunca comia... ficava acordada a noite toda... não conversava comigo... — As lágrimas encheram-lhe os olhos enquanto falava, e as palavras cortaram o coração dele de tanta pena das duas.

— Sua mãe está agindo dessa forma agora? — perguntou, preocupado. Ophélie lhe parecera bem no sábado anterior, mas nunca se sabia. Podia estar escondendo alguma coisa. Há pessoas em desespero que guardam tudo para si mesmas e têm finais terríveis, e ele não sabia se Ophélie era uma delas. Pip devia saber melhor que ele, apesar da sua pouca idade.

— Ainda não — disse Pip, prevendo uma catástrofe. — Mas está com um ar muito triste — acrescentou, ainda com lágrimas nos olhos.

— Está provavelmente um pouco assustada de perder o apoio que recebia do grupo. Dizer adeus é difícil para ela agora. Vocês duas perderam muita coisa — falou, sentindo-se mal de lembrar isso a Pip, mas era verdade, e ela parecia tão adulta que ele podia tomar certas liberdades. No telefone, parecia mais mãe que filha. Aquela

conversa seria mais própria de Ophélie sobre Pip, e não o oposto. Ela tinha crescido depressa no último ano. O aniversário de morte do seu pai e irmão seria em um mês. — É bom vigiar sua mãe, mas ela vai melhorar. Parecia bem na outra noite e nas poucas vezes em que a vi na praia. Deve ter altos e baixos, mas provavelmente vai sair dessa logo. Se não sair, vou até aí ver o que acho da situação. — Não havia nada que alguém pudesse fazer. No contexto do relacionamento que ele tinha com as duas, aquele não era seu papel. Mas como amigo poderia ajudar, ou pelo menos apoiar Pip. Ela não tinha recebido apoio algum durante um ano e estava grata a ele agora. Mais do que ele poderia imaginar, ou que ela conseguiria dizer.

— Obrigada, Matt — disse do fundo do coração. Só de falar com ele já se sentia mais aliviada.

— Telefone amanhã para dizer como vão as coisas. A propósito, seu retrato está ficando bem bonito — disse com modéstia.

— Estou louca para ver! — Sorriu e desligou o telefone um instante depois. Eles não tinham planos de se ver no momento, mas Pip sabia que Matt estaria ali se fosse preciso, o que lhe deu um sentimento muito grande de amor e apoio da parte dele. Era disso que precisava.

Ophélie estava infeliz com a separação do grupo, sem vontade de cozinhar naquela noite, quando a campainha tocou. Levou um susto, não podia imaginar quem fosse. Não estavam esperando ninguém, Matt não estava na cidade e Andrea nunca aparecia sem avisar. Só podia imaginar que fosse algum tipo de entrega, ou talvez Andrea tivesse resolvido dar um pulo lá inesperadamente. Ao abrir a porta viu um homem careca, de óculos, e a princípio não o reconheceu. Levou um minuto inteiro para identificar a pessoa. Seu nome era Jeremy Atcheson, e ele fazia parte do grupo que terminara naquela tarde. Seu rosto não lhe pareceu familiar no começo, mas logo depois ela o reconheceu.

— Sim? — disse ela, quando ele olhou por cima do seu ombro para ver a casa. Só então ela percebeu quem era. O homem parecia nervoso, e Ophélie não podia imaginar o que estava fazendo ali. Era uma dessas pessoas comuns que falavam pouco, e na sua opinião tinha contribuído menos que os outros. Os dois nunca tiveram uma afinidade especial, e Ophélie não se lembrava de ter conversado com ele dentro ou fora do grupo.

— Oi, Ophélie — disse ele, com umas gotinhas de suor no lábio superior. Ela teve a nítida impressão de que seu hálito cheirava a álcool. — Posso entrar? — Sorriu, nervoso, com um ar um tanto malicioso. Quando o olhou mais de perto, Ophélie percebeu que ele estava despenteado e com pouco equilíbrio.

— Estou cozinhando — disse ela sem jeito, sem saber o que ele queria. Só sabia que conseguira seu endereço na lista que o grupo distribuía naquele dia para aqueles que quisessem se manter em contato.

— Que ótimo! — disse ele, com ar atrevido e um sorriso desagradável. — Eu ainda não comi. O que vai ter para o jantar?

Ophélie ficou de queixo caído com tanta desfaçatez, e ao perceber que ele pretendia entrar foi fechando a porta lentamente. Não tinha intenção de ser gentil com ele. Pressentiu que alguma coisa desagradável poderia acontecer, e quis evitar isso a todo custo.

— Desculpe, Jeremy. Tenho de voltar para a cozinha. Minha filha está faminta e um amigo meu vai chegar daqui a um instante.

Tentou fechar a porta toda mas ele a deteve com a mão, e ela percebeu logo que ele era mais rápido e mais forte do que imaginara. Não sabia bem se devia lhe dar um chute ou gritar. Mas não havia ninguém ali para ajudá-la, a não ser Pip. Tinha dito “um amigo ia chegar” para ver se o homem ia embora. Era uma cena desagradável, e uma violação ao respeito que fora criado no grupo.

— Por que essa pressa? — disse ele, olhando para seu corpo, querendo empurrá-la para trás, mas sem coragem de fazer isso. Felizmente o álcool, sem dúvida, deixara-o lento. Mas enquanto ficou ali, a poucos centímetros de distância, deu para notar o cheiro. — É um namorado?

— É, sim. — Teve vontade de acrescentar que era um homem de mais de 1,90m de altura e faixa preta em caratê, mas não conseguiu descrever alguém tão amedrontador para detê-lo. Quando percebeu a situação em que se encontrava, ficou assustada.

— Não é, não — disse ele. — Você sempre falava no grupo que não queria ter namorado, que nunca teria. Achei que se pudéssemos sair para jantar você talvez mudasse de idéia. — Era ridículo dizer isso, e uma grosseria também. Entretanto, ele estava assustando Ophélie, e ela não sabia o que fazer. Nunca tinha se visto numa situação semelhante depois que se casara com Ted. Uma vez apareceram dois bêbados no dormitório da faculdade que a deixaram morta de medo, mas o supervisor do andar os viu e mandou chamar a segurança. Mas ali não havia um supervisor para salvá-la, só Pip.

— Foi muita gentileza sua vir aqui — disse Ophélie educadamente, imaginando se conseguiria ter força suficiente para bater a porta na cara dele, mesmo que tivesse de quebrar seu braço. — Mas vai precisar ir embora agora.

— Não vou, não. E você não quer que eu vá. Não é, querida? Do que está com medo? O grupo acabou, já podemos namorar quem quisermos. Ou será que você tem medo de homem? Você é lésbica? — Ele estava mais bêbado do que ela imaginara a princípio, e de repente percebeu que estava realmente correndo perigo. Se ele entrasse, podia machucá-la ou machucar Pip. Ao constatar isso juntou forças, e sem hesitação empurrou-o com uma das mãos e bateu a porta com a outra com violência. Nesse

momento, Mousse apareceu no alto da escada, começou a latir e veio para seu lado sem idéia do que estava acontecendo, mas achando que havia alguma coisa errada. Ophélie tremia quando passou a corrente na porta, e pôde ouvir o homem xingando-a do outro lado e gritando obscenidades. — Sua filha-da-puta! Acha que é boa demais para mim, não é?

Ficou junto da porta, ainda tremendo, assustada e vulnerável como não se sentia há anos. Lembrou-se de repente que ele se juntara ao grupo depois da morte do irmão gêmeo, e ao que parecia ainda não se recuperara do choque. Seu irmão foi morto por um motorista desgovernado. Uma das poucas vezes em que o notou no grupo teve a sensação de que ele ficara desequilibrado com a morte do irmão, e entregar-se à bebida não resolvera nada. Se ele entrasse em sua casa agora poderia fazer alguma coisa horrível com ela ou com Pip.

Sem saber como agir, fez exatamente o mesmo que Pip, telefonou para Matt. Contou o que tinha acontecido e perguntou se devia chamar a polícia.

— Ele ainda está lá fora? — Matt pareceu perturbado com a notícia.

— Não, ouvi o carro saindo quando disquei seu número.

— Então provavelmente está tudo bem, mas se eu fosse você telefonaria para o líder do grupo. Ele pode tomar alguma providência. Provavelmente, o homem estava só bêbado, mas foi um horror o que ele fez. Deve ser um maluco. — Ou um estuprador, pensou. Mas não quis assustá-la.

— Ele é um bêbado, mas me assustou um bocado. Tive medo que entrasse e fizesse alguma coisa com Pip.

— Ou com você. Pelo amor de Deus, não abra a porta para estranhos assim.

De repente, Ophélie sentiu-se muito vulnerável e desprotegida. Era corajosa, como provou quando salvou o menino no mar, mas

era também uma mulher bonita que morava sozinha com uma menina.

— Peça para o líder do grupo repreender esse homem com firmeza e dizer que da próxima vez você vai chamar a polícia e mandar prendê-lo. Caso volte esta noite, chame a polícia imediatamente, depois me telefone. Posso dormir no sofá da sala se você estiver preocupada, não me importo de ir até aí.

— Não precisa — disse ela, agora mais calma. — Eu estou bem. Foi uma situação estranha e fiquei assustada por um instante. Ele devia ter idéias estranhas sobre mim o tempo todo em que estivemos no grupo. É um sentimento no mínimo desagradável.

Viver sozinha era bastante difícil, mas ter gente como Jeremy tentando forçar caminho para entrar na sua casa era perturbador. Sua vulnerabilidade era um dos males da sua situação, e depois do acontecido teria de ser muito cuidadosa e alerta. Sabia que não podia esperar que Matt fosse seu guarda-costas, nem ele nem ninguém. Tinha de aprender a lidar com coisas assim por conta própria. Teve mais pena que nunca do grupo ter terminado. Teria gostado de discutir com eles esse tipo de coisa. Agradeceu a Matt por sua solidariedade, preocupação e conselho, e assim que desligou telefonou para Blake Thompson, que também ficou muito aborrecido com a história.

Prometeu telefonar para Jeremy no dia seguinte, quando ele deveria estar sóbrio, e falar com firmeza que ele não só violara a confiança sagrada do grupo como fora abusivo. Ophélie parecia calma de novo quando Matt telefonou depois do jantar para ter notícias. Ophélie não tinha dado muitos detalhes a Pip para não assustá-la. Garantiu que o homem era inofensivo e que aquilo não significava nada, o que provavelmente era verdade. Estava convencida de que fora um incidente isolado, mas mesmo assim tinha ficado assustada. Pip ficou aliviada ao ver a mãe mais ligada

de novo durante o jantar, e no dia seguinte parecia bem quando foi levá-la no colégio e trabalhar no Centro Wexler.

Blake telefonou no fim da manhã para o Centro e disse a Ophélie que tinha avisado a Jeremy que pediria uma ordem de prisão contra ele caso a incomodasse de novo. Falou que Jeremy chorou e admitiu que fora direto a um bar quando o grupo terminou e bebera a tarde toda até a hora em que bateu na porta dela. Resolveu fazer umas sessões de análise individual com Blake, e lhe pediria para desculpar-se com ela. Blake falou que tinha quase certeza de que isso não aconteceria de novo. Foi uma boa lição para ela ser mais cuidadosa com estranhos, mesmo aqueles que conhecia ligeiramente. Havia um mundo novo lá fora à sua espera, cheio de males que ela nunca vira quando era uma mulher casada. Um pensamento nada animador.

Ophélie agradeceu a Blake por cuidar da situação, voltou para o trabalho e esqueceu-se do ocorrido. Quando chegou em casa naquela tarde encontrou na porta de entrada uma carta de Jeremy pedindo desculpas e garantindo que não a importunaria mais. Aparentemente, cada um tinha sua própria forma de lidar com o efeito desestabilizador da perda de apoio do grupo. A dele fora mais assustadora que a dos demais, mas mostrou que ela não foi a única a sentir-se deprimida e abalada. Era uma grande adaptação e uma perda não ter mais o apoio do grupo. Agora teria de soltar-se no mundo, como todos os outros, e tentar usar o que aprendera.

Assim que pôs os pés no Centro esqueceu-se dos seus próprios problemas. Ficou tão ocupada até as três horas que mal teve tempo para respirar. Adorava o que estava fazendo e tudo que estava aprendendo. Fez duas admissões naquele dia. Uma de um casal com dois filhos, que tinham vindo de Omaha e perdido tudo. Não tinham o suficiente para comer, viver, pagar aluguel, criar os filhos, e marido e mulher estavam desempregados. Não podiam contar com ninguém, mas estavam tentando se recompor. O Centro fez tudo

que podia fazer para ajudá-los, arranjando inclusive vales de alimentação reservados para desempregados e matrícula para os filhos no colégio. O casal deveria passar para um abrigo permanente dentro de uma semana, e com a ajuda do Centro conseguiria ficar com as crianças, o que era uma grande conquista. Ophélie quase chorou quando ouviu a história deles e conversou com a menininha, que tinha exatamente a idade de Pip. Era difícil imaginar como as pessoas chegavam a esse ponto, e lembrou-se mais uma vez que ela e Pip tinham muita sorte. Imagine se Ted tivesse morrido e deixado as duas sem uma casa. Nem era bom pensar.

Sua segunda admissão foi de uma mãe com a filha. A mãe, alcoólatra, tinha perto dos 40 anos, e a filha tinha 17 e era viciada em drogas. A filha andava tendo uns ataques, em resultado da drogas que usava ou por alguma outra razão, e as duas viviam nas ruas há dois anos. As coisas se complicaram ainda mais quando a filha admitiu para Ophélie que estava grávida de quatro meses. Uma verdadeira desgraça. Miriam e uma das assistentes sociais entraram no caso para encaminhá-las para o programa de reabilitação, com benefícios médicos e tratamento pré-natal para a filha. Elas saíram do Centro e foram para outro prédio naquela noite, e na manhã seguinte começaram a reabilitação.

No final da semana, a cabeça de Ophélie girava, mas o trabalho lhe agradava muito. Nunca se sentiu tão útil na vida, nem tão humilde. Estava vendo e aprendendo coisas difíceis de imaginar que existiam. Inúmeras vezes ao longo do dia tinha vontade de baixar a cabeça e chorar, mas sabia que não podia. Não podia deixar os clientes verem como era trágica a situação deles, ou sem esperança. Muitas vezes era difícil imaginar se saíam de suas situações desesperadas, mas alguns saíam. Saíssem ou não, ela e outros do Centro estavam ali para fazer o que pudessem para ajudá-los. Ophélie ficava comovida com as coisas que via, e tinha

uma enorme pena de não poder contar tudo para Ted quando chegava em casa à noite. Gostava de acreditar que ele ficaria fascinado com suas histórias. Compartilhava o máximo que podia com Pip, sem assustá-la indevidamente. Algumas histórias eram deprimentes demais, ou muito pesadas. Um sem-teto tinha morrido na porta da casa delas naquela semana quando estava indo para o Centro, por causa do alcoolismo, com falência dos rins e desnutrição. Mas ela também não contou isso para Pip.

Na sexta-feira à tarde, Ophélie percebeu que tomara a decisão certa. E essa opinião foi altamente reforçada por seus conselheiros, que a orientavam, e pelos colegas de trabalho. Ela seria obviamente uma grande ajuda para o Centro, e sentia pela primeira vez que encontrara um propósito e uma direção na vida.

Estava saindo quando Jeff Mannix, da equipe de rua, passou por ela e parou para pegar uma xícara de café.

— Como vai indo? Semana muito ocupada? — perguntou com um risinho.

— Para mim foi. Não tenho como comparar, mas acho que se houver mais movimento que isso teremos de trancar as portas para não sermos pisoteados.

— É isso mesmo. — Sorriu para ela e deu um gole no café. Tinha vindo fiscalizar as provisões, alguns suprimentos médicos e de higiene que estavam sendo acrescentados ao material usual. Em geral, só chegava para trabalhar às seis horas, mas ficava nas ruas até três ou quatro da manhã. Era fácil ver que ele adorava o que fazia.

Os dois falaram um instante do homem que tinha morrido na porta da casa dela na quarta-feira. Ophélie ainda estava abalada com a história.

— Detesto dizer isso, mas vejo casos assim a toda hora nas ruas, não me surpreende mais. Nem sei mais quantos sujeitos tento acordar, e quando consigo virá-los... já se foram. Homens, e

mulheres também. — Mas havia muito menos mulheres nas ruas. Elas apelavam mais para os abrigos, embora Ophélie tivesse ouvido histórias horríveis a esse respeito. Duas mulheres que admitira naquela semana contaram que tinham sido estupradas nos abrigos, o que aparentemente não era raro. — A gente pensa que se acostuma com isso — disse ele em tom sombrio —, mas nunca se acostuma. — Depois olhou-a como se a avaliasse. Tinha ouvido elogios a ela durante toda a semana. — Então, quando você vai dar uma saída conosco? Já trabalhou com todos aqui. Ouvi dizer que você é muito ágil nas admissões e nos fornecimentos. Mas só vai ter uma idéia completa desse trabalho depois que sair comigo, com Bob e com Millie. Será que vai ser real demais para você? — Era um desafio, e sua intenção era exatamente essa. Por mais que respeitasse os colegas, ele e os outros das equipes de rua achavam que o trabalho deles era o mais importante do Centro. Corriam mais riscos e davam mais ajuda lá fora numa noite que o pessoal do Centro em uma semana. E achava que Ophélie devia ver isso também.

— Não sei se eu poderia ajudar muito — disse Ophélie com sinceridade. — Sou meio covarde. Ouvi dizer que vocês são verdadeiros heróis. Eu provavelmente teria muito medo de sair na van.

— Talvez nos primeiros cinco minutos. Depois vai esquecer e fazer o que for necessário. Você me parece bastante corajosa. — Havia um boato de que ela era rica, embora ninguém soubesse ao certo; seus sapatos pareciam caros, as roupas muito cuidadas, limpas e bem cortadas, e sua casa ficava em Pacific Heights. Porém Ophélie trabalhava duro como qualquer outro dali, mais duro ainda, na opinião de Louise. — O que vai fazer hoje à noite? — perguntou, deixando-a intrigada. — Vai sair com o namorado? — falou sem rodeios. Apesar da sua agressividade, Ophélie gostava dele. Era jovem, limpo e forte, e gostava demais do que fazia. Tinham lhe

contado que ele escapara um dia de ser esfaqueado nas ruas, mas voltara lá no dia seguinte. Provavelmente uma imprudência, mas ela achou admirável. Jeff dispunha-se a arriscar a vida pelo que fazia.

— Não tenho namorado — respondeu com simplicidade. — Mas tenho uma filhinha, vou ficar em casa com ela. Prometi que a levaria ao cinema. — Elas não tinham outros planos naquele fim de semana, a não ser o jogo de futebol de Pip no dia seguinte.

— Vá ao cinema com ela amanhã. Quero que você venha conosco. Millie e eu falamos sobre isso ontem à noite. Você devia ir pelo menos uma vez. Nunca vai ser a mesma depois disso.

— Eu pessoalmente não me importo se for ferida ou morta — disse Ophélie abruptamente. — Mas sou a única pessoa que minha filha tem no mundo.

— Isso não é bom — disse ele, franzindo a sobrancelha. — Você precisa de um pouco mais na sua vida, Opie. — Achava o nome dela bonito, mas impossível de pronunciar, e brincava com ela desde que a conhecera. — Vamos, a gente cuida de você. Que tal?

— Não tenho ninguém com quem deixar minha filha — disse Ophélie pensativa, tentada mas também com medo. Era difícil resistir àquele desafio.

— Às 11h? — Virou os olhos e deu um largo sorriso, que iluminou seu rosto escuro. Era um homem bonito, de quase 1,90m de altura, que pertencera à força especial da Marinha durante nove anos. — Merda, na idade dela eu cuidava dos meus cinco irmãos e ia buscar minha mãe na cadeia toda semana. Ela era prostituta. — Parecia um estereótipo, mas era verdade, e ela tinha ouvido dizer que Jeff era um homem incrível e que criara todos os irmãos. Um deles ganhou uma bolsa para Princeton, outro, para Yale. Ambos eram advogados, o mais novo estudava medicina, outro era lobista e lutava contra a violência urbana e o quinto tinha quatro filhos e estava se candidatando para o Congresso. Jeff era um homem extraordinário, e muito persuasivo. Ophélie estava considerando

seriamente em sair com ele, embora tivesse jurado que nunca faria isso. Parecia muito perigoso. — Vamos, mamãe... dê uma chance para nós. Nunca mais vai querer ficar sentada por trás daquela mesa depois que sair nas ruas conosco! O nosso trabalho é o mais importante daqui... Vamos sair às seis e meia. Venha para cá a essa hora. — Era mais um comando que um convite, e Ophélie disse que ia ver o que poderia fazer. Ainda pensava nisso quando pegou Pip no colégio, e não deu uma palavra até chegar em casa.

— Você está bem, mamãe? — Pip perguntou, com a preocupação habitual, e Ophélie garantiu que sim. E enquanto Pip olhava para ela, decidiu concordar. Pip já conhecia a maioria dos sinais da mãe que se tornavam perigosos. Dessa vez ela parecia distraída, mas não deprimida nem desligada. — O que fez hoje no Centro?

Como sempre, Ophélie contou uma versão branda dos acontecimentos, depois foi para o quarto dar um telefonema. A mulher que fazia a limpeza da casa vários dias por semana disse que podia fazer companhia a Pip naquela noite, e Ophélie pediu que ela chegasse às cinco e meia. Não tinha certeza como Pip iria reagir e não queria desapontá-la, mas Pip disse que seria até melhor irem ao cinema no sábado. Ia jogar futebol na manhã seguinte e não queria estar muito cansada. Ophélie explicou que havia umas atividades no Centro das quais queria participar, e Pip disse que não se importava que ela fosse. Ficou feliz de ver a mãe fazendo uma coisa de que gostava. Muito melhor que passar os dias dormindo no quarto ou andando pela casa à noite com ar aflito, como tinha feito no ano passado.

Como prometido, Alice, a faxineira, apareceu prontamente às cinco e meia, e Ophélie saiu, deixando Pip vendo televisão. Estava de jeans, um suéter pesado, uma parca de esqui que encontrara no fundo do armário e botas de caminhar que não usava há anos. Levou um gorro de tricô e luvas, pois Jeff avisou que podia estar

muito frio. Com qualquer tempo em São Francisco, as noites eram frias, muitas vezes até mesmo no verão. E havia uma friagem no ar à noite nas últimas semanas. Ophélie sabia que eles levavam rosquinhas, sanduíches e uma garrafa térmica com café, e Jeff disse que paravam no McDonald's às vezes no meio da noite. Tinha se preparado o melhor possível, quaisquer que fossem os planos. Mas quando estacionou o carro no Centro sentiu-se muito agitada. No mínimo, seria uma noite interessante. Talvez a mais interessante da sua vida. Mas tinha certeza de que se Matt, Andrea ou Pip soubessem teriam tentado dissuadi-la de ir, ou teriam morrido de medo por ela. Ela própria estava com medo.

Quando entrou na garagem que ficava atrás do Centro Wexler, viu Jeff, Bob e Millie carregando a van. Estavam pondo caixas e sacolas com provisões no banco traseiro e uma pilha de sacos de dormir e roupas doadas na outra. Jeff virou-se com um sorriso quando a viu, parecendo contente.

— Meu Deus... Olá, Opie... Bem-vinda ao mundo real. — Ela não sabia bem se seu tom era de elogio ou de deboche, só sabia que ele parecia contente de vê-la, e Millie também.

— Que bom que você veio — disse, e continuou a trabalhar.

Meia hora depois as vans estavam carregadas, com a ajuda de Ophélie. Era um trabalho braçal exaustivo, e o mundo real ainda nem tinha começado. Assim que aprontaram tudo, Jeff disse para ela ir com Bob na segunda van.

O asiático alto e calmo mostrou o banco do carona, pois os outros bancos tinham sido retirados para dar lugar aos suprimentos.

— Tem certeza de que quer ir? — perguntou calmamente quando ligou o motor. Conhecia Jeff e seu modo agressivo de convencer os outros a fazerem as coisas, e admirou-a por ter vindo. Era uma mulher de coragem. Não precisava fazer isso, não precisava provar nada para ninguém. Parecia pertencer a uma vida diferente. Mas teve de lhe dar crédito por aparecer ali, dispor-se a

uma aventura e até mesmo a arriscar a vida. — Não é obrigatório, você sabe. O pessoal do Centro nos chama de caubóis do asfalto, nós somos meio malucos. Ninguém vai chamar você de covarde se recuar. — Estava lhe dando uma chance de ir embora, antes que fosse tarde demais. Achava justo. Ela não tinha idéia do que a esperava.

— Jeff vai me achar covarde — disse Ophélie com um sorriso, e ele riu.

— É. Talvez. E daí? Que se dane. Você quer ir, Opie? Ou quer cair fora? Faça o que preferir. Não é vergonha nenhuma. Pode decidir.

Ela pensou um instante, olhando para Bob com insistência. Respirou fundo e numa fração de segundo quase mudou de idéia, mas quando olhou de novo para ele percebeu que estaria segura ao seu lado. Não sabia nada sobre aquele homem, mas sentia que podia confiar nele, e estava certa. A outra van buzinou. Jeff estava ficando impaciente e não entendia a razão da demora, enquanto Bob esperava que Ophélie se decidisse.

— Vai ou fica?

Ela expirou lentamente, e a palavra saiu da sua boca por conta própria.

— Vou.

— Tudo bem! — ele disse com um sorriso, pisando no acelerador, e as duas vans carregadas saíram da garagem. Eram sete horas da noite.

Capítulo 16

NAS OITO HORAS SEGUINTEs Ophélie viu coisas que nem sonhava que existiam, certamente não a poucos quilômetros da sua casa. Passou por áreas que não conhecia, por vielas que a deixaram arrepiada, e viu pessoas em condições tão desesperadoras que ficou muito abalada. Com feridas no rosto, cobertas de chagas, trapos nos pés em vez de sapatos, ou até mesmo descalços e seminus no frio. Viu também gente limpa, arrumada, com ar decente, escondida debaixo de pontes e dormindo no chão em caixas de papelão e jornais. Por onde eles passavam ouviam “obrigado” e “Deus os proteja” quando saíam. Foi uma noite longa e desesperadora. Mas ao mesmo tempo ela nunca sentiu tanta paz, ou alegria, ou a sensação de ter um objetivo na vida, como quando Chad e Pip nasceram. Um sentimento quase igual.

Durante o resto da noite ela e Bob trabalharam juntos. Ele não precisava lhe dizer o que fazer. Bastava seguir o coração. O resto era óbvio. Quando eram necessários sacos de dormir ou roupas quentes, ela as buscava. Jeff e Millie distribuía m medicamentos e artigos higiênicos. Quando encontraram um grupo de gente escondida nos armazéns de carga em South Market, Bob escreveu

o nome da localidade. Explicou que havia outro programa de ajuda externa para adolescentes fugidos de casa e que daria aquele endereço na manhã seguinte para eles irem lá tentar convencê-los a voltar. Só alguns adolescentes se dispunham a deixar as ruas. Desconfiavam dos abrigos e dos programas ainda mais que os adultos. E não queriam ser mandados para casa. Com frequência, esses jovens fugiam de coisas muito piores do que encontravam nas ruas.

— Muitos estão nas ruas há anos. Sentem-se mais seguros aí que nos lugares de onde vieram. Os programas tentam procurar suas famílias, mas muitas vezes ninguém se interessa por eles. Os pais nem querem saber onde estão. Eles vêm de todos os cantos do país e ficam vagando pelas ruas até crescerem.

— E depois? — perguntou, com ar de desespero.

Ophélie nunca tinha visto tanta gente tão extremamente necessitada e com tão pouca esperança. Parecia uma causa quase perdida. Os esquecidos, como Bob os chamava. E nunca tinha visto gente tão grata pela pequena ajuda que recebia. Alguns ficavam chorando quando eles iam embora.

— Não fique envergonhada — disse Bob, ao vê-la voltar para a van em lágrimas. — Eu também choro às vezes. Esses jovens realmente me dão muita pena.... e os velhos... é triste, mas a gente sabe que não vão sobreviver durante muito tempo por aqui. Isso é tudo que podemos fazer por eles. E é tudo que querem. Não têm vontade de sair das ruas. Talvez não faça muito sentido para nós, mas faz para eles. Estão muito perdidos, muito doentes ou muito miseráveis. Não podem existir em nenhum outro lugar. Desde que a verba federal foi cortada, anos atrás, os hospitais de doentes mentais não têm mais como abrigá-los, e até aqueles que parecem estar relativamente bem provavelmente não estão. Há muita doença mental por aqui. O abuso de drogas acaba nisso, uma automedicação para sobreviver. E quem pode culpá-los? Que

merda, se eu estivesse nas ruas provavelmente também estaria me drogando. O que mais eles têm?

Ophélie aprendeu mais naquela noite sobre a raça humana do que aprendera em toda a vida. Uma lição que sabia que nunca esqueceria. Quando pararam no McDonald's para comer um hambúrguer, à meia-noite, ela sentiu-se culpada de estar comendo. Mal conseguiu engolir a comida e o café quente, lembrando daquela gente nas ruas morrendo de fome e de frio, que dariam tudo que tinham por uma xícara de café quente e um hambúrguer.

— Como vai indo? — perguntou Jeff, enquanto Millie tirava as luvas. Tinha esfriado bastante, Ophélie estava com luvas também.

— É incrível. Vocês realmente fazem o trabalho de Deus por aqui — disse, maravilhada com os três. Nunca se comovera tanto na vida. E Bob estava também impressionado com o jeito suave e compassivo de Ophélie, sem ser condescendente nem paternalista. Tratava todos que encontrava com humanidade e respeito e trabalhava duro. Bob disse isso para Jeff quando voltavam, e Jeff concordou. Sabia o que estava fazendo quando convidou Ophélie para sair com eles. Todos diziam que ela era ótima, e ele a queria na equipe de rua antes que se atolasse com trabalho burocrático no Centro. Tinha percebido logo que seria um elemento valioso, se aceitasse trabalhar com eles. Os riscos que corriam toda noite e as longas horas de trabalho afastavam a maioria das voluntárias. Até mesmo o pessoal da equipe e os homens tinham medo.

Depois daquela pausa dirigiram-se para Potrero Hill e, em seguida, para Hunters Point. Mission seria a última parada deles. Quando se aproximavam, Bob avisou a Ophélie para ficar atrás dele e tomar cuidado. Disse que entre as pessoas agressivas e hostis, a arma preferida eram as agulhas infectadas. Ao ouvir isso ela só pensou em Pip. Mas trabalhar com eles era como tomar uma droga, já se viciara antes de a noite terminar. Era o maior ato de doação e carinho que ela podia imaginar. Seus companheiros arriscavam-se

toda noite, sem ajuda, sem armas, sem apoio, em uma missão de misericórdia. Tudo aquilo fazia sentido. Ophélie surpreendeu-se de ver que não estava cansada quando finalmente as vans entraram na garagem. Estava energizada e sentia-se totalmente viva, talvez mais do que nunca.

— Obrigado, Opie — disse Bob com gentileza e sinceridade quando desligou o motor da van. — Você fez um belo trabalho.

— Obrigada — Ophélie respondeu, com um sorriso. Vindo de Bob, era um grande elogio. Gostava mais dele que de Jeff. Bob era quieto, trabalhava duro, era bom com as pessoas com quem lidava e respeitoso com ela. Ophélie soube, durante as horas que passaram juntos, que sua esposa morrera de câncer quatro anos antes, deixando três filhos, que ele criava sozinho com a ajuda da irmã. Trabalhando à noite podia estar com os filhos durante o dia. Os riscos não o perturbavam, na polícia era pior. Tinha uma aposentadoria da polícia, portanto podia sobreviver com o pouco que ganhava no Wexler. O principal é que adorava seu trabalho. E era menos caubói que Jeff. Foi incrivelmente gentil com Ophélie a noite toda, e ela ficou surpresa ao perceber que eles tinham devorado uma caixa quase toda de rosquinhas juntos. Ficou pensando se era o estresse que a deixara com fome ou apenas o trabalho. Foi uma das noites mais marcantes e significativas da sua vida. E sabia que naquelas horas mágicas, entre sete da noite e três da manhã, ela e Bob haviam se tornado amigos. E agradeceu a ele de todo o coração.

— Vejo você na segunda-feira? — Jeff perguntou, olhando dentro dos olhos dela, quando se encontraram na garagem. Parecia corajoso como sempre, e Ophélie ficou surpresa.

— Quer que eu vá de novo?

— Queremos que você faça parte da equipe. — Decidira isso ao longo da noite, baseado no que observou e no que Bob falou sobre ela.

— Tenho de pensar um pouco — Ophélie disse com cuidado, apesar de sentir-se envaidecida. — Não posso sair toda noite.

Não podia mesmo. Não era justo com Pip. Mas todas aquelas pessoas, todos aqueles rostos, todas aquelas almas penadas dormindo perto dos trilhos da estrada de ferro, nas passagens subterrâneas e nos armazéns de carga passaram pela sua cabeça. Era como se tivesse ouvido um chamado e sabia que era isso que devia fazer, por mais arriscado que fosse.

— Não posso sair mais que duas vezes por semana. Tenho uma filhinha em casa.

— Se você tivesse um namorado sairia mais que isso, mas disse que não tem. — Jeff estava certo. Não tinha meias palavras, nem poupava críticas.

— Posso pensar um pouco? — Ela sentiu-se pressionada, mas era isso que ele queria. Queria-a na equipe, sem incertezas.

— Precisa pensar? Realmente? Acho que sabe o que quer. — Ela sabia. Mas não queria fazer nada de repente, levada pelas emoções da noite. E as emoções eram fortes, especialmente para ela, pois eram uma grande novidade. — Vamos, Opie. Aceite logo. Nós precisamos de você... e eles também... — Os olhos dele pareciam suplicantes.

— Tudo bem... — disse ela, arfando. — Tudo bem. Duas vezes por semana. — Queria dizer que trabalharia nas noites de terça e quinta, em vez de segunda, quarta e sexta de dia.

— Estamos combinados — disse ele, sorrindo e batendo as palmas das mãos nas dela.

— É difícil resistir a você.

— Tem razão, e não se esqueça. É preciso fazer um bom trabalho, Opie... vejo você na terça-feira à noite! — Deu adeus e foi embora. Millie entrou no carro estacionado ao lado da garagem, Bob foi acompanhando-a até seu carro, e ela agradeceu de novo.

— Você pode desistir quando quiser — disse ele gentilmente. — Não é um juramento de sangue — lembrou, deixando-a menos amedrontada. Tinha assumido um sério compromisso e não podia imaginar o que as pessoas diriam se lhes contasse. Não sabia se contaria. Pelo menos por enquanto.

— Obrigada pela saída.

— Qualquer coisa que você fizer, durante o tempo que fizer, será válido e apreciado. Todos nós trabalhamos nisso enquanto podemos. Se não pudermos mais, não há problema. Vá com calma, Opie — disse, quando ela entrou no carro. — Até a próxima semana.

— Boa noite, Bob — Ophélie falou gentilmente, sentindo-se finalmente cansada. Tinha ficado acordada grande parte da noite e não sabia como se sentiria de manhã. — Obrigada de novo...

Bob deu adeus, abaixou a cabeça e foi andando até seu caminhão. Nesse momento Ophélie percebeu, com entusiasmo, que fazia parte daquela equipe. Era um caubói também. Exatamente como eles. Nossa!

Capítulo 17

QUANDO OPHÉLIE chegou em casa naquela noite, olhou em volta como se estivesse vendo a casa pela primeira vez. O luxo, o conforto, o aconchego, a comida na geladeira, a banheira com água quente. Tudo lhe pareceu infinitamente precioso quando ficou quase uma hora mergulhada na banheira, pensando no que tinha visto, no que tinha feito, no compromisso que assumira. Nunca se sentira tão feliz na vida, nem tão corajosa. Ao enfrentar o que receava, morrer na rua, outras coisas não lhe pareceram mais tão ameaçadoras. Como os fantasmas na sua cabeça, sua culpa por ter insistido que Chad viajasse com Ted e até mesmo sua tristeza infinita. Se pôde enfrentar os perigos das ruas e sobreviver, o resto parecia muito mais fácil. Quando foi para a cama ao lado de Pip, que resolvera dormir no seu quarto de novo naquela noite, nunca foi tão grata por ter aquela filha e dividir a vida com ela. Dormiu abraçada com ela, com agradecimentos silenciosos, e acordou assustada quando ouviu o despertador. Por um instante não conseguiu se lembrar de onde estava. Tinha sonhado com as ruas e as pessoas que vira lá. Sabia que não se esqueceria nunca daqueles rostos.

— Que horas são? — perguntou, desligando o despertador e afundando a cabeça no travesseiro ao lado da cabeça de Pip.

— Oito horas. Tenho jogo às nove, mamãe.

— Sim... — Lembrou então que ainda tinha uma vida. Com Pip. E que talvez o que fizera na noite anterior tivesse sido uma pequena loucura. O que aconteceria com Pip se ela se ferisse? Mas isso não lhe parecia mais provável. A equipe era muito eficiente, não corria riscos desnecessários. Os riscos faziam parte das ruas, mas eles eram sensatos e sabiam o que estavam fazendo. De qualquer forma, continuava a ser assustador. Ela era responsável por Pip, e tinha plena consciência disso.

Ainda pensava sobre o assunto quando se levantou e mudou de roupa, e desceu para preparar o café-da-manhã para Pip.

— Como foi a noite passada, mamãe? O que você fez?

— Umas coisas bem interessantes. Saí com a equipe que faz trabalho de rua. — E contou para Pip uma versão modificada do que tinha feito.

— É perigoso? — Pip pareceu preocupada. Tomou o suco de laranja e começou a comer os ovos mexidos.

— Até certo ponto. — Ophélie não queria mentir para ela. — Mas as pessoas que trabalham nisso são muito cuidadosas, sabem o que estão fazendo. Não vi nenhum perigo na noite passada, mas podem sempre acontecer coisas na rua. — Não podia negar o risco para a filha.

— Você vai fazer isso de novo? — perguntou Pip aflita.

— Eu gostaria. O que você acha?

— Você gostou do trabalho? — ela perguntou.

— Gostei muito. Adorei. Aquelas pessoas precisam muito de ajuda.

— Então deve ir, mamãe. Mas tome cuidado. Não quero que se machuque.

— Nem eu. Talvez eu tente mais umas duas vezes para ver como as coisas são. Se parecer muito arriscado, eu paro.

— É uma boa idéia. Aliás — disse por cima do ombro quando ia subindo para pegar sua joelheira —, perguntei a Matt se ele gostaria de assistir ao jogo, e ele disse que sim.

— É muito cedo. Talvez ele não chegue a tempo. — Ophélie não queria que ela se desapontasse, e não sabia se Matt tinha falado a sério que iria. — Convidei Andrea também. Você vai ter uma torcida e tanto.

— Espero jogar bem — ela disse, vestindo um moletom. Estava pronta para sair. Ophélie colocou Mousse no banco de trás e em alguns minutos saíram para o campo de pólo no Golden Gate Park, onde seria o jogo. Ainda estava nublado, mas parecia que o dia seria bonito. Durante o percurso, Pip ligou o rádio, um pouco alto demais, e Ophélie viu-se pensando de novo no que tinha visto na noite anterior, aquela gente pobre vivendo em agrupamentos, dormindo em cima do concreto cobertos de trapos. À luz do dia, parecia ainda mais incrível que na noite passada. Mas ficou contente de ter aceitado fazer parte da equipe. Sentiu um forte impulso. Mal podia esperar para sair com eles de novo. Sorriu para si mesma ao pensar nisso, e quando saíram do carro para o campo de pólo ficou surpresa em ver Matt. Pip deu um pulo de alegria e atirou-se nos braços dele. Matt usava um casaco pesado de pele de carneiro, que parecia ser bastante usado, tênis de corrida e jeans, e tinha um ar paternal e forte quando Pip foi para o campo.

— Você é realmente um amigo fiel. Deve ter saído da praia de madrugada — disse Ophélie com um sorriso de gratidão.

— Não, saí por volta das oito. Achei que seria divertido. — Não lhe contou que assistia a todos os jogos de Robert antes de se divorciar e alguns em Auckland. Robert aprendera a jogar futebol americano também.

— Pip estava contando com você. Obrigada por não desapontá-la — Ophélie falou com sinceridade. Ele nunca desapontara Pip

nem Ophélie, desde que as conhecera. Era a única pessoa com quem as duas podiam contar.

— Eu não perderia esse jogo por nada no mundo. Já fui técnico de futebol.

— Não conte para Pip, senão ela vai convidar você para o time.

— Os dois riram e ficaram assistindo ao jogo por muito tempo. Pip jogava bem e tinha feito um gol quando Andrea chegou com o bebê em um carrinho, todo enrolado para não sentir frio. Ophélie apresentou-a a Matt e eles conversaram durante algum tempo. Tentou não sentir as vibrações das perguntas, opiniões e suposições que Andrea lhe dirigiu quando viu Matt. Continuou calma, e Andrea foi embora meia hora depois porque o bebê estava chorando de fome. Mas sabia o que ouviria mais tarde da amiga. Podia ter certeza. Ignorou os olhares maliciosos de Andrea e depois que ela saiu continuou conversando com Matt.

— Ela é madrinha de Pip e minha amiga mais antiga aqui — explicou Ophélie.

— Pip me falou sobre ela e o bebê. Se o que Pip disse está certo, ela foi muito corajosa. — Referia-se discretamente à história do banco de esperma que Pip contara, e Ophélie compreendeu. Gostou da delicadeza e discrição dele.

— Ela foi corajosa, achava que nunca teria um filho de outra forma. Ficou encantada com o nascimento do bebê.

— Ele é uma graça — disse, virando-se para observar Pip.

Matt e Ophélie ficaram contentes e orgulhosos quando o time dela ganhou o jogo, e Pip saiu do campo com um sorriso vitorioso.

Matt convidou-as para almoçar depois, e levou-as a um restaurante de panquecas a pedido de Pip. Tiveram um belo almoço juntos, depois ele voltou para a praia. Queria trabalhar no retrato, disse baixinho para Pip quando saíram do restaurante, e ela deu uma piscada. Depois disso mãe e filha foram para casa. Quando

Ophélie abriu a porta, o telefone estava tocando. Podia adivinhar quem era.

— Meu Deus... agora ele vem até para os jogos de futebol de Pip? — A voz de Andrea denotava todo tipo de insinuações, e Ophélie balançou a cabeça do outro lado da linha. — Acho que você está me escondendo alguma coisa.

— Talvez ele esteja apaixonado por Pip e um dia venha a ser meu genro — disse Ophélie rindo. Já esperava isso. — Não estou escondendo nada de você.

— Então você é maluca. Ele é o homem mais bonito que já vi. Se for heterossexual, agarre esse cara, pelo amor de Deus. Acha que é? — Andrea perguntou, parecendo preocupada de repente.

— É o quê? — Ophélie não entendeu o que ela queria dizer. De qualquer forma, isso não lhe ocorrera, e ela não se importava. Os dois eram apenas amigos.

— Heterossexual. Será que ele é gay?

— Acho que não. Nunca perguntei. Matt foi casado, pelo amor de Deus, e teve dois filhos. Mas que diferença isso faz?

— Pode ter se tornado gay depois — falou Andrea com senso prático, porém sem muita convicção. — Mas acho que não. Acho que você é doida de pedra se não agarrar esse homem enquanto tem oportunidade. Sujeitos assim saem do mercado num abrir e fechar de olhos.

— Bom, eu não estou abrindo e fechando os olhos e acho que ele não está no mercado, como eu. Acho que quer ficar sozinho.

— Talvez esteja deprimido. Ele toma alguma medicação? Se você sugerisse isso talvez as coisas rolassem. É claro que teria que lidar com os efeitos colaterais. Alguns antidepressivos inibem o instinto sexual do homem. Mas ele pode apelar para o Viagra — disse Andrea otimista, e Ophélie revirou os olhos.

— Vou sugerir. Ele vai ficar encantado. Mas não precisa de Viagra para jantar conosco. E não creio que esteja deprimido. Creio

que está magoado. — Era diferente.

— É a mesma coisa. Há quanto tempo a mulher dele foi embora? Dez anos? Não é normal continuar sozinho. Nem ser tão interessado em Pip se não for pedófilo, e acho que não é. Ele precisa é de um relacionamento, e você também.

— Obrigada, Dra. Wilson. Já estou me sentindo melhor. Você está reorganizando a vida do pobre homem e a minha também. E prescrevendo Viagra.

— Alguém tem de fazer isso. Ele é obviamente incapaz de se organizar, da mesma forma que você. Quer ficar sentada aí para o resto da vida. Não se esqueça que daqui a alguns anos Pip vai sair de casa.

— Já pensei nisso e fiquei histérica, obrigada. Preciso me acostumar com a idéia. Felizmente ainda falta um bom tempo para isso. — Mas essa era a coisa que mais a amedrontava agora, não conseguia conceber viver sozinha depois que Pip crescesse. Pensar nisso deixava-a tão deprimida que ficava sem ar. Mas Matthew Bowles não era a resposta para seus problemas. Tinha de habituar-se a viver sozinha. E aproveitar Pip o máximo possível enquanto ela continuava por ali. Ophélie não estava procurando ninguém para preencher o vazio deixado por Chad e Ted, nem o vazio que Pip deixaria quando fosse embora. Preencheria com trabalho, amigos e tudo mais que pudesse encontrar, como o trabalho que começara a fazer com os sem-teto. — Matt não é a resposta — disse para Andrea.

— Por que não? Ele me parece uma boa pessoa. Melhor que isso, de fato.

— Então corra atrás dele e lhe dê um Viagra. Tenho certeza de que vai ficar agradecido — disse Ophélie, rindo de novo. Andrea era impossível, e tinha sempre sido assim. Era uma das coisas que gostava nela. E as duas eram muito diferentes.

— Talvez eu corra atrás dele mesmo. Quando Pip vai ter outro jogo de futebol?

— Você é impossível. Por que não vai até Safe Harbour e bate na porta dele com um machado? Talvez se impressione com a sua determinação de salvá-lo de si mesmo.

— Parece uma ótima idéia — disse Andrea, sem se dar por vencida.

Ficaram conversando mais um pouco, mas Ophélie não falou nada sobre a noite incrível que passou trabalhando nas ruas. No final da tarde, Pip e ela foram ao cinema e voltaram para casa para jantar. Às dez da noite, as duas já dormiam a sono solto na cama de Ophélie.

Em Safe Harbour, naquela hora, Matt continuava trabalhando no retrato de Pip. Estava com dificuldade de pintar a boca, tentava lembrar da sua carinha quando ela saiu do campo de futebol no final do jogo. Seu sorriso era irresistível. Ele adorava olhar para ela, estar com ela e pintá-la. Gostava da companhia de Ophélie também, mas provavelmente não tanto quando a de Pip. Ela era um anjo, um duende da floresta, um elfo, uma alma antiga sábia no corpo de uma criança, e enquanto a pintava todas essas qualidades começaram a aflorar. Ficou contente com o resultado do seu trabalho quando foi para a cama. E ainda estava dormindo na manhã seguinte quando Pip telefonou. Pediu desculpas ao perceber que o acordara.

— Desculpe ter acordado você, Matt. Achei que já estaria de pé a essa hora. — Eram nove e meia, já lhe parecia bastante tarde. Mas ele só fora dormir às duas da manhã.

— Tudo bem. Eu fiquei trabalhando num certo projeto nosso na noite passada. Eu acho que estou conseguindo chegar perto. — Ele parecia feliz, e ela também.

— Mamãe vai adorar o quadro — garantiu Pip. — A gente podia sair uma noite dessas para jantar depois você me mostra sua pintura. Ela está trabalhando duas noites por semana.

— Fazendo o quê? — Ele pareceu surpreso. Nem sabia que Ophélie tinha um emprego, a não ser o trabalho de voluntária que planejava fazer com os sem-teto no Centro Wexler. Isso parecia mais sério, e de certa forma oficial.

— Ela sai numa van às terças e quintas para dar assistência aos moradores de rua. Fica fora quase toda a noite, e Alice passa a noite aqui porque é tarde demais para voltar para casa quando mamãe chega.

— Parece interessante — disse para Pip. E era também perigoso, pensou consigo mesmo, mas não quis preocupá-la. — Terei muito prazer em levar você para jantar. Mas talvez seja melhor esperar uma noite que sua mãe esteja aí também. Ela pode se sentir rejeitada. — Ele gostava da companhia de Ophélie, e podia parecer estranho sair com uma menina da idade de Pip sem a mãe, a não ser em uma praia aberta, como tinham feito no verão. Ali era diferente, pelo menos do seu ponto de vista. E achava que Ophélie concordaria com ele. A maioria das idéias deles a respeito de crianças parecia bastante semelhante, e ele tinha grande respeito pela forma como Ophélie criara Pip e continuava a criar. Os resultados tinham sido extremamente bons, por tudo que ele podia ver.

— Talvez você possa vir nos visitar na semana que vem.

— Vou tentar — prometeu ele, mas os planos dos dois não se entrosaram nas semanas seguintes. Matt estava trabalhando no retrato e tinha outras coisas para fazer e negócios a cuidar. Ophélie andava mais ocupada do que planejava. Decidira trabalhar três dias por semana no Centro e duas noites com a equipe de rua. Era uma carga horária pesada para ela. E Pip tinha muito mais dever de casa do que queria admitir.

No dia 1º de outubro, Matt telefonou para Ophélie convidando-a para passar um dia na praia no fim de semana seguinte. Ophélie pareceu hesitar e então explicou.

— O aniversário de morte de Ted e Chad é na sexta-feira — disse com tristeza. — Acho que vai ser um dia difícil para nós duas. Não tenho certeza de como vamos nos sentir logo depois disso, e não quero ir aí desanimada e deprimida. Seria melhor deixar para a próxima semana. Aliás, vai ser o aniversário de Pip na próxima semana. — Ele se lembrava vagamente, mas Pip não tinha falado muito sobre isso, o que ele considerou uma atitude adulta e discreta para uma menina.

— Podíamos fazer as duas coisas. Vamos marcar a vinda de vocês a Safe Harbour no dia seguinte ao dia da morte de Chad e Ted. Seria bom para as duas mudar de ambiente. Você me liga de manhã para dizer como está se sentindo. E se não for atrapalhar, gostaria de levar você e Pip para jantar no aniversário dela, se acha que ela vai gostar.

— Tenho certeza de que vai adorar — disse Ophélie sinceramente, e no final concordou em telefonar na manhã do sábado seguinte. Achava que iriam se falar antes disso, de qualquer modo. Mesmo ocupada como andava naqueles dias, gostou de ouvir a voz dele ao telefone.

Transmitiu a Pip os dois convites e ela ficou visivelmente satisfeita, embora também estivesse nervosa com a proximidade da data triste. Tinha medo de que fosse difícil demais e que sua mãe entrasse de novo em depressão. Andava muito bem ultimamente, mas essa data parecia um grande problema para as duas.

Ophélie mandou rezar uma missa na igreja Saint Dominic, mas, além disso, não tinha outros planos para o dia. Não restara nada do filho e do marido depois da explosão do avião, e Ophélie decidiu não encomendar lápides no cemitério para túmulos vazios. Não queria ter um lugar onde fosse chorar. Tinha explicado a Pip no ano anterior que os dois morariam em seus corações. Tudo que sobrou do acidente foram a fivela do cinto de Chad e a aliança de Ted, quase irreconhecíveis, mas guardadas como duas relíquias.

Então só teriam de ir à missa. Estavam planejando passar o resto do dia em casa, pensando nos dois entes queridos que tinham perdido. E era exatamente isso que preocupava Pip. E à medida que a data se aproximava, preocupava Ophélie também. Estava apavorada com a perspectiva desse dia.

Capítulo 18

O DIA DO ANIVERSÁRIO de morte de Chad e Ted foi ensolarado e bonito. O sol entrava pelo quarto de Ophélie quando ela e a filha acordaram. Pip dormia com a mãe quase todos as noites desde o início de setembro, o que dava muito conforto a Ophélie, e ela agradecia a Matt por ter sugerido isso. Mas naquela manhã as duas ficaram em silêncio na cama.

Ophélie pensou no mesmo instante, assim como Pip, no dia do enterro, igualmente ensolarado e desesperante para todos os presentes. Os colegas e sócios de Ted e seus amigos tinham vindo, e também os amigos de Chad e toda a sua classe. Felizmente Ophélie não se lembrava dos detalhes, pois tinha ficado completamente atordoada. Só se lembrava do mar de flores e de Pip segurando sua mão com tanta força que chegou a doer. Depois, vindo de algum lugar, um coro celestial, a “Ave Maria”, que nunca lhe pareceu tão linda e hipnotizante como naquele dia. Era uma lembrança que ela sabia que nunca sairia da sua cabeça.

As duas foram juntas à missa e sentaram-se lado a lado. A seu pedido, os nomes de Chad e Ted foram lidos durante as intenções especiais, e os olhos de Ophélie encheram-se de lágrimas e mais uma vez as duas se deram as mãos. Depois foram para casa, mas

antes agradeceram ao padre. Cada uma delas acendeu uma vela, Ophélie pelo marido e Pip por Chad, e voltaram para casa em silêncio. Dava para ouvir um alfinete caindo no chão na casa silenciosa durante todo o dia. Nenhuma das duas comeu nem falou nada, e quando a campainha tocou, levaram um susto. Eram flores de Matt, um buquê para cada uma. Ophélie e Pip ficaram comovidas. Os cartões diziam simplesmente: “Pensando em vocês hoje. Com carinho, Matt.”

— Eu amo o Matt — disse Pip ao ler o cartão. As coisas eram mais simples na sua idade. Muito mais simples do que seriam mais tarde.

— Matt é um homem gentil e um bom amigo — disse Ophélie. Pip concordou e levou as flores para o quarto. Até Mousse estava quieto, parecia perceber que suas donas não estavam tendo um bom dia. Andrea enviara flores na tarde anterior. Ela não era religiosa, senão teria ido à missa, mas as duas sabiam que estaria pensando nelas, como Matt estava.

Ao cair da noite estavam ansiosas para ir para a cama. Pip ligou a televisão no quarto da mãe, e Ophélie pediu que ela desligasse ou fosse assistir em algum outro lugar. Mas como Pip não queria ficar sozinha permaneceu no quarto silencioso, e foi uma bênção quando as duas finalmente foram dormir abraçadas. Ophélie não disse, mas Pip sabia que ela passara várias horas naquele dia chorando no quarto de Chad. Foi um dia terrível para ambas em todos os sentidos. Não houve nada de bom, nenhuma compensação pelo que tinham passado. Foi um dia, como a maioria dos dias do ano anterior, inteiramente voltado para o que tinham perdido.

De manhã, quando o telefone tocou, elas estavam na mesa da cozinha. Ophélie lia o jornal em silêncio e Pip brincava com Mouse. Era Matt.

— Não tenho coragem de perguntar como foi o dia ontem — disse cauteloso, depois de cumprimentar Ophélie.

— Não pergunte. Foi ruim como achei que seria. Mas pelo menos já terminou. Obrigada pelas flores. — Era difícil explicar, mesmo para si própria, por que aniversários de morte eram tão significativos. Não havia razão para ser um dia tão pior que o anterior ou o seguinte, mas era. Como se fosse a celebração do pior dia da sua vida. Não havia uma única vantagem nessa ocasião. Durante o tempo inteiro pensara no pior dia da sua vida, repleto de lembranças de uma época desesperante. Matt mostrou-se altamente solidário, mas não sabia o que dizer pois nunca passara por aquilo. Suas perdas tinham se estendido ao longo do tempo, e finalmente se tornado evidentes. Não aconteceram de repente, em um instante medonho.

— Não quis ser intruso, por isso não telefonei — desculpou-se.

— Foi melhor assim — disse Ophélie com sinceridade. Nenhuma das duas queria falar com ninguém, mas Pip provavelmente teria gostado. — Suas flores são lindas. Ficamos muito comovidas.

— Que tal virem para cá hoje? Talvez faça bem para as duas. O que você acha? — Ela realmente não queria, mas pensou que talvez Pip quisesse, dada a situação. Sentiu-se culpada de rejeitar o convite sem lhe perguntar.

— Não vou ser boa companhia. — Ainda se sentia muito arrasada com as emoções do dia anterior, especialmente as horas que passara na cama de Chad soluçando, abafando o choro no travesseiro dele que ainda conservava um pouquinho do seu cheiro. Não tinha lavado os lençóis nem a fronha, e sabia que nunca lavaria. — Mas não posso responder por Pip. Talvez ela queira ver você. Vou conversar com ela e ligo de volta. — Mas Pip já estava acenando freneticamente quando a mãe desligou.

— Quero ir! Quero ir! — disse, sentindo-se imediatamente revigorada. Ophélie não teve coragem de desapontá-la, apesar de não ter vontade de ir a lugar algum. A viagem não era longa. Levava apenas meia hora, e se ela não se sentisse bem fora de casa

poderia voltar logo. Sabia que Matt compreenderia. Mas não estava muito animada. — A gente pode ir, mamãe? Por favor....

— Está bem. — Ophélie cedeu. — Mas não quero demorar muito. Estou cansada. — Pip sabia que não era só isso, mas esperava que uma vez lá ela se animasse um pouco. Sabia que a mãe gostava de conversar com Matt, e com certeza se sentiria muito melhor depois de uma caminhada pela areia da praia.

Ophélie disse a Matt que chegariam ao meio-dia, e ele ficou satisfeito. Ofereceu-se para levar o almoço, mas Matt disse que não precisava. Tinha feito uma omelete, e se Pip não gostasse podia comer manteiga de amendoim e geléia que comprara para ela no dia anterior.

Matt estava esperando do lado de fora, sentado no deque em uma cadeira velha na varanda, aproveitando o sol. Ficou contente quando as viu chegando e Pip passou os braços em volta dele. Ophélie deu-lhe dois beijos no rosto, como já era hábito, mas ele notou logo sua imensa tristeza. Parecia ter um bloco de gelo de mil quilos no coração. Sentou-se no deque, cobriu-se com um cobertor xadrez, insistindo em ficar ali relaxando, e mandou Pip ajudar Matt a fazer a omelete de cogumelo e a picar as ervas. Ela gostou de dar essa ajuda e de pôr a mesa, e quando chamou sua mãe para almoçar achou-a mais relaxada, como se o bloco de gelo do seu peito estivesse descongelando ao sol. Ophélie ficou quieta durante o almoço, mas quando ele serviu morangos com creme deu um risinho, e Pip ficou imensamente aliviada. Quando se levantou para pegar uma coisa no carro, Pip falou baixinho com ar preocupado:

— Acho que ela está um pouco melhor, não é?

Matt concordou, e ficou comovido com a preocupação óbvia de Pip.

— Sua mãe vai melhorar. Ontem foi muito difícil para ela e para você. Vamos dar uma volta na praia daqui a pouco, vai fazer bem a ela.

Pip deu um tapinha na mão dele em sinal de agradecimento, e nesse momento sua mãe voltou. Tinha ido buscar um artigo sobre o Centro Wexler que queria mostrar a Matt. Explicava essencialmente tudo o que eles faziam, era um material muito informativo.

Matt leu com cuidado, meneando a cabeça, depois olhou para Ophélie com renovado respeito.

— Parece uma organização fantástica. O que você faz exatamente, Ophélie? — Ela já tinha falado sobre isso antes, mas sempre de um modo vago.

— A mamãe trabalha nas ruas com a equipe externa — disse Pip logo, e Matt olhou para as duas chocado. Não era o que Ophélie teria dito, mas agora era tarde demais.

— Isso é verdade? — Olhou diretamente para ela, que meneou a cabeça em sinal de assentimento, tentando parecer despreocupada. Ophélie virou-se para Pip, que percebeu que tinha falado demais e fingiu estar brincando com o cachorro. Era raro Pip dar um passo em falso, e ficou sem jeito e com medo de a mãe se zangar. — O artigo diz que eles passam as noites nas ruas dando assistência àqueles que não têm condições físicas ou mentais de ir até o Centro e que atendem todos os bairros mais perigosos da cidade. Ophélie, isso é uma loucura. Você não pode fazer isso. — Estava horrorizado e preocupado quando olhou para ela. A seu ver, não era uma boa novidade.

— Não é tão perigoso quanto parece — disse Ophélie com calma, querendo estrangular Pip, mas reconhecendo que não era culpa dela. Era natural Matt reagir dessa forma. Ela própria era consciente dos riscos, e eles haviam de fato passado um aperto na semana anterior com um homem drogado de arma na mão, que Bob conseguira acalmar e convencer a largar a arma. Não tinham o direito de tirar o revólver dele, e não tiraram. Ela tinha consciência desses perigos toda vez que saíam para as ruas. Era difícil dizer a Matt que não havia perigo, pois ambos sabiam que havia. — A

equipe é muito boa e altamente treinada. Duas pessoas com quem trabalho são ex-policiais, peritas em artes marciais, e a terceira fez parte da força especial da Marinha.

— Não importa quem são — disse Matt num tom seco —, eles não podem proteger você, Ophélie. As coisas ficam difíceis de um instante para outro nas ruas. E se você já esteve lá sabe bem disso. Não pode correr esse tipo de risco. — Olhou com ar significativo para Pip, e Ophélie sugeriu que eles fossem dar uma caminhada na praia.

Matt continuava aflito quando saíram. Pip foi correndo na frente com Mousse e ele e Ophélie seguiram mais devagar. Matt voltou logo ao assunto.

— Você não pode fazer isso — disse, de forma categórica. — Não tenho o direito de dizer isso, mas gostaria de ter. É um desejo de morte da sua parte, ou um desejo suicida subliminar, mas você não pode correr um risco assim porque é a mãe de Pip. Ainda que não fosse, por que correr o risco de se ferir? Mesmo que eles não matem você, todo tipo de coisa pode acontecer. Ophélie, por favor, pense nisso novamente — disse, num tom extremamente sombrio.

— Eu sei que pode ser perigoso, Matt — ela falou com calma, tentando acalmá-lo também. — Mas muitas coisas são perigosas. Velejar é perigoso, pensando bem. Você pode ter um acidente quando estiver sozinho no barco. Eu sinceramente me sinto bem fazendo isso. As pessoas com quem trabalho são extremamente qualificadas e boas no que fazem. Não me sinto mais em perigo nas ruas. — Era quase verdade. Ela ficava tão ocupada entrando e saindo da van com Bob e os outros que mal pensava nos perigos potenciais durante as longas noites. Mas podia sentir que não convencera Matt. Ele estava muito nervoso.

— Você é louca — disse, num tom desesperado. — Se eu fosse seu parente daria um jeito de proibir você ou a deixaria trancada no seu quarto. Mas infelizmente não sou. Qual é a deles? Como podem

deixar uma mulher destreinada trabalhar nas ruas? Não se sentem responsáveis pela vida das pessoas que põem em risco? — Estava quase gritando enquanto caminhava. Pip ia dançando na frente, feliz de estar de volta na praia. Mousse saltava, caçando as aves e correndo para cima e para baixo com pedaços de madeira na boca. Pela primeira vez, Matt não prestou atenção nela nem no cachorro. — São uns loucos, e você também, pelo amor de Deus — disse, furioso com o pessoal do Centro.

— Matt, eu sou uma mulher adulta. Tenho o direito de fazer minhas escolhas e até de correr riscos. Se um dia sentir que é muito perigoso, eu paro.

— A essa altura você vai estar morta. Como pode ser tão irresponsável? Quando descobrir que é muito perigoso será tarde demais. Não posso acreditar que você seja tão boba assim. — Na sua opinião, ela tinha perdido o juízo, estava totalmente fora de si. Ele admitia que era um trabalho admirável, mas achava uma imprudência da parte dela trabalhar nas ruas, particularmente considerando que era responsável por Pip.

— Se alguma coisa me acontecer — ela disse, tentando brincar com ele para suavizar o clima —, você vai ter de se casar com Andrea para os dois cuidarem de Pip. Seria uma boa coisa para o bebê também.

— Não acho graça nenhuma — disse ele, quase tão ríspido quanto Ted era de tempos em tempos, muito contra seu modo de ser, um homem sempre calmo e gentil. Mas estava extremamente preocupado com ela, e sentia uma total falta de esperança em fazê-la mudar de opinião. — Não vou desistir facilmente — avisou, quando voltavam para casa. — Vou ficar no seu pé até você acabar com essa loucura. Você pode trabalhar no Centro e fazer o que for preciso para eles durante o dia. Mas o programa de atendimento externo é para heróis, loucos e gente sozinha.

— Meu parceiro na van é viúvo e tem três filhos pequenos — disse ela com calma, pondo a mão no braço de Matt enquanto caminhavam.

— Ele deve ter vontade de morrer também. Se minha mulher morresse e eu tivesse de criar três filhos pequenos, talvez quisesse morrer também. Só sei que não vou deixar você fazer isso. Se estiver contando com a minha aprovação, esqueça. Não aprovo. E se estiver tentando me matar de preocupação, conseguiu. Vou ficar em pânico toda vez que souber que você está nas ruas, por sua causa e por causa de Pip. — E teve vontade de dizer “E por minha causa também”.

— Pip não devia ter contado — disse Ophélie com suavidade, e ele balançou a cabeça em desespero.

— Ainda bem que contou. Caso contrário eu não ficaria sabendo de nada. Você precisa de alguém para pôr um pouco de juízo na sua cabeça, Ophélie. Considere essa possibilidade. Prometa que vai fazer isso.

— Vou. Mas garanto que a coisa não é tão ruim como parece. Se eu me sentir aflita, paro com esse trabalho. Mas me sinto muito mais à vontade agora. As pessoas da equipe de atendimento externo são extremamente responsáveis. — O que não disse é que o grupo era pequeno, que eles em geral se espalhavam, e se por acaso atirassem em um deles ou investissem com uma arma ou uma faca seria pouco provável que os outros tivessem tempo de fazer alguma coisa, especialmente porque não andavam armados. Era preciso ser alerta e rápido e manter os olhos bem abertos, o que sempre faziam. Mas, além disso, tinham de contar com seus próprios instintos, com a bondade dos moradores de rua que atendiam e com a graça de Deus. Não passava pela cabeça de ninguém, em momento algum, que alguma coisa ruim poderia acontecer. E Matt sabia que era assim mesmo.

— Essa conversa não terminou, Ophélie, posso garantir — disse, quando voltavam para casa.

— Eu não planejei fazer esse tipo de coisa, Matt — disse ela, se explicando. — Simplesmente aconteceu. Eles me levaram na van uma noite, e eu adorei. Você poderia se juntar a nós uma noite dessas para ver com seus próprios olhos. — Matt ficou horrorizado.

— Não sou tão corajoso como você, nem tão louco. Ficaria morto de medo — disse com sinceridade e um olhar de horror, e ela riu. Não sabia por que, mas se sentia bem trabalhando nas ruas e não tinha mais medo. Nem teve o medo que esperava ter quando o viciado os ameaçou com uma arma, mas não contou isso para Matt. Ele a trancaria num quarto, como tinha prometido. E nada do que ela pudesse dizer o acalmaria.

— Não é tão apavorante como você pensa. Quase sempre é tão comovente que a gente chega a chorar. Matt, é de cortar o coração.

— Tenho muito mais medo de que alguém ponha uma bala na sua cabeça um dia desses. — Era uma forma dura de falar, mas expressava tudo que ele sentia. Não ficava tão abalado assim há muito tempo. Talvez desde que Sally lhe dissera que estava se mudando para Auckland com as crianças. Estava convencido de que sua nova amiga ia morrer. E não queria que isso acontecesse com ela, nem com Pip, nem com ele. Havia muita coisa em jogo agora, coisa que não lhe acontecia há muito tempo. Ele gostava das duas. Seu coração estava em risco também.

Colocou mais lenha na lareira quando entraram em casa. Ophélie o ajudara a lavar a louça do almoço antes de ir para a praia, e ele ficou olhando longamente para o fogo, depois virou-se para ela.

— Não sei o que posso fazer para evitar que você continue com essa loucura, Ophélie. Mas vou fazer todo o possível para convencer você de que é má idéia. — Como não queria assustar Pip, parou de falar no assunto, mas ficou com um ar preocupado até

a hora em que elas saíram. Já tinham combinado um jantar para comemorar o aniversário de Pip na semana seguinte.

— Desculpe ter falado para Matt sobre seu trabalho com os sem-teto, mamãe — disse Pip arrependida, assim que se afastaram da casa dele. Ophélie olhou-a com um sorriso triste.

— Tudo bem, querida. Segredo não é uma boa coisa.

— É perigoso como ele diz? — perguntou, preocupada.

— Nem tanto — Ophélie respondeu, tentando acalmá-la, com sinceridade. Não estava mentindo para Pip. Sentia-se segura com a equipe. — Se tomarmos bastante cuidado, não há problema. Ninguém da equipe se feriu até hoje, e eles querem que as coisas continuem assim, e eu também. — Ao ouvir isso, Pip se acalmou, e olhou de novo para a mãe.

— Você devia dizer isso a Matt. Acho que ele tem medo por você.

— É gentil da parte dele. Matt se preocupa conosco. — Mas a verdade era que havia muitas coisas perigosas na vida. Nada na vida era inteiramente sem risco.

— Eu amo Matt — disse Pip. Era a segunda vez em dois dias que dizia isso, e Ophélie ficou em silêncio. Há muito tempo ninguém se preocupava com ela dessa forma tão protetora. Nem mesmo seu pai. Ele não lhe prestava muita atenção nos últimos anos. Vivia preocupado com a própria vida e não tinha tempo para preocupar-se com ela, nem havia razão para isso. Chad era a permanente preocupação de Ophélie, particularmente depois de suas tentativas de suicídio, mas nem com ele Ted se preocupava. A maior parte do tempo vivia extremamente envolvido consigo mesmo. Mas mesmo assim ela o amava.

Telefonou para Matt naquela noite para agradecer o ótimo dia na praia, e depois de um instante ele pediu para falar com a mãe dela. Ophélie teve medo de pegar o telefone, mas o segurou assim mesmo.

— Andei pensando sobre tudo isso e fiquei com muita raiva de você — disse ele, num tom quase feroz. — É a coisa mais irresponsável que já ouvi falar para uma mulher da sua posição, acho que você devia consultar um analista. Ou voltar para seu grupo.

— O líder do meu grupo foi quem me deu a recomendação para o Centro — ela disse sensibilizada, e ele bufou de raiva.

— Tenho certeza que ele nunca pensou que você iria fazer trabalho nas ruas. Provavelmente achou que ficaria servindo café, enrolando gases para curativo ou coisa no gênero. — Ele sabia o que eles faziam, Matt tinha lido o artigo que ela lhe dera, mas estava obviamente desesperado.

— Prometo que vou ficar bem.

— Você não pode garantir isso a ninguém, nem a si própria nem a Pip. Não tem como prever ou controlar o que pode acontecer nas ruas.

— Não, mas eu poderia ser atropelada por um ônibus na rua amanhã também ou morrer de ataque cardíaco na cama. A gente não pode controlar tudo na vida, Matt. Você sabe disso tão bem quanto eu. — Pensava mais filosoficamente sobre a vida e até sobre a morte do que antes da morte de Chad e Ted. Morrer não era mais tão terrível quanto antes. Sabia que a morte era a única coisa que não se podia controlar.

— Isso é menos provável, e você sabe muito bem. — Estava desesperado e irritado, e depois de uns minutos desligou o telefone. Ophélie não desistiria de trabalhar na equipe externa, ele sabia. Só não sabia o que fazer a respeito disso. Mas refletiu sobre a idéia a semana toda e voltou ao assunto no aniversário de Pip, depois que ela foi para a cama.

Tinha levado as duas a um restaurante italiano que Pip adorou. Os garçons cantaram “Parabéns” em italiano, parecendo verdadeiros barítonos, e ele lhe deu de presente um material de

pintura que ela queria muito e uma camiseta com os dizeres “Você é minha melhor amiga”. Ele próprio pintara as letras e Pip ficou fascinada. Foi uma ótima noite e, como sempre, Ophélie sentiu-se grata a ele. Mas sabia o que viria depois. Podia ver no seu rosto, e ele percebeu isso. Os dois estavam se conhecendo cada vez melhor.

— Você já sabe o que eu vou dizer, não é? — perguntou muito sério, e Ophélie assentiu, com pena de Pip já ter ido dormir.

— Imagino — respondeu com um sorriso. Ficava comovida com o carinho que ele demonstrava por ela e pela filha. Ela também tinha muito carinho por ele e percebia que cada vez que o via ficava ainda mais ligada àquele homem. Matt já fazia parte da sua vida e da vida de Pip, sob todos os aspectos.

— Já pensou mais no assunto? Acho que devia desistir da equipe de atendimento externo — disse, num tom decidido.

— Eu sei. Pip disse que eu devia contar a você que ninguém da equipe jamais se machucou. Eles são cuidadosos e espertos, e sabem o que estão fazendo. Não são bobos, Matt, nem eu. Isso deixa você mais tranquilo?

— Não. Só significa que têm tido sorte de nada ter acontecido ainda, mas pode acontecer a qualquer hora. E você sabe disso tão bem quanto eu.

— A gente deve ter um pouco mais de fé. Pode parecer ridículo, mas acho que Deus não deixará que me aconteça nada quando estiver fazendo uma coisa tão bem intencionada.

— E se Ele estiver ocupado em outro lugar enquanto você corre perigo? Ele tem de se preocupar com a fome, as enchentes e a guerra, não só com você.

Ophélie não pôde deixar de rir, e Matt finalmente sorriu.

— Você vai me deixar maluco. Nunca conheci uma pessoa tão teimosa. Ou tão corajosa — disse baixo —, ou tão decente. Ou tão

sem juízo, infelizmente. Só não quero que você se machuque — disse, com voz triste. — Você e Pip significam muito para mim.

— Você significa muito para nós também. Você fez com que ela tivesse um lindo aniversário — disse Ophélie com gratidão.

O aniversário do ano anterior tinha sido horrível, uma semana depois da morte do pai e do irmão. Esse foi divertido e o melhor que Matt pôde lhe dar. Pip ia fazer uma comemoração em casa com quatro colegas no fim de semana seguinte e estava ansiosa para chegar o dia. Mas o jantar com Matt e os presentes tinham sido o melhor momento para ela e para a mãe. Ophélie só tinha pena do trabalho com a equipe de rua ter se tornado um problema entre eles. Não pretendia parar, e Matt sabia disso. Mas ia continuar a falar com ela e pressioná-la a desistir.

Finalmente passaram para outros assuntos pela primeira vez em uma semana, e relaxaram tomando uma taça de vinho em frente à lareira. Era fácil e confortável estar com ele. Nunca se sentira assim com homem algum da sua vida, nem mesmo com Ted. E Matt também se sentia à vontade com ela. Parecia um pouco mais feliz quando finalmente foi embora. Não tinha desistido de lutar contra o trabalho de Ophélie, nem pretendia desistir, mas percebia que sua influência sobre ela ia só até certo ponto, e no momento não era grande. Mas fazia o melhor que podia, dadas as limitações do seu papel na vida dela.

Quando Ophélie subiu as escadas lentamente no escuro e encontrou Pip na sua cama, como sempre, deu-se conta de que estava pensando nele. Matt era um bom homem e um bom amigo, e ela tinha sorte de alguém se preocupar com elas. A noite tinha sido boa. Melhor do que queria, em certo sentido. Tinha medo às vezes de estar se ligando demais a ele, mas resolveu não pensar nisso. A situação entre os dois parecia muito boa. Matt era seu amigo e nada mais.

A caminho de Safe Harbour, Matt sorria para si mesmo. Estava um pouco chocado com o que tinha feito antes de sair da casa de Ophélie, mas foi por uma boa causa. A idéia só lhe ocorreu quando estava sentado ao lado dela e viu uma foto em cima da mesa. Esperou que ela fosse ao quarto de Pip lhe dar boa-noite e tomou coragem. No caminho para casa, pensando na noite que tinham passado juntos e no rostinho de Pip quando os garçons cantaram, olhou para o banco do carro onde estava a foto de Chad em um porta-retratos de prata, sorrindo para ele.

Capítulo 19

PIP E OPHÉLIE só viram Matt de novo no jantar do Dia dos Pais no colégio, quase três semanas depois. Ele andava ocupado e elas também. Telefonava para Pip quase todo dia. Ophélie tentava evitar o assunto do Centro Wexler, pois sabia muito bem sua opinião sobre a equipe de rua. Matt não estava mais zangado, só frustrado por ela recusar-se a concordar com ele. E se preocupava, e Pip também.

Veio para o jantar de blazer, calça cinza, camisa azul e gravata vermelha, e Pip ficou orgulhosa quando os dois saíram para a escola. Ophélie jantou com Andrea naquela noite em um pequeno restaurante japonês ali perto. Ela tinha contratado uma babá e estava aproveitando umas horas de liberdade.

— Então, o que está acontecendo? — perguntou direto.

— Ando muito ocupada no Centro, e Pip parece feliz na escola. Só isso. Vai tudo bem com você? — Ophélie parecia ótima. Seu trabalho lhe fizera muito bem. Andrea percebeu isso.

— Sua vida parece monótona como a minha — ela disse, meio desgostosa. — Não foi a isso que me referi, você sabe. O que está acontecendo com Matt?

— Ele levou Pip para o jantar do Dia dos Pais esta noite — disse Ophélie inocentemente, irritando a amiga.

— Eu sei disso, sua boba. Mas o que está acontecendo com você e ele? Alguma coisa?

— Não seja ridícula. Ele vai se casar com Pip um dia e será meu genro — disse, parecendo contente.

— Você é doente. E ele deve ser gay.

— Acho que não. Mas, se for, não é da minha conta. — Ophélie parecia despreocupada, e Andrea recostou-se na cadeira com ar frustrado. Estava saindo com um dos colegas do escritório, que Ophélie sabia que era casado. Mas ela não se importava com isso. Tinha saído com vários homens casados ao longo dos anos e dizia que esse arranjo lhe convinha. Não queria se casar e não queria um homem no seu pé o tempo todo. Mas Ophélie suspeitava há muito tempo que isso não era verdade. Agora, com o bebê, seria bom ela se casar. Mas como não tinha muita fé de encontrar alguém a essa altura dispunha-se a aceitar qualquer situação, até mesmo um empréstimo de alguém que pertencia a outra.

— Você não tem vontade de sair com ele? — Na sua opinião, era uma coisa anormal. Ophélie era uma mulher bonita, tinha só 42 anos, quase 43, e era jovem demais para desistir de homens e passar o resto da vida chorando por Ted.

— Não — disse Ophélie com calma. — Não quero sair com ninguém. Ainda me sinto casada com Ted. — O que sentia ou não sentia por Matt era irrelevante. Os dois gostavam do seu relacionamento como era. Esperar mais ou deixar que as coisas passassem daquele limite, se passassem, era arriscado demais. E não queria estragar o que tinham agora. Mas não falou nada disso para Andrea pois sabia que ela nunca entenderia. Ela preferia sair com homens comprometidos do que não sair com ninguém, e esta última era a opção de Ophélie.

— E se Ted não se sentisse tão casado com você? O que acha que ele teria feito se você tivesse morrido? Acha que ele teria ficado sem ninguém para o resto da vida? — Ophélie sentiu-se infeliz com

aquela pergunta. Vieram à sua cabeça lembranças dolorosas que eram do conhecimento de Andrea. Mas ela se irritava de ver a amiga jogar fora sua vida. Achava que Ted não merecia isso, por mais que Ophélie o tivesse amado. Não era saudável ficar sozinha para sempre por causa dele. E Ophélie parecia determinada a manter-se sozinha e chorando para o resto da vida.

— Não importa o que ele teria feito — Ophélie disse com serenidade. — É a minha forma de viver e de sentir. É o que quero fazer. — Tinha feito uma escolha e sentia-se confortável com a idéia, por melhor e mais atraente que Matt fosse.

— Talvez Matt não entusiasme você. E naquele Centro dos sem-teto onde você trabalha? Que tal é o diretor? — Estava jogando verde para o bem da amiga, e Ophélie riu.

— Gosto muito da diretora.

— Desisto. Você não tem jeito — disse Andrea, levantando as mãos para o alto.

— Que bom. E você? Que tal é o novo sujeito?

— É só um passatempo. A mulher dele vai ter gêmeos em dezembro. Ele disse que ela é uma pessoa limitada e que o casamento anda mal há anos, por isso ela resolveu engravidar. Uma atitude imbecil, mas as pessoas fazem isso. Ele não é o amor da minha vida, mas nos divertimos bastante juntos. — Até os bebês chegarem e ele se apaixonar pela mulher de novo, ou não. Não era uma solução de vida para Andrea, e ambas sabiam disso. Ela alegava que não queria uma “solução”, só um caso de passagem para provar a si mesma que ainda não estava morta.

— Ele não parece ser a resposta para você — disse Ophélie com pena dela. Andrea fazia escolhas muito ruins na vida há muito tempo.

— E não é. Mas serve, por enquanto. Vai ficar muito ocupado depois que os bebês nascerem. Agora a mulher está fazendo repouso, e eles não fazem sexo desde junho.

Ouvir aquelas palavras era deprimente. Tudo que sua amiga descrevia era o que Ophélie nunca quis. Ela falava de oportunismo, conveniência e aceitação, muito menos do que merecia, só para ter um corpo quente em sua cama.

Por mais difícil que Ted tivesse sido, Ophélie foi feliz no casamento. Gostava de ser casada com ele e de amá-lo, de lhe dar apoio nos anos de pobreza, de celebrar com ele e por ele quando começou a fazer sucesso. Amava a lealdade entre eles e o fato de terem se mantido sempre juntos. Ela nunca tinha enganado Ted, nem querido enganar. Mesmo quando ele pulou a cerca, sabia que ele a amava e o perdoou. Ficava horrorizada agora ao pensar que estava solteira de novo, e a idéia de namorar alguém a deixava apavorada. Era muito mais feliz em casa com Pip do que saindo com homens que enganavam as esposas ou solteiros que tinham intenção de se manter assim e só queriam se divertir um pouco. Não podia haver coisa pior. E não desejava estragar sua amizade com Matt, magoá-lo, ou ser magoada de novo. Gostava do que tinham. Estavam muito melhor como amigos, por mais que Andrea não entendesse.

Matt e Pip chegaram em casa às 22h30. Ela chegou feliz, despenteada, com a blusa para fora da saia, e ele sem gravata. Tinham comido frango frito e dançado rap que as meninas escolheram. E disseram que tinham se divertido muito.

— Não sei se gostei muito da música — disse ele, rindo com Ophélie quando ela lhe serviu um copo de vinho depois que Pip foi dormir. — Mas acho que Pip adorou. E ela dança bem.

— Eu gostava muito de dançar também — disse Ophélie com um sorriso feliz. Estava contente de os dois terem se divertido tanto. Como sempre, tinha lhes dado uma ótima noite e Pip fora para a cama com um sorriso nos lábios de ponta a ponta. Ophélie achava que ela tinha uma paixão por Matt, mas parecia uma coisa

inofensiva e razoável. Ele não tinha noção disso, o que era bom. Se tivesse, talvez Pip se sentisse encabulada.

— E agora? Não gosta mais de dançar? — perguntou com um largo sorriso quando se sentaram.

— Ted detestava dançar, embora fosse muito bom nisso. Eu não danço há anos. — E percebeu que provavelmente não dançaria mais. Não da forma como escolhera viver. Pip teria de dançar pelas duas de agora em diante. Dizia a si mesma que estava velha demais para isso. A viúva Mackenzie estava em isolamento e pretendia manter-se assim. Era uma das várias coisas que aceitava em termos da sua situação. E nunca mais faria amor com ninguém tampouco. Nem se permitia pensar nisso.

— Nós poderíamos sair para dançar um dia desses, para exercitar um pouco os pés. — Ela sabia que Matt estava só brincando. Tinha voltado do jantar com Pip de bom humor.

— Acho que meus pés não dão mais para nada. E concordo com você sobre a música de Pip. É muito barulhenta. Ela liga o rádio todo dia quando vai para a escola, e eu fico quase surda.

— Pensei nisso também hoje à noite. Perfuração do tímpano em jantar dançante do sétimo ano. Como artista plástico, o problema não é grande. Mas se eu fosse compositor ou regente seria difícil.

Continuaram a conversar por algum tempo, e pela primeira vez ele não mencionou a equipe de rua, e ela sentiu-se aliviada. Seu trabalho com eles estava indo bem, e não tinha havido nenhuma ocorrência desagradável nas últimas semanas. Mais do que nunca, sentia-se segura e confortável com eles. Ela e Bob tinham se tornado amigos. Ela lhe dava conselhos gratuitos sobre crianças, embora ele parecesse se sair bem por conta própria, e falava muito sobre Pip. Ele estava namorando a melhor amiga da sua falecida esposa, o que foi uma boa para as crianças, que eram loucas por ela. Ophélie ficou feliz por Bob.

Já era quase meia-noite quando Matt saiu. A noite estava estrelada e ela sabia que sua viagem de volta para casa seria tranqüila e linda. Sentiu inveja dele. Tinha saudade da praia. Quando ele ia saindo pediu-lhe para parar e foi correndo até o carro.

— Quase me esqueci. O que você vai fazer no Dia de Ação de Graças? — Faltavam três semanas, e ela estava pensando em convidá-lo.

— A mesma coisa que faço todo ano. Ignoro essa data. Sou um incrédulo. Não acredito no peru do almoço de Ação de Graças nem do Natal. É contra minha religião. — Era fácil saber por quê. Desde que seus filhos saíram da sua vida, esses dias eram penosos para ele. Talvez com ela e com Pip a coisa melhorasse, se ele tivesse algum interesse.

— Tem vontade de mudar isso? Pip, Andrea e eu vamos fazer o almoço aqui. O que você acha?

— Acho uma gentileza sua me convidar. Mas não dou mais para essas coisas. Muita água já rolou debaixo da ponte, ou debaixo do peru, por assim dizer. Por que você e Pip não vêm passar o dia seguinte comigo? Eu gostaria muito que viessem.

— Tenho certeza que Pip adoraria, e eu também. — Resolveu não fazer pressão sobre o Dia de Ação de Graças. Podia imaginar como era difícil para ele. E para ela também agora. As festas tinham sido horríveis no ano anterior. — Achei que você aceitaria meu convite. — Estava um pouco desapontada mas não demonstrou. Ele já fazia demais, não devia nada a elas.

— Obrigado — disse comovido, apesar de sua recusa.

— Obrigada por levar Pip para o jantar dançante — falou, sorrindo para ele.

— Eu adorei. Vou ouvir rap todo dia para ver se aprendo a dançar. Não quero envergonhar Pip no jantar do próximo ano. — Que coisa boa ele pensar assim, disse Ophélie a si mesma, quando Matt foi embora. Ele era mesmo um homem bom. Engraçado como

as pessoas aprendiam a sobreviver. Aprendiam a fazer o melhor possível, a fazer mudanças e a substituir e confiar em amigos em vez de companheiros ou esposos. Eles tinham se tornado uma verdadeira família, juntos como num barco salva-vidas em uma tempestade. Não era como ela planejara viver a vida, mas funcionava. Cada um ganhava o que precisava. Não era o tipo de família que tinha antes, mas era a que tinha agora, e dava certo. Gostassem ou não, aquela era a única escolha delas, e ela era grata pelas mãos de Matt que apareciam no escuro e seguravam as suas. Era infinitamente grata a ele. Pensando nisso, trancou a porta da frente, subiu as escadas e foi para a cama na casa silenciosa.

Capítulo 20

O DIA DE AÇÃO de Graças foi mais difícil do que Ophélie esperava. Era brutal passar as festas sem Ted e Chad. Não dava para tapar o sol com a peneira, tentar suavizar o clima ou fingir que não era tão penoso assim. Quando fez a oração de graças diante do pequeno grupo na mesa da cozinha, expressando sua gratidão por tudo que tinham recebido e pedindo que Deus abençoasse seu marido e seu filho, perdeu o controle e começou a soluçar. Pip chorou com ela. Ao olhar para as duas, Andrea chorou também, e vendo toda aquela tristeza à sua volta o bebê William abriu o berreiro. Até Mousse parecia chateado. Foi uma cena tão dramática que depois de um instante Ophélie começou a rir. Passaram o resto do dia alternando entre risadas histéricas e lágrimas.

O peru estava bonito, mas ninguém tinha vontade de comer, e o recheio estava meio seco. Ninguém apreciou a refeição. Tinham decidido comer na cozinha porque sabiam que Willie, já quase com sete meses, balançando os braços gordinhos na sua cadeira, poderia fazer uma sujeira. Ophélie achou melhor não usarem a sala de jantar, pois ficaria imaginando Ted trinchando o peru, como fazia

todo ano, e Chad de terno, reclamando amargamente por ter de usar gravata. As lembranças e a perda ainda eram muito recentes.

Andrea foi para casa no final da tarde com o bebê, e Pip foi para seu quarto desenhar. O dia não tinha sido fácil. Pip saiu do quarto a tempo de ver a mãe pronta para entrar no quarto de Chad, e olhou-a de um jeito suplicante.

— Por favor, não vá lá, mamãe, você vai ficar muito triste. — Ela sabia que a mãe se deitaria na cama de Chad para cheirar o que restara do seu cheiro e sentir a aura dele à sua volta. Ficava ali chorando durante horas. Pip podia ouvi-la pela porta fechada, e ficava de coração partido. Ela não era uma substituta do irmão aos olhos da mãe. E Ophélie não conseguia explicar a Pip que ela não significava menos que seu irmão, era simplesmente uma perda que nada poderia substituir, um vazio que não poderia ser preenchido. Sua filha não preencheria esse vazio, o que não queria dizer que fosse menos amada que o irmão.

— Vou entrar só um minuto — disse Ophélie, mas ao ver os olhos de Pip encherem-se de lágrimas voltou em silêncio para seu quarto e fechou a porta.

O olhar de Pip fez Ophélie sentir-se culpada de entrar no quarto de Chad, então resolveu ir ao closet, olhar as roupas de Ted. Precisava de alguma coisa, de alguém, de um dos dois, de qualquer coisa, um objeto, um toque, um de seus casacos, uma camisa, uma coisa familiar que ainda tivesse seu cheiro ou o cheiro da sua colônia. Era uma necessidade insaciável que ninguém poderia entender, a não ser que tivesse passado por uma perda semelhante. Só o que restara deles foram seus pertences e roupas, as coisas em que tinham tocado, que tinham usado, carregado ou manuseado. Ophélie usou a aliança dele durante todo o ano presa em uma corrente pendurada no pescoço. Ninguém sabia que estava lá, só ela, e sua mão tocava na aliança a toda hora, só para assegurar-se de que ele realmente existira, de que eles tinham sido casados e de

que ela fora amada. Era difícil lembrar-se disso agora. Tinha uma sensação avassaladora de pânico às vezes, quando percebia que ele se fora e que nunca mais voltaria. Foi tomada por uma onda de pânico quando se agarrou a um dos casacos de Ted pendurado no closet, e como se pudesse sentir os braços dele à sua volta tirou-o do cabide e vestiu.

Ficou ali como uma criança perdida, com as mangas penduradas para baixo, passando os braços em volta de si mesma. Em certo momento sentiu um pequeno volume dentro de um dos bolsos e instintivamente pôs a mão dentro. Era uma carta e, durante um instante de loucura, quis que a carta fosse dele para ela, mas não era. Era uma folha de papel impressa digitada em computador, com uma inicial na última linha. Ficou sem jeito de ler o que não fora escrito para ela, mas era uma coisa dele, uma coisa que ele tinha tocado e lido. Por um instante pensou se não teria sido ela quem escrevera, mas sabia que não era, e sentiu o coração bater forte quando começou a ler.

“Querido Ted”, começava. A carta não melhorava, só piorava. “Sei que isso foi um choque para nós dois, mas às vezes os piores golpes acabam sendo os maiores presentes da vida. Não é o que eu pretendia. Mas acho que é o que teria de ser. Não sou mais tão jovem e, para ser franca, tenho medo de não ter outra chance com você ou com qualquer outro. Esse bebê significa tudo para mim, mais que qualquer outra coisa no mundo, porque ele é seu.

“Sei que você não planejou isso, nem eu. Tudo começou como uma diversão, uma brincadeira entre nós dois. Nós sempre tivemos muito em comum, e sei como esses últimos anos têm sido difíceis em casa para você. Ninguém sabe melhor do que eu. Acho que ela atrapalhou as coisas para você e para Chad e, mais importante ainda, entre vocês dois. Nem tenho certeza se ele teria tentado suicídio, se é que tentou, se ela não o tivesse afastado de você. Sei muito bem que isso tem sido difícil. Como você, não estou tão

convencida assim de que ele realmente tenha problemas. Nunca acreditei muito no diagnóstico, e creio que é possível que as ditas tentativas de suicídio tenham sido para chamar sua atenção, talvez até mesmo para pedir que você o salvasse dela. Acho que ela interpretou mal tudo isso desde o início. E se acabarmos juntos como espero e você diz que é possível, a solução talvez seja deixar Pip com ela e você e eu ficarmos com Chad. Ele poderá ser muito mais feliz do que é hoje, com ela buzinando no seu ouvido como uma corneta, em pânico constante. Isso não pode ser bom para ele. Chad é mais como você e eu do que como ela. É óbvio para nós dois que ela não o compreende. Talvez por ele ser mais inteligente do que ela, talvez até mais inteligente do que nós. De qualquer forma, se for isso o que você quer, eu estaria disposta a trazê-lo para morar conosco, se você decidir.

“Quanto a nós, creio firmemente que isso é apenas o começo. Sua vida com ela acabou. Está acabada há anos. Ela não vê isso, ou não quer ver. Não consegue. É completamente dependente de você e dos filhos. Não tem vida própria. Não quer ter. Alimenta-se de você e deles para que sua vida tenha sentido. Mas não tem. Ela terá de construir sua própria vida mais cedo ou mais tarde. Talvez a longo prazo seja disso que ela precise, uma sacudida para perceber que sua vida não tem sentido, é vazia, e que ela significa muito pouco para você. Ela o suga. Absorve toda a vida que você tem, e vem fazendo isso há anos.

“Este bebê, menino ou menina, é o elo entre nós, nossa ligação para o futuro. Sei que você não tomou nenhuma decisão firme ainda, mas creio que sei o que quer, como você também sabe. Tudo o que tem a fazer é dizer isso, como disse para mim há quase um ano. O bebê nunca teria acontecido se não fosse para ser, se você não quisesse tanto quanto eu.

“Temos seis meses para encontrar uma solução, para fazer as manobras certas até o bebê chegar. Seis meses para terminar a

vida antiga e começar uma nova. Não consigo pensar em nada mais importante, ou melhor, que eu deseje mais. Você tem minha lealdade, meu amor, minha admiração e meu respeito por tudo que é e tem sido para mim.

“O futuro é nosso. Nosso bebê está chegando. Nossa vida começará em breve, assim como a vida dele, ou dela, embora eu sinta que será um homem, como você. Deus está nos oferecendo uma vida nova, um começo novo, a vida que sempre quisemos, entre duas pessoas que se compreendem e se respeitam, duas pessoas que são de fato uma só depois do bebê.

“Eu amo você de todo o coração, e prometo que se você vier morar comigo, quando vier, e acho que virá, será feliz como nunca foi. O futuro, meu querido, é nosso. Como eu sou sua, com todo meu amor. A.”

A data era de um dia antes da morte dele. Ophélie achou que ia ter um ataque cardíaco, e caiu de joelhos enquanto lia e relia o texto. Não podia acreditar no que estava lendo, não podia imaginar quem poderia ser. Era impossível. Isso não podia ter acontecido. Era mentira. Uma brincadeira cruel que alguém fizera com eles. Ou quem sabe algum tipo de chantagem. O casaco escorregou dos seus ombros e caiu no chão, e ela segurou a carta com a mão trêmula.

Apoiou-se na parede para se levantar e ficou olhando para o espaço, ainda segurando a carta. Então, à medida que foi entendendo, e as coisas foram clareando, ela teve vontade de morrer. O bebê mencionado na carta tinha nascido seis meses depois da morte dele. William Theodore. Ela não ousou chamá-lo de Ted, mas quase. Não era a homenagem que dizia ter feito ao amigo morto. O bebê recebeu o nome do pai. O nome do meio de Ted era William. Tudo que ela fez foi inverter os nomes. O bebê era dele, não de um banco de esperma. A carta só podia ser de Andrea, a assinatura era sua inicial “A”. Ela tinha influenciado Ted com

respeito a Chad, brincado com a necessidade desesperada dele de negar sua doença e criticado-a. A carta fora escrita por uma mulher que durante 18 anos disse ser sua melhor amiga. Não dava para acreditar, não dava para pensar, não dava para ouvir. Andrea a traíra. E ele também. Tudo isso significava que quando ele morreu não a amava. Estava apaixonado por Andrea e ia ter um filho com ela. Ophélie ainda segurava a carta quando foi para o banheiro e vomitou violentamente. Estava em frente à pia, muito pálida, quando Pip a encontrou e a viu tremendo violentamente.

— Mamãe, você está bem? — Pip perguntou em pânico. — O que aconteceu?

Ophélie parecia muito doente, pálida e esverdeada.

— Nada — disse baixinho, limpando a boca. Tinha vomitado apenas bile e um pouquinho de peru, pois não comera quase nada. Mas a impressão era de que vomitara tudo o que comera durante anos, junto com o coração, a alma e o casamento.

— Quer se deitar um pouco? — Pip perguntou. Tinha sido um dia horrível, e agora ela estava desesperadamente preocupada com a mãe. Parecia que ia morrer, e que queria morrer.

— Daqui a um minuto vou para a cama. Vou ficar bem. — Sabia que era mentira. Ela nunca mais ficaria bem. E se ele a tivesse deixado? Se tivesse ido embora e não tivesse morrido? Se tivesse levado Chad seria uma morte para ela e talvez para Chad, se ambos negassem sua doença. Mas agora ele estava morto. Os dois estavam mortos. Não importava mais. Ele a tinha matado, como se tivesse atirado nela. A carta era um deboche do seu casamento e da sua amizade com Andrea. Ela não conseguia entender como alguém podia fazer isso, como podia ser tão insidiosa e tão traidora, tão desonesta e tão cruel.

— Mãezinha, vá se deitar, por favor... — disse Pip quase chorando. Ela não dizia mãezinha desde que era bem pequena. Estava muito assustada.

— Preciso dar uma saída por um instante — disse Ophélie, virando-se para a filha.

Dessa vez o robô não tinha voltado, ela parecia um vampiro, com o rosto branco feito gelo e os olhos avermelhados. Pip quase não a reconheceu, nem quis reconhecer. Queria sua mãe de volta, aonde quer que ela tivesse ido naquela última hora. Aquela pessoa não se parecia ela.

— Você pode ficar sozinha aqui?

— Onde você vai? Quer que eu vá com você? — Pip tremia também.

— Não. Vou ficar fora só uns minutos. Deixe as portas trancadas e ponha Mousse perto de você. — A voz era da sua mãe, mas o rosto, não. Ophélie de repente teve um único propósito, um poder que nunca tivera. Compreendeu de repente como as pessoas podiam cometer crimes passionais. Mas ela não queria matar Andrea. Só queria vê-la, dar uma última olhada nela, a mulher que destruíra seu casamento, que transformara em cinzas suas lembranças de Ted e o que eles tinham vivido juntos. Não conseguia nem ao menos odiar Ted. Tudo o que sentia, toda a agonia e o horror do último ano concentrou-se em Andrea em um único momento, como uma bala de revólver. E nada do que ela fizesse poderia se igualar ao que lhe tinham feito.

Pip ficou no alto da escada, muito assustada, quando a mãe saiu. Ophélie desrespeitou as faixas de pedestres e os sinais, e deixou o carro estacionado na calçada. Não telefonou para avisar que ia, subiu a escada da entrada e tocou a campainha. Não vestiu um casaco por cima da blusa fina, nem mesmo um suéter, mas não sentia frio. Andrea atendeu a campainha em um instante. Estava segurando o bebê de pijama e os dois sorriram quando a viram entrar.

— Oi... — Andrea falou calorosamente, mas viu logo que Ophélie estava tremendo. Tinha colocado a carta no bolso. — Você está

bem? Aconteceu alguma coisa? Onde está Pip?

— Aconteceu, sim. — Ophélie ficou parada na porta e tirou a carta do bolso com mãos tão trêmulas que mal conseguia controlar. — Encontrei sua carta. — Seu rosto estava mais pálido ainda, e Andrea empalideceu também. Não tentou negar nada. As duas pareciam mulheres de giz de pé na porta, com o vento soprando em volta delas.

— Quer entrar? — Tinha coisas para dizer, mas Ophélie não queria ouvi-las, nem saiu de onde estava.

— Como você pôde? Como pôde fazer isso durante um ano, fingindo ser minha amiga? Como pôde ter o bebê dele e fingir que era do banco de esperma? Como ousou dizer o que disse sobre Chad para manipular o pai dele? Você sabia como Ted se sentia a respeito dele. Foi tudo uma manipulação, você provavelmente nem o amava. Você não ama ninguém, Andrea. Não me ama, não amou Ted e provavelmente não ama nem esse pobre bebê. E teria tirado Chad de mim só para impressionar Ted, e Chad teria se matado enquanto você fazia seus jogos, usando-o como chamariz. Você é mais que patética. Você é má. É o pior tipo de ser humano. Eu odeio você... você destruiu a única coisa que me restava... pensar que ele me amava... mas não era verdade... e você também não o amava. Eu sempre o amei, por pior que ele tenha sido comigo, ou por mais que tenha negligenciado a mim e às crianças... você não ama nada... meu Deus, como pôde fazer isso? — Ophélie teve a impressão de que ia morrer ali, mas não se importava. Eles a tinham destruído. Levaram um ano, mas mesmo depois da sua morte eles a tinham destruído. Ela não conseguia nem começar a compreender por quê. — Quero que você se afaste de mim... e de Pip... não nos telefone nunca mais. Não tente entrar em contato conosco. Você está morta para mim. Para sempre. Tão morta quanto ele... está me ouvindo? — A essa altura Ophélie começou a soluçar.

Andrea não discutiu com ela, tremia também, segurando o bebê. As duas estavam com frio e em estado de choque, e Andrea sabia que merecia isso. Vivia preocupada pensando no que Ted teria feito com aquela carta, mas como ela nunca apareceu imaginou que tivesse sido destruída, esperava que sim. Mas havia uma última coisa que queria dizer à mulher que fora sua amiga e nunca a traíra.

— Quero que você ouça uma coisa... Tenho só uma coisa a dizer, além de falar que sinto muito... Nunca vou me perdoar por isso, mas pelo menos o bebê valeu a pena... ele não teve culpa.

— Não me importo a mínima com você e o seu bebê. — Mas o problema é que ela se importava com os dois, por isso era tão doloroso, muito mais sabendo que o bebê era dele... e via agora que se parecia com ele... mais do que Chad.

— Preste atenção no que vou falar, Ophélie. Ted não tinha se decidido ainda. Disse que não sabia se poderia deixar você, que você tinha sido muito boa para ele no começo e sempre, sabia que... era um homem egoísta, só fazia o que queria, e disse que me queria, mas acho que estava só brincando. Nós tínhamos muito em comum. Eu o queria. Sempre quis. E quando vi minha chance, quando você e as crianças foram para a França, usei isso. Ele, não. Entrou nessa, mas nem tenho certeza se me amava. Talvez não. Talvez nunca deixasse você. Não tinha se decidido ainda. Você precisa saber disso. Ted não morreu decidido a deixar você. Não estava seguro sobre isso. Por isso escrevi a carta. Estava tentando convencê-lo. Você pode ver isso. Talvez ele tivesse decidido ficar com você. Não tenho certeza se ele amava uma de nós, para dizer a verdade. Não tenho certeza se ele era capaz de amar. Ted era um homem brilhante e narcisista. Não sei se me amou. Mas se amou uma de nós, se amou alguém, esse alguém foi você. Ele disse isso. E acho que acreditava no que disse. Sempre achei que ele era uma bosta para você, que você merecia uma coisa melhor. Mas penso que a seu modo ele amava você. Quero que você saiba disso agora.

— Nunca mais fale comigo — Ophélie lançou as palavras sobre ela, virou-se e desceu a escada com as pernas trêmulas para pegar o carro que ficara ligado em cima da calçada. Não olhou para trás. Nunca mais queria ver aquela mulher, e Andrea sabia que não a veria. Ficou soluçando quando viu Ophélie partir como uma louca. Mas pelo menos tinha dito a verdade. Ted não estava certo do que ia fazer. Talvez não tivesse amado nenhuma das duas, mas pelo menos Ophélie merecia saber que ele sentia que lhe devia alguma coisa, talvez tivesse ficado com ela. Ophélie talvez tivesse vencido, e não perdido. Mas no final todos eles tinham perdido. Ted, Chad, Ophélie, Andrea e até mesmo o bebê... todos eles. Ele morrera sem tomar uma decisão, e em vez de destruir a carta deixou-a ali para ser encontrada. Talvez quisesse que ela encontrasse. Talvez esperasse que ela encontrasse. Talvez fosse sua forma de solucionar o problema. Ninguém saberia jamais. Mas tudo que Andrea tinha para dar a ela era a verdade, dizer que ele não tinha certeza, que não sabia quando morreu... e que talvez... só talvez... ele a tivesse amado, da melhor forma que podia.

Capítulo 21

O PHÉLIE NÃO SABIA como conseguira voltar para casa, nem como chegara lá. Estacionou o carro na porta de casa e entrou. Pip ainda estava sentada nos degraus, onde ela a deixara, agarrada em Mousse.

— O que aconteceu? Aonde você foi? — Sua mãe parecia estar com uma cara ainda pior que a de meia hora antes, e teve de novo ânsia de vômito quando subiu as escadas e entrou no quarto com ar atordoado.

— Não aconteceu nada — disse, olhando fixamente para a frente, com o coração despedaçado por causa daquela carta. Os dois tinham agido juntos. Ted e Andrea. Levaram um ano, mas finalmente a mataram. Virou-se e olhou para Pip como se não a visse. Como se tivesse ficado cega de repente. O robô voltara, totalmente quebrado, com faíscas saindo para todos os lados, um sistema defeituoso e autodestrutivo. — Vou para a cama agora — disse para Pip, apagando as luzes e olhando para o espaço. Pip queria gritar mas não teve coragem, com medo que as coisas piorassem. Correu para a saleta do seu pai e discou o telefone. Estava em prantos quando Matt atendeu. Sua voz estava especialmente feliz, e ele não entendeu o que ela dizia.

— Aconteceu alguma coisa... alguma coisa errada com a mamãe. — Matt voltou à realidade ao ouvir isso. Nunca tinha visto Pip em tal pânico, dava para notar que sua voz tremia.

— Ela está machucada? Diga depressa, Pip. Vai ser preciso ligar para o número de emergência?

— Não sei. Acho que ela enlouqueceu. Não me disse nada. — Pip descreveu tudo que acontecera, e Matt pediu para falar com Ophélie. Mas quando ela foi ao quarto da mãe a porta estava trancada e ela não respondeu. Pip chorou ainda mais quando voltou ao telefone. Ele não gostou daquilo, mas teve medo de tornar as coisas piores se telefonasse para a polícia e pedisse para derrubarem a porta. Mandou Pip bater na porta de novo e dizer que ele estava no telefone.

Pip bateu durante um longo tempo, e finalmente ouviu um barulho no quarto como se tivesse caído uma coisa, um abajur ou uma mesa. Então Ophélie abriu a porta lentamente com cara de quem tinha chorado, mas não parecia tão louca quanto meia hora atrás.

Pip olhou-a, desesperada, tocou na sua mão como que para ver se ela era real, e falou com voz trêmula:

— Matt está no telefone. Quer falar com você.

— Diga que estou cansada — disse Ophélie, olhando para sua filha única como se a visse pela primeira vez. — Desculpe... desculpe... — Finalmente compreendeu que estava fazendo com aquela criança o que tinham feito com ela. — Diga a ele que não posso falar agora. Telefone amanhã.

— Matt falou que se você não atender o telefone ele vem aqui. — Ophélie quis dizer que Pip não devia ter telefonado, mas sabia que Pip não tinha mais ninguém para apelar.

Não disse mais nada, voltou para o quarto e pegou o telefone. Estava escuro mas deu para Pip ver o abajur caído no chão. Era o barulho que tinha ouvido. Sua mãe tropeçara no quarto.

— Alô. — Parecia uma voz vinda do além, e Matt ficou tão preocupado quanto Pip.

— Ophélie, o que está acontecendo? Pip está morta de medo. Quer que eu vá até aí? — Ela sabia que ele iria, bastava pedir, mas não queria ver Matt nem ninguém. Nem mesmo Pip. Ainda não. Não naquele momento. Ou talvez nunca. Nunca se sentira tão sozinha na vida, nem mesmo no dia em que Ted morreu.

— Estou bem — disse num tom pouco convincente. — Não precisa vir aqui.

— Então diga o que aconteceu. — Sua voz era firme e forte.

— Não posso. Agora não — falou, com voz de uma pessoa abandonada.

— Quero que você diga o que aconteceu. — Ophélie sacudiu a cabeça e começou a soluçar, deixando Matt morto de preocupação. — Vou até aí.

— Por favor, não venha. Quero ficar sozinha. — Ela parecia mais normal agora. Entrava e saía de algum tipo de histeria, ou pânico, que ele não tinha idéia do que fosse.

— Você não pode fazer isso com Pip.

— Eu sei... eu sei... desculpe... — Não conseguia parar de chorar.

— Posso ir aí, mas não quero me intrometer. Gostaria de saber o que está acontecendo.

— Não posso falar sobre isso agora.

— Acha que vai conseguir se controlar? — Matt imaginou que fosse um surto, mas àquela distância não dava para saber a extensão do problema. Parecia bem grave. Ele não tinha idéia do que causara aquilo. Talvez tivesse sido a festa de Ação de Graças. Talvez ela não conseguisse aceitar a realidade da sua dupla perda. O que ele não sabia é que a perda agora era tripla, ela não perdera apenas Ted e Chad mas também as ilusões do seu casamento. Era mais do que podia agüentar.

— Não sei — ela respondeu.

— Quer que eu peça ajuda? — Ainda estava pensando em ligar para a emergência. Pensou em telefonar para Andrea, ela morava mais perto, mas um sexto sentido lhe disse para não chamar ninguém.

— Não. Vou ficar bem. Só preciso de tempo.

— Você tem algum calmante em casa? — Mas a idéia não lhe pareceu boa. Não queria que ela ficasse sedada sozinha com Pip. Seria difícil para ela também.

— Não preciso de nenhum calmante. Eu estou morta. Eles me mataram — disse, chorando ainda mais.

— Quem matou você?

— Não quero falar sobre isso. Ted se foi.

— Eu sei que ele se foi. Sei... — Era pior do que ele pensava, e por um instante achou que ela estivesse bêbada.

— Ele se foi realmente. Para sempre. E nosso casamento também. Nem sei se nosso casamento existiu.

A tentativa de Andrea de tranquilizá-la a esse respeito não significava nada.

— Entendi — disse, para acalmá-la.

— Não entendeu, não. Nem eu. Encontrei uma carta.

— De Ted? — Ele parecia chocado. — Com um bilhete suicida? — De repente imaginou se ele teria se matado junto com Chad. Seria uma explicação para a atitude de Ophélie. Só podia ser isso.

— Um bilhete homicida. — As palavras de Ophélie não faziam sentido. Mas era claro que alguma coisa terrível acontecera.

— Ophélie, você acha que pode se agüentar até amanhã?

— Eu tenho alguma escolha? — Ela parecia morta.

— Não, porque Pip está aí. A única escolha que tem é se eu vou à sua casa ou não. — Mas pela primeira vez não queria sair da praia. Queria explicar isto para ela, mas não agora. Isso teria de esperar.

— Eu consigo agüentar até amanhã. — Que diferença fazia agora? Nenhuma diferença a seu ver.

— Quero que você e Pip venham aqui amanhã. — Era o que tinham planejado, e agora, mais do que nunca, queria que ela fosse lá, senão iria à sua casa.

— Acho que não vou poder. — Estava sendo honesta com ele. Não podia imaginar-se dirigindo até Safe Harbour. Não gostava da idéia. Não estava em condições de dirigir.

— Se não tiver vontade de vir, eu vou até aí. Telefone amanhã de manhã. E vou ligar daqui a uma hora para saber como você está. Talvez seja melhor dormir sozinha esta noite, se estiver muito desesperada. Deve estar precisando de um tempo para você mesma, e isso pode ser difícil para Pip. — Já estava sendo.

— Vou perguntar o que ela prefere. Não precisa ligar de novo. Vou ficar bem.

— Ainda não estou convencido — ele disse, com voz tensa, preocupado com as duas. — Passe o telefone para Pip.

Ophélie chamou Pip e ela atendeu da saleta. Matt lhe disse para telefonar para ele se acontecesse alguma coisa, ou telefonar para a emergência se o quadro piorasse muito.

— Ela parece um pouco melhor — disse Pip. Quando voltou ao quarto da mãe, viu que a luz estava acesa. Ophélie continuava mortalmente pálida, mas tentou acalmar Pip.

— Desculpe. É que... acho que fiquei com medo. — Foi tudo que conseguiu dizer para explicar o que acontecera. Não podia contar aquela história para a filha. Nunca. Nem contar que o bebê de Andrea era seu meio-irmão.

— Eu também — disse Pip devagar, subindo na cama da mãe e abraçando-a. Ela estava gelada, e Pip cobriu-a com um cobertor para aquecê-la. — Quer alguma coisa, mamãe? — Levou-lhe um copo d'água, e Ophélie tomou um gole para agradá-la. Sentia-se

muito mal por ter assustado tanto a filha. Tinha quase enlouquecido por algum tempo.

— Estou bem agora. Por que não dorme aqui comigo? — Ophélie tirou a roupa e vestiu a camisola, e Pip foi para o quarto e voltou de pijama, seguida de Mousse. As duas estavam abraçadas quando Matt telefonou. Pip garantiu que estava tudo bem, e como sua voz estava melhor ele teve de aceitar o que ela dizia. Antes de desligar, prometeu a Pip que de uma forma ou de outra ele a veria no dia seguinte. E pela primeira vez disse a Pip que a amava. Sabia que ela precisava ouvir isso e que ele precisava lhe dizer.

Pip aninhou-se à mãe de novo, e as duas ficaram abraçadas e acordadas durante longo tempo. Pip examinava a mãe a toda hora, e elas finalmente dormiram com a luz acesa para afastar os demônios.

A festa de Ação de Graças de Matt foi o oposto da festa delas. Tinha planejado passar o dia em branco, como passava nos últimos seis anos. Estava trabalhando no retrato de Pip, animado com os resultados. Preparou um sanduíche de atum para provar a si mesmo que não era Dia de Ação de Graças. Um sanduíche de peru, pela coincidência, teria sido uma afronta. Quando terminava de lavar seu prato alguém bateu na porta. Não podia imaginar quem fosse. Não estava esperando ninguém, e seus vizinhos nunca o incomodavam. Devia ser um engano. Pensou em não atender, mas a batida era persistente. Quando finalmente abriu a porta deparou com um rosto desconhecido. Era um rapaz alto, de barba, com olhos castanhos e cabelo escuro. Mas aquele rosto não lhe era inteiramente desconhecido. Percebeu com tristeza que tinha visto esse rosto no espelho, anos atrás. Era uma experiência surreal. Como se estivesse olhando para si mesmo. Ele tinha até barba nessa mesma

idade. Como se olhasse para o fantasma do Natal passado. Quando o rapaz falou, Matt sentiu um nó na garganta.

— Papai? — Era Robert. O menino que tinha 12 anos na última vez em que o viu. Seu único filho. Surgido das cinzas da sua vida. Matt não deu uma só palavra, puxou-o e abraçou-o com tanta força que ele mal pôde respirar. Não sabia como Robert o encontrara, nem por que estava ali. Mas estava feliz que estivesse.

— Ah, meu Deus — disse, soltando o filho, sem poder acreditar que aquilo finalmente acontecera. Ele sempre acreditou que um dia os dois se veriam de novo. Não sabia como nem quando, mas sentia que um dia se encontrariam. — O que está fazendo aqui?

— Estou estudando em Stanford. Venho procurando você há meses. Perdi seu endereço e mamãe disse que também não tinha.

— Ela disse isso? — Os dois continuavam na porta, e Matt o fez entrar com uma expressão intrigada. — Sente aí. — Mostrou o sofá de couro surrado, e Robert sentou-se com um sorriso nos lábios. Estava tão contente quanto seu pai. Tinha prometido a si mesmo que o encontraria, e acabou encontrando.

— Disse que tinha perdido contato quando você parou de escrever — disse Robert com calma.

— Ela me manda um cartão de Natal todo ano. Sabe bem onde eu estou.

Robert olhou para ele com ar estranho, e Matt de repente se sentiu mal.

— Mas a mamãe falou que não tem notícias suas há tempos.

— Eu escrevi para vocês dois durante quatro anos mesmo sem receber resposta alguma — disse Matt magoadado.

— Nós nunca deixamos de escrever, você é que não escreveu mais — disse Robert chocado.

— Eu nunca parei de escrever. Sua mãe dizia que vocês não me queriam mais na sua vida, queriam só Hamish. Continuei a escrever durante três anos sem nenhuma resposta. Mais tarde ela me

perguntou se eu deixaria que Hamish adotasse vocês, e eu disse que não. Vocês são meus filhos e sempre serão. Finalmente, depois de três anos de silêncio, desisti. Já se passaram três anos depois disso. Mas sua mãe e eu sempre mantivemos contato. Ela dizia que vocês dois estavam mais felizes longe de mim, e que queriam permanecer assim. Então eu me afastei.

Os dois passaram a tarde toda juntando as peças do quebra-cabeça, mas ficou claro o que ocorrera depois que cada um contou sua versão da história. Era óbvio que Sally tinha pegado as cartas e dito a eles que seu pai parara de escrever. E dito a Matt que seus filhos não queriam mais ter contato com ele. Providenciou para Hamish substituí-lo e possivelmente mentiu para ele também. Com esperteza e maldade, achou que tinha cortado Matt da vida deles para sempre, mentindo para ambos os lados durante seis anos. Foi uma manobra inteligente e quase brilhante, e deu certo durante todo esse tempo. Robert disse que o procurava desde setembro, e que enfim descobrira seu paradeiro três dias antes. Ir à sua casa de surpresa foi o presente de Ação de Graças que tinha dado a si mesmo. Mas nem ao menos sabia se o pai o receberia. Nunca compreendeu por que ele os abandonara e teve medo que não o quisesse ver agora. Não esperava aquela recepção calorosa nem esperava ouvir a história que o pai acabara de contar. Os dois choraram ao perceberem o que tinha acontecido, e se abraçaram várias vezes no sofá. Estava escuro lá fora quando todo o mistério foi solucionado. Robert mostrou uma foto de Vanessa, uma menina loura e bonita de 16 anos. Telefonaram para ela uns minutos depois, pois Robert sabia onde ela estava. Em Auckland eram três horas da tarde ainda.

— Tenho uma surpresa para você — disse Robert misteriosamente, muito emocionado. Os olhos de Matt estavam cheios de lágrimas, e eles se deram as mãos. — Tenho muita coisa

para contar, mas explico tudo mais tarde. No momento estou com uma pessoa ao meu lado querendo falar com você.

— Oi, Nessie — disse Matt carinhosamente. Por um instante fez-se silêncio do outro lado da linha, e as lágrimas rolaram no seu rosto.

— Papai? — Para ele a voz ainda era de uma menininha, só que mais crescida um pouco. Em um minuto, Vanessa chorava também. — Onde você está? Não estou entendendo. Como Robert encontrou você?... Sempre tive medo que você tivesse morrido e a gente não soubesse. A mamãe nunca fala nada sobre você. Disse que tinha simplesmente desaparecido da face da Terra.

Só que não tanto como ela gostaria. Que maldade fazer uma coisa assim! E durante todo esse tempo descontando os cheques da pensão que ele mandava e enviando-lhe cartões de Natal.

— A gente fala sobre isso um dia. Eu não fui a lugar algum. Achei que vocês é que tinham ido. Robert explica mais tarde, e eu também. Só quero dizer que amo você muito... venho querendo dizer isso há seis anos. Parece que a mãe de vocês andou nos pregando uma peça. Eu escrevi para vocês durante três anos e nunca recebi resposta. — Matt queria que a filha pelo menos soubesse disso.

— Nós nunca recebemos as cartas — disse Vanessa confusa. Era coisa demais para ela absorver num instante. Um crime horrível fora cometido pela mãe em quem eles confiavam, a mulher que ele tinha amado.

— Eu sei. Não diga nada para sua mãe. Eu mesmo quero falar com ela. Estou contente de ouvir sua voz. Mas quero ver você também — disse com avidez. — Vou visitar vocês em breve. Quem sabe passamos o Natal juntos.

— Uau! Seria muito legal! — Parecia uma americana falando, uma versão ligeiramente diferente de Pip. Matt queria que Pip e Ophélie os conhecessem também.

— Eu telefono daqui a uns dias. Temos muita coisa para pôr em dia. Você está linda na foto que Robert me mostrou. Tem o cabelo da sua mãe. — Mas felizmente não o coração. Nem a mente conturbada. Matt não podia acreditar que a mulher que amara e com quem se casara tinha enganado os filhos e ele durante seis anos. Não podia haver nada pior que isso. Nem imaginava o que passara pela cabeça de Sally. Tinha muita coisa para dizer para ela, mas precisava acalmar-se primeiro, do contrário perderia a coerência. Ia telefonar para Hamish também. Supunha que ele fizesse parte do plano, mas Robert discordou e garantiu que ele era um sujeito decente. Pelo menos tinha sido decente com eles. Porém o que Sally tinha feito era indesculpável. E ele sabia que nunca a perdoaria.

Matt e Vanessa conversaram mais uns minutos, depois Robert pegou no telefone e explicou a ela o que tinha acontecido. Era uma história incrível, mas ele acreditou no pai. Podia ver em seus olhos que era verdade, e podia ver também quanto isso lhe custara. Matt sentia uma dor profunda que não conseguiu esconder ao longo dos anos, nem mesmo agora. Robert ficou abalado e revoltado com o comportamento da mãe.

Matt e Robert conversaram durante horas, e ainda estavam no bate-papo quando Pip telefonou para falar da sua mãe. Robert ouviu com atenção a conversa dos dois.

— O que houve? — perguntou, querendo saber tudo sobre o pai agora, inclusive quem eram seus amigos e como era sua vida.

— É uma viúva e a filha dela. Aparentemente, aconteceu alguma coisa.

— Ela é sua namorada? — perguntou Robert com um sorriso, mas Matt balançou a cabeça.

— Não. Somos apenas amigos. Ela passou por uma fase difícil. Seu marido e seu filho morreram no ano passado.

— Que horror. Você tem uma namorada? — Robert perguntou, rindo de novo. Sentia-se muito feliz de estar ali, queria saber de tudo. Matt lhe ofereceu um sanduíche e uma taça de vinho, mas Robert estava excitado demais para comer ou beber.

— Não, não tenho namorada — disse Matt rindo. — Nem esposa. Sou um solitário.

— E ainda pinta? — Viu os retratos dele e da irmã, depois deparou com o de Pip. — Quem é ela?

— A menininha que telefonou.

— Parece com Nessie — Robert falou, examinando o quadro. Os olhos dela eram hipnotizantes e o sorriso comovente.

— Parece mesmo. O quadro vai ser uma surpresa para a mãe dela, que faz aniversário na semana que vem.

— Está ótimo. Tem certeza de que a mãe não é sua namorada? — Matt falava dela de uma forma que deixou Robert desconfiado.

— Certeza absoluta. E você? Tem uma esposa ou namorada?

Robert riu e falou do seu amor no momento, das aulas em Stanford, dos amigos, das paixões e da vida. Pai e filho tinham seis anos para pôr em dia, já passava da meia-noite e os dois continuavam conversando. Às quatro da madrugada Robert foi se deitar na cama de Matt, e Matt dormiu no sofá. Robert não pretendia passar a noite lá, mas não conseguiu sair.

Na manhã seguinte voltaram a conversar enquanto Matt preparava uns ovos com bacon. Às dez horas Robert disse que tinha de ir, mas prometeu voltar na semana seguinte. Tinha planos para os dois. Matt falou que iria vê-lo em Stanford durante a semana.

— Você nunca mais vai se livrar de mim — avisou, sentindo-se feliz como não se sentia há anos. E Robert também.

— Eu nunca tive essa intenção, papai — falou de forma carinhosa. — Pensei que você tivesse nos esquecido. Ou que talvez tivesse morrido. Nunca acreditei que você fosse capaz de parar de

escrever para nós. Sabia que você não se afastaria assim, de forma alguma. Mas precisava ter certeza. — Robert usara meios engenhosos para encontrá-lo, e seus esforços foram finalmente recompensados.

— Graças a Deus você me encontrou. Eu ia entrar em contato com você e Nessie daqui a alguns anos para saber se tinham mudado de idéia e queriam me ver de novo. Não desisti nunca, só estava esperando o momento. — Depois teria de pensar no que ia dizer para Sally. O mais importante era o que ela diria para explicar o que tinha feito. E o que diria aos filhos. Tinha-os privado do pai e mentido para eles. Um pecado imperdoável, não só aos olhos de Matt mas também do seu filho. Sally teria muitas contas a ajustar. Porém eles nunca mais confiariam nela, obviamente.

Robert saiu com relutância às dez e meia da manhã da sexta-feira. Tinha sido o melhor Dia de Ação de Graças da vida de Matt, e ele mal podia esperar para contar tudo a Ophélie e Pip. Mas primeiro tinha de saber o que acontecera a Ophélie, e perguntar como ela estava. Telefonou para ela uns segundos depois que Robert saiu. Sentia-se como um novo homem, o homem que era antigamente. Um pai com seus filhos de novo. Não podia haver melhor sensação que essa no mundo. E sabia que Ophélie e Pip ficariam felizes por ele.

Pip atendeu na segunda chamada. Sua voz estava muito séria mas não aflita. Disse baixinho que sua mãe parecia bem, ou pelo menos melhor que na noite anterior. Depois avisou à mãe que Matt queria falar com ela.

— Como você está? — perguntou Matt calmamente quando ela atendeu.

— Não sei. Entorpecida, acho. — Não disse nada mais.

— Sua noite deve ter sido terrível. Vocês vêm para cá?

— Não tenho certeza. — Parecia indecisa e ainda trêmula.

Matt estaria pronto para ir à cidade se ela quisesse. Na noite anterior seria mais difícil, com Robert lá. Mas teria ido se fosse necessário, e até levado o filho junto. Mal podia esperar para contar para Ophélie e Pip o que acontecera.

— Eu posso ir aí, mas acho que vai fazer bem a você passar o dia na praia. O que você preferir.

Ophélie hesitou, pensou no assunto e teve de admitir que a idéia não era má. Queria sair de casa, afastar-se de tudo que lhe fazia lembrar o marido. Não sabia ainda se ia contar para Matt. Era uma coisa degradante, vergonhosa e humilhante. Ted a traíra com sua melhor amiga. Uma manobra cruel, e Andrea ainda tentara usar Chad para destruí-la. Ela sabia que nunca se recuperaria desse golpe, nunca seria capaz de perdoar. E sabia que Matt compreenderia. Seu senso de lealdade era igual ao dela.

— Então eu vou — disse baixinho. — Não sei se vou ter vontade de conversar. Talvez vá para aí só para respirar. — Não estava conseguindo respirar em casa, como se seus pulmões e costelas tivessem sido esmagados.

— Não será preciso conversar se não quiser. Estarei aqui esperando. Dirija com cuidado. Vou preparar o almoço.

— Nem sei se vou conseguir comer.

— Não faz mal — disse com gentileza. — Pip come, tenho manteiga de amendoim para ela. — E fotos dos filhos para mostrar. Robert deixara todas as fotos que tinha na carteira. Foram os melhores presentes que ele recebeu em anos. Sentia como se sua alma lhe tivesse sido devolvida. A alma que sua ex-mulher tentara destruir mas não conseguira. Para ele a cura já tinha começado. Mal podia esperar para ir a Stanford ver o filho de novo na próxima semana.

Ophélie levou mais tempo que o normal para se vestir e dirigir até Safe Harbour, como se estivesse se movendo debaixo da água. Já era meio-dia quando Matt ouviu o carro chegar. As coisas

estavam piores do que ele pensava, ou talvez só parecessem piores. Pip tinha um ar solene, e Ophélie estava visivelmente pálida e trêmula, com o cabelo por pentear. Tinha exatamente o mesmo aspecto que na época em que Ted morreu, uma visão familiar para Pip. Ao avistar Matt, Pip colocou os braços em volta dele e grudou no seu pescoço como se estivesse se afogando.

— Tudo bem, Pip... Tudo bem... vai dar tudo certo.

Ela ficou grudada nele por um longo tempo, depois entrou em casa com o cachorro. Matt olhou dentro dos olhos de Ophélie, e ela manteve-se imóvel, sem dar uma palavra. Ele pôs o braço em volta do seu ombro e os dois entraram juntos em casa. O quadro de Pip estava escondido, e ela procurou-o com um sorriso tímido. Matt lhe fez um sinal com a cabeça como que para dizer que estava tudo em ordem.

Os três comeram os sanduíches preparados por ele, e Ophélie não deu uma só palavra. Quando Matt sentiu que ela estava pronta para falar, sugeriu que Pip fosse dar uma volta na praia com Mousse. Ela compreendeu, e um minuto depois vestiu o casaco e saiu. Ele não disse nada, só passou uma xícara de chá para Ophélie.

— Obrigada — disse ela. — Desculpe, eu estava horrível na noite passada. Não podia ter feito isso com Pip. Tive a impressão de que Ted tinha morrido de novo. — Ele tinha imaginado isso, só não sabia ainda o que acontecera.

— Foi por causa da festa de Ação de Graças?

Ela sacudiu a cabeça. Não sabia como começar, mas sabia agora que queria que ele participasse do problema. Levantou-se, pegou sua bolsa e entregou-lhe a carta de Andrea. Matt hesitou um instante, sem saber se ela queria mesmo que ele lesse a carta. Ophélie sentou-se do outro lado da mesa com a cabeça entre as mãos, e ele começou a ler.

Quando terminou olhou para ela, sem dar uma só palavra. Os olhos de Ophélie demonstraram um sofrimento infundável, e Matt sabia por quê. Pegou sua mão e ficaram assim por um longo tempo. Ele já tinha percebido que a carta era de Andrea e que o bebê era de Ted. Não foi difícil constatar isso. Muito mais difícil seria conviver com essa idéia e compreender. A crueldade do tempo era martirizante, descobrir aquela carta depois da morte do marido e saber que Andrea usara Chad para forçar Ted, se é que ele precisava ser forçado.

— Você não sabe o que Ted pretendia fazer. A carta deixa bem claro que ele não tinha se decidido ainda — disse Matt depois de algum tempo. Mas o consolo era pouco. Ele tinha tido um caso com sua melhor amiga e era pai do filho dela.

— Foi isso que Andrea disse — Ophélie falou, sentindo-se entorpecida de novo. Seu corpo inteiro parecia feito de chumbo.

— Você falou com ela? — Matt perguntou, incrédulo.

— Fui à casa dela dizer que nunca mais queria ver sua cara, e não quero mesmo. Nunca mais. Andrea está morta para mim, como Ted e Chad. Acho que nosso casamento estava morto também. Eu é que não quis ver, como ele não quis ver que Chad era doente. Eu neguei tudo também. Fomos todos idiotas e cegos, cada um a seu modo.

— Você o amava, é compreensível. Mas apesar disso ele provavelmente também amava você.

— Nunca vou saber agora. — Essa era a pior coisa. A carta roubara sua crença de que Ted a amava. Uma manobra cruel.

— Você tem de acreditar que ele amava você. Um homem não passa 22 anos com uma mulher que não ama. Ele podia ter suas falhas, mas é claro que a amava, Ophélie. Apesar do que aconteceu.

— Talvez ele me deixasse para ficar com ela. — Mas conhecendo Ted, não tinha certeza se ele a amava nem se amava

outra mulher tanto assim. Ele amava a si próprio. Talvez tivesse largado Andrea e o bebê sem lhes dar qualquer assistência. Era bem possível. Mas isso não significava que a amasse. Talvez não amasse nenhuma das duas, era inteiramente possível também. — Ted teve outro caso anos antes — disse, numa voz abafada. Ela o perdoara. Teria perdoado qualquer coisa dele. Até agora. Só que dessa vez Ted não podia explicar a situação. Ela tinha de viver com essa verdade o tempo todo sozinha. Não havia nada que pudesse melhorar isso. O tecido da vida em comum deles fora rasgado em tiras em uma única noite, com uma única carta e a traição de uma amiga. Um dano que não poderia ser reparado. — Ted teve um caso logo depois que Chad ficou doente. Acho que me detestou por isso. Foi sua vingança. Ou uma fuga. Ou o único modo que encontrou para reagir. Teve esse caso quando eu estava na França com Pip. Não sei se gostava dela. Mas eu quase morri de desespero. Foi muita coisa acontecendo ao mesmo tempo. Mas ele parou de ver a mulher e eu o perdoei. Sempre perdoava. Perdoava Ted por tudo. Tudo que eu queria era amá-lo e ser sua esposa. — Matt podia ver claramente que ele só amava a si próprio, mas não disse nada. Ophélie teria de chegar à sua própria conclusão e aprender a conviver com isso. Matt não queria feri-la ainda mais. Não poderia nunca magoar Ophélie ou Pip.

— Você terá de superar isso — disse Matt de forma sensata. — Esse desespero só vai fazer mal a você. Seu marido está fora agora. O problema não é mais dele, é seu.

— Os dois destruíram tudo. Até mesmo do túmulo Ted conseguiu destruir minha vida.

Foi uma burrice guardar aquela carta onde pudesse ser encontrada. Matt ficou imaginando se ele não queria ser apanhado. Talvez estivesse contando com isso para fazer com que ela o deixasse. Era doloroso imaginar o drama que teria ocorrido e que finalmente ocorreu.

— O que você vai dizer para Pip?

— Nada. Ela não precisa saber. Isso é entre mim e Ted, mesmo agora. Em algum momento vou dizer que não veremos mais Andrea. Vou ter de pensar em alguma razão para dar, ou talvez diga que explicarei mais tarde. Ela sabe que alguma coisa terrível aconteceu naquela noite, mas não sabe que Andrea fazia parte disso. Não disse onde fui quando saí.

— É uma boa idéia. — Ele ainda segurava a mão de Ophélie e quase pôs os braços à sua volta, mas teve medo que ela não conseguisse tolerar isso. Ophélie parecia muito frágil, como um passarinho de asas quebradas.

— Acho que perdi a cabeça na noite passada, ou quase perdi. Desculpe, Matt. Não queria ser um peso para você.

— Por que não? Você sabe como eu gosto de você e de Pip.

Talvez ela não soubesse. Ele estava começando a perceber isso agora, e teve certeza quando olhou para ela. Nunca tinha gostado tanto de alguém assim na vida, a não ser de seus filhos. De repente lembrou que ainda não tinha lhe contado sobre a chegada de Robert.

— Aconteceu uma coisa comigo ontem — disse devagar, ainda segurando sua mão. — Desenterrei uma terrível traição também. Tive uma visita ontem, no Dia de Ação de Graças. Foi o primeiro Dia de Ação de Graças de verdade que tive depois de muitos anos.

— Quem era? — Ela tentou sair da sua infelicidade e ouvi-lo.

— Meu filho. — Contou o que tinha acontecido, e os olhos dela ficaram arregalados.

— Não posso acreditar que ela tenha feito isso com você e com os próprios filhos. Será que achou que eles nunca descobririam? — Estava horrorizada. Os dois tinham sido traídos de forma terrível por pessoas que amavam e em quem confiavam. Era o pior tipo de traição. E ela não tinha certeza qual dos dois casos era pior. Uma decisão difícil.

— Aparentemente, não. Deve ter achado que eles se esqueceriam de mim ou que pensariam que eu tivesse morrido. E eles quase me esqueceram, e disseram que pensavam mesmo que eu estivesse morto. Robert tentou descobrir meu paradeiro e ficou surpreso de me encontrar vivo. Ele é um ótimo rapaz. Quero que você e Pip o conheçam em breve. Talvez nós possamos passar o Natal juntos — disse com esperança. Já estava fazendo planos.

— Você não acha tudo isso uma bobagem? — perguntou com um sorriso, e ele riu.

— Não este ano. E vou ver Vanessa em Auckland muito em breve.

— Que ótimo para você, Matt — disse ela, apertando sua mão.

Nesse momento Pip entrou e sorriu ao ver os dois de mãos dadas. Não sabia bem o que isso significava, mas ficou satisfeita.

— Já posso voltar? — perguntou, quando Mousse entrou sujando a sala de Matt de areia, mas ele disse que não fazia mal.

— Ia sugerir à sua mãe que déssemos uma volta na praia. Não quer ir conosco?

— Preciso ir? — ela perguntou, instalando-se no sofá com ar cansado. — Estou com frio.

— Tudo bem. Nós não vamos demorar. — Olhou para Ophélie e ela fez que sim. Seria uma boa idéia dar uma volta na praia.

Depois que vestiram os casacos, saíram, e ele pôs o braço à sua volta e puxou-a para perto. Ophélie parecia de repente menor e muito frágil. Ficaram passeando pela praia, ela encostada nele, como que pedindo apoio. Matt era o único amigo que lhe restara, a única pessoa em quem ainda confiava, e sabia que podia confiar. Não sabia mais o que pensar do seu casamento e do seu marido. Não sabia mais o que pensar das pessoas nem em quem confiar, a não ser nele. Estava tão desesperada com o que tinha acontecido, e o que isso significava, que caminharam pela praia toda sem dar uma palavra. Bastava estar junto dele.

Capítulo 22

MATT FOI ENCONTRAR O FILHO na segunda-feira depois do Dia de Ação de Graças, e parou para falar com Pip e Ophélie quando voltava para casa. Pip acabara de voltar do colégio e Ophélie tirara o dia de folga. Estava transtornada demais para pensar. Sentia que toda sua vida mudara. Tinha decidido livrar-se das roupas de Ted naquela manhã. Era sua forma de mandá-lo para fora de casa e puni-lo postumamente por seus atos. Era a única vingança que lhe restava, e ela sabia que isso lhe faria bem. Tinha de continuar a viver. Não podia manter-se agarrada a um homem que a traía e tivera um filho com outra mulher. Sabia agora que estava se prendendo às suas ilusões e a uma vida de sonhos. Já era hora de acordar, por mais sozinha que se sentisse.

Disse isso a Matt quando Pip foi para o quarto fazer o dever de casa, e ele teve medo de falar demais. Não queria dizer que achava seu marido um filho-da-puta. Não seria justo. Ela teria de chegar a essa conclusão. Era difícil desligar-se de Ted morto, depois de se dispor a perdoá-lo tanto em vida. Depois de se dispor a tolerar quase tudo dele. Mas Matt ficou satisfeito ao vê-la tomar decisões diferentes, e a aprovou em silêncio.

Combinou de se encontrar com ela no seu aniversário, na semana seguinte. Como sempre, o convite incluía Pip. Sempre incluía. Sempre, desde a primeira vez. Afinal, ele e Pip tinham feito amizade primeiro, como ela própria freqüentemente dizia, o que o fazia sorrir. Era verdade.

Dessa vez Matt escolheu um restaurante ligeiramente mais sofisticado que o normal. Queria levar Ophélie a um lugar especial. Ela merecia uma recompensa por tudo que Ted e Andrea lhe tinham feito passar. Ela contou que recebera naquela tarde uma carta de Andrea, entregue por um mensageiro. Era uma carta de desculpas, onde Andrea dizia que não esperava ser perdoada mas queria que Ophélie soubesse que gostava muito dela e que estava profundamente arrependida. Para Ophélie era tarde demais, e ela disse isso a Matt.

— Acho que sou uma péssima pessoa. Mas simplesmente não consigo. Nunca mais quero ver Andrea nem ouvir falar dela.

— É mais que compreensível. — Disse que estava planejando telefonar para Sally naquela noite, mas não sabia se ela falaria com ele.

— Vocês parecem estar ajustando contas — disse Ophélie com tristeza.

— Está mais que na hora. — Matt tinha pensado o dia todo no que ia dizer para sua ex-mulher. O que poderia dizer a uma pessoa que roubara seus filhos e seis anos de sua vida, sem mencionar o casamento e a vida que ela destruía? Não havia restituição possível. Ophélie sabia bem disso.

Os dois conversaram por tanto tempo que Ophélie convidou-o para jantar com ela e Pip. Matt aceitou e ajudou-a a fazer o jantar. Assim que terminaram a refeição, ele saiu, depois de combinarem o encontro pelo seu aniversário na semana seguinte. Pip mal podia esperar.

Ele ligou tarde da noite para Ophélie, depois que telefonou para Sally. Parecia esgotado.

— O que ela disse?

— Ela tentou mentir — disse ele, pasmo. — Mas não conseguiu. Eu sei demais agora. Então desandou a chorar durante quase uma hora. Disse que tinha agido assim pelas crianças, que achava melhor eles fazerem parte de uma família com Hamish. E eu que me danasse, claro. Passei a ser dispensável. Ela decidiu bancar Deus. Mas não conseguiu fazer muita coisa para limpar sua barra, na verdade nada. Estou pretendendo ver Vanessa depois do seu aniversário, na próxima semana. Mas vou ficar fora só alguns dias. Sally falou que pode mandar Vanessa passar o Natal comigo se eu quiser. É claro que quero. Vou ter meus dois filhos comigo. — Matt parecia muito comovido, e Ophélie ficou contente por ele. — Estou pensando em alugar uma casa em Tahoe para eles esquiarem. Você e Pip não gostariam de ir também? Ela sabe esquiar?

— Pip adora esquiar.

— E você? — Ele parecia esperançoso.

— Eu esquio, mas não sou ótima nisso. E detesto aquelas cadeirinhas suspensas. Tenho medo de altura.

— Nós podemos ir juntos na cadeirinha. Também não sou um esquiador fabuloso. Mas acho que pode ser divertido. Espero que você e Pip venham. — Ele parecia sincero, mas Ophélie ficou preocupada.

— Seus filhos não vão achar ruim conviver com estranhos depois de não verem você por tanto tempo? Não quero ser uma intrusa. — Ela era sempre cuidadosa em relação aos sentimentos dele, como ele era com os dela, ao contrário daqueles com quem tinham se casado, que eram egoístas ao extremo.

— Eu pergunto a eles, mas creio que não vão se importar, especialmente depois que conhecerem vocês duas. Falei com

Robert sobre vocês no outro dia. — Quase deixou escapar que ele tinha visto o quadro de Pip, que seria sua surpresa de aniversário.

A certa altura quis saber se ela iria sair na noite seguinte com a equipe de rua, como sempre, e ela disse que sim.

— Você teve uns dias duros. Por que não se dá um tempo de folga? — Para sempre, era o que ele desejava. Detestava esse seu trabalho, mas ela se recusava a parar.

— A equipe vai ficar reduzida se eu não for. E o trabalho vai me ajudar a esquecer tudo o que aconteceu.

Os dois sabiam que ela agora tinha muito mais para esquecer, não só a perda do marido e do filho como também do casamento e da sua melhor amiga. Era um amontoado de acontecimentos, que tornava tudo muito pior. Mas Ophélie parecia estar agüentando e Matt ficou aliviado. A única coisa que não gostava era do seu trabalho nas ruas com a equipe, especialmente agora que andava tão distraída e cansada, com maior probabilidade de risco.

Mas tudo deu certo. Ophélie teve uma noite sem problemas, como disse a Matt quando ele telefonou na quarta-feira, e a noite de quinta-feira também foi tranqüila. A equipe visitou vários agrupamentos de crianças e jovens, alguns ainda com as roupas que tinham trazido de casa, o que lhe deixou de coração apertado. Passaram também por um grupo de homens limpos e arrumados, todos empregados mas desabrigados. As histórias eram muito tristes. Depois veio o sábado, dia do seu aniversário, que foi melhor do que tinham planejado. Um verdadeiro sonho para Pip. Primeiro comemoraram em casa, depois saíram para jantar, e Pip estava tão excitada que não conseguia ficar sentada. Em certo momento, ela e Matt foram até o carro buscar o quadro, e quando voltaram Pip pediu que Ophélie fechasse os olhos e deu-lhe um beijo. Ao ver o presente, Ophélie ficou sem ar e começou a chorar.

— Oh, meu Deus... é tão lindo... Pip!.... Matt.. — Ficou segurando o quadro e olhando-o sem parar. Um aniversário perfeito.

Quando chegaram em casa, Pip bocejava. Foi uma grande noite para ela também. Tinha esperado meses para ver o quadro, e sua excitação a deixara esgotada. Ophélie ainda segurava seu presente quando Pip deu um beijo nela e em Matt e foi para a cama, encantada de ver a mãe tão feliz.

— Não sei como agradecer. Foi o presente mais lindo que já ganhei na vida. — Era realmente um presente de amor, não só da parte de Pip como dele também.

— Você é uma mulher maravilhosa — disse ele com carinho, sentando-se ao seu lado no sofá. E muito nobre, pensou, o que agora significava muito para ele, especialmente ao pensar no que Sally fizera, e no que sabia que tinham feito com Ophélie. Ela era uma pessoa rara, e ele também. Mas as pessoas que ambos amaram tinham sido especialmente cruéis.

— Você foi sempre muito bom comigo e com Pip — disse ela com gratidão, quando ele segurou sua mão.

Queria que Ophélie confiasse nele, e achava que ela confiava mas não sabia até que ponto. O que desejava dizer exigiria muita confiança.

— Você merece que as pessoas sejam boas com você, Ophélie. E Pip também. — Sentia como se elas fizessem parte da sua família, e ele era a única família que as duas ainda tinham. Tudo mais fora perdido.

Olhou-a, debruçou-se sobre ela e lhe deu um beijo carinhoso na boca. Era a primeira mulher que ele beijava em anos, e ela nunca mais fora tocada por um homem desde que seu marido morrera. Ambos eram seres frágeis e cautelosos, como estrelas flutuando no céu. Ophélie levou um susto, não esperava por aquele beijo, mas para alívio de Matt não resistiu nem se afastou. Retribuiu o beijo com tal ardor que ambos ficaram sem ar. Matt tinha medo que Ophélie se zangasse e ficou imensamente aliviado. Mas ela se assustou quando ele a puxou mais para perto.

— O que está fazendo, Matt? Isso é uma loucura. — Mais do que nunca ela precisava sentir-se segura. E agora a única segurança da sua vida era representada por ele. Matt sentia o mesmo.

— Não acho loucura. Venho sentindo isso por você há muito tempo. Mais tempo do que eu mesmo imaginava. Mas tinha medo de você se afastar se eu dissesse alguma coisa. Você já foi muito magoada.

— E você também — ela disse baixinho, acariciando seu rosto e pensando em como Pip ficaria contente. Sorriu e disse em que estava pensando.

— Estou apaixonado por ela também. Não vejo a hora de vocês duas conhecerem meus filhos.

— Nem eu — disse Ophélie, feliz, e ele beijou-a de novo.

— Feliz aniversário, minha querida.

Depois que Matt foi para casa, Ophélie considerou que fora o melhor aniversário da sua vida, sem dúvida.

Capítulo 23

NA TERÇA-FEIRA DEPOIS do seu aniversário, Ophélie saiu com a equipe de rua, e Bob disse que ela não estava tomando o devido cuidado quando eles inspecionavam os chamados “berços”, as caixas e estruturas onde as pessoas dormiam. Aproximavam-se dos berços, viam se havia gente dentro acordada e perguntavam se precisavam de alguma coisa, mas tinham de manter-se alertas para evitar surpresas. Ophélie andava muito distraída, e mais de uma vez deu as costas para uns grupos de jovens que se aproximavam. Os moradores de rua ficavam curiosos para saber quem eles eram, de onde vinham e o que estavam fazendo. Mas manter-se alerta e cautelosa era vital para a equipe. As regras da selva aplicavam-se o tempo todo, por mais amistosas que as pessoas parecessem. Na maioria das vezes, os sem-teto que encontravam eram gentis, bons e gratos por serem ajudados. Mas nesse meio havia aqueles que não queriam ajuda, criadores de caso e predadores que roubavam o pouco que eles tinham. Era triste constatar que de tudo que a equipe distribuía, um terço ou até mesmo a metade era roubada por esse predadores. Um mundo onde o código de honra era a sobrevivência, e pouco mais. Ophélie sabia disso e os outros

também. Tudo que podiam fazer para ajudá-los era dar o melhor de si e esperar que isso fizesse uma diferença.

— Ei, Opie! Tome cuidado, garota. O que está acontecendo? — Bob perguntou em tom preocupado quando eles voltavam para a van, depois da segunda parada.

Todos precisavam ter consciência do perigo para não se machucar. A segurança da equipe dependia de cada um deles. Embora se soltassem às vezes, brincassem uns com os outros e com o pessoal que ajudavam, tinham de se lembrar com quem estavam lidando. Tinha de prever o pior para evitar surpresas desagradáveis. Havia histórias de guardas, voluntários e assistentes sociais que tinham sido mortos nas ruas, em geral por terem feito alguma coisa que não deviam, como trabalhar sozinhos. Sabiam que não deviam, mas queriam sempre acreditar que não corriam perigo e que não seriam tocados. A segurança, para todos, dependia de manterem-se alerta.

— Desculpe. Vou tomar mais cuidado da próxima vez — prometeu ela, prestando mais atenção porém pensando em Matt.

— É bom tomar cuidado. O que está havendo com você? Parece que está apaixonada.

Bob conhecia essa atitude porque estava apaixonado pela melhor amiga da sua falecida esposa. Ophélie olhou para ele sorrindo quando entrou na van. Bob tinha razão. Ela tinha estado ausente a noite toda, pensando em Matt. E o dia todo também. O beijo da noite anterior a encantara e mobilizara. Era tudo que queria, de certa forma e, de outras, o que não queria, de forma alguma. Vulnerabilidade. Abertura. Amor. Dor. Tudo isso a deixara arrasada quando Ted morreu e quase a matou quando encontrou a carta de Andrea. Agora, mais do que nunca, estava entorpecida, tentando entender o que sentia. A respeito de Ted, de Andrea, de si própria e agora de Matt. Era muita coisa para absorver e tentar compreender.

E ao mesmo tempo era tentador deixar-se cair nos braços e na vida dele.

— Não sei. Talvez — respondeu com sinceridade, quando se dirigiam para Hunters Point.

Era tarde da noite, quando em geral ficava mais seguro lá. Àquela altura muitos causadores de briga já estavam dormindo e a vizinhança tinha se acalmado.

— É alguma novidade? — perguntou interessado. Tinha aprendido a respeitá-la e a gostar muito dela depois dos quase três meses que trabalhavam juntos. Ophélie era uma mulher inteligente, honesta, sólida, verdadeira, sem artifícios ou arrogância. Sua simplicidade e seriedade haviam conquistado seu coração.

— Espero que seja um bom sujeito. Você merece — disse com sinceridade.

— Obrigada, Bob — falou Ophélie, sorrindo.

Não parecia inclinada a falar no assunto e ele não quis forçá-la. Os dois tinham um relacionamento fácil e uma compreensão sólida sobre os ritmos mútuos. Às vezes conversavam sobre questões sérias. Outras vezes, não. Pareciam parceiros da polícia, eram compatíveis, respeitavam-se e confiavam completamente um no outro. Suas vidas dependiam disso. Ophélie voltou a prestar mais atenção e ficou “atenta às suas costas”, como ele disse, na próxima parada e durante o resto da noite.

Mas ao voltar para casa naquela noite percebeu que estava preocupada com Matt. Com o que ela estava fazendo, e com a porta que tinha aberto. Mais que tudo, não queria pôr em risco a amizade deles se aquele romance não desse certo. Não queria arriscar, por ele, por ela e, mais importante ainda, por Pip. Se ela e Matt se envolvessem e o romance não funcionasse, tudo estaria perdido, e essa era a última coisa que ela queria.

Até mesmo Pip notou que a mãe estava quieta e pensativa no dia seguinte quando a levou de carro para a escola.

— Alguma coisa errada, mamãe? — perguntou, quando ligou o rádio e Ophélie estremeceu com o volume da música, como sempre acontecia. Era uma forma estridente de começar o dia. Pip andava menos preocupada com o humor da mãe atualmente. Qualquer coisa que acontecesse, ela parecia recuperar-se mais rápido. Embora não tivesse conhecimento do que acontecera no Dia de Ação de Graças, sabia que era alguma coisa relacionada a Andrea. Sua mãe tinha lhe dito que não iriam mais manter contato com ela. Pip ficou chocada, mas Ophélie recusou-se a dar qualquer explicação. E quando perguntou se era para sempre, Ophélie confirmou. Para sempre.

— Não, eu estou bem — respondeu Ophélie, de modo pouco convincente. Tinha de concentrar-se o dia inteiro no Centro. Até mesmo Miriam, da mesa da recepção, comentou sobre sua distração. E quando Matt telefonou, percebeu também.

— Você está bem? — perguntou, preocupado.

— Creio que sim — ela respondeu com sinceridade, mas sem conseguir convencê-lo. Seu modo vago causara aflição.

— Como assim? Devo entrar em pânico?

Ela sorriu com a pergunta.

— Não entre em pânico, acho que estou só assustada. — Não tinha certeza se precisava de tempo para se ajustar ou se era alguma coisa mais profunda.

— Está com medo de quê? — Ele queria conversar sobre isso para que ela se sentisse melhor. Também estava flutuando no ar desde o momento em que a beijara no aniversário dela. Era exatamente o que queria, mas não sabia. Já há algum tempo tinha consciência dos seus sentimentos por ela, que não eram de forma alguma tão simples quanto ele fingia ser.

— Está brincando? Estou com medo de você, de mim, da vida, do destino, de coisas boas, de coisas ruins... de haver decepção,

traição, medo que você morra, que eu morra... quer que eu continue?

— Não, isso já basta. Pelo menos por enquanto. Pode guardar o resto para quando se encontrar comigo. Podemos passar o dia todo falando disso. — Depois da brincadeira assumiu um tom sério. Tinha pena de ela sentir tanto medo e queria compartilhar seu sentimento de confiança com ela. — O que posso fazer para tranquilizar você? — perguntou gentilmente com um suspiro.

— Não sei. Preciso de um tempo. Acabei de perder as ilusões sobre meu casamento. Não tenho certeza se consigo lidar com muito mais que isso. Talvez não seja a hora certa.

O coração dele afundou ao ouvir essas palavras.

— Pelo menos vai nos dar uma chance? Não tome decisões ainda. Temos direito de ser felizes. Não vamos jogar tudo fora antes de começar. Dá para fazer isso?

— Vou tentar. — Era o máximo que ela poderia fazer. No fundo do coração, achava que ele ficaria melhor com outra pessoa. Alguém mais simples, que não tivesse sido tão brutalmente magoada como ela, e recentemente magoada de novo. Às vezes sentia-se muito machucada. Mas com ele sempre se sentia em paz, inteira e segura, o que era muito importante.

Naquele fim de semana Matt foi à cidade e jantou com ela e com Pip, e no domingo as duas foram à casa dele na praia. Robert tinha vindo de Stanford e Matt estava ansioso para apresentá-lo. Ophélie ficou muito impressionada. Era um rapaz encantador, e apesar dos anos que tinham ficado afastados, ele tinha muita coisa de Matt. Como em geral ocorre, os genes tinham vencido, e nesse caso para melhor. Ele falou com toda a franqueza sobre a maldade da mãe, e estava nitidamente perturbado com o que ela fizera. Mas pareceu aceitá-la e até mesmo amá-la assim mesmo. Seu coração sabia perdoar. Mas disse que Vanessa estava furiosa e não falava com a mãe desde que descobrira tudo.

Quando Ophélie e Pip voltaram para a cidade, Ophélie sentia-se melhor de novo. Matt pôs o braço em volta dela várias vezes e lhe deu a mão enquanto caminhavam pela praia, sem pressioná-la em deixar óbvio para Pip que alguma coisa estava acontecendo. Queria dar um tempo para Ophélie ajustar-se. O relacionamento deles, passado, presente e futuro, era de importância vital para ele, e tinha de ser tratado com cuidado, queria lhe dar todo o tempo e espaço que ela precisasse para encontrar um lugar para ele no seu coração.

Estava pensando em telefonar para ela na segunda-feira à noite quando o telefone tocou. Esperava que fosse ela. Ophélie estava feliz e relaxada no dia anterior, e parecia bem quando ele ligou no domingo à noite. Queria lhe dizer que a amava, mas não disse. Queria dizer isso pela primeira vez pessoalmente, não por telefone. Mas não era Ophélie, nem Pip. Era Sally, ligando de Auckland, e ele sentiu-se mal quando ouviu sua voz. Ela estava chorando. Matt pensou no mesmo instante na sua filha, e ficou apavorado que alguma coisa tivesse acontecido.

— Sally? — Mal dava para saber quem era, mas mesmo depois de tantos anos conhecia aquela voz muito bem. — O que houve? Alguma coisa errada? — Só conseguiu entender “morreu... na quadra de tênis...”, e com um alívio quase pecaminoso percebeu que ela estava falando do marido, não da filha.

— O quê? Não estou conseguindo entender. O que aconteceu com Hamish? — Por que ela estaria ligando para ele?

Sally deu um soluço profundo, depois soltou as palavras no telefone.

— Ele está morto. Teve um ataque cardíaco há uma hora na quadra de tênis. Tentaram ressuscitá-lo, mas ele... já tinha ido embora.

Começou a soluçar de novo e Matt ficou ouvindo e olhando para o espaço, enquanto os dez últimos anos da sua vida passavam em

flashes pelos seus olhos. Ela dizendo que ia embora, depois mudando-se para Auckland. A descoberta de que ela estava tendo um caso com seu amigo e que o deixara para se casar com ele... depois se mudando para Auckland com os filhos... “Hamish e eu vamos nos casar, Matt”, aquela bala de canhão atirada contra seu peito, ele indo à Austrália durante quatro anos para ver os filhos, e ser cortado do convívio deles nos últimos seis anos... e agora ela telefonando para dizer que Hamish estava morto. Não queria nem saber o que sentia pelo antigo amigo que se tornara um traidor... por ela... ou por si próprio... não podia nem imaginar.

— Matt? Está me ouvindo? — Sally falava sem parar e chorava ao mesmo tempo. Falou dos preparativos do enterro, dos filhos, disse que achava que Robert devia comparecer ao enterro pois Hamish sempre fora muito bom para ele... que os filhos que tinha com Hamish eram muito pequenos ainda... Matt sentiu-se esgotado.

— Estou aqui, sim. — Depois pensou em seu filho. — Quer que eu telefone para Robert? Se achar que vai ser muito duro para ele posso ir até Stanford dar a notícia pessoalmente. — Era estranho o que o destino fazia às vezes. Um pai acabara de entrar na vida de Robert logo antes do outro desaparecer. Era estranho como essas coisas aconteciam.

— Já telefonei para ele — disse ela secamente, sem pensar muito nos sentimentos do filho. Sally era assim.

— Como ele reagiu? — Matt estava preocupado.

— Não sei. Ele era louco pelo Hamish.

— Vou ligar para ele — disse Matt depressa, ansioso para desligar.

— Você quer vir ao enterro? — Sally perguntou, sem considerar a distância, o tempo envolvido ou os sentimentos dele, como sempre. No mínimo, Hamish o tinha traído e quase destruído sua vida, com a ajuda dela.

— Não — respondeu direto.

— Talvez Vanessa e eu passemos o Natal aí com as crianças — disse, num tom melancólico. — Acho que você não devia vir vê-la nesse fim de semana, a não ser que vá ao enterro conosco.

Ele tinha planejado ir a Auckland encontrar-se com Vanessa na quinta-feira, depois de seis anos longos, intermináveis e vazios sem seus filhos. Mas essa não era obviamente uma boa hora.

— Eu espero. Vou assim que as coisas acalmarem, a não ser que você a mande para cá. — Disse “mande” e não “traga”. Não queria que Sally fosse junto. Não tinha nenhum desejo de ver a ex-mulher de novo. — Você tem outras coisas em que pensar agora. — Um enterro a ser planejado, um marido para enterrar, decisões a tomar, vidas novas para destruir. Seus sentimentos com relação a ela não eram nada amistosos depois que sua traição foi desvendada com a volta de Robert. Ele sabia que nunca a perdoaria pelo que tinha feito.

— Não posso nem imaginar o que vai acontecer com a nossa empresa — disse queixosa. Tinha sempre o trabalho na cabeça, sempre teve. Nada mudara.

— É duro, eu sei — disse Matt, num tom amargo, mas ela não ouviu. — Venda tudo, Sal. Eu vendi. Não é nada demais. Você vai encontrar outra coisa para fazer. Não adianta se prender a isso. — Eram palavras quase idênticas às que ela dissera dez anos atrás. Porém não se lembrava mais. Por mais incrivelmente insensíveis e destruidores que fossem seus comentários, ela nunca se lembrava nem assumia a responsabilidade mais tarde. Sentimentos e bem-estar dos outros não apareciam na tela do seu radar.

— Acha mesmo que devo vender? — ela perguntou séria, parecendo interessada, mas tudo que Matt queria era desligar o telefone para falar com o filho.

— Não tenho idéia. Preciso desligar agora. Sinto muito pelo Hamish. Minhas condolências às crianças. Eu aviso quando for aí ver Nessie. Diga que vou telefonar para ela mais tarde.

Ligou para Robert e pegou-o no quarto em Stanford. Ele não estava chorando, mas parecia muito triste e um pouco desamparado.

— Sinto muito, filho. Sei que você o amava. Eu também sempre gostei dele. — Antes de ele destruir minha vida, pensou Matt.

— Eu sei que ele sacaneou seu casamento com a mamãe, mas sempre foi muito bom conosco. Estou com pena da mamãe. Ela parecia acabada ao telefone.

Mas não tão acabada que não pudesse discutir o destino da sua empresa. Ela não perdia tempo, pensava sempre em si mesma. Sally era assim, sempre fora assim. Na época, Hamish era um melhor negócio para ela. Tinha mais dinheiro, mais casas, era mais divertido, então ela jogou fora o marido e seguiu em frente. Ainda era difícil pensar nessas coisas, e Matt sabia que sempre seria. O preço fora muito alto, tudo o que ele amava na vida. Sua esposa, seus filhos, uma perda que não poderia nunca ser substituída, e a empresa, em grau menos importante. Dez anos da sua vida de sofrimento profundo.

— Você vai ao enterro? — Matt perguntou, e Robert hesitou.

— Devia ir por causa de mamãe, mas estou fazendo as provas finais. Conversei com Nessie e ela acha que mamãe não vai se importar se eu não for. Tem muita gente à sua volta.

E mais sete filhos. Quatro do Hamish, Vanessa e dois deles. Um grupo bastante considerável, mas ele sabia que Robert era importante para ela também.

— O que você acha, pai?

— A decisão tem de ser sua. Não posso decidir por você. Quer que eu vá para Stanford? — Matt parecia e estava muito preocupado com ele.

— Não precisa, pai. Eu estou bem. Foi um choque... mas não totalmente. Ele teve dois ataques cardíacos e colocou duas pontes de safena. E não tomava muito cuidado. Mamãe sempre dizia que

isso um dia iria acontecer. — Ele fumava, bebia e estava acima do peso há anos. Tinha 52 anos de idade.

— Posso ir aí na hora que você quiser. É só telefonar. Seria bom a gente fazer alguma coisa nesse fim de semana se você não estiver estudando.

— Tenho grupo de estudo no fim de semana todo. Eu telefono. Obrigado, pai.

Matt ficou quieto um instante, pensando em tudo aquilo, depois ligou para Ophélie. Não sabia por que, mas estava triste com a morte de Hamish, talvez porque afetasse seus filhos ou talvez pelo fato de terem sido amigos no passado. Ele sentia menos por Sally do que por ele.

Contou a Ophélie o que acontecera e disse que estava preocupado com Robert. Durante um momento tipicamente feminino ela se perguntou o que a viuvez de Sally significaria para Matt. Ele a amara apaixonadamente e chorou por ela nos últimos dez anos. Agora ela estava livre. Não era provável que alguma coisa acontecesse entre eles, mas nunca se sabia. Coisas mais estranhas tinham acontecido. Ela tinha apenas 45 anos, e estaria procurando um novo marido. E tinha amado Matt o suficiente para casar-se com ele e ter filhos.

— Ela disse que talvez traga Vanessa para passar o Natal aqui e ver Robert — Matt informou. — Espero que não venha. Não quero ver Sally, só meus filhos. — Ele ficou desapontado de não ir a Auckland ver Vanessa naquela semana. Mas obviamente não era uma hora apropriada. Com a morte de Hamish, Vanessa estaria presa com a família de Hamish, sua mãe e as outras crianças. Não teria tempo para passar com ele, com toda a razão. Matt compreendia. Depois de seis anos sabia que podia esperar mais uma ou duas semanas. Era melhor assim.

— Por que ela vem também? — Ophélie perguntou, preocupada.

— Só Deus sabe. Talvez para me aborrecer — disse rindo. Mas tinha sido difícil falar com ela no telefone e ouvi-la chorar. Não se sentiu mais perto dela, só se lembrou de como ela o fizera infeliz durante tantos anos. Não tinha idéia de que Ophélie se preocuparia com Sally e a veria como uma ameaça potencial ao romance florescente deles.

O resto da semana foi agitado para os dois. As coisas estavam difíceis nas ruas com a proximidade dos feriados. As pessoas se drogavam e bebiam mais, perdiam os empregos, e a temperatura estava baixando. A equipe encontrou quatro mortos em uma noite nos berços checados. Como sempre, um trabalho duro.

Matt foi a Stanford ver Robert, e falou com Vanessa pelo telefone. E por nenhuma razão que ele pudesse imaginar, apesar de tudo que tinha para fazer, Sally telefonou várias vezes para conversar. Matt não queria ser seu melhor amigo, e comentou isso com Ophélie.

O único momento de paz para todos foi uma tarde ensolarada de domingo na praia, quando ela e Pip foram ver Matt. Robert não pôde ir, pois ainda estava estudando para as provas, o Natal chegaria em menos de duas semanas.

Os três fizeram uma longa caminhada na praia e Matt disse a Ophélie que tinha alugado a casa em Tahoe para os feriados de Natal e ano-novo. Ia passar esses dias com Robert esquiando, e esperava que Vanessa viesse também da Austrália.

— Sally ainda está pensando em vir? — Ophélie perguntou, tentando parecer despreocupada. Ela própria estava surpresa que o aparecimento da ex-mulher dele a afetasse tanto. Particularmente agora que estava viúva também. Mas percebia que era mais paranóia da sua parte que uma possibilidade real. Matt não parecia de forma alguma interessado nela, mas nunca se podia saber. Coisas estranhas aconteciam. Muito mais estranhas ainda. Como

seu marido ter um filho com sua melhor amiga, o que alterara todos os seus pontos de vista.

— Só Deus sabe. Para mim tanto faz. Se Nessie vier vou arranjar alguém para levá-la de carro até Tahoe. Não pretendo ver Sally, caso ela venha. — Ophélie sentiu-se mais tranqüila. — Gostaria que você e Pip fossem também. O que vão fazer no Natal? — Era um assunto doloroso para ela naquele ano, mais ainda do que fora no ano anterior.

— Não sei ainda. Nossa família parece estar ficando cada vez menor. No ano passado festejamos com Andrea. — Ela estava grávida de cinco meses na época. Só de pensar nisso Ophélie estremeceu, sabendo que o bebê era de Ted e que a amizade de Andrea era falsa. — Pip e eu não vamos fazer nada. Talvez a gente apareça em Tahoe no dia seguinte. Acho melhor ficarmos sozinhas no dia de Natal.

Ele concordou, sem querer se intrometer entre ela e Pip. Sabia como ela se sentia a respeito disso, e era uma data difícil, cheia de lembranças que precisavam ser respeitadas por mais dolorosas que fossem.

— Será bom termos uma expectativa agradável para o dia seguinte. — Ela sorriu, e como Pip estava muito longe na praia, os dois se beijaram. Matt sentiu um choque elétrico percorrer seu corpo, mas se controlou. Queria mais dela, porém muitas coisas tinham acontecido nas últimas semanas e ele não tinha intenção de passar dos limites nem de assustá-la. Estavam procedendo com grande cautela, e sem pressa. Ele sabia que Ophélie ainda estava muito indecisa em relação ao seu envolvimento com ele. Não tinha certeza se desejava ir adiante. Ele só a beijara algumas vezes até agora, e estava disposto a esperar o tempo que fosse necessário. Mas tinha consciência de que a paixão que sentia por ela o perturbava. Tinha também consciência de todos os traumas pelos quais ela passara, em especial recentemente. Apesar disso,

percebia que ela sentia desejo por ele também. Quaisquer que fossem suas reservas, parecia cada vez mais próxima dele.

Falaram com Pip sobre o programa em Tahoe quando ela voltava pela praia, e Pip adorou a idéia. Antes de irem embora, Ophélie concordou com o programa. Então Matt tentou extrair mais uma promessa dela.

— Só quero um presente de Natal seu — disse sério, quando se sentaram na frente da lareira da sala antes de voltarem.

— O que é? — perguntou sorrindo.

Pip já tinha comprado um presente para ele, e Ophélie ainda ia comprar.

— Quero que você desista do trabalho com a equipe de rua.

Falou sério e Ophélie suspirou ao olhar para ele. Matt significava muito para ela, mas ainda não sabia o que fazer a respeito disso, nem quando. Estava muito encantada com ele, mas seus sentimentos viviam em constante conflito com seus medos. Mas Matt não estava pedindo respostas nem promessas. Nunca a pressionara a não ser sobre isso, e era uma pressão permanente.

— Você sabe que não posso fazer isso, Matt, é importante para mim. E para eles. Sei que é a coisa certa para mim. Além do mais, é difícil conseguir gente para trabalhar na equipe.

— Sabe por quê? — ele disse, com ar infeliz. — Porque a maioria das pessoas tem inteligência suficiente para saber que é muito arriscado.

Ocorreu-lhe mais de uma vez que talvez uma das razões de Ophélie fazer esse trabalho fosse um certo desejo suicida subliminar. Mas, quaisquer que fossem suas razões, ele estava determinado a vencer essa resistência com o tempo e fazer com que ela parasse. Não se importava com seu trabalho no Centro, só não queria que ela desse atendimento nas ruas. Não era uma questão de não respeitá-la, mas de salvá-la de si própria e de suas idéias que não a deixavam pensar em si mesma.

— Ophélie, estou falando sério. Quero que você desista, para seu bem e pelo bem de Pip. Se essa gente é maluca o suficiente para sair nas ruas, que saiam, você pode ajudar os sem-teto de outras formas. Você deve isso a si mesma.

— Nada dá tanto resultado quanto o trabalho que essa equipe faz nas ruas. Eles descobrem onde os desabrigados estão e lhes dão o que precisam. As pessoas com casos realmente desesperadores não têm condições de nos procurar para pedir ajuda. Nós temos de ir até eles — ela disse, sempre tentando convencê-lo, como ele tentava com ela. Era uma luta sem fim entre os dois, e ela não abria mão da sua opinião. Mas ele continuava tentando e pretendia continuar. — O que você não percebe é que os moradores de rua não são maus sujeitos nem criminosos. São tristes, carentes, destituídos de tudo, precisando demais de ajuda. Há no meio deles crianças e velhos. Não posso virar as costas e imaginar que outra pessoa vá fazer meu trabalho. Se eu não fizer, quem fará? Muitos são realmente decentes e eu me sinto de certa forma responsável por eles. O que mais você quer de Natal? — ela perguntou, nem tanto para mudar de assunto como para ouvir umas sugestões, mas ele apenas balançou a cabeça.

— Só quero isso de você. Se você não me der, Papai Noel vai colocar uns gravetinhos na sua meia de Natal.

Às vezes Matt pensava se ela tinha razão e ele estava exagerando. Ophélie era muito persuasiva, mas ainda não o convencera. Ela riu do que ele disse, sem saber que seu presente já estava embrulhado e guardado há muito tempo. Ele esperava que ela gostasse. E com sua permissão tinha comprado uma linda bicicleta para Pip usar no parque na cidade e na praia quando fosse visitá-lo. Estava satisfeito porque era uma espécie de presente de pai, uma coisa que uma mãe não pensaria em dar. Ophélie tinha comprado roupas e jogos para ela. Pip estava numa idade difícil, entre brinquedos que não usava mais e presentes para meninas

grandes, que começava a desejar. Aos 12 anos, estava exatamente nesse limite. Matt escondeu a bicicleta na garagem da praia debaixo de um lençol, e Ophélie garantiu que ela adoraria.

O presente que Matt não queria foi o que recebeu na semana anterior ao Natal. Um telefonema de Sally dizendo que estaria chegando no dia seguinte com Vanessa e seus dois filhos menores. Os quatro filhos de Hamish iam passar as festas com a mãe, e ela decidiu ir para São Francisco “vê-lo”, como disse. Ele só queria ver a filha, estava animadíssimo em encontrá-la, mas não a ex-mulher. Sally estava planejando ficar no Ritz. Matt telefonou para Ophélie para se queixar assim que desligou o telefone. Ela estava se aprontando para sair com a equipe de rua.

— O que vou fazer? — ele disse, num tom irritado. — Não quero ver Sally. Só quero ver Nessie. A boa notícia é que ela vai para Tahoe comigo. Nessie, não Sally — corrigiu.

Ophélie preocupava-se de qualquer forma, mas não deixava transparecer. Estava muito ligada a Matt agora para não ser afetada pelo fantasma da sua ex-mulher. E se ele se apaixonasse por ela de novo? Se tinha se apaixonado uma vez, isso poderia se repetir, apesar do que ela lhe fizera. A chegada iminente de Sally deixou-a nervosa de repente. Tinha um sexto sentido de que ele iria vê-la, e isso mexeria com seus antigos sentimentos. Os homens eram ingênuos para esse tipo de coisa, e considerando a insistência de Sally de vê-lo era óbvio que ela tinha segundas intenções. Ophélie tentou adverti-lo da forma mais delicada possível.

— Sally? Não seja ridícula. Isso não existe mais. Ela só está entediada, sem saber o que fazer consigo própria, e está tentando decidir o que fazer com sua empresa. Ophélie, você não tem razão para se preocupar. Eu saí dessa há dez anos. — Estava obviamente tranqüilo a respeito disso, mas Ophélie ficou em alerta.

— Coisas estranhas têm acontecido — ela observou com bom senso.

— Não comigo. Isso acabou há anos para mim e há mais tempo para ela. Sally me deixou, não se esqueça. Por um sujeito com mais dinheiro e mais divertido — disse, ainda com uma ponta de mágoa.

— Agora ela tem dinheiro e ele se foi. Está com medo de ficar sozinha. Pode crer. Você não sabe o que se passa na cabeça dela.

Mas Matt discordou veementemente. Até ela chegar no Ritz e lhe telefonar uma hora depois. Sua voz era pura meiguice, e ela o convidou para tomar um chá. Disse que estava exausta da viagem, com um aspecto horrível, mas queria muito estar com ele. Matt ficou tão espantado que não soube o que dizer.

As advertências de Ophélie lhe vieram imediatamente à cabeça, mas ele as afastou. Sally estava só tentando ser amável, pelos velhos tempos, mas nem mesmo assim se animou. Longe disso, depois de roubar meus filhos de mim. Racionalmente ele a detestava, mas outras partes suas respondiam instintivamente à lembrança. Era uma atitude que o deixava tão irritado consigo mesmo quanto com ela. Era a forma de Sally torturá-lo, para ver se ainda poderia dar as cartas, como nos velhos tempos.

— Onde está Nessie? — ele perguntou direto, louco para vê-la, não para ver Sally. Tudo que queria era ver sua filha assim que pudesse.

— Nessie está aqui. Está muito cansada também.

— Ela pode dormir mais tarde. Vou encontrá-la no saguão daqui a uma hora. Fale para ela estar lá. — Ficou tão excitado que quase desligou o telefone na cara de Sally. Ela prometeu dar o recado a Vanessa, que ficou também muito animada para encontrar-se com o pai.

Matt entrou no chuveiro, barbeou-se, vestiu um blazer e uma calça cinza, e estava muito bonito quando entrou no saguão do Ritz-Carlton, olhando ansioso em volta. E se não reconhecesse Vanessa? Se ela tivesse mudado muito... se... então a viu. Parecia uma pequena corça, o mesmo rosto que tinha quando era menina

num corpo de mulher, cabelo comprido louro e liso. Eles se atiraram nos braços um do outro em prantos. Vanessa enfiou o rosto no seu pescoço e beijou-o quando ele a segurou. A crueldade da longa separação era aparente na avidez com que se abraçaram. Matt não tinha vontade de largá-la, mas forçou-se a soltá-la para poder olhar para ela. Olhou-a amorosamente, e quando os dois notaram estavam rindo entre lágrimas.

— Oh, papai... você está igual... não mudou nada... — Ela não conseguia parar de chorar e rir, e ele nunca tinha visto ninguém tão linda quanto sua menina. Seu coração só faltava pular do peito quando olhava para ela, e ele constatou como aquele longo distanciamento da sua vida tinha sido desesperador. Tudo que se forcara a não sentir durante seis anos veio à tona naquele momento.

— Mas você mudou, é claro! Puxa!

Seu corpo era espetacular, como o da mãe quando jovem. Usava um vestido cinza curto, salto alto, maquiagem suficiente para ficar glamourosa sem parecer vulgar, e brinquinhos de brilhante nas orelhas, um presente de Hamish provavelmente. Ele sempre foi generoso com os filhos de Matt.

— O que você quer fazer? Tomar um chá? Ou ir a algum lugar?
— Ele só queria estar com ela.

Vanessa pareceu hesitar um instante, e Matt os viu a distância por trás dela. Não tinha percebido ninguém mais no momento em que pôs os olhos na filha. Sally estava no meio do saguão, com uma mulher que parecia uma babá e dois meninos. Os anos tinham sido generosos com ela, continuava uma mulher bonita, só um pouquinho mais gorda do que era. E os meninos eram lindos, com 6 e 8 anos. Em vez de mandar Vanessa encontrá-lo sozinha depois de todos esse anos, meteu-se entre eles, exatamente o que Matt não queria. Mostrou-se aborrecido quando ela se aproximou e Vanessa lançou um olhar furioso para a mãe. Sally usava um vestido preto curto, caro, sapatos sensuais e um casaco de vison, e seus brincos

de brilhantes eram bem maiores que os de Vanessa, sem dúvida outro presente do seu falecido marido.

— Desculpe, Matt, espero que não se importe... não pude resistir... e queria que você conhecesse meus meninos. — A última vez em que ele os vira, em Auckland, um tinha 2 anos e o outro, poucos meses. Por mais engraçadinhos que fossem, ele queria ficar com a filha, não com Sally e as crianças. Ela o maltratara muito. Ele só queria agora que ela desaparecesse.

Deu um alô para os meninos com um sorriso caloroso, fez um carinho no cabelo deles e meneou a cabeça gentilmente para a babá. Não era culpa das crianças a atitude imprópria da sua mãe, mas ele quis ser bem claro com ela.

— Vanessa e eu gostaríamos de ficar sozinhos um pouco. Temos muita coisa para pôr em dia.

— É claro, eu compreendo — ela disse jovialmente, mas não compreendia. Não tomava o menor conhecimento das necessidades de ninguém, muito menos das dele. E ignorou absolutamente o olhar de fúria da filha. Ela ainda não perdoara a mãe por afastar Matt deles durante seis anos, e jurou que nunca perdoaria. — Prometi aos meninos ir até o Macy's ver o Papai Noel e dar uma parada no Schwarz. Achei que poderíamos jantar todos juntos amanhã, se você não tiver outro compromisso — disse, com o sorriso que o estonteara na primeira vez em que a viu, porém não mais agora. Ele sabia que por trás daquele sorriso vivia um tubarão, que o ferira muito profundamente mas não o atingiria mais. Qualquer outro a teria achado charmosa e bonita, e amável com ele. Mas ele não estava nada interessado no que ela queria dele.

— Eu aviso — disse vagamente, e foi com Vanessa para o canto do saguão onde serviam chá. Um instante depois viu Sally, a babá e os meninos passarem pela porta giratória e entrarem em uma limusine. Ela era uma mulher rica agora, mais rica do que antes. Mas na opinião dele isso não lhe dava mais charme. Nada daria.

Sally tinha tudo que se podia querer — beleza, inteligência, elegância, tudo enfim —, menos coração.

— Desculpe por tudo, papai — disse Vanessa baixinho quando se sentaram. Ela compreendia e admirava o pai pela forma nobre com que tinha lidado com o problema. Conversou por telefone com seu irmão sobre o que acontecera e estava muito menos disposta a perdoar que Robert, que sempre encontrava desculpas para a mãe e dizia que ela não compreendia seu efeito sobre as pessoas. Vanessa a detestava com toda a energia de uma menina de 16 anos, e com razão nesse caso. — Eu odeio a mamãe, pai — disse abruptamente, e ele não discordou dela mas também não estendeu o assunto. Tentou ser discreto para o bem de Vanessa. Mas não havia explicação. Ela afastara os filhos do pai, para seu próprio bem, durante seis anos. Quase a metade da vida deles, e lhe parecia ainda mais que isso. Tudo que eles queriam fazer era aproveitar sua companhia agora. — Você não tem que jantar com ela amanhã. Eu quero ficar sozinha com você. — Vanessa compreendia tudo, era bem madura para seus 16 anos de idade. Tinha passado por muita coisa também.

— Também prefiro ficar com você — ele disse honestamente. — Não quero uma briga com sua mãe, mas também não vou fazer força para ser seu melhor amigo. — Já bastava ser delicado com ela.

— Tudo bem, papai.

Ficaram conversando umas três horas no saguão do Ritz. Matt explicou-lhe de novo o que ela já sabia, por que tinha ocorrido essa separação de seis anos. Depois começou a perguntar sobre seus amigos, sua escola, sua vida, seus sonhos. Era uma delícia estar com a filha, e ele absorveu tudo o que ela dizia. Ela e Robert iam passar o Natal em Tahoe com ele, *sem* a mãe. Sally ia para Nova York ver uns amigos com os dois filhos pequenos. Parecia não ter

aonde ir, estava à procura de alguma coisa. Se ele não tivesse tanta raiva dela, teria sentido pena.

Sally telefonou de novo no dia seguinte para falar do jantar, e tentou convencê-lo a ir com eles. Porém Matt resistiu com paciência e falou sobre Vanessa, com elogios.

— Você fez um bom trabalho com ela. Vanessa é maravilhosa — disse com generosidade.

— Ela é uma boa menina — Sally concordou. Disse que ia ficar em São Francisco uns quatro dias, mas Matt estava ansioso para ela ir embora. Não tinha vontade de vê-la. — E você, Matt? Como está sua vida? — Era um assunto que ele não queria discutir de forma alguma com ela.

— Vai bem, obrigado. Sinto muito por Hamish. Vai ser uma grande mudança para você. Está pretendendo continuar em Auckland? — Queria limitar a conversa a negócios, casas e filhos. Mas ela não.

— Não tenho idéia. Decidi vender a empresa. Estou cansada, Matt. Está na hora de parar para aproveitar o perfume das rosas.

Era uma bela idéia, mas conhecendo Sally ele sabia que era mais provável que ela quisesse esmagar as rosas e pôr fogo nas pétalas. Ele tinha passado por isso.

— É uma idéia sensata. — Limitava-se a respostas curtas e inexpressivas. Não tinha intenção de baixar a ponte levadiça, e esperava que os jacarés do fosso a devorassem se ela tentasse tomar o castelo.

— Ouvi dizer que você continua pintando, você tem muito talento — disse de forma elogiosa. Depois hesitou um instante, e falou de novo num tom infantil e triste. Uma tática que usava que ele quase esquecera, mas só por um instante. — Matt... você ficaria muito chateado em jantar comigo hoje à noite? Não quero nada de você. Só acabar com essa hostilidade. — Mas ela o esfaqueara pelas costas anos antes, e a faca permanecera no local, inflamando a

área. Retirá-la agora só tornaria as coisas piores, ele sangraria até morrer ao longo do processo.

— É um belo sentimento — disse, com ar cansado. Ela o deixava esgotado. Tinha sempre vários planos. — Mas não acho que seja uma boa idéia jantar com você. Não adianta. Vamos deixar as coisas como estão. Não temos realmente nada a dizer um ao outro.

— Eu quero dizer que sinto muito. Devo muitas desculpas a você, não é?

Falava num tom suave e parecia tão vulnerável que Matt quase sentiu pena. Teve vontade de gritar para ela não fazer isso. Era fácil demais lembrar tudo que ela tinha sido para ele no passado, tudo ao mesmo tempo. Mas não podia. Isso o mataria.

— Você não precisa dizer nada, Sally — ele falou, parecendo o marido que fora um dia, o homem que ela conhecera e amara, e que quase destruía. Não importava o que tinha acontecido nesse meio tempo, eles continuavam os mesmos e se lembravam dos bons tempos e também dos ruins. — Isso tudo ficou para trás.

— Eu só quero estar com você. Talvez possamos ser amigos de novo — disse com ar esperançoso.

— Por quê? Nós temos amigos. Não precisamos um do outro.

— Nós temos dois filhos. Talvez seja importante para eles haver um elo entre nós de novo. — Espantoso isso não ter lhe ocorrido nos últimos seis anos. Só agora. Servia ao seu propósito do momento, qualquer que fosse e, qualquer que fosse, Matt sabia que seria bom para ela e certamente não para ele. Seu narcisismo sempre foi sua tônica. Só importavam suas necessidades e as de mais ninguém.

— Não sei... — Ele hesitou. — Não vejo vantagem nisso.

— Perdão. Humanidade. Compaixão. Nós fomos casados 15 anos. Não podemos ser amigos agora?

— Será muita grosseria lembrar que você me largou pelo meu melhor amigo, mudou-se para um país a milhares de quilômetros de distância com meus filhos e não permitiu que eles tivessem contato comigo nos últimos seis anos? É muita coisa para engolir, mesmo entre “amigos”, como você diz. Que amizade é essa?

— Eu sei... eu sei... cometi muitos erros — ela disse, passando para um tom confessional, exatamente o que ele não queria. — Se servir de consolo, Hamish e eu nunca fomos felizes. Tínhamos muitos problemas.

— Sinto muito em ouvir isso — disse, com um calafrio. — Sempre tive a impressão de que vocês eram muito felizes. Ele foi muito generoso com você e seus filhos. — Hamish era basicamente um bom sujeito. Até fugir com Sally, Matt gostava bastante dele.

— Generoso, sim. Mas não tinha aquele algo mais que você tinha. Era um sujeito divertido, mas bebia demais e acabou morrendo por causa disso — falou, sem nenhuma tristeza. — Nós não fazíamos sexo.

— Sally, por favor... pelo amor de Deus. Não me venha com esses comentários agora. — Matt parecia horrorizado e chocado.

— Desculpe, esqueci como você é puritano. — Socialmente, talvez, mas nunca na cama. E ela sabia bem disso. Sentiu falta dele. Hamish contava as piadas mais sujas do planeta e gostava de olhar para peitos e bundas, mas dava no mesmo ir para a cama com um vídeo pornô e uma garrafa ou com ela.

— Por que não pára por aqui? Isso não leva a nada. Não podemos voltar atrás. Já acabou. Fim da história.

— Não acabou. Nunca vai acabar. E você sabe disso. — Tinha tocado num ponto sensível, que ainda lhe causava dor. Era o que ele vinha escondendo há uma década. Por pior que ela tivesse feito, ele sempre a amara. E ela sabia. Podia sentir isso ainda. Era um tubarão com radar e instintos infalíveis.

— Não importa. Já acabou — ele disse com rispidez. E o tom da sua voz, meio rouca, passou a mesma química para ela, como sempre tinha passado. Sally nunca o esquecera tampouco. Tinha cortado a vida deles como se fosse uma perna que não quisesse mais, porém todos os nervos em volta ainda continuavam sensíveis, pulsantes e vivos.

— Não jante comigo então. Vamos só tomar um drinque. Só quero que você me veja, pelo amor de Deus. Que diferença faz? Por que não pode fazer isso? — Porque ele não queria se magoar mais, disse a si mesmo, mas sentiu um impulso irresistível de vê-la e se odiou por isso.

— Já vi você ontem no saguão do hotel.

— Não. Viu a viúva de Hamish com os dois filhos e a sua filha.

— Mas você é a viúva de Hamish, não é? — disse, sem querer ouvir uma resposta diferente dela.

— Não para você, Matt. — O silêncio entre eles era ensurdecedor. Ela o deixava louco. Sempre deixara. Mesmo depois que o largou. Conseguia fazer sempre isso com ele. Sabia onde estavam todos os seus nervos expostos, e gostava de tocar neles.

— Tudo bem, tudo bem. Por meia hora. Não mais que isso. Vou ver você então. Vamos acabar com essa hostilidade e voltar a ser amigos, depois saia da minha vida antes que eu enlouqueça, pelo amor de Deus. — Ela conseguira atingi-lo. Sempre conseguia. Era o castigo da vida dele. O purgatório no qual tinha vivido, ao qual ela o condenara quando o abandonou.

— Obrigada, Matt — disse com voz suave. — Amanhã às seis da tarde? Venha à minha suíte. Lá poderemos conversar em sossego.

— Até mais tarde então — ele disse com frieza, furioso por ter cedido. Tudo que ela podia fazer era rezar para que nas próximas 24 horas ele não cancelasse o compromisso. Sabia que se o visse,

ainda que por meia hora, tudo poderia mudar. E o pior de tudo é que Matt também sabia disso, quando desligou o telefone.

Capítulo 24

MATT FOI PARA A CIDADE às cinco horas no dia seguinte e chegou 15 minutos adiantado. Atravessou o saguão do hotel a passos largos, e precisamente às seis horas tocou a campainha da suíte de Sally. Não queria estar ali, mas sabia que tinha de enfrentar isso de uma vez por todas. Caso contrário, seria perseguido por essa dúvida para sempre.

Sally abriu a porta com um ar sério. Vestia um conjunto preto elegante, meias pretas e salto alto, com o cabelo comprido louro tão bonito quanto o da filha. Ainda era uma mulher espetacular.

— Oi, Matt — disse, apontando-lhe uma cadeira e oferecendo-lhe um martíni. Lembrou que ele costumava gostar desta bebida, e, embora ele não gostasse mais, aceitou, por gentileza.

Sally preparou um para si própria e sentou-se no sofá em frente. Os primeiros minutos foram inevitavelmente tensos, mas os martínis ajudaram. Como era de prever, sentiram a química entre eles agir. Ou pelo menos ela sentiu, pois a sensação de Matt foi ligeiramente diferente. Não podia identificar a diferença ainda, mas sabia que de alguma forma seus sentimentos por ela tinham mudado um pouco, e ficou aliviado.

— Por que você nunca se casou de novo? — ela perguntou, brincando com a azeitona em seu drinque.

— Você me curou — disse ele com um sorriso, admirando as pernas dela. Continuavam bonitas como antes, e a saia curta deixava-as bem de fora. — Tenho vivido como um ermitão nos últimos dez anos. Sou um recluso... um artista. — Disse isso sem a intenção de fazê-la sentir-se culpada. Sua vida era assim agora, e lhe dava prazer. Na verdade, preferia esse tipo de vida do que a que eles levavam no passado.

— Por que faz isso com você? — ela perguntou, parecendo preocupada.

— Eu gosto realmente dessa vida. Fiz tudo que queria no mundo. Experimentei tudo que queria experimentar. Agora moro em uma praia, pinto quadros... e converso com crianças que passam e com cachorros. — Sorriu ao pensar em Pip, e de repente lembrou-se de Ophélie, que a seu modo era muito mais bonita que Sally. As duas eram infinitamente diferentes sob todos os aspectos possíveis.

— Você precisa viver, Matt — disse Sally, carinhosamente. — Já pensou em voltar para Nova York? — Ela andava pensando nisso, nunca tinha gostado de Auckland e da Nova Zelândia e agora estava livre para fazer o que quisesse.

— Nunca. Nem por um instante — respondeu com sinceridade. — Já morei lá. Isso acabou. — Pensar em Ophélie, mesmo por um minuto, ajudou-o a dominar-se e a manter-se distante dela.

— E que tal Paris ou Londres?

— Talvez. Quando me cansar de ser vagabundo de praia. Mas ainda não me cansei. Se isso acontecer, talvez me mude para a Europa. Mas como Robert vai viver aqui durante os próximos quatro anos, tenho mais motivação para ficar. — Vanessa tinha lhe dito que estava pensando em estudar na Universidade da Califórnia dentro de dois anos, ou talvez em Berkeley. Ele não se mudaria para lugar algum no momento. Queria ficar perto dos filhos. Foi afastado deles

por muito tempo, agora queria aproveitar todos os momentos que podia.

— Estou surpresa de você não ter se cansado de tudo isso, Matt. Viver como um recluso. Você era bem animado antigamente. — E diretor de arte da maior agência de publicidade de Nova York, com um monte de clientes poderosos e importantes. Ele e Sally alugavam aviões, casas e iates para entretê-lo. Mas há uma década não sentia mais prazer em nada disso.

— Acho que amadureci. Isso acontece com todos nós.

— Você não parece nem um dia mais velho. — Sally tentou outra tática, pois essas não estavam funcionando. Não conseguia ver a si mesma vivendo num barracão de praia com ele, preferia morrer.

— Mas me sinto mais velho. Mesmo assim, obrigado. Você também não envelheceu. — De fato ela estava melhor que nunca, uns quilinhos a mais tinham lhe feito bem, seu corpo ficou ligeiramente mais voluptuoso. Ela era muito magra antes, mas ele gostava. — E você, o que vai fazer agora? — Matt perguntou.

— Não sei. Estou tentando descobrir. Tudo aconteceu muito de repente. — Ela não tinha nenhum ar de viúva sofrida e não estava sofrendo mesmo. Parecia mais uma criminosa liberta. Ao contrário de Ophélie, que ficara destruída com a morte do marido. Os contrastes entre as duas eram enormes. — Andei pensando em Nova York — disse, olhando-o com um ar tímido. — Sei que é uma idéia louca, mas imaginei se... — Seus olhos olharam dentro dos dele, e ela não terminou a frase. Não precisava. Ele a conhecia. Esse era o problema. Ele a conhecia.

— Se eu gostaria de ir com você, tentar por algum tempo, ver onde as coisas vão parar... se poderíamos começar tudo de novo, girar o relógio para trás e nos apaixonar de novo... Meu Deus, que idéia, não é? — Olhou para Sally, pensativo, e ela meneou a cabeça. Ele a compreendeu. Sempre tinha compreendido. Melhor do que ela pensava. — O problema é... que eu queria isso há dez

anos. Eu não me torturava diariamente, você estava casada com Hamish, não havia esperança para nós... mas não está mais, ele morreu... e o engraçado, Sally... é que percebo agora que não conseguiria fazer isso. Você é bonita, tão bonita quanto sempre foi, e com mais dois martínis eu iria para a cama com você e imaginaria que tinha morrido e estava no céu... mas e depois? Você é você... e eu sou eu... e todas as razões que provocaram nossa separação continuam a existir e sempre existiriam... você provavelmente me achava um chato. E a verdade é que por mais que eu a ame, e talvez ame para sempre, não quero mais viver com você. O preço foi alto demais para mim. Quero viver com uma mulher que me ame. Não tenho certeza se você me amava. O amor não é um objeto, uma compra, uma venda, é uma troca, um presente que a gente dá e recebe... Quero um presente na próxima vez... Quero ganhar e dar um presente... — Sentiu-se em paz ao dizer isso a ela. Teve a chance que desejava há anos, e descobriu que realmente não queria mais nada disso. Era uma sensação incrível de libertação e ao mesmo tempo de perda... de decepção, vitória e liberdade.

— Você sempre foi muito romântico — disse Sally, ligeiramente irritada. As coisas não estavam saindo como ela queria.

— E você não — Matt falou sorrindo. — Talvez fosse esse o problema. Eu acredito em todas essas bobagens românticas. Você quer se dar bem. Enterrar um sujeito e desenterrar outro. Para não falar no que fez com nossos filhos. O problema é que você quase me matou, mas meu espírito está flutuando em algum lugar, está livre agora... e acho que gosta de ficar assim...

— Você sempre foi meio maluco — disse Sally, rindo. Mas Matt nunca se sentira tão centrado na vida, e sabia disso. — E se a gente tivesse um caso? — Estava tentando fazer um acordo, e ele sentiu pena dela.

— Seria uma bobagem e uma grande confusão. Não acha? E daí? Não há nada que eu gostaria mais do que ir para a cama com

você. Mas é aí que começa o problema. Eu me envolvo. Você não. Outra pessoa pode aparecer, e eu vou bater com a cabeça na parede. Não é exatamente minha forma preferida de diversão. Dormir com você é um esporte perigoso, pelo menos para mim. Tenho muito respeito pelo meu limite de dor. Acho que não poderia fazer isso. Na verdade, sei que não poderia.

— E agora? — Sally estava frustrada e com raiva, e serviu-se de outro martíni. O terceiro. O de Matt ainda estava pela metade. Ele se libertara disso também. O gosto não era mais tão bom quanto costumava ser.

— Agora nós faremos o que você disse que faríamos. Passaremos a ser amigos, nos desejaremos boa sorte, nos despediremos e vamos cuidar da vida. Você vai a Nova York, se diverte, encontra um novo marido, muda-se para Paris, Londres ou Palm Beach, cria seus filhos, e eu vejo você no casamento de Robert e de Vanessa. — Era tudo que ele queria. Nada mais.

— E você, Matt? Vai ficar apodrecendo na praia?

— Talvez. Ou talvez me transforme em uma árvore velha, crie raízes e aproveite a vida com as pessoas que se sentarão debaixo dessa árvore, sem querer sacudi-la a cada dez minutos nem cortá-la. A vida calma pode ser muito boa.

Esse conceito era inteiramente estranho para ela. Sally gostava de animação. Não importava o que tivesse de fazer para criar isto.

— Você não é tão velho para pensar assim. Tem só 47 anos, pelo amor de Deus. Hamish tinha 52 e agia como se tivesse metade da sua idade.

— E agora está morto. Talvez não tenha sido uma idéia tão boa. Talvez a gente deva viver um meio termo. Mas, de todo jeito, seu caminho e o meu seguirão direções diferentes para sempre. Eu deixaria você maluca, e você provavelmente me mataria. Não é um belo quadro.

— Você está com alguém?

— Talvez. Mas não é esse o problema. Se eu estivesse apaixonado por você deixaria qualquer coisa para segui-la para sempre até o fim do mundo. Você me conhece. Um tolo romântico, toda essa coisa que você acha incrivelmente idiota. Mas eu faria isso. O problema é que não estou apaixonado por você. Pensei que estivesse. Mas acho que descii do trem no meio do caminho e não sabia. Amo nossos filhos, nossas lembranças, e uma parte antiga minha, louca e perdida, amará você para sempre. Mas não o suficiente para tentar de novo, Sally, nem para seguir você para sempre. — Com isso, levantou-se, beijou-a no alto da cabeça, e ela não se mexeu quando ele se encaminhou para a porta. Não tentou detê-lo. Sabia que não adiantava. Matt tinha sido absolutamente sincero. Sempre fora e sempre seria. Ficou parado ali, olhando-a pela última vez antes de sair da sua vida para sempre.

— Adeus, Sally. — Sentia-se bem como não se sentia há anos.
— Boa sorte.

— Eu odeio você — falou Sally, meio bêbada, quando Matt fechou a porta.

Para ele o feitiço se quebrara finalmente. Estava acabado.

Capítulo 25

MATT JANTOU na casa de Pip e Ophélie na noite anterior à véspera de Natal para dar e receber os presentes. A árvore estava decorada e Ophélie insistiu em preparar um ganso para ele, conforme a tradição francesa. Pip detestava ganso e ia comer um hambúrguer, mas Ophélie queria ter um Natal de verdade. Matt nunca lhe parecera tão bem quanto naquela noite.

Os dois andavam atarefados e mal tinham se falado na semana anterior. Ele não comentou que se encontrara com Sally, nem sabia se comentaria. Era um assunto particular, e ele não estava pronto para compartilhar com Ophélie. Mas sem dúvida aquele encontro o libertara, e embora Ophélie não soubesse o que acontecera podia sentir alguma coisa. Como sempre, Matt foi extraordinariamente gentil e carinhoso com ela.

Estavam planejando distribuir os presentes naquela noite, mas Pip não conseguiu esperar até a hora do jantar. Insistiu em dar o dela e pediu que Matt o abrisse imediatamente quando ele ameaçou guardá-lo até o dia de Natal.

— Não! Agora! — ela disse, pulando e batendo palmas, observando-o animada enquanto ele rasgava o papel. Assim que viu o que era, ele caiu na gargalhada. Umas pantufas amarelas do

Garibaldo, enormes e fofas, tamanho de homem, que couberam certinho.

— Adorei! — disse, dando-lhe um abraço. Calçou as pantufas e ficou com elas durante todo o jantar. — Estão perfeitas. Agora nós três podemos usá-las em Tahoe. Você e sua mãe levam o Arquibaldo e o Elmo.

Pip prometeu que levaria e ficou maravilhada quando ele lhe deu a linda bicicleta. Ficou pedalando pelas salas de estar e de jantar, quase derrubou a árvore de Natal, depois saiu para dar uma volta no quarteirão enquanto a mãe terminava de fazer o jantar.

— E você? — perguntou a Ophélie, enquanto tomavam uma taça de vinho branco. — Está pronta para receber um presente? — Sabia que talvez a perturbasse, mas achou que a longo prazo ela gostaria. — Pode me dar um minuto de atenção? — Ophélie fez que sim e eles se sentaram, enquanto Pip continuava lá fora na nova bicicleta. Matt ficou contente de ter um instante sozinho com ela. Entregou-lhe um presente bem embrulhado que ela não imaginava o que fosse. Uma caixa grande e achatada que não fazia barulho.

— O que é? — perguntou, comovida antes mesmo de abrir o presente.

— Você vai ver. — Ela rasgou o papel e abriu a caixa. O que estava dentro vinha envolto em papel bolha, e ela desembulhou com o maior cuidado. Prendeu a respiração e seus olhos encheram-se de lágrimas no mesmo instante. Pôs a mão na boca e fechou os olhos. Era Chad, exatamente como ele era. Matt tinha pintado um retrato dele para combinar com o de Pip, que Ophélie ganhara de aniversário. Abriu os olhos e olhou para ele, enfiou a cabeça em seu peito e começou a chorar.

— Ah, meu Deus, Matt... obrigada... muito obrigada... — Olhou de novo o retrato. Era como ver seu filho sorrindo para ela. Fazia com que ela sentisse mais falta dele, mas ao mesmo tempo era um bálsamo para sua dor. Uma obra perfeita. — Como você fez? — O

retrato era absolutamente fiel, até mesmo o sorriso era idêntico ao dele.

Matt tirou um objeto do bolso e entregou-lhe. Era o porta-retratos com a foto de Chad que ele apanhara na sala de estar um dia.

— Desculpe. Sou cleptomaníaco.

Ela riu quando ele disse isso.

— Eu procurei essa foto. Não conseguia imaginar onde tinha ido parar. Pensei que Pip tivesse pegado, mas preferi não perguntar. Achei que ela estava escondendo no quarto, ou em uma gaveta... passei semanas procurando. — Colocou o porta-retratos em cima da mesa da sala, onde costumava ficar. — Matt, como posso agradecer?

— Não precisa agradecer. Eu amo você. E quero vê-la feliz. — Ia falar mais alguma coisa quando Pip entrou com Mousse latindo. Ele tinha corrido todo o tempo ao lado dela.

— Adorei minha bicicleta! — gritou, dando um encontrão em uma mesa do hall, quase jogando outra no chão e parando bruscamente na frente deles ao apertar o freio. Era uma bicicleta de adulto, e obviamente ela havia gostado. Quando Ophélie mostrou-lhe o retrato de Chad, ficou em silêncio.

— Puxa... está igualzinho a ele... — Virou-se para a mãe, as duas se deram as mãos e ficaram olhando o retrato por algum tempo. Os três tinham lágrimas nos olhos. Foi um momento de ternura. A certa altura Ophélie pressentiu um desastre com o cheiro que vinha da cozinha: o ganso não só já estava cozido como quase queimando.

— Opa! — disse Pip quando Ophélie serviu o ganso.

Tiveram um jantar delicioso e uma noite ótima, e Ophélie esperou Pip ir para a cama para dar o presente de Matt. Era uma coisa especial e importante para ela, esperava que agradasse. Quando Matt abriu, ficou tão comovido quanto ela quando viu o retrato de Chad. Era um relógio Breguet do seu pai, da década de

1950. Uma linda peça, e ela não tinha ninguém para dar agora. Não tinha marido, nem filho, nem irmão. Estava guardando para Chad, e resolveu dar para Matt. Ele pôs o relógio no pulso com reverência e ficou tão contente e comovido como Ophélie ficara com seu presente.

— Não sei o que dizer — falou, olhando o belo relógio e dando-lhe um beijo. — Eu amo você, Ophélie — disse com calma.

O relacionamento deles era tudo que ele queria, diferente do que tivera com Sally. Um relacionamento calmo, forte e real, duas pessoas corretas ligando-se aos poucos, de forma sólida. Ele faria qualquer coisa possível por ela, e Ophélie sabia disso. E por Pip também. Ophélie era uma boa mulher, uma grande mulher, e ele sentiu-se incrivelmente feliz. Sentia-se totalmente seguro quando estava com ela, como ela se sentia com ele. Nada poderia atingi-los dentro do círculo de força que compartilhavam.

— Eu também amo você, Matt... Feliz Natal — sussurrou ela, e beijou-o. No beijo estava tudo o que sentia por ele, toda a paixão à qual vinha resistindo.

Matt saiu naquela noite com o relógio do pai de Ophélie e ela foi para a cama olhando o retrato de Chad com um sorriso nos lábios. A bicicleta vermelha estava encostada na cama de Pip. Era realmente a magia do Natal.

A “verdadeira” véspera de Natal que Pip e Ophélie passaram sozinhas foi muito mais difícil e inevitavelmente dolorosa. Apesar de todos os esforços para melhorar a situação, não havia como não se lembrarem dos que não estavam lá. A ausência de Andrea foi sentida, e a permanente ausência de Ted e Chad parecia uma constante piada de mau gosto que nunca tinha fim. No meio do dia Ophélie teve vontade de levantar as mãos e gritar: “Tudo bem, já chega! Podem aparecer agora!” Mas eles não apareciam e nunca

mais apareceriam. Além dessa ausência, ela sentia-se arrasada pelas memórias do seu casamento, que lhe eram tão caras, irreversivelmente sujas pelo que aconteceu com Andrea e o bebê.

Foi um dia difícil, e as duas ficaram contentes quando terminou. Dormiram na cama de Ophélie, e a única coisa que as alegrou foi saber que iriam para Tahoe ver Matt e os filhos dele na manhã seguinte. Conforme prometeu, Pip pôs na mala as pantufas de Arquibaldo e Elmo. Às dez horas estava dormindo profundamente nos braços da sua mãe, e Ophélie ficou acordada durante muito tempo, aproveitando sua filhinha.

As festas tinham sido melhores que no ano anterior, basicamente porque elas estavam se habituando a conviver com o fato de não terem mais uma família grande. Mas, de certa forma, foi mais difícil porque estavam começando a perceber que isso nunca iria mudar. A vida gostosa que tinham antes no seio da família se fora para sempre. Podiam acontecer coisas felizes de novo um dia, mas nunca seriam as mesmas. Ophélie e até mesmo Pip compreenderam isso.

O que as ajudava muito era falar com Matt freqüentemente. Ophélie não teve mais notícia de Andrea nem vontade de estar com ela. Ela saíra da sua vida para sempre. Pip falou dela uma vez, mas quando viu a cara da mãe nunca mais mencionou seu nome. A mensagem de Ophélie foi alta e clara. Andrea não existia mais para elas.

Enquanto relembrava essas coisas na cama, seu pensamento passou para Ted e Chad, depois para Matt. Adorou o retrato que ele fez e a forma com que tratava Pip. Sua bondade com elas era impossível de medir desde que se conheceram. Viu que estava se apaixonando, sentia-se cada vez mais atraída por ele, mas não sabia o que queria fazer. Não tinha certeza se estava pronta para viver com outro homem e não sabia se um dia estaria. Não só porque tinha amado Ted, como também porque desde o Dia de

Ação de Graças perdera toda a fé no que o amor podia significar entre duas pessoas. Significava tristeza, decepção e traição para ela agora, e a perda de tudo em que acreditara e confiara. Não queria passar por isso de novo com ninguém, por mais amoroso e bom que Matt parecesse ser. Ele era humano, e os seres humanos faziam coisas terríveis, em geral em nome do amor. Acreditar nisso de novo e arriscar tudo parecia demais para ela. Não tinha mais segurança, e sabia que não podia confiar em ninguém como confiava antes, nem mesmo em Matt. Ele merecia mais do que isso, especialmente depois do que passou com Sally.

No dia seguinte, as duas saíram bem-humoradas. Ophélie levou correntes para o carro caso nevasse no meio do caminho, mas as estradas estavam limpas até Truckee, e com as indicações de Matt chegou facilmente a Squaw Valley. Ele alugara uma casa espetacular, com dois quartos para ela e Pip e mais três para ele e os filhos.

Vanessa e Robert estavam esquiando quando elas chegaram, e Matt as esperava na sala com a lareira acesa, chocolate quente e um prato de sanduíches. A casa era elegante e luxuosa. Matt estava de calça preta de esqui e um suéter cinza grosso, bonito e atraente como sempre. Era um homem e tanto, e Ophélie sentiu-se imediatamente atraída por ele. Fazia bem o seu tipo, mas ela ainda tinha medo de se entregar. Não era tarde demais para voltar atrás, mas sabia que isso o decepcionaria imensamente. Porém, decepção poderia ser melhor para ambos que um eventual desespero e destruição. Os riscos de entregar-se a ele pareciam muito altos e perigosos, mas ao mesmo tempo sentia-se muito tendente a isso. Vivia em constante conflito a respeito de Matt, mas sentia-se cada vez mais próxima dele. Não podia mais imaginar a vida sem seu amor. Apesar dos seus temores, sabia que o amava.

— Trouxe as pantufas do Elmo e do Arquibaldo? — Matt perguntou logo a Pip, e ela fez que sim e riu. — Eu também trouxe

meu Garibaldo. — Antes que os outros voltassem, os três calçaram as pantufas, ficaram rindo diante da lareira e ele pôs uma música. Pouco depois Vanessa e Robert entraram, ambos muito bonitos. Vanessa ficou contente de conhecer Ophélie e Pip, teve uma afinidade imediata com a filha e sentiu admiração pela mãe. Ophélie tinha uma suavidade que a deixou encantada, e uma bondade quase palpável. Viu nela tudo o que Matt via, e disse isso a ele enquanto o ajudava a preparar o jantar e Ophélie e Pip desfaziam as malas no quarto.

— Entendi por que você gosta dela, papai. É uma mulher boa e muito gentil. Meio triste às vezes, mesmo quando sorri. E a gente sente vontade de abraçá-la. — Matt sentia a mesma coisa. — E adorei Pip. É uma gracinha!

As duas meninas fizeram amizade rapidamente naquela noite. Vanessa convidou Pip para dormir no seu quarto, e ela aceitou com entusiasmo. Achou Vanessa fabulosa, muito bonita e legal, como disse para a mãe quando foi vestir o pijama. Depois que a casa ficou em silêncio, Ophélie e Matt permaneceram sentados horas junto da lareira, até acabarem as últimas achas de lenha. Falaram de música, arte e política francesa, de filhos e pais, das pinturas dele e dos sonhos de ambos. Falaram de pessoas que conheciam e de cachorros que tinham tido quando eram crianças. Nesse processo de se conhecerem cada vez mais não deixaram nada de fora, queriam saber tudo um do outro. Antes de subirem para os quartos se beijaram e demoraram para se soltar. O que tinham aprendido um sobre o outro era uma poderosa força entre eles.

Na manhã seguinte os cinco saíram de casa juntos e foram para a fila das cadeirinhas suspensas. Robert queria esquiar com uns amigos da faculdade que encontrara, Vanessa saiu com Pip e Matt ofereceu-se para ficar com Ophélie.

— Não quero ser um estorvo para você — disse ela com cuidado. Usava uma roupa preta de esqui comprada há dez anos,

simples e elegante, e um chapéu de pele que Matt achou muito bonito. Mas ela insistiu em dizer que suas aptidões nas descidas cobertas de neve não faziam jus à sua roupa de esqui.

— Você não vai ser um estorvo — garantiu. — Não esquio há cinco anos. Vim aqui por causa dos meninos. Você estará me fazendo um favor, talvez tenha até de me socorrer. — Mas um era tão bom quanto o outro, e passaram a manhã esquiando nas descidas intermediárias. Era tudo o que queriam, e na hora do almoço foram ao restaurante esperar as meninas, que chegaram uns minutos depois com o rosto vermelho e aspecto atlético. Pip parecia eufórica quando tirou o capuz e as luvas. Estava se divertindo muito, e Vanessa parecia feliz também. Tinha visto uns garotos charmosos, que a seguiram nas descidas. Mas só pensava em se divertir. Não era descontrolada nem sem juízo, como a mãe nessa mesma idade.

As meninas esquiaram a tarde toda, mas Matt e Ophélie voltaram para casa quando começou a nevar. Matt acendeu a lareira e pôs uma música, e Ophélie preparou dois copos de chocolate quente com rum. Recostaram-se no sofá ao lado de uma pilha de revistas e livros, e de tempos em tempos sorriam um para o outro. Ophélie surpreendeu-se ao ver como era fácil estar com ele. Ted era muito mais difícil, exigente, ansioso e polêmico a respeito de quase tudo. Ela comentou essa diferença com Matt. O namoro deles era uma mistura de conforto, paixão oculta e afeição profunda. Além de tudo, eram ótimos amigos.

— Eu gosto disso também — ele disse, e resolveu falar sobre seu último encontro com Sally.

— Você não sentiu nada por ela? — Ophélie perguntou, dando um gole no chocolate quente com rum e observando-o. Estava preocupada com Sally, especialmente depois que ela ficou viúva.

— Um pouco menos do que esperava ou do que tinha medo de sentir. Tinha medo de ter de lutar para me livrar dela, na minha

cabeça ou em algum outro lugar. Mas não foi assim. Foi triste e engraçado, como tudo o que sempre saiu errado conosco. Ela tentou me manipular para conseguir o que queria, e em vez de me sentir apaixonado, senti pena dela. Sally é uma mulher muito triste. Nem considerou o fato de seu marido, com quem viveu quase dez anos, ter morrido há menos de um mês. Lealdade não é o seu forte.

— Acho que não. — Ophélie ficou um pouco chocada com o descaramento dela, depois de ter feito Matt sofrer tanto. Não parecia sentir um pinga de culpa. Sentiu-se aliviada. — Por que não me contou que tinha estado com ela? — Ele tinha contado tantas coisas da sua vida que pareceu estranho não ter falado sobre isso.

— Acho que precisava pensar bastante sobre o que tinha acontecido. Saí daquele quarto me sentindo livre pela primeira vez em dez anos. Meu encontro com ela foi das melhores coisas que já fiz. — Parecia contente consigo mesmo quando olhou para Ophélie, e ela sorriu.

— Que bom — ela falou baixinho, desejando que seus sentimentos sobre seu casamento pudessem ser facilmente solucionados. Mas não havia ninguém com quem falar, se zangar, discutir, chorar, ninguém para lhe explicar o que tinha acontecido ou por que ele fizera aquilo. A única saída era resolver sozinha, com o tempo, em silêncio.

Quando os garotos voltaram do esqui, Ophélie preparou o jantar e todos se sentaram em frente à lareira e contaram histórias. Vanessa falou dos seus vários namorados em Auckland, Pip ficou admirando-a e Robert implicando com as duas. Uma cena familiar confortável que tocou o coração dos adultos. Era o que Matt desejara durante todos os anos em que seus filhos se afastaram, e o que dava saudade a Ophélie com a ausência de Ted e Chad. Havia uma totalidade ali, uma normalidade constituída por dois adultos rodeados de três filhos, rindo em volta da lareira. Como se nunca tivessem tido isso na vida mas sempre desejado.

— Bom, não é? — Matt sorriu para Ophélie quando se encontraram na cozinha para pegar uns biscoitos para os filhos e tomar uma taça de vinho.

— Muito bom — disse ela, sorrindo.

Pelos padrões do mundo, e até mesmo deles, era um sonho que se realizara. E Matt queria que durasse para sempre. Sabia que ela tinha problemas para enfrentar e medos para superar, como ele também, mas queria que ambos chegassem às mesmas conclusões e se encontrassem no final. Mas tinha de ser muito cauteloso com ela. Sabia como Ophélie era arisca. Mais do que qualquer pessoa. Porque ele sabia, pelo menos tanto quanto ela, o que Ted tinha feito. Quase tão ruim como se tivesse lhe rogado uma praga, ou a amaldiçoado ou condenado à desconfiança para o resto da vida. Ninguém sabia melhor que Matt que praga era aquela. Mas pelo menos estavam livres no momento, naquele seu mundinho seguro de Tahoe.

Foram jantar em um restaurante vizinho na véspera do ano-novo, depois pararam em um hotel para assistir à festa. Todos usavam roupas de esqui e suéteres largos e brilhantes, e alguns, como Ophélie, usavam pele. Ela estava muito chique, com um macacão de veludo preto e um casaco preto de pele de raposa por cima, com um chapéu combinando.

— Você parece um cogumelo preto, mamãe — disse Pip com ar desaprovador.

Mas Ophélie teria usado aquela roupa de qualquer forma. Era impermeável à estilística conservadora de Pip, e Matt adorava seu modo de vestir. Qualquer coisa que usasse, ou por melhor que falasse inglês, Ophélie era sempre muito francesa. Notava-se isso por uma écharpe, uns brincos ou uma bolsa velha Hermès a tiracolo que ela usava desde os seus 19 anos. De certa forma, as peças que tirava do seu guarda-roupa, e a forma como as usava, sempre denotavam sua nacionalidade.

De acordo com suas origens e a atmosfera do ambiente, deixou Pip tomar uma taça de champanhe na véspera do ano-novo. Matt fez o mesmo com Vanessa, e embora Robert não tivesse idade para beber, ofereceu-lhe um vinho, já que ele não ia dirigir. Robert pareceu bastante à vontade, e Matt tinha certeza que ele tomava seus drinques em Stanford, sendo legal ou não, como todos os outros. Com moderação.

Estavam no hotel quando o relógio bateu meia-noite e todos se beijaram e se desejaram um feliz ano-novo. Só quando chegaram em casa e os meninos foram dormir, uma hora depois, Matt beijou Ophélie com mais paixão. Estavam sozinhos na sala, aninhados em frente a um fogo quase extinto, mas que ainda aquecia o ambiente. A noite tinha sido ótima. Especialmente para os meninos, que pareciam se dar extremamente bem, assim como eles. Matt nunca fora tão feliz na vida, e Ophélie sentia-se em paz. Apesar de tudo que passara nos últimos meses, e no ano anterior, percebia que as cargas que pesaram sobre ela durante tanto tempo começavam a ser aliviadas, uma por uma.

— Feliz? — Matt perguntou, se aproximando. Estavam sussurrando na sala escura, iluminada apenas pelo fogo, certos de que todos os demais dormiam àquela altura. Pip tinha ido de novo para o quarto de Vanessa. As duas haviam se tornado boas amigas. Pip considerava Vanessa a irmã mais velha que nunca teve e gostaria de ter tido. Vanessa só tinha irmãos, um mais velho e dois mais moços, portanto ganhou uma irmã também.

— Muito feliz — Ophélie respondeu com voz suave. Sentia-se sempre feliz ao lado dele. Protegida, segura e amada no seu mundo. Tinha a sensação de que nenhum mal poderia lhe acontecer enquanto estivesse com Matt. E tudo que ele queria era protegê-la, evitar agonias como as que ela tinha passado e curar suas dores. Essa perspectiva não o assustava.

Beijou-a de novo e eles se acariciaram, como nunca tinham feito antes. Quando ela sentiu aquelas mãos passando lentamente sobre seu corpo, percebeu que o desejava muito. Como se a mulher adormecida dentro dela nos últimos 14 meses, desde a morte de Ted, estivesse voltando à vida aos poucos pelas mãos de Matt. Ele também estava tomado de desejo por Ophélie. Permaneceram sentados durante longo tempo, depois deitaram-se no sofá com os corpos entrelaçados, até que ele finalmente sussurrou:

— Vamos criar um problema se ficarmos aqui muito mais tempo.
— Ela sorriu, como se fosse uma garotinha de novo depois de anos. Matt muniu-se de coragem para fazer uma pergunta que dessa vez parecia finalmente válida para os dois. — Quer ir para o meu quarto? — falou baixinho em seu ouvido. Ela fez que sim e o coração dele quase explodiu de alívio. Fazia tempo que queria isso, que a desejava, mais do que admitia a si próprio.

Matt levou-a pela mão até seu quarto, na ponta dos pés para não fazer barulho. Ophélie quase riu; era uma situação engraçada esconder-se dos meninos, mas todos estavam dormindo. Assim que entraram no quarto de Matt, ele trancou a porta, ergueu Ophélie do chão e levou-a até a cama nos braços, com cuidado. Um instante depois estava deitado ao seu lado.

— Eu amo você muito, Ophélie — sussurrou, com a luz da lua entrando no quarto. Os dois sentiram-se aconchegados e quentes quando se beijaram e se despiram, e em segundos estavam debaixo dos lençóis. Carinhoso como sempre, Matt juntou seu corpo ao dela. Podia senti-la tremendo ao seu lado, desejava fazê-la feliz e lhe dar todo o seu amor.

— Eu também amo você, Matt — disse ela baixinho, com voz trêmula. Ao perceber como ela estava amedrontada, ele puxou-a para bem perto e manteve-a assim durante algum tempo. — Está tudo bem, querida... você está segura comigo... nada de mau vai acontecer com você, prometo...

— Estou tão assustada, Matt... — E ele sentiu as lágrimas escorrendo-lhe pelo rosto quando a beijou.

— Não fique assim, por favor... eu amo você muito... nunca vou magoá-la.

Ela acreditava nele, mas não mais na vida. A vida a magoaria de novo, havendo oportunidade. Coisas terríveis ocorreriam se ela abrisse a guarda e o deixasse entrar completamente no seu mundo. Poderia perdê-lo, ou ele poderia traí-la, abandoná-la ou morrer. Nada mais era seguro, ela sabia bem disso. Não podia confiar em ninguém e em nada, nem mesmo nele. Não tão intimamente. Percebeu então que tinha sido tola em pensar que poderia.

— Matt, eu não posso... — disse, com angústia na voz. — Estou assustada demais. — Não podia fazer amor com ele, não podia deixar que ele penetrasse na sua intimidade. Era assustador demais amá-lo tanto, e depois que ele entrasse na sua vida, na sua alma, no seu corpo e no seu coração, nada mais seria seguro. Possuiria tudo isso, e os demônios que arruinavam a vida das pessoas as possuiriam.

— Eu amo você — Matt falou com calma. — Podemos esperar... não temos pressa... Eu não vou embora. Não vou deixar, magoar ou amedrontar você... tudo bem. Eu amo você. — Definiu o significado dessa palavra como nenhum outro homem fizera antes, nem mesmo Ted. Muito menos Ted. Ophélie sentiu-se muito mal desapontando Matt. Mas sabia que não estava pronta, e que talvez nunca estivesse. Era impossível dizer. Só sabia que não podia ir adiante naquele momento. Seria muito apavorante deixá-lo entrar na sua vida. E ele estava disposto a esperar.

Matt ficou abraçado a ela durante longo tempo naquela noite, colado ao seu corpo gracioso, impregnado de desejo, mas feliz com o que tinham. Se só podiam chegar até aquele ponto agora, era o bastante. Estava clareando quando Ophélie finalmente saiu da cama e se vestiu. Tinha cochilado aninhada nos seus braços

durante toda a noite. Não se sentiu encabulada de deitar-se nua ao seu lado. Ela o desejava, mas não o suficiente.

Matt beijou-a quando ela foi para seu próprio quarto. Ophélie dormiu imediatamente durante duas horas, e quando acordou sentiu aquele peso conhecido no seu peito. Mas dessa vez era diferente. Não era o peso por Chad ou Ted, mas pelo que não tinha conseguido fazer com Matt naquela noite. Como se o tivesse traído. E detestou-se pela decepção que lhe causara. Tomou uma ducha e vestiu-se, aflita para vê-lo, mas assim que olhou para ele compreendeu que estava tudo bem. Matt sorriu do outro lado da sala e pôs o braço à sua volta para tranquilizá-la. Era um homem incrível, e ela teve a estranha sensação de que fizera amor com ele. Estava ainda mais à vontade na sua presença agora do que antes. E sentiu-se tola por ter entrado em pânico. Mas grata por ele ter esperado.

Os dois esquiam juntos no dia de ano-novo sem fazer menção à noite anterior. Esquiaram, conversaram e divertiram-se juntos, e naquela última noite jantaram com os três filhos. Vanessa ia voltar para Auckland no dia seguinte, para tristeza de Matt, mas ele iria vê-la no próximo mês. Pip e Ophélie iam para casa de manhã, pois no outro dia Pip teria de voltar às aulas. Robert tinha mais duas semanas de férias e ia a Heavenly esquiar com uns amigos. Matt voltaria para a praia. Os feriados tinham terminado, mas foi uma semana maravilhosa. Nada ficou resolvido entre Ophélie e Matt, mas ambos sabiam que tinham seu próprio ritmo. E ela sabia, sem sombra de dúvida, que se ele a tivesse pressionado naquela noite, forçado ou se irritado com ela, até mesmo a esperança de um romance teria desaparecido. Matt foi muito sábio, e ela o amou ainda mais. Separaram-se na manhã seguinte sem promessas, sem certezas, só com amor e esperança. Era muito mais do que os dois tinham quando se conheceram, e suficiente para ambos.

Capítulo 26

MATT PAROU PARA ver Ophélie e Pip depois de deixar Vanessa no aeroporto. Estava triste com a partida da filha e tomou uma xícara de chá com Ophélie antes de voltar para sua vida solitária na praia. Constatou, mais que nunca, que a vida que tinham vivido juntos na última semana era o que ele queria. Mas por enquanto não havia outra opção. Ophélie não estava pronta para mais do que tinham: uma amizade com promessa de paixão e romance no futuro. Não estava pronta ainda para mais do que isso. Não havia escolha senão esperar e ver o que acontecia entre eles, se é que acontecia alguma coisa. Se ela não fosse capaz de entrar em sua vida, ele pelo menos poderia ser amigo dela e de Pip. Sabia que era uma possibilidade também. Não havia garantias na vida. Ambos tinham ampla prova disso.

Ficou contente de ver, quando entrou na casa dela, que os retratos de Pip e Chad estavam pendurados na sala em um lugar de honra.

— Eles estão lindos, não é? — disse Ophélie, sorrindo orgulhosa e agradecendo-lhe mais uma vez. — Foi tudo bem no embarque de Vanessa? — Tinha se apegado muito a ela e a Robert. Eram ótimos

meninos, de bom coração e boa formação, como o pai. Tinha gostado muito mesmo deles.

— Ela ficou triste de ir embora — respondeu, lutando para afastar a lembrança da noite que passara com Ophélie nua na cama. Gostaria que tivesse confiado nele, mas esperava que isso viesse com o tempo, se tivesse sorte. — Daqui a umas semanas vou visitá-la em Auckland. Vanessa adorou você e Pip.

— Nós também gostamos muito dela — disse Ophélie com gentileza. Quando Pip subiu para fazer o dever de casa, olhou para Matt com tristeza. — Desculpe o que aconteceu em Tahoe. — Foi a primeira vez que o fato foi mencionado. Ele não queria desconcertá-la referindo-se a isso, nem pressioná-la. Optou por deixar a coisa como estava. — Eu não devia ter feito isso. Em francês, chama-se uma *allumeuse*. Acho que em inglês a palavra é muito menos atraente. Mas não é uma atuação bonita. Eu não estava tentando provocar nem enganar você. Acho que enganei a mim mesma. Pensei que estivesse pronta, mas não estava.

Matt não queria falar sobre o assunto, tinha medo que esse tipo de conversa a levasse a conclusões extremas. Não queria fechar as portas entre eles. Pensava em deixá-las bem abertas para que Ophélie aparecesse quando estivesse pronta. Quando isso acontecesse, se acontecesse, ele estaria esperando. Nesse meio-tempo, restava a ele amá-la muito, mesmo com um relacionamento limitado.

— Você não estava enganando ninguém, Ophélie. O tempo é uma coisa engraçada. Não pode ser definido, não pode ser comprado, não se pode prever seu efeito sobre as pessoas. Alguns precisam de mais tempo, outros, de menos. Dê a si mesma o tempo que precisar.

— E se eu nunca chegar lá? — ela perguntou num tom triste. Tinha medo de não conseguir. A profundidade de seus temores, que a deixaram paralisada, assustou-a.

— Se nunca chegar lá, vou amar você da mesma forma — ele garantiu.

Era tudo que ela precisava ouvir. Como sempre, ele transmitiu segurança, sem pressioná-la nem apressá-la. Estar com Matt era como uma caminhada longa e tranqüila pela praia. Descansava a alma.

— Não se torture. Você já tem bastante coisa para se preocupar. Não me acrescente a essa lista. Eu estou bem. — Sorriu, debruçou-se sobre a mesa para beijá-la na boca, e ela não ofereceu resistência. Ao contrário, gostou do beijo. No fundo do coração, Ophélie o amava, só não sabia o que fazer com isso ainda. Se amasse alguém, e se resolvesse viver de novo, sabia que esse alguém seria Matt. Mas reconhecia a possibilidade de Ted ter anulado para sempre sua capacidade de ser mulher. Ted não merecia ter esse poder sobre ela, mas por mais que detestasse admitir a si mesma o poder se mantinha. Ele destruíra alguma parte essencial dela que não conseguia mais encontrar nem resgatar. Como uma meia perdida. Uma meia cheia de amor e confiança, que ela não tinha idéia de onde estava. Parecia ter se evaporado. Ted a jogara fora. Ophélie vivia imaginando o que ela significara para ele, se ele a amava quando morreu. Ou se algum dia a amara. Não sabia quais eram as respostas. Só lhe restavam as perguntas.

— O que você vai fazer hoje à noite? — Matt perguntou antes de sair.

Ophélie ia responder mas hesitou quando seus olhos se encontraram. Pela cara dela Matt soube qual era a resposta, e detestou a idéia.

— Vai trabalhar com a equipe de rua?

— Vou — disse ela simplesmente, pondo as xícaras dentro da pia. Não queria discutir com ele.

— Meu Deus, eu gostaria que você parasse com isso. Não sei mais o que fazer para convencer você. Um dia desses, Ophélie,

alguma coisa horrível vai acontecer. Só espero que não seja com você. Eles têm tido sorte, mas não podem ter sorte para sempre. Você se expõe muito, sai para as ruas duas vezes por semana, tem grande probabilidade de enfrentar problemas.

— Eu me cuido — disse ela, tentando tranquilizá-lo, mas sem convencê-lo.

Matt saiu às cinco horas, e um instante depois Alice chegou para fazer companhia a Pip. Já se tornara uma rotina. Ophélie trabalhava com a equipe de rua desde setembro e sentia-se plenamente confiante, embora Matt tivesse constantes pressentimentos de um desastre. Ela não pensava assim. Conhecia bem a equipe, sabia que eram todos muito capazes e cautelosos. Eram caubóis, como diziam, mas caubóis que sabiam onde podiam andar nas ruas, e sabiam que não podiam dar as costas para ninguém. Ophélie aprendera a agir como eles. Não era mais uma iniciante.

Às sete horas estava com Bob em uma van, e Jeff e Millie estavam em outra. Levavam mais provisões para suas visitas: alguns alimentos, suprimentos médicos, roupas quentes, preservativos e uns casacos que eram doados com regularidade. Já tinham carregado as vans, e a noite estava muito fria. Bob disse com um risinho que ela devia ter usado ceroulas.

— Como vai? — perguntou no tom amistoso de sempre. — Como foi o Natal?

— Mais ou menos, o dia foi difícil. — Os dois tinham passado por muita coisa, e ele compreendeu. — Mas fomos a Tahoe na manhã seguinte esquiar com uns amigos. Foi divertido.

— Nós fomos a Alpine no ano passado. Quero levar as crianças lá esse ano, mas é muito caro. — Ophélie reconheceu mais uma vez que tinha sorte de não ter essas preocupações. Bob tinha três filhos e muito pouco dinheiro. E fazia tudo o que podia para eles. — A propósito, como vai seu namoro? — Eles conversavam muito a noite inteira, ambos tinham filhos e eram viúvos. Trocavam

conselhos e informações, e tinham mais chance de conversar do que se fossem colegas de escritório. Aquele trabalho não era burocrático.

— Que namoro? — perguntou com ar inocente, e ele lhe deu uma cutucada.

— Não banque a inocente. Há dois meses você tem um brilho nos olhos como se tivesse sido atingida por Cupido... o que aconteceu? — Ele gostava de Ophélie. Ela era uma boa mulher, de coração de ouro e enorme coragem, como pôde constatar depois que começaram a trabalhar juntos nas ruas. Nunca recuava, estava ali toda semana, noite após noite, ajudando-os. Os outros três, da equipe regular, a apreciavam muito. — Então, e o seu namoro? — ele insistiu. Tinha tempo para um papo até chegarem a Mission.

— Sou uma covarde. Acho que é bobagem da minha parte. Ele é um homem maravilhoso e eu o amo, mas não consigo, Bob. Ou pelo menos ainda não. Aconteceu coisa demais na minha vida. — Não fazia sentido falar do bebê e contar que Andrea escrevera uma carta para Ted dizendo coisas dela com as quais ele aparentemente concordava — que ela era uma incompetente e que lidava de forma abominável com seu filho que tinha uma doença mental, que era a verdadeira responsável pelos problemas dele. A mera crueldade disso ainda a matava. Ela se perguntava se o que Andrea dissera era verdade, se exacerbava os problemas de Chad. Mesmo que Andrea tivesse manipulado Ted, talvez houvesse alguma verdade nisso. Ela se torturava sem cessar depois que encontrou a carta, e finalmente queimou-a para que nunca caísse nas mãos de Pip como caíra nas suas.

— Eu sei, eu sei. Muita merda aconteceu comigo também quando minha mulher morreu. É difícil você acreditar agora, mas a gente acaba se recuperando. O suficiente para organizar a vida de novo. A propósito... — disse, tentando parecer indiferente enquanto

olhava pela janela e não para “Opie”, como a chamavam. — Vou me casar.

Ophélie vibrou de alegria com a notícia inesperada.

— Que bom para você! Maravilha. E o que seus filhos acharam?

— Eles gostam dela... gostam muito... sempre gostaram.

Ophélie sabia que a noiva em questão era a melhor amiga da sua falecida esposa, o que parecia ser uma constante entre viúvos. Casavam-se com as irmãs ou melhores amigas das esposas. Era uma situação familiar.

— Quando? — Ophélie estava contente por ele.

— Merda, não sei... ela nunca se casou, quer fazer uma cerimônia complicada. Para mim basta ir ao cartório e acabar logo com a coisa.

— Não seja desmancha-prazer. Aproveite. Espero que seja seu último casamento.

— Eu também. Ela é uma boa mulher, e também minha melhor amiga.

— Isso é que é bom. — Como o caso dela com Matt. Pena não conseguir se refazer dos seus próprios terrores para ter um relacionamento real com ele. Quase invejava Bob. Mas a esposa dele tinha morrido há mais tempo que Ted. Talvez um dia, quem sabe, ela pudesse jogar para o alto a cautela e o terror e fazer o mesmo que Bob.

Contornaram os limites da Mission depois fizeram paradas em Hunters Point, sem nenhum problema. Ophélie lembrou como eram infundados os temores de Matt a respeito do seu trabalho de rua. Sentia-se completamente relaxada e brincou com Millie e Jeff quando pararam para tomar um café quente e comer alguma coisa. Estava gelado lá fora, e os miseráveis moradores de rua eram gratos por tudo que recebiam deles.

— Puxa, está friooooo hoje — disse Bob quando saíram de novo.

Passaram por armazéns de carga, trilhos da estrada de ferro, passagens subterrâneas e vielas, como sempre faziam. Trabalharam nas ruas da vizinhança, e Bob disse que não gostava daquela área. Havia muitos traficantes de droga, que se sentiam ameaçados e achavam que eles podiam interferir. Não valia a pena interromper as transações dos traficantes na rua. A equipe estava ali para ajudar os que tentavam sobreviver, não os que saqueavam essa gente. Algumas vezes, os sinais podiam se confundir. Jeff gostava daquele bairro, e estava certo às vezes, havia um número enorme de moradores de rua deitados nas portas das casas e vielas cobertos com trapos e lonas enceradas, e em caixas que eles chamavam de “berços”.

Desviaram por uma viela chamada Jesse, entre a Fifth e a Sixth, porque Millie disse a Jeff que tinha visto duas pessoas do outro lado. Os dois desceram da van e Bob e Ophélie esperaram, pois eram poucas pessoas e eles poderiam dar conta do trabalho sozinhos. Mas Jeff fez sinal para Bob e Ophélie trazerem casacos e sacos de dormir que estavam guardados na van deles. Ophélie saiu da van primeiro.

— Eu vou lá — disse por cima do ombro.

Bob hesitou, mas ela foi andando depressa pela viela com os sacos e casacos na mão antes de Bob conseguir sair.

— Pare! — ele gritou, seguindo-a pela viela deserta, onde havia só um berço na outra extremidade. Jeff e Millie já estavam lá, e quando Ophélie se aproximava, um homem alto e magro saiu do vão de uma porta e agarrou-a. Bob viu a cena e saiu correndo na direção deles. O homem segurava Ophélie por um braço, mas ela não sentiu medo, por mais estranho que fosse. Como aprendera a fazer instintivamente, olhou-o dentro dos olhos e sorriu.

— Quer um saco de dormir e um casaco? — Ophélie percebeu que o homem estava muita drogado, mas o olhar firme dela dizia que não estava com medo e que suas intenções eram boas.

— Não, querida. O que mais você tem? Alguma outra coisa que eu possa querer? — Os olhos enormes e ferozes do homem olharam em volta.

— Comida, remédios, casacos quentes, ponchos impermeáveis, sacos de dormir, cachecóis, bonés, meias, lonas enceradas, mochilas, o que você precisar.

— Estão vendendo essa merda? — perguntou com raiva, quando Bob chegou perto e entrou em cena.

— Não, estamos dando — disse Ophélie com calma.

— Por quê? — Ele era hostil, falava depressa e parecia nervoso.

Bob não se mexeu. Pressentiu o perigo, mas não queria fazer nada que pudesse piorar a situação.

— Achei que vocês poderiam precisar disso.

— Quem é aquele cara ali atrás? — perguntou, ainda segurando Ophélie e apertando mais seu braço. — É um policial?

— Não. Nós somos do Centro Wexler. O que eu posso oferecer?

— Pode me chupar, sua puta. Não preciso de merda nenhuma sua.

— Agora basta — disse Bob, dando um passo à frente, enquanto Jeff e Millie vinham andando devagar do outro lado da viela. Sabiam que estava acontecendo alguma coisa, mas não podiam ver ainda, só conseguiram ouvir. — Solte a moça — disse Bob com voz calma porém firme.

— Quem é você? O cafetão dela?

— Você não vai querer criar caso, nem nós. Desista, homem. Solte a moça — disse claramente, lastimando não estar armado. Se tivesse uma arma, o sujeito teria recuado.

Nesse momento, Jeff e Millie chegaram. O homem que segurava Ophélie ficou irritado e a puxou com força para mais perto dele.

— O que é isso? Serviço Secreto? Vocês estão me parecendo policiais.

— Não somos da polícia — Jeff gritou bem claro. — Eu fui da força especial da Marinha, e você vai levar um chute no rabo se não largar a moça.

O homem puxou Ophélie pela viela até um vão de porta, e Bob viu mais dois sujeitos lá esperando-o com impaciência. Era a situação que eles mais odiavam, tinham interrompido um grupo de traficantes em ação.

— Estou cagando para o que vocês estão fazendo. Trouxemos remédios, alimentos e roupas para o pessoal daqui. Se não querem nada disso, ótimo, mas nós temos de continuar a trabalhar. Vocês, que continuem com seus negócios. Não tenho porra nenhuma a ver com isso.

Eles falavam grosso quando as coisas apertavam, pois não tinham outra forma de se defender. O traficante que segurava Ophélie parecia não acreditar neles.

— O que ela é? Parece da polícia também — disse, apontando para Millie. Ophélie ficou quieta, Millie tinha mesmo cara de policial.

— Ela era policial. Foi expulsa por prostituição — disse Jeff com uma voz forte, mas o sujeito não entrou nessa.

— Você está me sacaneando. Essa mulher tem cheiro de policial, e esta aqui também — e com isso soltou o braço de Ophélie e jogou-a violentamente para junto deles. Ela quase caiu pois não esperava isso, e quando recuperou o equilíbrio e levantou-se, todos ouviram os tiros. Ninguém tinha visto o homem pegar a arma. Em uma fração de segundo ele deu uma guinada e um pulo no ar como se fosse dançarino de balé, e saiu correndo.

Jeff correu atrás dele e Bob gritou quando os outros dois que estavam na porta desapareceram. Tudo aconteceu rápido demais, e a ação concentrou-se em Jeff e no homem que ele perseguia, mas Millie correu mais depressa e gritou para Jeff também. Eles não estavam armados, não adiantava continuar a perseguição. Se pegassem o homem, não poderiam fazer nada a não ser arriscar-se

a levar um tiro enquanto rolavam no chão com ele. Bob achou melhor cair fora dali. Mandou Ophélie correr para a van, e só então viu que ela não saía do lugar e que havia sangue por todo lado. O homem tinha atirado nela.

— Que merda, Opie... o que você foi arrumar? — disse, ajoelhando-se para tentar levantá-la. Queria tirá-la dali, esperando que fosse um ferimento superficial. Mas viu logo que era mais grave e ela não conseguia se mexer, então ficaram parados ali. Havia muito tráfico de drogas naquela área. Atravessar a viela tinha sido má idéia.

Bob gritou o mais alto que pôde, e Millie foi a primeira a ouvi-lo. Ele fez um sinal, e ela chamou Jeff. Quando os dois viram Ophélie no chão nos braços de Bob voltaram correndo. Jeff, com o celular na mão, já estava chamando a emergência. Chegaram junto de Bob e Ophélie em poucos segundos. Bob parecia em estado de choque, e Ophélie estava inconsciente, o pulso ainda batia, mas ela mal respirava.

— Merda — disse Jeff, ajoelhando-se ao lado dela, enquanto Millie corria para a entrada da viela para fazer sinal para os paramédicos que estavam chegando. — Será que ela vai resistir?

— A coisa não está nada boa — disse Bob com os dentes cerrados. Estava com raiva de Jeff. A viela tinha sido má decisão. Era a primeira burrice que tinham feito depois de muito tempo. E estava com mais raiva de si próprio por ter deixado Ophélie passar por ali sem segui-la de perto. Mas, sem armas, não havia muita coisa que pudessem fazer para proteger uns aos outros em situações assim. Tinham falado uma vez em usar coletes à prova de bala, mas chegaram à conclusão de que não era necessário. E até aquele dia não tinha sido necessário mesmo.

— Ela é viúva e tem uma filha — Bob disse para Jeff.

— Eu sei, homem... eu sei... porra, onde eles estão?

— Estão chegando, estou ouvindo — disse Bob, observando-a, pressionando seu pescoço com os dedos. A pulsação estava cada vez mais fraca, e os minutos passados pareciam toda uma vida. Nesse momento ouviram as sirenes dos carros, e um segundo depois Jeff viu Millie acenar para os paramédicos que chegassem correndo.

Colocaram Ophélie em uma maca depressa e um deles tentou reanimá-la enquanto a carregava.

— Quantos tiros vocês ouviram? — perguntou o outro a Jeff, que corria ao seu lado.

Bob foi correndo para a van a fim de seguir a ambulância até o General Hospital. Era a melhor unidade de tratamento intensivo da cidade. E Bob pegou-se rezando quando ligou a van e deu meia-volta.

— Três tiros — disse Jeff, quando colocaram a maca na ambulância rapidamente e os paramédicos pularam para dentro. Assim que a porta foi fechada, a ambulância saiu. Jeff voltou correndo para sua van, onde Millie já o esperava atrás do volante. As duas vans seguiram a ambulância em alta velocidade. Foi o primeiro incidente dessa gravidade que aconteceu com eles, mas isso não servia de consolo.

— Acha que ela vai resistir? — perguntou Millie, ziguezagueando pelo tráfego, com os olhos na rua e o pé no acelerador.

Jeff respirou fundo e sacudiu a cabeça.

— Acho que não — disse com sinceridade.

— Opie levou três tiros à queima roupa. A não ser que a arma do sujeito fosse de brinquedo, ela vai morrer. Ninguém pode sobreviver a isso. Muito menos uma mulher.

— Eu sobrevivi — disse Millie num tom sóbrio. Ela fora licenciada da polícia e considerada inválida, mas depois de longo tempo sobreviveu. Seu companheiro que foi baleado ao mesmo tempo não resistiu. Era uma questão de sorte em situações assim.

Chegaram ao hospital em sete minutos, saíram das vans e seguiram a maca. Àquela altura as roupas de Ophélie tinham sido cortadas, e ela estava deitada ali seminua, exposta, e tão ensangüentada que mal dava para se ver o que acontecera. Em segundos, ela desapareceu na UTI, inconsciente, com uma máscara de oxigênio no rosto. Seus três colegas de trabalho sentaram-se em silêncio, sem saber a quem avisar, ou se deviam avisar. Parecia um pecado telefonar para uma criança, mas logo depois lembraram que ela devia estar com uma babá. Pelo menos alguém tinha de saber.

— O que vocês acham? — perguntou Jeff. Ele era o chefe da equipe, mas era um telefonema difícil.

— Meus filhos gostariam de saber — disse Bob baixinho.

Todos tinham uma cara péssima, e Jeff virou-se para Bob antes de sair para procurar um telefone público.

— Que idade tem a filha dela?

— Doze anos. O nome é Pip.

— Quer que eu fale com a babá ou com ela? — perguntou Millie, oferecendo-se para telefonar.

O telefonema de uma mulher talvez assustasse menos. Mas como uma menina não se assustaria ao saber que a mãe tinha levado dois tiros no peito e um na barriga? Jeff sacudiu a cabeça e dirigiu-se para o telefone, enquanto os outros esperavam ao lado da UTI. Pelo menos ninguém tinha vindo da sala para dizer que ela não resistira. Mas Bob tinha certeza que não levariam muito tempo para dar essa notícia.

O telefone tocou no bangalô de Safe Harbour logo depois das duas da madrugada. Matt estava dormindo há quase duas horas, mas acordou imediatamente. Agora que tinha filhos de novo, nunca desligava o telefone e se preocupava quando alguém telefonava tarde da noite. Ficou imaginando se seria Robert ou Vanessa de Auckland. Esperava que não fosse Sally.

— Alô? — disse com voz sonolenta, depois de tatear para pegar o telefone.

— Matt. — Era Pip, e só de ouvir seu nome sentiu que a voz dela estava trêmula.

— Aconteceu alguma coisa? — Mas ele sabia antes que Pip dissesse, e foi tomado por uma onda de terror.

— A mamãe levou um tiro. Está no hospital. Você pode vir para cá?

— Vou imediatamente — ele disse, jogando as cobertas para o lado e pisando no chão, ainda segurando o telefone. — O que aconteceu?

— Não sei. Telefonaram para Alice, depois eu falei com eles. O homem disse que ela levou três tiros.

— Ela está viva? — Quase ficou sufocado ao perguntar isso.

— Está — disse muito baixinho, chorando.

— Ele contou o que aconteceu?

— Não. Você vem?

— Chego aí o mais rápido possível. — Não sabia se ia direto para o hospital ou se parava para falar com Pip em casa. Queria estar com Ophélie, mas Pip devia estar precisando muito dele.

— Posso ir com você?

Ele hesitou por uma fração de segundo, e pegou um jeans enquanto falava com ela ao telefone.

— Sim. Vista-se depressa. Chego aí assim que puder. Onde ela está?

— No General Hospital. Acabou de chegar lá. Acabou de acontecer. É tudo que eu sei.

— Eu amo você, Pip. Até logo. — Não queria gastar tempo tranquilizando-a. Vestiu-se, pegou a carteira e as chaves e ligou o carro. Nem se preocupou em trancar a porta da frente. Telefonou para o hospital do carro. Eles não tinham mais notícias, só sabiam

que a situação era crítica e que Ophélie estava sendo operada, mas não sabiam como estava.

Dirigiu o mais depressa que pôde pela montanha e apertou o acelerador quando chegou na auto-estrada. Quase voou por cima da ponte, jogou o dinheiro para a mulher do pedágio e chegou na casa de Pip e Ophélie vinte minutos depois de ser chamado. Nem entrou, tocou a buzina e Pip veio correndo, de jeans e com a parca de esqui que encontrou no corredor. Estava branca como cera e apavorada.

— Você está bem? — ele perguntou, e Pip balançou a cabeça. Estava assustada demais até mesmo para chorar. Parecia que ia desmaiar, e ele rezou para que ela agüentasse firme. Mas rezou mais ainda pela mãe dela. Não comentou com Pip que Ophélie era uma louca de sair nas ruas tarde da noite com a equipe de atendimento externo. Era isso que ele temia e previa todo o tempo. Mas não adiantava pensar nisso agora. Não podia imaginar como ela sobreviveria. Pip também não. Três tiros eram demais para um ser humano, mas Matt sabia que alguns sobreviviam.

Foram para o hospital num silêncio impregnado de angústia. Ele estacionou o carro em uma vaga para veículos de emergência e os dois entraram correndo no prédio. Quando Jeff, Bob e Millie os viram na porta perceberam no mesmo instante quem eram, ou pelo menos quem era a menina. Parecia com a mãe, só que com cabelo vermelho.

— Pip? — Bob aproximou-se e deu uma palmadinha no seu ombro. — Eu sou o Bob.

— Eu sei. — Pip reconheceu-o pela descrição da mãe, e reconheceu os outros também. — Onde está mamãe? — perguntou, nervosa, mas muito contida.

Matt apresentou-se, de cara amarrada. Não podia culpá-los pelo que Ophélie fazia, era escolha dela, mas estava com raiva de toda forma.

— Estão tirando as balas agora — explicou Millie.

— Como ela está? — perguntou Matt, olhando direto para Jeff, sentindo que ele era o chefe da equipe.

— Não sabemos. Não nos deram nenhuma notícia desde que ela entrou na UTI.

Todos permaneceram de pé ali, até que finalmente se sentaram.

Bob foi buscar café e Millie deu a mão para Pip, que se agarrou a Matt com a outra. Ficaram em silêncio, não havia nada a dizer como desculpa, explicação ou conforto. Nenhum deles tinha muita esperança, nem mesmo Pip, e ninguém queria mentir para ela. A probabilidade de a sua mãe sobreviver era mínima.

— Pegaram o sujeito que atirou nela? — Matt perguntou finalmente.

— Não, mas vamos tentar identificá-lo. Se tiverem fotos dele, vamos pegá-lo. Eu corri atrás do cara mas não consegui alcançá-lo, e não queria deixar Opie lá — disse Jeff, e Matt balançou a cabeça. Mesmo que o pegassem, que diferença faria se ela morresse? Nenhuma, nem para ele nem para Pip. Nada iria trazê-la de volta se ela morresse. Mas pelo menos ainda estava viva.

Matt foi à recepção diversas vezes saber se havia alguma notícia, mas só lhe disseram que ela continuava em cirurgia. Já estava sendo operada há sete horas.

Jeff telefonou para o Centro e soube que uns repórteres tinham ligado para a recepção, mas felizmente ninguém aparecera ainda. Às nove e meia da manhã, um cirurgião finalmente veio falar com eles. Matt estava apavorado com o que ele iria dizer, e Pip também. Não soltou a mão dele desde que chegaram, qualquer coisa que ele fizesse tinha de ser com a outra mão.

— Ela está viva — disse o cirurgião para tranquilizá-los. — Não sabemos ainda o que vai acontecer. A primeira bala atravessou o pulmão e as costas. A outra pegou na nuca, e quase atingiu a espinha. Considerando tudo, ela teve muita sorte, mas ainda não

está fora de perigo. A terceira bala atingiu um ovário e o apêndice, e fez um bom estrago no estômago e nos intestinos. Estamos trabalhando nessa parte há quatro horas. Há quatro cirurgiões operando-a. É a melhor equipe do hospital.

— A gente pode ver a mamãe? — perguntou Pip com uma vozinha quase inaudível. Não tinha dado uma só palavra a noite toda, mas o cirurgião balançou a cabeça.

— Ainda não. Ela está na UTI cirúrgica. Mas daqui a duas horas, se seus sinais vitais permanecerem estáveis, vocês podem subir. Ela continua inconsciente, sob efeito da anestesia, mas vamos acordá-la dentro de algumas horas. Vai ficar bem grogue, e vamos mantê-la assim por enquanto.

— Ela vai morrer? — perguntou Pip, apertando a mão de Matt com tanta força que mais parecia uma torquês, e ele prendeu a respiração para ouvir o que o médico diria.

— Esperamos que não — disse, olhando direto para Pip. — Ela ficou muito, muito ferida. Mas sobreviveu à cirurgia e ao trauma. É uma mulher extremamente forte. Estamos fazendo tudo que podemos.

— É verdade — disse Bob, rezando para ela sair dessa.

Pip sentou-se de novo, parecendo uma estatuazinha de madeira. Não iria a lugar algum, nem Matt, nem os outros. Ficaram sentados ali esperando, e ao meio-dia uma enfermeira veio dizer que podiam ir à UTI cirúrgica. Era um lugar assustador, e o cubículo de vidro onde Ophélie estava era cheio de aparelhos, monitores e fios espalhados por todos os lados. Os médicos a monitoravam, e cada centímetro dela parecia coberto de agulhas, ataduras e tubos. Ela estava mortalmente pálida e de olhos fechados quando Matt e Pip entraram no quarto.

— Eu amo você, mamãe — disse ela, ao pé da cama, junto de Matt, e ele tentou refrear as lágrimas para que Pip não o visse chorar. Sabia que precisava ser forte para ela, mas sua vontade era

esticar a mão e tocar em Ophélie, como que para lhe transmitir vida. Os médicos pareciam estar fazendo tudo por ela. Durante todo o tempo em que ficaram ali, ela não se moveu. Já iam sair quando a enfermeira disse que o tempo estava esgotado. Os visitantes só podiam ficar junto do paciente cinco minutos a cada hora. As lágrimas rolaram pelo rosto de Pip, que estava apavorada de perder a mãe. Ophélie era tudo que lhe restava. Era a única família que tinha no mundo. Como que sentindo seu desespero, Ophélie abriu os olhos e olhou direto para ela, depois para Matt. E como que para encorajá-los, sorriu e fechou os olhos de novo.

— Mamãe? — Pip falou no cubículo mínimo de vidro. — Está me ouvindo? — Ela balançou a cabeça. A única coisa que não doía era a cabeça. Ela estava com uma máscara de oxigênio.

— Eu amo você, Pip — sussurrou, olhando depois para Matt. O olhar que passou entre eles dizia que ela sabia o que ele teria dito. Quando caiu no chão, a última coisa em que pensou foi que ele tinha razão, depois não viu mais nada. Agora ali estava ele, e teve medo que ele estivesse zangado. Estava contente de vê-lo com Pip, e ficou imaginando como tinham se encontrado. Pip devia ter telefonado para ele.

— Oi, Matt — disse, depois fechou os olhos e dormiu de novo. Os dois estavam chorando quando saíram, eram lágrimas de alívio mas também de desespero. Esperavam que Ophélie conseguisse sair dessa, mas nada era certo ainda.

— Como ela está? — perguntaram os outros quando os dois voltaram. Estavam ansiosos na sala de espera da UTI, e ficaram preocupados quando viram Pip e Matt em lágrimas. Acharam que talvez ela tivesse morrido enquanto eles estavam no quarto.

— Ela falou conosco — disse Pip, secando as lágrimas.

— Falou? — disse Bob, chocado e animado. — O que ela disse?

— Disse que me ama. — Pip parecia satisfeita. Mas ficou claro para todos, até mesmo para ela, que aquele período seria longo,

delicado e traiçoeiro. Sua mãe não estava de modo algum fora de perigo.

Os companheiros de Ophélie foram ao Centro naquela tarde, mas prometeram voltar à noite quando fossem para o trabalho. Tinham de ir em casa dormir algumas horas. E teriam de estar presentes em uma reunião no Centro para discutir assuntos de segurança da equipe de trabalho de rua. A ocorrência foi um choque para todos. Bob e Jeff já tinham dito que dali em diante sairiam armados, pois tinham porte de arma, e Millie concordou. A questão agora era se a equipe de trabalho de rua era uma função apropriada para voluntários. Era óbvio para todos que não. Mas tarde demais para Ophélie.

Matt ficou a tarde toda no hospital com Pip, e viram Ophélie mais duas vezes. Na primeira, ela estava dormindo, e na segunda parecia sentir dor. Assim que saíram, lhe deram morfina. Matt tentou convencer Pip a ir um pouco até em casa para descansar, tomar um banho e comer alguma coisa. Depois que deram a injeção para Ophélie dormir, Pip finalmente concordou, mas com relutância. Matt voltou para casa com ela, onde foram recebidos por Mousse, e foi fazer uns ovos mexidos com torrada. Havia dois recados do colégio de Pip na secretária eletrônica, querendo saber notícias de Ophélie. Alice tinha ligado para o colégio de manhã antes de sair, e deixado um recado na mesa da cozinha dizendo para Pip telefonar se precisasse de alguma coisa. Deixou também um bilhete dizendo que tinha voltado de tarde para dar uma volta com Mousse.

Matt levou-o para dar outra volta antes de comer, depois ele e Pip sentaram-se à mesa da cozinha, parecendo sobreviventes de um naufrágio. Os dois estavam tão exaustos que mal conseguiram comer.

— Não é melhor irmos para o hospital agora? — ela perguntou nervosa. Não queria que nada acontecesse, nem uma coisa boa

nem ruim, quando não estivesse lá, não parava quieta, esperando que Matt terminasse de comer.

— Que tal tomarmos um banho antes de voltar? — Matt perguntou com paciência. O aspecto dos dois era caótico. Além do mais, precisavam dormir um pouco. Teriam de dormir mais cedo ou mais tarde, e ele tentou convencer Pip a tirar pelo menos uma soneca.

— Não estou cansada — disse ela, muito valente, e ele não a forçou.

Tomaram banho, e Pip quis voltar logo para o hospital. Matt não discutiu. Levou-a depois de dar outra volta com Mousse, e os dois aninharam-se no sofá da sala de espera da UTI.

A enfermeira informou que os amigos de Ophélie tinham voltado, mas ela estava dormindo e continuava em estado crítico. Assim que Pip sentou-se no sofá da sala de espera, caiu no sono, e Matt sentiu-se aliviado. Ficou olhando para ela, imaginando o que lhe aconteceria se Ophélie morresse. Não queria pensar nisso, mas era uma possibilidade. Se fosse possível, levaria Pip para viver com ele ou alugaria um apartamento na cidade. Sua cabeça girava com pensamentos terríveis quando a enfermeira voltou às duas da manhã. Tinha um ar sério, e Matt entrou em pânico assim que a viu.

— Sua esposa quer ver o senhor — disse baixinho, e ele não a corrigiu.

Ajeitou Pip com cuidado no sofá e seguiu a enfermeira até a UTI. Ophélie estava acordada e ansiosa para vê-lo. Chamou-o para mais perto e ele teve medo de que ela estivesse prevendo o pior. Assim que se aproximou e tocou no seu rosto com carinho, ela começou a sussurrar, com dificuldade de respirar.

— Desculpe, Matt... você tinha razão... desculpe... pode tomar conta de Pip por mim?

Era o que ele temia. Ophélie estava com medo de morrer e queria que ele fizesse algum tipo de acerto para Pip. Sabia que sua

família era apenas alguns primos distantes em Paris. Ele era a única pessoa que poderia encarregar-se de sua filha.

— Você sabe que sim... Ophélie, eu amo você... não vá embora, minha querida... fique aqui conosco... nós precisamos de você... você tem de ficar boa... — Matt suplicou.

— Vou melhorar — prometeu ela, depois caiu no sono e a enfermeira fez sinal para que ele saísse.

— Como ela está? — perguntou à enfermeira da recepção. — Alguma mudança no quadro?

— Ela está agüentando — disse a enfermeira. Estava impressionada de vê-lo ali com a menina o dia inteiro e a noite inteira. Coisas assim faziam uma diferença, ela sempre se surpreendia quando via pessoas não se importarem com seus enfermos. Pip e Matt não saíram dali, a não ser por umas duas horas quando foram até em casa. De manhã, quando os turnos mudaram, continuavam na sala de espera. E Ophélie parecia um pouco melhor.

Matt levou Pip em casa e disse que teria de comprar umas roupas ou ir até sua casa na praia pegar alguma coisa. Falaram sobre isso no café-da-manhã, e decidiram ir ao Macy's quando voltassem. Era óbvio que Pip não queria que ele a deixasse, e ele não a deixou.

Finalmente teve um instante livre naquela manhã para telefonar para Robert, e combinar com Alice para passear com o cachorro regularmente. Telefonou para a escola de Pip e eles garantiram que ela não precisava ir. Foram muito solidários e fizeram votos de que a Sra. Mackenzie melhorasse logo. Muita gente ligou aflita do Centro Wexler, mas ele não sentiu vontade de falar com ninguém e não retornou as ligações.

Depois de uma rápida parada no Macy's voltaram para o hospital e continuaram a vigília junto da UTI. Finalmente, naquela noite, Ophélie mostrou uma pequena melhora. Bob, Jeff e Millie

apareceram para vê-la e notaram isso também. Depois que saíram, Matt cobriu Pip com um cobertor quente que a enfermeira lhes deu, e ela olhou para ele.

— Eu amo você, Matt.

— Eu também amo você, Pip — disse carinhosamente. Tinha comprado roupa suficiente para uma semana. Mais cedo ou mais tarde teria de ir até a praia, mas por enquanto planejava ficar na cidade com Pip. Pelo visto, não voltaria para casa tão cedo.

— E ama a mamãe também? — Ela nunca sabia ao certo o que acontecia entre eles. Ambos eram muito discretos a esse respeito.

— Amo, sim — disse sorrindo, e ela retribuiu o sorriso.

— Vocês vão se casar quando ela melhorar?

Ele gostou de Pip ter dito quando e não se. Queria pensar dessa mesma forma.

— Ela precisa de você, Matt. E eu preciso também.

Matt quase chorou ao ouvir isso, e não soube o que dizer. Antes de ser atacada, Ophélie não tinha certeza do que sentia por ele, nem do que iria fazer, mas ele tinha certeza total dos seus sentimentos por ela.

— Eu gostaria, Pip. Mas vamos ter de perguntar a ela, não é? — disse com sinceridade.

— Acho que ela também ama você. Só está assustada. Meu pai nem sempre era legal com ela. Gritava muito, em geral por causa de Chad. Chad era muito doente e fez umas coisas bem feias, como tentar se suicidar. Mas meu pai não considerava Chad doente, gritava com a mamãe e achava que ela era esquisita. — Era um relato bastante preciso do que acontecera, pelo que Matt sabia, mas Pip expressou-se nos seus próprios termos. — Talvez ela tenha medo de você ser bruto com ela também, apesar de nunca ter nos tratado mal, mas ela pode ter medo que você se torne bruto depois que se casar. Meu pai era muito rabugento e muito inteligente, mas acho que não era bom para minha mãe como devia ser... ela pode

também ter medo que você morra, porque ela amava o papai apesar de ele ser rabugento e bruto e não falar muito com a gente. O papai estava sempre ocupado, mas acho que nos amava do seu jeito... você pode dizer a ela que vai ser bom para nós? Se disser, ela vai querer se casar, o que você acha?

Matt não sabia se ria ou chorava, abaixou-se no sofá e deu um beijo na testa dela.

— Acho que se ela não se casar comigo, devo me casar com você. Você é muito inteligente, Pip. Essa é a minha opinião.

Pip deu uma gargalhada na sala de espera deserta. Eram as únicas pessoas ali de novo naquela noite.

— Você é velho demais para mim, Matt, mas é bem bonitinho para um cara da sua idade... como pai, quer dizer.

— Você também é bonitinha.

— Então vai perguntar a ela? — Pip parecia ansiosa de novo. Tinha muita coisa na cabeça.

— Vou tentar. Mas acho que devemos esperar até ela se sentir melhor, não é?

Pip pensou bem, depois franziu a sobrancelha.

— Mas não deve esperar muito. Talvez a mamãe se sinta melhor se você disser que quer se casar com ela. O que acha? Talvez melhore muito porque tem uma coisa boa para esperar.

— É uma idéia. — Ou talvez morra de medo. Ele sabia que era uma possibilidade, Pip não. Lembrava muito bem da noite em Tahoe, quando ela teve medo de fazer amor com ele. Casamento talvez não fosse a solução que Pip esperava. Mas, como ela, ele também gostaria que fosse. Depois desse papo Pip caiu no sono, satisfeita de ter falado com ele, e Matt ficou sentado ali durante longo tempo, observando-a e sorrindo.

Telefonou para Robert de novo, conforme tinha prometido, e contou como iam as coisas. Robert ofereceu-se para vir de Stanford naquela manhã, mas Matt explicou que como ele não poderia ver

Ophélie seria melhor saber dela por telefone. Robert ficou imensamente aliviado quando seu pai disse que ela pelo menos estava viva. Ficou chocado quando ele telefonou a primeira vez contando tudo.

A agressão contra Ophélie saiu nos noticiários daquela noite, mas o hospital não permitiu a entrada de repórteres. Eles noticiaram, com ar sombrio, que a voluntária do Centro Wexler que fora baleada tinha sobrevivido mas continuava em estado crítico no General Hospital de São Francisco.

Jeff apareceu à meia-noite para dizer a Matt que o criminoso fora apanhado. Falaram aos cochichos enquanto Pip dormia, e Jeff ficou contente de lhe poder contar isso. Ele e os colegas tinham ido à delegacia identificar as fotos do agressor. O homem foi preso durante uma transação com drogas a apenas três quarteirões de Jesse, a viela onde os tiros foram disparados. O suspeito ainda estava com a arma. Eles iam tentar identificá-lo pessoalmente no dia seguinte, mas não havia dúvida de que era ele. Ficaria por trás das grades durante muito tempo. Sua ficha criminal era extensa. Até ali as notícias eram boas. A má notícia era que a vida de Ophélie continuava por um fio.

Mas quando Pip e Matt a viram no dia seguinte, ela sorriu e perguntou quando poderia voltar para casa. Ophélie passara da condição crítica para condição séria, e o cirurgião de plantão falou que ela estava indo bem. Ninguém ficou mais aliviado que Pip, a não ser Matt. E a própria Ophélie lhes disse para irem para casa descansar. Ela estava pálida, porém mais coerente e parecia sentir menos dor. Matt então prometeu levar Pip para casa e voltar com ela à tarde. Quando saíam da UTI, Pip olhou-o com ar conspirador e perguntou se ele achava que já podia falar agora com sua mãe sobre o assunto que tinham discutido na noite anterior.

— Agora? — Ele ficou assustado. — Não acha que devemos esperar até ela se sentir melhor? Talvez seja mais receptiva se não

estiver com tanta dor.

— É bom falar enquanto ela ainda estiver um pouco dopada com remédios. — Pip estava disposta a usar todos os recursos para conseguir os resultados desejados, e Matt riu quando saíram do hospital para pegar o carro.

— Quer dizer que ela precisa estar dopada para concordar em se casar comigo — disse Matt, num tom mais jovial que no dia em que Ophélie foi baleada. As coisas pareciam um pouco menos precárias, e a paciente estava bem melhor. Mas ele continuava nervoso e preocupado.

— Talvez ajudasse — disse Pip, em resposta ao comentário de que sua mãe devia estar sedada quando ele lhe propusesse casamento. — Você sabe como ela é teimosa e como tem muito medo de se casar de novo. Ela me disse.

— Pelo menos não vou atirar nela. Isso deve contar a meu favor — ele disse num tom sóbrio.

— Talvez — Pip falou rindo.

Foram para casa e Mousse recebeu-os feliz da vida. Não podia compreender por que andava tão abandonado. Matt cozinhou para os três, depois foi se deitar um instante. Estava acordado direto há duas noites. Pip parecia melhor quando entrou em casa. Adorava ver Matt ali, e ele prometera ficar com ela até Ophélie vir para casa.

Voltaram para o hospital mais tarde do que tinham planejado, e Ophélie estava passando uma noite difícil. A enfermeira disse que isso era esperado no pós-operatório, em virtude do trauma. Ela sentia muita dor, e fora profundamente sedada com morfina. Mas seu estado passara de sério para estável, apesar de tudo. Estava tendo uma recuperação fantástica, para surpresa de todos, e naquela noite Matt decidiu levar Pip para casa. Disse que os dois precisavam dormir uma noite em uma cama de verdade, e ela concordou com relutância. Deu um beijo de boa-noite na mãe antes de sair, mas Ophélie continuava dormindo. Às nove horas estavam

em casa, e meia hora depois Pip dormia a sono solto em seu quarto e Matt no quarto de Ophélie.

Só acordaram na manhã seguinte, e tomaram café antes de ir para o hospital. Quando viram Ophélie, sentiram um imenso alívio. Seu rosto estava ligeiramente rosado, e a sonda nasogástrica que a incomodava fora retirada. Continuava em estado estável e começou a queixar-se de tudo, e a enfermeira informou que isso era bom sinal. Ophélie sorriu quando viu Matt e Pip entrarem no quarto.

— O que vocês dois andaram fazendo? — perguntou, como se estivesse ali descansando e não se recuperando dos tiros que tinha levado. Os visitantes sorriram exultantes.

— Matt preparou umas torradas francesas para o café-da-manhã, mamãe. E disse que sabe fazer umas panquecas maravilhosas.

— Que ótimo. Pode trazer algumas — Ophélie falou, mas eles sabiam que ela teria de manter a dieta líquida por longo tempo e ainda estava no soro. Depois virou-se para Matt com ar sério. — Obrigada por tomar conta de Pip. — Ela não tinha mais ninguém a quem recorrer, e ambos sabiam disso. O tempo, as circunstâncias e Ted tinham-na isolado de muita gente. Agora sua única parente era Pip. — Desculpe pelo que aconteceu. Foi uma burrice minha. — Mas ela tinha gostado muito de trabalhar com a equipe de atendimento de rua.

— Não vou dizer que eu avisei, mas você conhece minha opinião. Jeff disse que não vão mais deixar voluntários fazerem esse tipo de trabalho, o que me parece certo. Era uma idéia maravilhosa, mas muito perigosa.

— Eu sei. Aconteceu tudo muito depressa naquela noite. Eu nem sabia o que tinha me atingido quando caí no chão. — Não adiantava pensar no que podia ter lhe acontecido, e conversaram algum tempo sobre isso. Pip ficou fazendo sinais para Matt, e ele tentou não rir. Na hora do almoço discutiu a idéia com ela de novo.

— Não posso pedir sua mãe em casamento com você ali ao lado.

— Mas é melhor pedir logo — disse Pip num tom ameaçador, rindo depois.

— Por quê? Ela não vai a lugar algum. Qual é a pressa?

— Porque quero que vocês se casem — disse, pronta para bater o pé.

— E se ela não aceitar?

— Então eu me caso com você mesmo sendo tão mais velho. Nunca vi uma pessoa tão devagar! — disse, num tom de repreensão. Na próxima vez que ele foi visitar Ophélie, Pip lhe disse para ir sozinho, com um ar sério.

— Não estou prometendo nada — Matt falou. — Vou ver como ela está se sentindo. — Não queria desapontar Pip, nem a si próprio. Não queria pressionar Ophélie, não importava o que Pip pensasse. Tinha de confiar nos seus próprios instintos, não nos de uma criança de 12 anos, embora sua idéia fosse certa e seu coração estivesse no lugar certo, e ele a amasse.

— Você é a pessoa mais covarde que conheço! — disse Pip de forma acusadora, e ele saiu rindo. Quando entrou no quarto, encontrou Ophélie tranqüila.

— Onde está Pip? — perguntou preocupada.

— Dormindo no sofá da sala de espera — mentiu, sentindo-se ridículo e perguntando-se de repente se Pip não tinha razão. Talvez aqueles tiros tivessem mudado tudo. A vida era curta, era real, e eles se amavam. Talvez fosse hora de unir seu coração ao dela. Valia a pena arriscar.

— Desculpe criar problema para tanta gente — disse Ophélie, com ar culpado. — Nunca pensei que isso pudesse acontecer. — Sua voz continuava cansada, ela ainda tinha muito pela frente.

O médico informou que a recuperação seria longa, o que não era de surpreender dado o estrago causados pelas balas. Mas podia ter

sido muito pior, e quase foi.

— Eu tinha medo que isso acontecesse — disse Matt com sinceridade.

— Eu sei que tinha. E estava certo.

Matt segurou sua mão e acariciou-lhe o cabelo.

— Estou certo sobre muitas coisas, e errado sobre outras.

— Você não erra muito — disse Ophélie, olhando-o com gratidão, o que era confortante ouvir.

— Que bom que você pensa assim.

— Graças a Deus Pip conheceu você na praia — falou, e os dois riram.

— Segundo me lembro, você não ficou muito animada com isso.

— Pensei que você fosse um pedófilo. Estava errada de novo. — Deu um sorriso e fechou os olhos, mas abriu-os logo depois e olhou para ele. Parecia incrivelmente em paz, considerando tudo que tinha passado. Ophélie era uma mulher valente, e ele a amava de todo o coração.

— E o que pensa agora? — ele perguntou com carinho.

— Sobre você? Que é o melhor amigo que já tive... e que eu amo você... — acrescentou com cuidado, olhando dentro dos seus olhos. — Muito, realmente. — Mais do que ela imaginava. Achava que não merecia Matt, especialmente depois de todo o trabalho que causou a Pip, a ele e a si própria. Foi um choque para todos eles.

— Eu também amo você, Ophélie... — Teve medo de fazer a pergunta, mas ao pensar em Pip cobrando de novo sorriu e criou ânimo. — Você me ama o suficiente para casar-se comigo?

Ela olhou-o em estado de choque.

— Será que ouvi bem ou estou muito dopada?

— As duas coisas. O que achou da pergunta?

Ophélie olhou-o com os olhos cheios de lágrimas, sentindo-se ainda receosa mas não tanto quanto antes. Quase perdera tudo

quando foi baleada. Quanto mais poderia perder? Tinha tudo a ganhar com ele.

— Parece uma boa idéia — disse num sussurro, com uma lágrima rolando no rosto. — Mas você não pode morrer. Prometa, Matt... não ouse passar por isso de novo...

— Não vou morrer — prometeu, inclinando-se para beijá-la. — Pelo menos não tão cedo. E gostaria que você se esforçasse para não levar outro tiro. Não fui o único a entrar em desespero aqui. Eu morreria se perdesse você, Ophélie... Amo você demais... — acrescentou num tom sério.

— Eu também.

Enquanto ele a beijava, a enfermeira entrou no quarto e disse que o tempo estava esgotado. Os pacientes da UTI não podiam receber visitas por mais de cinco minutos, dez no máximo, mas aquele tempo foi suficiente para ambos descobrirem o que precisavam saber.

— É oficial então? — perguntou antes de sair. — Quer se casar comigo? — Queria ouvir a resposta dos lábios dela.

— Quero — Ophélie respondeu baixinho mas com sinceridade. Estava pronta agora. A hora chegara.

— Posso contar para Pip? — perguntou, quando a enfermeira fez sinal para ele sair.

— Pode — disse, sorrindo de ponta a ponta e olhando para a enfermeira. — Estou noiva.

— Pensei que você fosse casada — disse ela, surpresa.

— Sou... mas não sou... bom, eu era... e quase sou... vou ser — explicou. Estava atordoada de tão animada. Precisou levar três tiros para resolver isso. Um preço baixo a pagar.

— Meus parabéns — disse a enfermeira, tirando sua temperatura. Matt foi para a sala de espera e Pip olhou-o tentando adivinhar se ele fizera a pergunta.

— Amarelou de novo? — perguntou num tom acusador e olhar preocupado.

Ele sacudiu a cabeça, tentando ocultar a excitação para não se trair.

— Não.

— Perguntou a ela? — Os olhos de Pip se arregalaram.

— Perguntei.

Pip mal podia se conter, nem ele.

— O que ela disse? — Prendeu a respiração, e ele sorriu e pôs os braços à sua volta. Pip era quase dele.

— Disse que sim — falou, com lágrimas nos olhos de novo. Tinha sido um dia muito cheio de emoções.

— Verdade? Ai, meu Deus! Uau! Nós vamos nos casar com você! Ai, meu Deus! Matt! — Pôs os braços em volta dele e Matt rodou-a pela sala. — Você conseguiu! Você conseguiu!

— Nós conseguimos! Obrigado pela idéia, pela coragem e pelo impulso que me deu. Se não tivesse me pressionado, eu provavelmente teria esperado mais um ano.

— Talvez tenha sido bom ela levar esses tiros, talvez ela tenha... bom... você sabe... — disse Pip pensativa.

— Não acho não. Se ela fizer uma coisa assim de novo, eu me mato.

— E eu também — concordou Pip, quando se sentaram lado a lado, parceiros do crime. Tudo tinha saído exatamente conforme planejado, graças a Pip. Só restava agora marcar uma data.

Capítulo 27

OPHÉLIE PERMANECEU no hospital por três semanas, e Matt ficou em casa com Pip todo o tempo. Ela voltou para o colégio uma semana depois da internação da mãe, mas ia visitá-la toda tarde. Matt passava as manhãs no hospital, depois pegava Pip no colégio e a levava para ver a mãe. Criaram uma rotina durante quase três semanas. Quando Ophélie voltou para casa, Matt carregou-a para seu quarto no andar de cima. Ela precisaria de mais seis semanas de repouso.

Seu pulmão foi preservado, o estômago operado e os intestinos não dariam problema, segundo os médicos. Perdeu um ovário, mas poderia ter mais filhos se quisesse, e o apêndice foi extirpado. Sua sorte foi fantástica, e Louise Anderson do Centro foi se desculpar com ela por tê-la deixado correr aquele risco. Mas Ophélie tinha dito repetidas vezes que era isso que queria fazer. A escolha foi dela. Não haveria mais voluntárias na equipe de atendimento de rua, o que para Ophélie não fazia diferença agora, embora tivesse adorado trabalhar com eles. Prometeu voltar a trabalhar no Centro dentro de uns meses, se Matt concordasse. Ele agora tinha voz ativa, e não sabia ao certo se queria que ela trabalhasse. A seu ver, devia ficar em casa com Pip e com ele.

Matt dormia na antiga saleta de Ted depois que Ophélie voltou para casa. Queria estar lá caso precisassem dele, e ela ficou contente com isso. Ainda precisava mesmo de ajuda, e Matt lhe transmitia segurança. Pip estava feliz.

Os planos para o casamento estavam caminhando. Tinham combinado casar-se em junho, quando Vanessa poderia participar também. Matt telefonou para Auckland para contar a novidade e ela ficou feliz pelo pai. Robert ficou sabendo quando foi ao hospital visitar Ophélie.

— Nós vamos ser uma família de novo — Pip disse à sua mãe com um grande sorriso quando ela voltou para casa. Era óbvio que tinha adorado a idéia, e Ophélie também. Levou bastante tempo para chegar lá, tempo demais provavelmente, mas se sentia bem agora com sua decisão. Ela e Matt falaram em passar a lua-de-mel na França, e talvez levar os filhos. Pip adorou a novidade.

Ophélie ficava sempre descansando na cama enquanto Matt buscava Pip na escola. Já fazia seis semanas que tinha sido baleada e sentia-se mais forte, embora ainda não pudesse dirigir e só tivesse saído de casa poucas vezes. Estava ansiosa para jantar no andar de baixo com os outros.

A equipe de atendimento de rua a visitava com certa frequência em casa. Ophélie estava pensando neles quando o telefone tocou e ela foi atender. A voz do outro lado da linha era familiar, mas não bem-vinda, e parecia muito fraca. Era Andrea, e ela pensou em desligar. Ao perceber isso, Andrea lhe pediu que não desligasse.

— Por favor... quero falar só um instante com você... é importante. — Sua voz estava estranha quando disse que tinha ouvido falar do ataque e ficado horrorizada. — Queria escrever para você, mas eu também fui hospitalizada. — Sua forma de falar fez com que Ophélie não desligasse o telefone.

— Você sofreu um acidente? — perguntou friamente, ainda que preocupada. Afinal, elas tinham sido muito amigas durante anos.

— Não, eu estou doente — disse Andrea.

— Como assim doente?

Fez-se uma pausa interminável. Andrea queria ligar para ela há meses, mas não teve coragem. E Ophélie precisava saber.

— Estou com câncer. Descobriram há dois meses, mas acham que já estou doente há muito tempo. Tive dores de estômago durante um ano, mas achei que eram por causa de estresse. Ao que parece, o câncer começou no ovário, atingiu os pulmões e agora os ossos. Está progredindo rapidamente. — Ela parecia resignada mas triste. Ophélie ficou chocada. Por mais raiva que tivesse da amiga, não lhe desejava isso de forma alguma, e ficou com os olhos marejados de lágrimas.

— Está fazendo quimioterapia?

— Por enquanto estou. Fiz duas cirurgias e vou fazer radioterapia depois da quimioterapia, mas acho que não... acho que não vou durar até lá — disse com sinceridade. — Parece que a coisa está feia... sei que você provavelmente não quer me ver, mas preciso saber de uma coisa... Você cuida de Willie para mim? — As duas estavam chorando quando ela pediu.

— Agora? — perguntou Ophélie atordoada.

— Não — ela falou com voz triste —, quando eu morrer. Não sei se vou durar muito. Talvez alguns meses.

Ophélie estava soluçando. A vida era muito imprevisível, muito injusta, muito errada. Como isso acontecia com as pessoas? Com Ted, com Chad... e agora com Andrea. Ao pensar nisso, ficou ainda mais grata por ter Matt, mas não conseguia deixar de tremer depois que ouviu a notícia. Por pior que Andrea tivesse agido, não merecia isso, mas aparentemente ela própria não pensava assim.

— Talvez seja o castigo de Deus pelo que fiz com você, Ophélie. Sei que dizer “sinto muito” não resolve nada, mas eu sinto muito mesmo. Tive bastante tempo para pensar sobre isso... Sinto muito...

você cuida de Willie? — pediu de novo, e Ophélie voltou a chorar. Era tudo muito cruel.

— Cuido, sim — disse entre lágrimas. Lembrou do carinho que Matt teve com Pip durante sua internação, apesar de só conhecê-la há oito meses, quase nove. Sabia que Andrea não tinha mais ninguém a quem recorrer, não tinha outra escolha. Ela era madrinha de Willie, apesar de ele ser filho de Ted. Não era culpa do bebê. — Onde ele está agora? Alguém está ajudando você com ele?

— Eu contratei uma babá permanente — disse Andrea, com voz cansada de novo. — Quero Willie perto de mim até o fim. — Falou como se fosse uma coisa certa. Era terrível. Inacreditável. Andrea tinha 45 anos, e seu filho nunca conheceria os pais.

Matt entrou enquanto Ophélie ainda falava com ela, e ficou intrigado. Ao ver que ela estava chorando, saiu do quarto, pois não queria se intrometer. Achou que ela lhe contaria mais tarde.

— Posso fazer alguma coisa por você agora? — perguntou Ophélie com tristeza. Não queria que restasse nenhuma animosidade, especialmente agora, embora soubesse que seria difícil atravessar o abismo que fora criado entre elas.

— Gostaria de ver você de novo — Andrea falou baixinho. — Mas me sinto muito fraca o tempo todo. A quimioterapia é um horror.

— E eu não posso sair ainda. Mas assim que puder vou visitar você.

— Vou preparar um novo testamento deixando Willie com você, se for do seu acordo. Tem certeza de que vai conseguir cuidar bem dele, que não vai odiá-lo pelo que eu fiz?

— Eu não odeio você — disse Ophélie calmamente —, só fiquei muito triste ao saber do que aconteceu. Fiquei muito magoada. — Mas quando ouviu a voz de Andrea, sabia que a perdoara. E ela não tinha agido sozinha, fez tudo em parceria com Ted. Essa foi a parte mais difícil para ela. Mas muita coisa aconteceu depois.

— Vou me manter em contato para dizer como estou passando — disse Andrea num tom prático. — Vou colocar seu número nos meus formulários de emergência. — O número já estava lá, mas depois do que aconteceu entre elas foi retirado. — E vou dar o número para a babá também, caso aconteça alguma coisa e eu não tenha chance de telefonar.

— Você vai ter de reagir, Andrea. Não pode desistir. — Estava profundamente chocada com tudo que ouvira e com a voz de Andrea, e teve pena de não poder lhe ajudar. Sabia que ver Andrea de novo seria muito difícil para ela. Era ainda muito cedo depois de tudo o que acontecera. — Eu telefono. Ligue para dizer como está.

— Eu ligo — disse ela, chorando abertamente. — Obrigada. Sei que você vai cuidar bem de Willie.

— Prometo que sim. — Decidiu falar sobre Matt, pois achava que Andrea tinha direito de saber. — Vou me casar em junho com Matt.

Fez-se um longo silêncio e Ophélie ouviu um suspiro. Como se Andrea se sentisse absolvida de alguma forma por não ter destruído totalmente a vida de Ophélie.

— Estou muito contente. Ele é um sujeito legal. Espero que sejam muito felizes — disse com tranquilidade.

— Eu também. Vou telefonar para você em breve. Cuide-se, Andrea.

— Eu amo você... e sinto muito — disse num sussurro, e desligou.

Ophélie colocou o telefone no gancho com cuidado, e, nesse momento, Matt voltou para o quarto.

— O que houve? — perguntou, preocupado. Ophélie estava nitidamente transtornada.

— Andrea — disse, olhando direto para ele.

— É a primeira vez que fala com ela? — Ophélie assentiu.

— Telefonou para pedir perdão? Devia mesmo. — Ele ainda estava chocado com o que ela e Ted tinham feito, e só então ocorreu a Ophélie que devia ter lhe perguntado se aceitaria ficar com o bebê antes de dar uma resposta final. Mas como poderia se recusar? Achava que não podia, nem devia. Afinal de contas, ele era meio-irmão de Pip e filho de Ted.

— Ela está morrendo.

— O que aconteceu? — ele perguntou, pasmo.

— Descobriu há dois meses que tem câncer de ovário, com metástase nos pulmões e ossos. Acha que tem poucos meses de vida e me pediu para ficar com o bebê. Nós... — Decidiu deixar clara a situação imediatamente. — Eu disse que ficaria. O que acha disso? Conteí que íamos nos casar, ainda posso dizer que não temos condição de ficar com o bebê, se você for contra. Mas ela não tem mais ninguém a quem recorrer. O que você acha?

Matt sentou-se no pé da cama por um instante para pensar. Era certamente um grande acréscimo à sua vida, que ninguém esperava, mas podia ver a importância do caso. Seria difícil recusar, e de certa forma mais difícil ainda para Ophélie, pois o bebê era de Ted e meio-irmão de Pip. Uma situação bastante peculiar.

— Nossa família parece estar crescendo espontaneamente, não é? Não vejo como você possa dizer não a Andrea. Será que ela vai morrer mesmo?

— Parece que sim. Sua voz estava péssima.

— Creio que não temos muita escolha. Pelo menos o bebê é lindo — disse, inclinando-se para beijá-la. Matt era realmente uma ótima pessoa. Os dois combinaram não dizer nada a Pip por enquanto. Era uma notícia muito deprimente e ela tinha passado por muitas dificuldades quando a mãe foi internada. Não precisava saber que Andrea estava morrendo. Era coisa demais.

Andrea mandou um bilhete uns dias depois agradecendo, mas não telefonou mais. Ophélie ia telefonar, mas como estava muito

cansada e fraca ficou adiando, pois isso ainda a deixava perturbada. Matt levou-a à praia duas semanas depois, com Pip e Mousse. Já parecia verão, mas ainda era março. Deram uma volta curta e sentaram-se ao sol, conversando sobre os planos do casamento. Tinham decidido fazer uma cerimônia simples na praia, só com os filhos, e um padre que Matt conhecia em Bolinas. Parecia o bastante para eles. Não queriam um grande acontecimento social.

Dois dias depois de terem levado Pip à praia, voltaram sozinhos lá em um brilhante dia de sol. Ophélie disse que o ar marinho lhe fizera bem e ele concordou, mas tinha uma coisa em mente. Prepararam uma cesta de piquenique na cidade, pois não tinham nada para comer em casa. Assim que entraram em Safe Harbour, Matt colocou a cesta na mesa e pôs uma música. Ophélie tinha uma ligeira idéia do que ele estava pensando, e sentiu-se pronta dessa vez. Tinham esperado muito tempo, tempo demais. Era o que devia ter acontecido em Tahoe, e não aconteceu.

Assim que pisaram na casa, Matt pôs os braços em volta dela e a beijou, e Ophélie olhou para ele. Muito antes de tocá-la ela já era dele, e queria ser. Seguiu-o até o quarto, ele tirou suas roupas com carinho e colocou-as em cima da cama, tomou-a nos braços e os dois ficaram aninhados debaixo dos lençóis até a paixão tomar conta deles e carregá-los suavemente para longe. Era a ligação de duas vidas, duas pessoas, dois corações, dois mundos, tudo que desejavam que fosse. Era o que tinham esperado e com o que tinham sonhado. E juntos nos braços um do outro, em Safe Harbour, o grande sonho realizou-se finalmente.

Capítulo 28

O PHÉLIE PLANEJAVA telefonar para Andrea desde o dia em que ouviu sua voz duas semanas antes. Mas estava sobrecarregada, tentando organizar as coisas que haviam se empilhado enquanto permaneceu no hospital. Teria de comparecer a uma audiência preliminar com referência ao ataque que sofrera, pois o advogado de defesa queria evitar que ela tivesse de testemunhar no julgamento. Depois de uma exaustiva manhã no tribunal, acompanhada por Matt, o pedido da defesa foi negado. E ela continuava cansada. Alguma coisa sempre interferia quando pensava em telefonar para Andrea. Tinha se prometido finalmente ligar naquela tarde, antes que Pip voltasse do colégio. Quando ia discar o número, a babá de Andrea telefonou.

— Eu ia mesmo ligar para aí — disse Ophélie, gentilmente. — Como ela está? Que bom que você telefonou.

A voz do outro lado parecia estranha, com dificuldade de dar a notícia.

— Andrea morreu hoje de manhã, perto do meio-dia. — Ophélie teve a impressão de que tinha levado um soco no estômago.

— Ah, meu Deus... Sinto muito... eu não sabia... achei que... ela disse que teria uns meses de vida... não tinha idéia de que seria tão

rápido.

A morte nem sempre vem dentro dos horários, ou dos planos. Aliás, nunca vem. Ophélie só conseguia pensar, parada ali, que há menos de um ano tinha assistido ao parto de Andrea. Foi uma ocasião muito excitante e alegre, e muito comovente, e ao pensar nisso percebeu que era assim que queria se lembrar dela. De repente ficou contente de não tê-la visto doente. Depois de quase vinte anos de amizade tinham se desligado, mas talvez as coisas tivessem de ser assim. Andrea tinha um caminho a seguir que não incluía mais Ophélie. Cometeu um erro terrível que a magoou profundamente, e o resultado foi o nascimento de uma criança que iria agora morar com ela. Todos os estranhos desencontros e viradas da vida nunca levavam aonde se esperava. Era impossível prever o destino de alguém.

— Vai haver um enterro? — Ophélie perguntou, imaginando se ela é quem deveria organizar. Que estranho isso também, elas falavam sobre casamentos e casos amorosos, e Ophélie tinha dado uma festa no batizado de Willie porque era a madrinha. Agora teria de organizar um enterro para a mãe dele. Mas a babá explicou que não era isso que Andrea queria. Já tinham ido buscá-la para ser cremada, e suas cinzas seriam jogadas no mar. Sem cerimônia, sem acompanhantes de enterro, sem túmulo em algum lugar, só na lembrança das pessoas. Dessa vez Ophélie concordou. Dentro das circunstâncias, era menos doloroso para todos assim.

A própria Andrea organizara as coisas, desfazendo-se do apartamento e dos seus pertences. Deixou tudo para Willie. A babá ofereceu-se para levá-lo para a casa de Ophélie mais tarde naquele dia. Portanto, Ophélie teria de contar logo para Pip.

Esperou-a na cozinha quando ela chegou da escola com Matt. Pip no mesmo instante percebeu o olhar diferente da mãe. Matt já sabia de tudo. Ophélie telefonara para seu celular quando ele

estava indo para o colégio. Ele disse que faria tudo que pudesse para apoiar as duas.

— Aconteceu alguma coisa? — Pip ainda se lembrava da última vez em que vira a mãe com aquele mesmo olhar assustador, embora muito pior. Teve medo que ela e Matt tivessem desistido de se casar, porém Ophélie garantiu que estava tudo bem com eles, mas que tinha notícias tristes para dar.

— Alguma coisa com Mousse? — Ela não o tinha visto quando entrou em casa. Ophélie sorriu. Além de Matt, não lhes restava mais ninguém.

— Não, foi Andrea. Ela morreu hoje. — Pip ficou chocada de início, depois triste. — Andrea estava muito doente. Telefonou para mim há duas semanas mas eu não queria contar por enquanto.

— Você ainda estava com raiva dela? — Pip perguntou, observando a expressão da mãe.

— Não. Fizemos as pazes quando ela telefonou dizendo que estava doente.

— O que ela fez para você? — Ophélie olhou para Matt e ele imaginou o que ela diria, e aprovou a explicação.

— Eu conto um dia, quando você crescer, mas agora não.

— Deve ter sido uma coisa muito ruim — disse Pip solenemente. Conhecía sua mãe o bastante para saber que ela teria perdoado Andrea mais cedo ou mais tarde e visto a amiga de novo.

— Para mim foi. — Pip também precisava saber um dia que Willie era seu meio-irmão.

— O que vai ser de Willie? — Pip perguntou com voz triste. Ele era órfão agora. Uma idéia terrível, mesmo para ela.

— Ele vem morar conosco — disse Ophélie calmamente, e Pip arregalou os olhos.

— Vem? Agora?

— Hoje. — Pip ficou contente, e Matt sorriu. Era uma sequência estranha de fatos que tinham ocorrido porque tinham de acontecer,

como tudo na vida. Então percebeu como a vida era estranha. Se as coisas tivessem sido diferentes, Ophélie poderia ter morrido por causa dos ferimentos. No entanto, estavam se casando, e o bebê de outra mulher, que também era de Ted, vinha viver com eles. A vida e seus acontecimentos extraordinários, em geral complicados, e inesperados.

A babá chegou com Willie e todos os seus pertences no final da tarde, e Ophélie e Pip estavam esperando-o. Foi um momento emocionante para Ophélie, pois o bebê era não apenas de Ted como de Andrea, e as duas tinham sido amigas durante 18 anos. Willie crescera muito, elas não o viam há quatro meses. Ophélie perguntou à babá se ela gostaria de ficar trabalhando com eles, e o convite foi aceito. A casa ficava mais movimentada e mais cheia a cada minuto. E Ophélie ainda não estava pronta para cuidar pessoalmente do bebê, seria um trabalho em horário integral. Como já tinha Pip e Matt para cuidar, precisaria de ajuda para criar o bebê, caso contrário não teria tempo nem energia para eles.

Teve uma idéia naquele momento e contou para Matt, que disse que concordaria se Pip concordasse também, e ela sabia que Pip concordaria. Então pediu que Matt se mudasse para seu quarto, já que iam se casar em breve. A saleta de Ted, onde Matt estava dormindo, passou para o bebê e a babá. Por enquanto esse esquema funcionaria. O quarto de Chad ainda era considerado um lugar sagrado e fora dos limites. Mas Ophélie era da mesma opinião de Matt de que precisariam logo de uma nova casa. Queriam ter um quarto de hóspedes para Robert e Vanessa também. Como as coisas estavam, Vanessa teria de dormir com Pip quando viesse visitá-los, o que encantou Pip, e isso era bem possível. A casa começava a ficar superlotada. E Safe Harbour, com apenas um quarto e uma sala aconchegante, seria um refúgio romântico para Matt e Ophélie, o que não parecia má idéia.

Tarde da noite, depois que o bebê e a babá tinham sido instalados e Pip já estava na cama com Mousse aos seus pés, Matt foi dormir na cama com Ophélie e virou-se para ela com um sorriso.

— As coisas estão mudando depressa por aqui, não é, meu amor?

— Nem me diga. E imagine se eu ficar grávida! — Estava só brincando. Com a chegada de Willie, a família parecia grande o suficiente, e ela não tinha intenção de aumentá-la, nem naquele momento nem mais tarde. Antes de dormir, agradeceu a Matt por ele ter aceitado tudo tão bem.

— A gente nunca sabe o que vai acontecer por aqui de um dia para o outro — ele disse feliz. — Estou começando a gostar disso.

— Eu também. — Aconchegou-se a ele, e uns minutos depois todos os moradores da Clay Street dormiam profundamente.

Capítulo 29

O DIA DO CASAMENTO deles em junho amanheceu com um sol brilhante. Um dia perfeito, ensolarado e com uma brisa suave. Havia poucos barcos de pesca no horizonte, e a praia parecia ter sido varrida de tão limpa. Safe Harbour nunca estivera tão bonita.

O padre chegou às 11h30 e o casamento estava marcado para meio-dia. Ophélie usava um vestido simples de renda branca até o tornozelo e levava um buquê de lírios brancos. Os vestidos de Vanessa e Pip eram de linho branco. Matt e Robert estavam de calça e blazer. E Willie, nos braços da babá, usava uma roupinha azul e branca de marinheiro. Estava começando a andar e era a primeira vez que calçava sapatos. Ophélie não pôde deixar de notar que ele era igualzinho à mãe, o que lhe deu certo alívio. Se fosse o contrário, seria difícil explicar, embora ele se parecesse um pouco com Pip. Seu ar era definitivamente familiar. Quando comentavam isso, Pip ficava satisfeita. Não tinha idéia, e Ophélie esperava que tão cedo não tivesse, de que Willie era de fato da família, mas não da família da sua mãe.

Estavam todos felizes, e iam partir para a França no dia seguinte. Passariam uma semana em Paris e dois dias em Cap d'Antibes, em Eden Roc. Uma lua-de-mel extravagante, Matt

insistira em convidar todos porque, segundo disse, fazia anos que não gastava um centavo. Estavam todos ansiosos para ir. Assim que voltaram para a cidade, Ophélie e Matt decidiram que procurariam uma nova casa para morar. A casa de Clay Street estava abarrotada de gente.

Robert foi o padrinho, Vanessa a madrinha e Pip a dama-de-honra. Tinham pensado em Willie para carregar as alianças, mas seus dentes estavam nascendo e ele levava tudo à boca, então tiveram medo de que ele as engolissem.

O padre falou de forma breve e comovente sobre o reencontro de famílias, a ressurreição do espírito e a cura das tristezas do passado. Falou de esperança, alegria, compartilhamento e família, e do tipo de amor e bênçãos que juntava e mantinha todos juntos. Enquanto Ophélie ouvia o padre, seus olhos vagaram pela praia e pararam no lugar preciso em que Matt trabalhava quando Pip o encontrou, exatamente um ano antes. Era impossível não pensar na casualidade, no destino e na sorte que os unira. Tudo por causa de uma menininha que passeava pela praia com seu cachorro.

Matt viu os olhos de Ophélie voltados para a praia e pensou exatamente a mesma coisa. Quando se virou para ela, seus olhos se encontraram. Foi uma verdadeira sorte o encontro deles. Porém foi preciso mais que sorte, incidentes felizes e até mesmo amor. Foi preciso sabedoria e coragem para juntar suas vidas e firmeza de espírito para buscar e manter essa união. Teria sido muito mais fácil não tentar, virar as costas e esconder-se para proteger mágoas antigas. Mas eles ousaram, andaram por caminhos escuros e frios, desafiaram os demônios, enfrentaram os terrores e se recusaram a fugir. Era mais que um ato de amor que celebravam naquele dia, era um ato de coragem, de fé, de esperança e de crença. Todos os fios se juntaram, fios finos e soltos de início e agora cuidadosamente entrelaçados para formar o tecido da nova vida deles. Os dois fizeram, acima de tudo, uma escolha: não ceder à morte e abraçar a

vida. E isso não tinha sido assim tão fácil. Ophélie e Matt andaram na corda bamba, com um equilíbrio delicado, até chegarem em segurança ao outro lado. Encontraram o que desejavam e lutaram para chegar a um porto seguro, escapando finalmente das tempestades.

Quando o padre perguntou a Ophélie se ela aceitava aquele homem como seu legítimo esposo para o resto da sua vida, Pip sussurrou junto com a mãe: “Aceito.”

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de
Imprensa S. A.